Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO
EX-LIBRIS

ARMAN
LEVY
ARDO

AMERIGENISMOS

VOL. N.º
2

BIB. DO
EX.
EDITÔRA

1961

ARMANDO LEVY CARDOSO

AMERIGENISMOS

TOMO I

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO-EDITÔRA

A FEB DOZE ANOS DEPOIS

Major Elber de Melo Henrique

"Escrito em estilo agradável e claro, conta-nos êsse livro a participação gloriosa da Fôrça Expedicionária Brasileira na luta pela Democracia. Relata todos os fatos dos quais participou o seu autor, desde a chegada dos pracinhas a Miami, nos Estados Unidos da América do Norte, as lutas travadas em Monte Castelo, Castelnuevo, Montese, a rendição da 148.ª Divisão Alemã, as últias operações. Volta à Pátria e demais acontecimentos relacionados com êsse grande movimento patriótico. Ao ilustre autor de "A FEB DOZE ANOS DEPOIS", apresentamos os nossos parabéns pelo trabalho que deu ao público".

(Inocêncio Candelária — "Correio de São Carlos" - S. Paulo).

★

A GUERRA DOS CANUDOS

Ten. Henrique Duque Estrada Macedo Soares

"Colocado ao lado de "Os Sertões" de Euclides da Cunha — que, como se sabe, se converteu numa espécie de painel geral adquirindo o acento de epopéia — "A Guerra de Canudos", quase um relatório, sustenta o confronto em conseqüência da precisão com que situa os dados na configuração exata dos acontecimentos militares que tiveram Macedo Soares como participante. Militar, atento ao desenvolvimento da luta em seus aspectos estratégico e tático, o tenente Macedo Soares não será menos o escritor no sentido da linguagem segura e da comunicabilidade extrema. Os combates, como o de Cocorobó, se reconstituem com tamanho realismo que se representam quase em visualização.

(Adonias Filho — "Diário de Notícias" — Rio).

E
CO
ÇO:

Lido em Santos com atraso. Sai atraso por falta absoluta de tempo, anteriormente.
Em junho 974
Valderman

COLEÇÃO
GENERAL
BENICIO

Vol. n.º 4
Janeiro-Fevereiro

MINISTÉRIO DA GUERRA

Biblioteca do Exército

REORGANIZADOR:
Gen. V. Benício da Silva

DIRETOR:
Cel. Umberto Peregrino Seabra Fagundes

COMISSÃO DIRETORA DE PUBLICAÇÕES:
Dr. Luiz Edmundo
Dr. Carlos Maul
Dr. Hélio Viana
Coronel Adailton Sampaio Pirassinunga
Coronel Manoel Cavalcanti Proença
Ten. Cel. Nelson Werneck Sodré
Ten. Cel. Moacir Ribeiro Coelho
Major Otávio Alves Velho

ADMINISTRAÇÃO:
Major Harry Laus (Fiscal Administrativo)
Capitão Milton de Matos Gaspar (Secretário)
Capitão Antônio Maria Junior (Tesoureiro)

S E D E

Edifício do Ministério da Guerra

Praça Duque de Caxias

Rio de Janeiro

5

AMERIGENISMOS

7

ARMANDO LEVY CARDOSO

AMERIGENISMOS

TOMO I

Prêmio Capistrano de Abreu

Renato Nicolai

Biblioteca do Exército Editôra

1961

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

À memória de

CAPISTRANO DE ABREU

o maior amerigenista do Brasil

ÍNDICE GERAL

Parecer, do Prof. Sílvio Júlio 13
Nota prévia 29

PARTE I — INTRODUÇÃO

Cap. I — Introdução 35
Cap. II — Tupimania 45
Cap. III — Amerigenismos de retôrno 67
Cap. IV — As linguagens regionais 77

PARTE II — AMERIGENISMOS

I — Étimos caribes 95
II — Étimos aruacos 257

PARTE III — GLOSSÁRIO DOS ÉTIMOS

Relação, por ordem alfabética, dos étimos estudados, com a respectiva origem 359

PARTE IV — REGISTOS

I — Registo bibliográfico 363
II — Registo onomástico 377
III — Registo toponímico 383
IV — Registo tribal 387
V — Registo remissivo 389

Parecer sôbre o livro inédito "Amerigenismos", que foi apresentado por seu autor à comissão julgadora dos candidatos ao prêmio "Capistrano de Abreu".

RECEBIDA a cópia mecanográfica do trabalho intitulado Amerigenismos, *que se enquadra no têma do concurso aberto pela Biblioteca do Exército* (Contribuição dos idiomas não tupís da América Indígena ao enriquecimento do Português usado no Brasil), *com a cautela, o método e a imparcialidade que cumpre empregar em julgamentos de assunto assim difícil e relevante, li-o mais de uma vez, a anotá-lo pouco a pouco, para concluir, sem tergiversação ou dúvida, a favor de sua irrestrita aceitação e, da mesma forma, justíssima entrega a seu autor do prêmio* Capistrano de Abreu.

Embora modesta, porém não exatamente, o lexicógrafo que ordenou o volume de Amerigenismos *afirma haver tratado de tão árduo capítulo da Linguística especializada com menos extensão e profundidade do que as exigíveis. Creio que nunca, nunca se ventilou o*

A Biblioteca do Exército houve por bem publicar, como prefácio ao presente livro, o erudito parecer do professor Sílvio Júlio de Albuquerque Lima, membro da Comissão Julgadora do *Prêmio Capistrano de Abreu,* como uma dupla homenagem, tanto ao emérito juiz, como ao premiado.

Ao primeiro, pelo invulgar escrúpulo revelado no julgamento do trabalho — esmiuçando-o, com superior espírito crítico; retificando-o, embora nos mínimos pormenores; valorizando-o, quando o julga merecedor. Ao segundo, pelo interessante estudo com que concorreu para enriquecer a lexicologia americana.

problema da influência dos falares não tupís dentro da que exerceram, no Português adaptado à mentalidade das várias populações do Brasil, os idiomas pré-colombianos do Novo-Mundo, visto que se implantara em terras de nossa Pátria o êrro a que se pode, precisamente, chamar mania de tudo reduzir ao campo da, pelos jesuitas, denominada língua geral *dos silvícolas. Esta como que predileção pouco verídica conduziu quase a totalidade dos investigadores do nosso país a enganos que não passam despercebidos ao talento, à argúcia e à incontestável competência do autor da obra* Amerigenismos, *exposição magistral e opulenta dos casos só compreensíveis à luz do conhecimento das fontes caribes, aruacas, náuates, maias etc.*

Logo de início, averiguei que o notável e erudito dialectólogo que produziu êsse livro está completa e perfeitamente informado das pesquisas e debates que se relacionam com os elementos não tupís dos idiomas amerígenas no vocabulário do Português ajustado às condições de vida das sociedades do Brasil. Poucos, raríssimos compatriotas nossos pousaram os olhos nas páginas de Tavera-Acosta, Lisandro Alvarado, Julio Calcaño, Marcelino de Castellví, Rivet, Loukotka, Tastevin e cem especulares mestres, no que concerne à particular análise das línguas indígenas da América inteira. Impressionou-me agradàvelmente que o autor de Amerigenismos *se alicerçasse, com discreto e atinado espírito crítico, não só naqueles investigadores e noutros, mas na própria observação, que lhe veio de uma longa estada entre tribos caribes da zona fronteira do Brasil e Venezuela.*

Seria ocioso questionar-lhe, sôbre falhas bibliográficas, leves discrepâncias ou quiçá deficiências de segundo plano. Não me parece oportuno. A verdade é que o sábio lexicólogo, que se manifesta a respeito de tantos amerigenismos não tupís no Português do Brasil, pisa com segurança o terreno e, em relação ao caso

dos silvícolas caribes daquela raia, como em geral da Amazônia, chega a causar sincera admiração por seus dados bem colhidos e pela qualidade científica do critério adotado. Nada de caprichos patriotinheiros, de prevenções alheias à realidade, nada de simulações e sofismas contra o fato comprovável objetivamente. Acresce que, em nossa Pátria, o seu rumo foi apenas antecedido por indicações fragmentárias e esparsas de um ou outro dialetólogo decidido a enfrentar a monomania tupinóloga que não admite étimos senão brasílicos para têrmos de incontáveis procedências indígeno-americanas.

É, portanto, a primeira vez que um técnico de nosso país abrange, panorâmica, compendiosa, conjuntamente, as até agora dispersas e desconexas evidências da ação dos linguajares não tupís no bôjo do idioma Português do Brasil, quer em áreas regionais, quer em todo o território de nossa Pátria. O autor de Amerigenismos *oferece-nos, de tal modo, uma nova clareira no estudo glotológico das formas léxicas desta procedência, como propõe (baseado em antiga opinião que emitimos no tômo de* 1953 *sôbre as manifestações dialetais dos gaúchos) revisão dos conceitos ruminados tradicionalmente quanto à delimitação de* brasileirismos, regionalismos, americanismos, amerigenismos, etc. *Revela, assim, sua capacidade filosófica de síntese.*

O merecimento visível do livro Amerigenismos, *que faz jus ao prêmio Capistrano de Abreu com vantagem, mantém altíssimo o prestígio da erudição no seio do Exército Brasileiro, escola de patriotismo e sabedoria, onde rutilaram os nomes de publicistas exímios: Benjamin Constant Botelho de Magalhães, Barbosa Lima, Trompowsky, Rondon, Tasso Fragoso, Pretextato Maciel da Silva, Sebastião Francisco Alves, Samuel de Oliveira, Moreira Guimarães, Liberato Bittencourt, Melquisedeque de Albuquerque Lima e mil,*

cujos escritos, reeditorados, honrarão a mentalidade superior do militar em nossa República. Quem o arquitetou terá sua fama nesta constelação dos melhores e ao flanco dos dialectólogos da têmpera de Rufino José Cuervo, Estéban Pichardo, Alberto Membreño, Icazbalceta, José Toribio Medina, Fernando Ortiz, Pedro Henriquez Ureña, Augusto Malaret, Julio Calcaño, Daniel Granada, Zorobabel Rodríguez, Marcelino de Castellví, Humberto Toscano Mateus...

Feita aberta, leal e convictamente esta afirmação do serviço que ao Português do Brasil presta o volume que examino com atenção, já me é lícito comentar, por separado, alguns pontos de sua estrutura no que concerne a casos etimológicos. Não se imagine que o irei diminuir ou contrariar. Pretendo exclusivamente concorrer para fortificar-lhe, com adequados exemplos e sugestões, a poderosa sapata em que se empina o seu edifício.

À página 7 da cópia datilográfica que tenho a meus olhos, um insignificante descuido empresta ao filólogo espanhol Américo Castro a qualidade de cidadão argentino. Demorou êle, efetivamente, em Buenos Aires, à cabeça de um dos melhores institutos de filologia do Globo, norteando, por diversos anos, a investigação científica sem chauvinismo *dos estudos da peculiaridade do falar cotidiano dos portenhos. Inadiável e impreterível era esta função pedagógico-social, porque certos estrangeiros ametódicos e aduladores andavam convencendo ingênuos patriotarcas de que o lunfardo das alfurjas constituía milionário, inédito idioma nacional, oposto ao castelhano de Salvador Rueda e Vicente Blasco Ibañez, de Joaquín Costa e Francisco Villaespesa, de Manuel Machado e Miguel de Unamuno.*

Nascido em 1885, *cobriu-se de louros Américo Castro como historiador, glotólogo e crítico. Ninguém lhe ignora* El pensamiento de Cervantes, España en

su história, Glosarios latino-españoles de la edad média etc.

À página 35 *da citada cópia, dissertando o amerigenista e dialectólogo sôbre a voz* boucan (*francês*) *ou bucán* (*castelhano*), *depara-me o seguinte comentário*:

"Do vocábulo boucan, *originário do tupí* mocaen, *que nada mais é do que o nosso velhíssimo* moquém, *levado do Brasil por Jean de Léry, como já vimos, originou-se, no inglês-americano, o têrmo* buccaneer, *que deu em português, com o mesmo significado, de retôrno, a palavra* bucaneiro.

Depois que Webster o incluiu no seu grande léxico, como expressão inglêsa, afirmando que sua introdução se fêz através da língua francesa, onde o vocábulo é corrente e foi dicionarizado sob a forma boucanier, *proclamando, entretanto, sua origem americana, estava êle internacionalizado.*

Sòmente depois disso é que o vocábulo se incorporou, de retôrno, à língua portuguêsa. O meu saudoso e muito querido camarada Lima Figueiredo, tão bem enfronhado nas questões de nossos usos e costumes indígenas, usou, possìvelmente por desfastio, em lugar de nosso tupiníssimo moquém, *o velho francesismo de Léry: "Depois de completamente esquartejados, eram assados no* boucan; *as velhas que ficavam em derredor, desprezando a dor das queimaduras, aparavam a gordura que caía e gostosamente lambiam mãos e dedos". Lima Figueiredo,* Índios do *Brasil,* 278".

Permita-me o autor de Amerigenismos *que lhe observe, com modéstia, não haver sido sòmente depois de sua dicionarização inglêsa por Webster que o têrmo* bucaneiro *se introduziu na língua de Euclides da Cunha, Afonso Arinos, Alcides Maia. Antes disso e por intermédio do idioma francês, que amoldava, dominava o de Francisco Xavier de Oli-*

veira, Alexandre de Gusmão, José da Cunha Brochado, Filinto Elísio (Francisco Manuel do Nascimento), Almeida Garrett, a palavra figurou em obras de historiadores brasileiros, exata, como substantivo, e às vêzes nas de escritores que a converteram em adjetivo para significar sujeito sem escrúpulos, aventureiro, amoral.

A língua de Milton era, então, pouco lida entre nós. Apenas a aprenderam alguns curiosos ou indivíduos que atendiam a circunstâncias particulares. O povo, não. Os estudantes, os professôres, os literatos, os jornalistas preferiam saber a de Racine, que desde o século XVIII invadira, enriquecendo-o e agilizando-o, o esclerozado Português das últimas décadas do Século XVII, tão retorcido, tão solene.

O vocábulo bucaneiro, *realmente, começou a expandir-se na América entre colonos da França quinhentista, na acepção indígena que denunciou Jean de Léry, que lhe anotara as formas* boucan, *grelha de paus, onde os silvícolas assavam carne e peixe a fogo lento, e* boucaner, *ação de preparar êstes petiscos. Ràpidamente, na primeira parte da XVII centúria, lá nas Antilhas, a palavra com sua morfologia galicana passava ao espanhol, adaptando-se à fonética vigorosa dêste idioma.*

Tanto se popularizou na América francesa e na espanhola, a partir dos derradeiros anos dos séculos XVI e principalmente dos iniciais do XVII, a lição, que os documentos referentes às Antilhas dêsses dias não são parcos no seu emprêgo. Correspondia a sua significação a um tipo de ser terrestre, meio colono, meio aventureiro, que vivia da caça dos bois e porcos chimarrões, a matá-los e conservar-lhes a carne assada no bucán (*espanhol*) *ou* boucan (*francês*), *para com ela se sustentarem e manterem, em más horas, os piratas de muitas procedências que assaltavam navios nas águas do mar Caribe.*

Convém destacar uma circunstância: os roubos desta espécie contra barcos espanhóis, antes de assumirem vulto com inglêses e holandeses, foram perpetrados quase sempre por salteadores portuguêses e franceses, quando não se havia caracterizado ainda aquêle marginal nas Antilhas a que, depois de 1630, *se deu o nome de* bucaneiro. *Uma coisa foi no princípio êste e outra o* pirata, *o* flibusteiro, *o* corsário, *o* irmão da costa, os Gueux de Mer *etc., e a verdade reside na existência de correlações entre todos, sem completa identidade no modo de saquear. Basta comprová-lo em livros como: Oexmelin:* Les aventuriers et les boucaniers d'Amérique; *Jean Baptiste Dutertre:* Históire générale des Antilles; *G. W. Allen:* Our Navy and the West Indian Pirates; *Bradlee:* Piracy in the West Indies and its suppression; *A. Hyatt Verrill:* In the Wake of the Buccaneers; *C. H. Haring:* Los Bucaneros de las Indias Occidentales en el siglo XVII; *Jean Merrien:* Tels étaient Corsaires et Flibustiers; *Manuel Arturo Peña Batlle:* La isla de la Tortuga; *Francisco Morales Padrón:* Jamaica Española, *além dos inúmeros tomos de documentos, biografias e relatos de viagens.*

A voz boucan (*francês*) *ou bucán* (*espanhol*) *serviu, tida por alguns como tupi, para designar muitas coisas, entre as quais: a choça, o rancho, a cabana de selvagem dedicado à caça dos bois e porcos alçados nas partes do Santo Domingo, Tortuga e outras ilhas do mar Caribe; e o objeto de madeira, semelhante a uma grelha, sob o qual se acendia a chama que assava, vagarosa, a carne e o peixe que, à maneira amerígena, preparava aquêle aventureiro. Comprende-se a confusão feita da moradia com o semi-fogão barbaresco, pois ambas as serventias nunca estiveram separadas, afastadas.*

O padre Labat, viajor francês, escreveu em 1722:

"... nada esperavam se caiam nas mãos dêstes caçadores, aos quais se dava o nome de bucaneiros, *do*

da choça (ajoupa) ou bucán *em que passavam a noite e os tempos maus que não lhes permitiam caçar, e dos que se aproveitavam para secar e defumar a carne que desejavam conservar, chamada carne* bucaneada".

(*Citação de Manuel Peña Batlle*: La isla de la Tortuga, *Madrid*, 1951, *página* 132).

Não acerto com a razão por que o Diccionário Enciclopédico *U. T. E. H. A., México, tômo II*, 1951, *define* bucanero:

"*Palavra que designou primeiramente os índios caribes das Antilhas. Aplicou-se no século XVI aos aventureiros europeus (holandeses, franceses e inglêses) que, estabelecidos na parte ocidental da ilha de Santo Domingo, se dedicaram no princípio ao tráfico de carnes e se aliaram mais tarde com os piratas para se entregarem ao saque dos dilatados domínios espanhóis na América*".

Quando, por que povo e em que língua os tremendos canoeiros caribes das Antilhas foram chamados bucaneros? *Confesso que jamais vi documento ou livro da época do descobrimento e da conquista do Novo Mundo que elucidasse tal dúvida.*

Sabe muito bem o pesquisador que escreveu o volume Amérigenismos *que tarde se fêz a ligação* mocaen-boucan *dentro das formas tupís que grafaram portuguêses e franceses durante o século XVI. Antes, era opinião divulgada que esta última saíra de algum dos dialetos caribes das Antilhas, uma vez que por lá se implantou o têrmo e dêle se derivaram substantivos, verbos, adjetivos e advérbios usualíssimos, quer na língua de Montaigne, quer na de Garcilaso de la Vega e, depois, na de Shakespeare.*

"Boucan, *gril de bois où los Caraibes fument leurs viands; mot caraibe qui signifie chaie.*

Boucaner. 1 — *faire sécher à la fumée, de* boucan; 2 — *aller à la chasse des boeufs sauvages. D. — bou-*

canier, qui chasse le boeuf sauvage; fusil servant pour cette chasse; flibustier des Antilles".

(*Auguste Scheler*: Dictionnaire d'Etymologie Française, *Paris-Bruxelles*, 1873).

"Bucaniére (-o) m.; *aventurieri francesi, olandesi e inglesi che operarono, como corsari contro la Spagna nel mare Caraibico dal XVI sec. al* 1713; *usato dal D'Annunzio nel significato di pirata; fr.* boucanier, *cacciatori di buoi selvatici nelle-Antille, da* boucan, *carne affumicata o apparecchio per affumicare la carne all'aria aperta, probal. voce caraibica*".

(*Carlo Battisti e Giovanni-Alessio*: Dizionario Etimologico Italiano, *Firenze*, 1950).

Culto e metódico como se mostra na obra Amerigenismos, *desconfio que está informado da opinião de Beaurepaire-Rohan, agora repetida sem debate pelos tupinófilos, o candidato ao prêmio* Capistrano de Abreu:

"*Moquear*, v. tr. assar a meio a carne ou peixe, *para melhor conservá-los, operação que se executa sôbre uma grade de paus a que dão o nome de* Moquém. *No Minho, em Portugal, dizem* encalir *por* moquear (*Morais*). Etim. *É vocábulo de origem tupi, como é também o verbo* boucaner, *que Jean de Léry introduziu na língua francesa, fato êste que ainda hoje é ignorado pelos respectivos lexicógrafos, sem excetuar os mais modernos, como Larousse e Littré. Em prova disto, atentemos para o que nos diz aquêle estimável viajante, tão sagaz em suas observações, quanto exato em suas descrições: Touchant la chair de se Tapiroussou, elle a presque même gout que celle de boeuf; mais quant à la façon de la cuire et aprester nos* Sauvages, *à leur mode, la font ordinairement* Boucaner. *Et parce que j'ai touché ci devant, et faudra encore que je reitere souvant si après ceste façon de parler* Boucaner: *afin de ne plus tenir le lecteur en suspens, joint aussi que l'occasion se présente maintenant ici bien à propos, je*

veux declarer quelle en est la manière. Nos Amériquains, doncques, fixans assez dans terre quatre fourches de bois, aussi grosses que le bras, distantes en quarré d'environ trois pieds, et esgalement hantes elevees de deux et demi, mettans sur icelles des bastons à travers, à un pouce ou deux doigts près l'un de l'autre, font de ceste façon une grande grille de bois, laquelle en leur langage ils appelent Boucan. *Tellement q'en ayant plusieurs plantez en leurs maisons, ceux d'entr'eux qui ont de la chair, la mottans dessus par pieces, et avec du bois bien sec, qui ne rend pas beaucoup de fumee, faisant un petit feu lent dessus, en la tournant et retournant de demi quartd'houre, la laissent ainsi cuire autant de temps qu'il leur plaist".*

(Dicionário de vocábulos brasileiros, 2.ª edição, Salvador, Bahia, 1956).

Provàvelmente foi um dos primeiros Beaurepaire-Rohan a tratarem do étimo Tupí de boucan *e do derivado* boucaner, *pois a sua obra saiu no ano de* 1889. *Pouco a pouco, diante da atribuição ao radical caribe, sosteve-se o defendido pelo publicista brasileiro.*

"Boucan, *viande fumée et gril (dans le récit de voyagens de De Léry,* 1578). *Empr. du mot du tupi* mocaém *(dans un récit port. de* 1587), Mukem (*p. m, b alternent souvent à l'nitiale en tupi et en guarani. Dér.:* boucaner, 1578, d'où boucanage, 1863; boucanier, 1667-1671".

(*Oscar Bloch e W. von Wartburg*: Dictionnaire E'tymologique de la Langue Française, *Paris,* 1950).

Vários problemas, entretanto, escancaram-se à argúcia dos estudiosos da Linguística, da História e da Etnografia, entre a origem tupi e a caribe do vocábulo bucán *e dos que se organizaram depois com o seu radical. Que* mocaém *possa, fonèticamente, converter-se em* mukem *e* bucán, *quem o contestará? Portanto, aquêles enigmas a que me referi concernem a questões de primazia de étimo. Acho um tanto inviável a de-*

monstração de que, paralelas ao termo tupi mocaém, *não se enfileirassem palavras de desvairadas famílias a êle aproximadas, inclusive as da caribe.*

O instrumento feito de madeira a modo de grelha, destinado para a preparação da carne e do peixe por meio do fogo lento, que se colocava sob o objeto, não foi invento exclusivo das tribos tupís. Denotam-lhe sua americanidade quase integral as investigações etnográficas, e isto a datar dos cronistas primitivos do Novo-Mundo que se referiram a seu emprêgo em povos desconectados já no período pré-colombiano. De que sorte e com que dados provar qualquer primazia? Quem descobriu o mocaém *ou* bucán?

Acontecia que os amerígenas nômades que corriam nas zonas baixas, quentes, úmidas e selváticas do sul do Novo-Mundo, embora caracterizados por singularidades regionais e tradições próprias em determinados casos, tiveram na gigantesca bacia do Amazonas, na do Orinoco e nas fragmentadas terras antilhanas seus contatos, que lhes misturaram, às vêzes, objetos e palavras.

O que presentemente interessa a mim e ao autor de Amerigenismos *não é só a aplicação generalizada do* mocaém *ou* bucán, *mas acima de tudo as suas denominações tupis, guaranís, aruacas, caribes etc., que de verdade existiram antes de* 1492 *e até alguns tempos após a vinda de Cristóvão Colombo.*

Não há dúvida que mocaém *seja a mesma coisa que* bucán. *O duro é demonstrar que aquela dição originou esta e que o radical das duas formas pertence ao tupi, não ao caribe ou a outro falar amerígena com ambos parecido.*

Jean de Léry nascera em Lamargelle, Borgonha, França, no ano de 1534. *Visitou o Rio de Janeiro de* 1557 a 1558. *Sua* Histoire d'un voyage fait en la Terre du Bresil, autrement dite Amerique, *imprimiu-se em* 1578. *O autor francês mencionava crônicas espanholas*

dos colegas que o precederam. Acresce que na segunda metade do século XVI os silvícolas do litoral carioca e adjacências haviam recebido hóspedes lusos, castelhanos etc. que não ignoravam certos linguajares do Novo Mundo e usavam têrmos de tôdas as regiões continentais que conquistaram Balboa, Cortés, Pizarro, Jiménez de Quesada, Belalcázer, Orellana e tantos heróis: canoa, cacique, batata, cacáu *e outros, ràpidamente aceitos. Cumpre não esquecer também, para um julgamento equitativo, a presença no mar Caribe de piratas portuguêses e franceses, desde recuados tempos da XVI.ª centúria, aventureiros audazes que conduziriam, daquí para lá e de lá para aquí, palavras e expressões.*

A busca de documentos da época que contenham as dições mocaém *e* bucán *no português, no espanhol e no francês, como seus derivados mais antigos, quiçá não consinta que se estranhe o fato de Jean de Léry, ao descrever a tal grelha de paus e sua finalidade de assador, preferir* boucan e boucaner, *quando sua língua poderia adotar, e adaptar a grafia* mocaen *e* mocaener.

Sim, *porque o tupi pronunciava* mocaém, *depois convertido pelos brasileiros da éra colonial em* moquém. *Antônio Ruiz de Montoya no* Vocabulário de la lengua guaraní, *que seu confrade Restivo aumentou, incluíu* mocaê *para representar a idéia de* assar. *Confirma-o o jesuita Antonio Guasch, cuja segunda edição de* El idioma guaraní *traz* moca'ê. *Saturnino Muniagurria* (El guarani) *dá a variante moderna* mocuá, *que significa* unir misturando.

Ordena a metodologia dos estudos etimológicos que logo procurem os técnicos as denominações que, nas línguas amerígenas, cabem ao mocaém *ou* bucán, *de maneira que descubram os radicais mais próximos ao destas formas, e assim tracem o caminho de cada qual antes e depois dos descobrimentos. Espero que o assunto* mocaém-boucan, *criado por Jean de Léry, aca-*

be resolvido com irrefutável documentação, visto que como se encontra parece não haver transposto o terreno das hipóteses. Prometo a meu colega que tão luminosamente escreveu a obra Amerigenismos *concorrer para êste desiderato.* (*)

Não sòmente as dições mocaém, boucan, bucán, bucanear, bucaneiro, *possívelmente derivadas de um único e longínquo radical amerígena, mas outras de todo o Novo-Mundo e de inúmeras orígens, se não têm sua etimologia bem elucidada, em grande parte tantos desvios e equívocos promanam do abandono, pelos diletantes, de qualquer processo métodológico para a pesquisa, sôbre tudo do desprêso da cronologia léxico-morfológica de cada têrmo em análise. Datar sempre o surgimento e evolução das formas vocabulares (sem olvidar de fazer o mesmo, paralelamente, com as suas sucessivas significações), é coisa que não dispenso jamais quando investigo a vitalidade das palavras dos idiomas aborígenes, comparando-as, ou de línguas néo-latinas que influiram no Português do Brasil. Averiguo com júbilo que o probidoso glotólogo de* Amerigenismos

---

(*) — Não sendo esta a oportunidade para abrir o debate concernente ao tupinismo ou ao caribismo do têrmo *bucán,* peço permissão a meus caros colegas da comissão de julgamento do prêmio *Capistrano de Abreu* e, por todos autorizado, aponto-lhes em obra anterior à de Jean de Léry (1578) a presença de um vocábulo que exige novas considerações:

" ... y para hacer pan de ella, que llaman *cazabi,* rállanla, y después aquello rallado, extrújanlo en *un cibucan,* que es una manera de talega, de diez palamos o más de luengo, y gruesa como la pierna, que los indios hacen de palmo, como estera tejido..."

(Gonzalo Hernández de Oviedo y Valdés, *Sumario de la natural historia de las Indias,* 1526).

Ora, êste resumo ou síntese, além de reproduzidíssimo em espanhol, foi traduzido ao latim, ao italiano, ao francês, ao inglês, entre 1534 e 1555. Leu-o e mencionou-o Jean de Léry, como é fácil comprovar.

Não importa a significação que o velho clássico empresta a *cibucan,* porque o vocábulo possuiu muitas acepções no espaço e no tempo, tôdas ligadas à idéia de assar algum alimento.

Quero despertar apenas a argúcia do escritor de *Amerigenismos,* não contrariar-lhe nenhum dos pontos de vista que, erudito, defende. É minha homenagem à sua cultura especializada.

não procedeu de maneira diferente, graças a que conseguiu resolver algumas primazias de vozes entre o caribe, o aruaco, o tupí etc.

Não fôsse esta regra aconselhável e fecunda, êle teria tropeçado em dificuldades para estabelecer pontes de uma a outras formas muito modificadas através do tempo e do espaço, porque espanhóis, lusitanos, franceses, alemães, italianos, inglêses, em seus escritos, adaptaram a suas línguas com mil vestes o mesmo vocábulo amerígena. Além disto, como não empregavam sinais diacríticos, a acentuação das palavras aborígenas flutuou, a favorecer absurdas etimologias de improvisadores que não procuram a primitiva, a autêntica prosódia de cada dição. Fui um dia constrangido a mostrar a um dêsses que, no comêço da XVI,ª centúria, não se dizia charrua, *porém* charuá. *Sabe o autor de* Amerigenismos *que, em conseqüência da falta daqueles sinais diacríticos, grafaram os cronistas castelhanos* Uraba, Bogota, Cumana e *também* barbacoa. *Êste aruaquismo não se deveria ler exítonamente? Admito-o.*

J. Corominas (Diccionário crítico-etmológico de la lengua castellana, Madrid, 1954), *acreditando que fôsse usado desde* 1518 *no idioma espanhol o vocábulo* barbacoa, *entende que sua pronúncia* barbacoá *dependeu da fonética dos silvícolas sul-americanos que falavam tupi e guaraní. Em* 1518 *não se possuia ainda clara notícia dos dialetos brasílicos, e desta sorte é lógico que se conheceu a palavra* barbacoa *nas Antilhas, quando não se sabia das características dos fracos, obscuros linguajares destas famílias irmãs. O têrmo achado em Santo Domingo era, portanto, pertencente ao taino, feição regional do aruaco.*

Não vejo necessidade de atribuir, como fizeram Daniel Granada e J. Corominas, à fonética de tupís e guaranís a modificação de barbacoa *em* barbacoá, *se há indícios de que no mar Caribe alguns povos já pro-*

nunciavam barbacoá *e não* barbacoa. *Repito que suponho ter acontecido aí uma confusão prosódica, que a grafia sem sinais diacríticos do século XVI causou, dentro do castelhano. Oportunamente, voltarei ao assunto, que merece atenção, quer do ponto de vista etimológico, lexicográfico e morfológico, quer do semântico, geográfico e histórico.*

Ponho-me ao lado do egrégio compatriota de Amerigenismos, *do mestre C. H. de Goeje, de J. Corominas, que acolheram a sua orígem aruaca, contra o uruguaio Daniel Granada, que lhe propôs uma caribe, e principalmente contra os que, desrespeitando datas, pretenderam (com sofísticos argumentinhos) inventar-lhe a tupí-guaraní.*

Já sobejamente, à luz da verdade e da razão, salientei o mérito científico do volume Amerigenismos, *confiado ao julgamento dos membros da comissão do prêmio Capistrano de Abreu, patriótica criação da Biblioteca do Exército, de sorte que reafirmo, orgulhoso de ver tão vasta e sólida a cultura de seu autor, cidadão de farda, aquêle voto favorável que emiti, ao mesmo tempo que lhe apresento minhas congratulações entusiásticas pelo triunfo que conquista para glória do Brasil.*

SÍLVIO JÚLIO

Professor Catedrático da Universidade do Brasil

NOTA PRÉVIA

A contribuição dos linguajares indígenas americanos não tupís ao português do Brasil é, realmente, por razões óbvias, um dos mais sugestivos capítulos da lingüística brasílica.

A exigüidade do tempo para escrever um amplo trabalho sôbre os aspectos gerais daquela contribuição, de um lado; e, de outro lado, a deficiência de nossos conhecimentos filológicos para uma realização de tal envergadura, nos levaram a escolher, para a elaboração do presente trabalho, o mais simples dos capítulos relacionados com aquêle assunto — e que é, precisamente, a contribuição dos grupos lingüísticos indígenas americanos, excluido o grupo lingüístico tupí, ao vocabulário do português do Brasil.

É um assunto dos mais sugestivos, realmente, ao estudioso do linguajar da gente brasileira, o conhecimento exato da verdadeira origem de um grande número de vocábulos que foram incorporados à nossa língua e que derivam de vários dialetos indígenas, tanto de famílias lingüísticas radicadas no Brasil, quanto de outros grupos lingüísticos americanos.

O presente trabalho constitue, inegàvelmente, uma contribuição desvaliosa, mas honesta, para um menor desconhecimento dos amerigenismos não tupís existentes no português do Brasil.

Sílvio Júlio, nos prestimosos estudos sôbre o folclore e a literatura do Rio Grande do Sul, muito bem diferenciou, em relação ao espanhol da América, os têrmos amerigenismo e americanismo:

"Não cremos supérfluo distinguir os americanismos (palavras espanholas que mudaram sua acepção na América) dos amerigenismos (palavras originárias da América indígena e que se adaptaram ao castelhano), americanismos e amerigenismos que, de fato, vivem no linguajar do Brasil meridional."
Sílvio Júlio, Estudos gauchescos, 226

Nesse nosso estudo, para classificar, ainda com mais precisão, em relação ao português do Brasil, aquêles americanismos e amerigenismos, usaremos as seguintes denominações: amerigenismos, para os vocábulos derivados de uma das línguas indígenas americanas; quanto aos americanismos, nós os subdividiremos em brasileirismos, vocábulos derivados da língua portuguêsa e que tiveram, no português do Brasil, uma modificação semântica qualquer e em platinismos, palavras que derivaram do castelhano, que se modificaram, semânticamente, no espanhol da América, introduzindo-se, no português do Brasil, através das repúblicas platinas.

Como exemplos de amerigenismos poderemos citar, entre outros — canoa, batata, tomate, goiaba, colibrí, mico, piroga, anágua, batéia, canibal, furacão, tabaco e tantos outros mais, entre os derivados de étimos não tupís.

Como exemplos de brasileirismos, alguns já arrolados desde o tempo do Visconde de Pedra Branca, apontaremos — faceira, montaria, varanda, capoeira, ajuntar.

E, finalmente, como platinismos, no português do Brasil, citaremos, — rincão, cochilha, pago, pingo, churrasco.

Reconhecemos, antes de mais ninguém, que apresentamos, realmente, um trabalho incompleto e superficial, sem extensão e cheio de lacunas.

Um fato, entretanto, aparentemente despercebido, mas que dificultou, imensamente, o trabalho, é que não foi feita

uma afirmação, não foi apontada uma notícia, não foi indicado um conceito, sem a devida citação bibliográfica.

Ao estudarmos, nessa despretensiosa contribuição à lexicologia do português do Brasil, os amerigenismos de orígem não tupí, tivemos um trabalho verdadeiramente torturante — não relacionamos nenhum amerigenismo, sem uma única excepção, que não fôsse devidamente abonado com um exemplo da literatura brasileira.

Mas, certamente, um grande mérito estará reservado a êste trabalho — o de servir de estímulo para que outros estudiosos, com a competência que nos faltou e com o brilho que não possuimos, contribuam com um trabalho definitivo, verdadeiramente indispensável, sôbre os amerigenismos de origem não tupí integrados no vocabulário do português do Brasil.

Será êsse, sem dúvida, entre todos, o nosso maior galardão.

PARTE I

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

SUMÁRIO: O tupí-guaraní — A contribuição dos linguajares indígenas americanos, não tupis, ao português do Brasil — Os amerigenismos mais antigos no espanhol da América e no português do Brasil — O português do Brasil.

SÔBRE a influência do grupo tupí-guaraní no linguajar da gente brasileira, que não se exerceu, apenas, como a dos outros que aqui serão estudados, na sua lexicologia, mas que teve, ainda, uma influência muito maior e mais profunda, que se fêz sentir nos domínios da glotologia e da sintaxe, muito se tem escrito e publicado.

É tão interessante a notável contribuição do grupo linguístico tupí-guaraní, que está a solicitar, com urgência, a atenção de um estudioso dêsses assuntos, para a realização do trabalho analítico, de alta envergadura, que ainda está por fazer, aproveitando a imensa ganga, sôbre o assunto existente.

Para êsse trabalho, verdadeiramente monumental, que está aguardando, há longo tempo, o aparecimento de um erudito, de um profundo conhecedor de todos os seus segredos, não deverá ser esquecida a bibliografia existente, a qual, apesar de não ser das mais amplas, já é, todavia, bastante apreciável, apesar de muito dispersa e vária.

Ela surge com a clássica contribuição quinhentista, que é essa formosíssima *Arte de gramática da língua*

mais usada na costa do Brasil, do suavíssimo José de Anchieta, vindo se enriquecendo, posteriormente, através de gramáticas, de vocabulários, de diversas contribuições diferentes, entre os quais citaremos, para dar alguns exemplos, os trabalhos de Luís Figueira, do Padre Montoya, de Couto de Magalhães, de Batista Caetano e, entre os modernos, de Plinio Ayrosa, de Frederico Edelweiss e de Lemos Barbosa.

Sôbre as demais línguas indígenas americanas, fora do grupo lingüístico tupí-guaraní, quase tudo, infelizmente, está por fazer. Daí, precisamente, a grande dificuldade e, até certo ponto, a imensa responsabilidade de quem envereda por esta ordem de estudos, onde quase tudo é novidade, onde quase nada foi feito.

Três fatôres primordiais vieram enriquecer o vocabulário do português do Brasil. O mais importante dêles, sem dúvida, foi a inúmera contribuição amerígena.

Artur Neiva, ao fato se referindo, diz, muito judiciosamente:

> *"Não é possível, sómente com o vocabulário que herdamos dos portuguêses, descrever coisas da nossa vida e representar exatamente um mundo diferente de fatos, plantas e animais de um outro clima, utilizando sòmente a linguagem empregada pelos clássicos."*
> Neiva, *Língua nacional, pg.* XIII

A grande corrente léxica dos linguajares indígenas americanos veio, indiscutìvelmente, do tupí. Não devemos despresar, entretanto, a contribuição dos outros grupos lingüísticos, bem mais reduzidos, é verdade, mas nem por isso menos sugestivos e interessantes.

Por essa razão, justamente, é que consideramos do mais alto interêsse para a lingüística brasílica, o

tema atribuido ao presente concurso — *A contribuição das línguas indígenas, não tupís, ao português do Brasil.*

O segundo fator é a contribuição alienígena, em que assumem uma posição de absoluto destaque, inequívocamente, os *africanismos;* e, finalmente, o último fator, que são os *brasileirismos,* isto é, como já vimos, as modificações semânticas por que passam, na América, os velhos modismos lusitanos.

Apesar de ser êsse, de fato, um assunto já amplamente ventilado, é sempre interessante verificarmos as modificações que se processam em muitos vocábulos lusitanos, tão profundas, às vêzes, que se tornam, evidentemente, palavras inteiramente novas.

Já vimos que o estudo dessas modificações semânticas vem desde o tempo do Visconde de Pedra Branca. Algumas vêzes essa alteração se verifica não sòmente entre os linguajares de Portugal e do Brasil, mas no próprio português do Brasil.

A palavra *varanda,* por exemplo, que no Rio Grande do Sul é a sala de jantar, em todo o nordeste e na Amazônia é a barra rendada que enfeita a rêde:

> *"Bertrana passava a vida na rêde, fiada e tessida na terra, de largas* varandas *de chita encarnada..."*
> Jose Veríssimo, *Cenas,* 142

O vocábulo *ajuntar,* que significa, genèricamente, em todo o Brasil, *reunir,* na Amazônia tem o significado particular de *apanhar*:

> *"Vem cá, curumim,* ajunta *para a vovó, que não pode mais se abaixar, essa cuiapitinga que me caiu das mãos..."*
> Pompílio Jucá, *As ilhas,* 64

E, finalmente, *montaria,* palavra que, em quase todo o Brasil, é o cavalo, mas que, no dédalo hidrográfico da Amazônia, é a canoa. Raimundo Morais,

seguro tapejara nesses assuntos, referindo-se ao vocábulo, diz:

> *"Como o cavalo do árabe, a canoa é o veículo da gente das Ilhas. Ninguém se transporta de um sítio a outro do encantado meandro, por mais perto que seja, senão no banco das montarias esguias, asseadas, ligeiras."*
> Raimundo Morais, *Planície*, 60

Além daqueles fatôres, que tanto contribuiram para opulentar o léxico do português do Brasil, como já vimos, passaram a enriquecer o nosso vocabulário, também, inúmeras palavras, correntes no linguajar do povo, muitas vêzes já em desuso em Portugal, como se poderá verificar nas edições comentadas dos clássicos quinhentistas, onde muitos vocábulos, que ocorrem, a cada passo, na língua corrente e diária do português do Brasil, têm os seus significados explicados, o que João Ribeiro sintetizou numa frase lapidar:

> *"Muitos dos chamados vícios dialetais de nossa língua são castas urbanidades do renascimento português. Isto pode servir para moderar um pouco a fúria com que malsinam os* brasileirismos de expressão, *não raras vêzes solitárias emergências das jazidas de ouro, agora ocultas, de outros melhores tempos."*
> João Ribeiro, *A língua nacional*, 287

Não é somente no português do Brasil que tal ocorre. No espanhol da América se processa o mesmo fenômeno. Carlos Martínez Vigil, o erudito poligrafo uruguáio, em seu interessantíssimo *Arcaismos españoles usados en América*, diz:

> *"Multitud de voces que aqui y alla se conceptuam como particularidades de una región, revisten un carater de generalidad no suspechado, constituyen hispanismos reconditos y emanan de un comun y remoto orígen."*
> Martínez Vigil, *Arcaismos españoles*, pg. V

Américo Castro, o brilhante filólogo hispano-americano (Nota A), no seu já hoje clássico *La peculiaridad linguistica rioplatense*, confirma aquêle conceito:

> *"No existe un estúdio cabal de los arcaismos en el hispano-americano, no obstante el atractivo del asunto, pues el español es un grand almacén de ellos."*
> Américo Castro, *La peculiaridad linguística*, 145

Miguel de Unamuno, o sábio de Salamanca, uma das mais vastas culturas hispânicas, não difere, ao encarar o assunto, das opiniões de Martínez Vigil e de Américo Castro:

> *"Y quanto más se estúdia el habla criollo se convence uno de que muchos voces y giros que en América se estiman de orígen guaraní, quichua o araucano, son genuinamente españoles."*
> Unamuno, *Contra esto e aquello*, 43

Desde a primeira viagem de Colombo que se tornaram conhecidos, na Espanha, alguns amerigenismos, levados tanto pelo próprio descobridor, como pelos cronistas que, com as informações por êle fornecidas, escreveram sôbre o Novo Mundo.

As primeiras *Décadas*, de Pedro Mártir de An-

(Nota A) — Ao apresentar à Biblioteca do Exército, para concorrer ao prêmio Capistrano de Abreu, os originais do presente livro, chamei Américo Castro de *brilhante filólogo argentino*, na suposição, em que estava, de que o era. Sílvio Júlio, no parecer em que julgou o trabalho, retificou a nacionalidade do ilustre filólogo, razão pela qual passo a chamá-lo, agora, de *brilhante filólogo hispano-americano*.

ghiera, impressas em Alcalá, em 1516 (1), foram acompanhadas de um glossário, que constitui, evidentemente, a primeira coletânea de vocábulos derivados de dois linguajares indígenas americanos — o aruaco e o caribe.

Aquela relação era integrada pelos seguintes amerigenismos, que são os primeiros vocábulos americanos a serem conhecidos — *batata, bohío, canoa, caníbales, caribe, cazabe, copei, guaczávara, guanabá, guanines, hibuero, hobos, iguana, iuca, maguey, maiz, mamey, manatí.*

Ainda hoje, daquela primeira relação de amerigenismos, são correntes, no português do Brasil, *batata, canibal, canoa, caribe* e os derivados de *maiz;* têm curso regional *iguana e manatí,* tendo caido em desuso *cassava* e *iuca.*

Bohio, copei, guaczávara, guanabá, guanines, hibuero, maguey e mamey, são correntes, ainda hoje, no espanhol da América.

O primeiro amerigenismo, porém, a ser conhecido, fora do continente americano, tornando-se, assim, como disse Rufino José Cuervo (2), o primogênito de uma família que se tornou, com o andar dos tempos, numerosíssima, foi o vocábulo *canoa,* que apareceu (3), pela primeira vez, no *Dictionarium,* de An-

(1) — Foi publicado em 1504, sem a devida permissão de Anghiera, porém, um *Libretto de tutta la nauigatione del Re de Spagna de la Isole et terreni trouati,* que inseria, traduzidas para o veneziano por Trurgiano, secretário de Domenico Pisani, embaixador da República de Veneza junto ao govêrno de Espanha, publicadas por Albertino Vercellece de Lisona, algumas das cartas escritas, em latim, por Pedro Mártir de Anghiera, aos mais importantes personagens da Itália e da Espanha, onde se encontravam muitos dados interessantes de suas conversações com Colombo, sôbre o descobrimento da América e sôbre as suas viagens, as quais constituem a maior parte da primeira Década. Foram publicados, em 1511, em Sevilha, ainda sem a autorização de Anghiera, os dez livros da primeira Década.

(2) — Cuervo, *Apuntaciones,* 970.

(3) — Eis a primeira abonação literária do amerigenismo *canoa,* que data de 1493 — "De la nave que dijimos se estrelló en la pena, sacó aquella gente a los hombres y todo lo que se iba com tanta rapidez y alegria en sus botes, que llaman *canoas,* que entre nosotros no se socorrerían unos parientes a otros con más misericordia". Anghiera, *Décadas,* 6.

tonio de Nebrija, publicado em Salamanca, no ano de 1493, onde vem — "*Monoxillon: la canoa, naue de un madero.*"

Assim como devemos a Pedro Mártir de Anghiera a primeira coletânea de amerigenismos derivados do caribe e do aruaco, é a Antônio Pigafetta, companheiro de Fernão de Magalhães na primeira viagem de circumnavegação, que devemos, colhida em 1519, a primeira relação de *Vocaboli del Brasile* (4), como êle denomina os amerigenismos brasílicos, constituida das seguintes palavras — *casich, tum, hamac, chipag, hui, canoe, tarse, hanmaraca, maiz, boi, pirame, pindá.*

Nesta relação aparecem, pela primeira vez, os tupinismos *ui,* farinha; *pindá,* anzol e *tun,* por *tunga,* bicho de pé.

Não desejo entrar, formal e definitivamente, na apreciação da existência ou não, entre nós, de uma *língua brasileira.* O que não podemos negar, tão evidentes são os seus sintomas, é que existe, realmente, entre nós, um *português do Brasil.*

João Ribeiro escreveu, em *A língua nacional,* todo um capítulo sôbre êsse interessantíssimo assunto, em que alia, à profundeza dos conhecimentos, a bonhômia, a suavidade encantadora dos profundos sabedores, o requinte da difícil simplicidade, qualidades estas que foram o supremo apanágio do saudoso filólogo nos seus trabalhos da maturidade, que o transformaram do gramaticão, do caturra filologante dos primeiros anos, neste suave mestre do português do Brasil.

É que João Ribeiro, apesar daquela imensa cultura filológica, acumulada em meio século de laborioso

(4) — Pigafetta, *Primo viaggio,* 191.

estudo, à luz das mais rigorosas doutrinas; é que João Ribeiro, apesar de conhecedor profundo das galas peregrinas da primorosa linguagem camoniana, do purismo imaculado da língua de Frei Luís de Sousa, da pureza de Bernardes e dos primores lingüísticos de Antônio Feliciano de Castilho; é que João Ribeiro, apesar de ter sido um beneditino pesquisador da velha ganga clássica portuguêsa e de se ter tornado, a rigor, dos maiores, dos mais puros, dos mais lídimos filólogos do idioma de Camões, de Vieira e de Castilho — não procurou ignorar, propositadamente, a língua saborosa e original que se falava ao seu redor, ao alcance de seus ouvidos, e que ia modificando, na América, o velho português da Europa...

José Veríssimo pressentira já, em 1877, quando não havia, ainda, deixado o Pará, essas modificações por que ia passando o idioma português na Amazônia, quando afirmou:

> *"A língua portuguêsa, em virtude não só da influência do selvagem como de novos costumes, hábitos e necessidades, vai-se insensìvelmente modificando, ao ponto de parecer-nos, como a outros, que se está formando aqui uma nova língua. Os estudos de lingüística americana tornam-se, nestas circunstâncias, precisos. Só com êles poderemos perceber e dirigir o trabalho inconsciente, mas gigante, do povo iliterato — o operário enorme — na formação da nova língua."*
>
> José Veríssimo, *Estudos brasileiros*, 13

E Antônio Joaquim de Macedo Soares, o jurista admirável, o humanista profundo, o cultíssimo ministro de nossa mais alta côrte de justiça, que tinha, como poucos, credenciais magníficas para poder julgar a questão, escrevera já, em 1888, no pórtico de seu precioso *Dicionário brasileiro da língua portuguêsa*, o conceito mais profundo, que há de ficar gravado, eternamente, nas páginas da filologia do Brasil — "Já é tempo dos brasileiros escreverem como se fala no Brasil e não como se escreve em Portugal."

Rui Barbosa foi, indiscutìvelmente, não só o maior purista da língua portuguêsa de seu tempo, no conceito de todos os filólogos do idioma, como um de seus maiores estilistas, bastando citar, como eloqüente prova dessa assertiva, o que dêle disse, numa sessão solene, em sua homenagem, na Academia de Ciências de Lisboa, o lírico de *A ceia dos cardeais* — "Gênio verbal da raça, espécie de semi-Deus da palavra falada e escrita." (5)

O próprio Rui, entretanto, impelido, sem o perceber, pelos fatôres ecológicos, quantas vêzes, ao lado daquela linguagem castiça, de um sabor eminentemente clássico, não burilou, escritas nesse nosso português do Brasil, as suas mais brilhantes páginas literárias.

Mário Barreto, apesar do purismo e do classicismo de que estão impregnadas tôdas as suas obras, mestre admirável do idioma, do qual era, sem dúvida, um dos mais perfeitos sabedores, não escapou, também, a essa poderosa solicitação da terra.

Lembro-me, como se o fato tivesse acontecido neste momento — e tantos anos são passados! — quando o mesmo ocorreu, numa de suas aulas de português, no Colégio Militar. O nosso companheiro Paulo Beresford, influenciado pela leitura de livros espanhóis e, talvez mais, ainda, levado pela idade, a opor-se aos padrões clássicos, sempre começava as frases com as variações pronominais.

Mário Barreto, uma vêz, comentou, após uma sabatina, durante uns dez minutos, aquêle êrro de Paulo Beresford.

---

(5) — Júlio Dantas, *Revista de língua portuguêsa*, I, 13.

E, em dado momento, virando-se para um nosso companheiro, que não era outro senão o idealizador e construtor de Volta Redonda, Edmundo de Macedo Soares e Silva, disse — "Me escreva aí no quadro, senhor Edmudo..."

A turma em pêso não pôde conter uma tremenda gargalhada. Mário Barreto, que ouvia muito pouco, colocando a mão em concha, naquele seu jeito característico, na orelha, perguntou, admirado, o que havia.

Alguém lhe explicou o ocorrido.

Êle não se deu por achado. Levantou-se da cadeira, fitou demoradamente a turma e, com aquela voz pausada, que lhe era peculiar, respondeu — "Vocês têm razão. Falaram em mim quatro séculos de brasilidade..."

CAPÍTULO II

TUPIMANIA

SUMÁRIO: Algumas considerações fundamentais sôbre a tupimania brasílica — Amerigenismos de outras origens, africanismos e até portuguesíssimos vocábulos lusitanos arrolados como derivados do tupí.

O tupí, foi, evidentemente, a língua indígena americana que mais influiu no vocabulário do português do Brasil.

Houve, entretanto, da parte de alguns estudiosos de nossa lexicologia, um verdadeiro sestro de querer explicar, com etimologias tupís, todos os vocábulos presumívelmente indígenas, chegando o fato a constituir, como muito bem disse Ehrenreich, uma verdadeira tupimania:

> *"A consideração unilateral de um fragmento relativamente pequeno da primitiva população brasílica levou a extremas generalizações. Os tupís cada vez mais passavam como os índios brasileiros característicos e sua língua como a língua geral brasílica, da qual se procurava derivar as outras. Como outrora na Europa a celtomania, formou-se aquí uma tupimania."*
> Ehrenreich, *Tribos do Brasil*, 7

O desconhecimento, entre nós, até muito pouco tempo atrás, de outras línguas indígenas americanas, fora do grupo linguístico tupì, levou o erudito Batista Caetano de Almeida Nogueira, a cujos profundos

conhecimentos devemos o notabilíssimo trabalho que é o *Vocabulário das palavras guaranís usadas pelo tradutor da "Conquista Espiritual" do Padre A. Ruiz de Montoya* (6), a ficar embaraçado, quando trabalhava nos seus preciosos comentários ao tratado dos *índios do Brasil*, do padre Fernão Cardim, diante do vocábulo *quirí*, que não soube interpretar, o mesmo acontecendo com aquêles em que entrava o referido radical. (7).

É que *quirí*, não sendo tupí, dificilmente poderia ser explicado por um tupinólogo, ainda que do porte de Batista Caetano, uma vez que se trata de vocábulo caribe, cujo significado é *homem, varão*, o qual entra na constituição de alguns topônimos daquela origem.

Há mais de quatro séculos foi o vocábulo *panaquirí* (8) usado por Fernão Cardim, quando escreveu o tratado *Do princípio e origem dos índios do Brasil*, o que aconteceu em 1548, segundo a informação abalisada de Capistrano de Abreu, a quem devemos a sua primeira edição vernácula, publicada em 1881, com as eruditas anotações de Batista Caetano, que assim anotou aquêle vocábulo:

> *"Não vindo nos autores nome semelhante, nem havendo indicações que guiem a interpretação, referimo-nos simplesmente ao que se diz no vocábulo precedente, em relação ao tema* pana *e* quirí."
>
> Batista Caetano, *Notas*, 258

Batista Caetano não acertou, entretanto, com a significação exata do têrmo, pelo mesmo motivo já

(6) — Publicado no vol. VII dos *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, 1879.

(7) — Cardim, *Tratados* ,264.

(8) — É interessante o que diz Schomburgk (*Travels*, II, 261) — "... the Milky Way *Parana* (*Parana* also means the sea, and hence *Paranaghieri* (leia-se paranaquirí), people who have come from over the sea...".

exposto, isto é, por ser êle um vocábulo caribe, que exprime, como iremos ver, o cristão, o civilizado, o homem branco, e que é, ainda hoje, têrmo usual entre as tribos caribes da Amazônia, palavras que tantas vêzes ouvi, nas suas malocas, quando se referiam não só a mim, como a qualquer dos trabalhadores da Comissão de Limites.

Aliás, sôbre o vocábulo *panaquirí*, assim como sôbre a palavra *caraiuá*, que têm o mesmo significado, escreveram quase todos aquêles que percorreram as regiões de linguajar caribe ou os que sôbre aquêles dialetos escreveram.

Assim, por exemplo, no precioso livro, já hoje tão raro, que é *Grammaires et Vocabulaires Roucouyenne, Arrouague, Piapoco et d'autres langues de la région des Guyanes* (9), Jules Crévaux, ao coligir os têrmos caribes relacionados no vocabulário dos Urucuiana, anotou a palavra *panaquirí*, com a significação de holandês.

Henri Coudreau, ao descrever o vocabulário dos Urucuiana, constante do livro *Vocabulaires méthodiques des langues Ouayana, Aparaí, Oyampí, Emerillon* (10), trata tanto do vocábulo *panaquirí*, como do *caraiuá*, dando para o primeiro o significado de francês e para o segundo o de brasileiro.

C. H. de Goeje, também, no seu precioso *Verslag der Toemoekhoemak-Expeditie*, publicado em 1908, em Leiden, na Holanda, informa que os silvícolas caribes da fronteira Brasil-Suriname denominam de *panaquirí* aos brancos do norte, isto é, aos guianenses e de *caraiuá* aos brancos da Amazônia, isto é, aos brasileiros.

Rubens Nelson Alves, o veterano demarcador das fronteiras setentrionais do Brasil, conhecedor esmera-

(9) — Crévaux, *Grammaires et vocabulaires*, s.v.

(10) — Coudreau, *Vocabulaires méthodiques*, s.v.

do de vários dialetos caribes, no seu relatório sôbre os *Rangupiquí*, escreveu — "*panaquirí*, pessoa branca, em geral holandeses." (11)

Informa Rubens Nelson Alves, ainda, no mesmo trabalho, que aquêles indígenas chamam aos mulatos de *Panaquirí-mucú*, o que vem, ainda uma vez, demonstrar a precisão com que os nossos silvícolas sabem, até mesmo diante do imprevisto, definir lògicamente.

Curt Nimuendajú, o exímio conhecedor de nossos silvícolas, sobretudo os da Amazônia, autoridade incontestável em etnologia brasílica, a quem me prenderam laços da mais profunda admiração e de grande amizade, escreveu, em 1921, no seu magnífico trabalho sôbre os Macuxí, infelizmente ainda inédito, (12) que naquele dialeto *panaquirí* significa inglês e *caraiuá* designa o cristão, o civilizado.

Trago ao assunto, agora, a minha contribuição pessoal.

Não percebí, absolutamente, durante o longo tempo que conviví com as tribos caribes, tais como os *Maraxó*, os *Pinanocotó*, os *Auacotó*, os *Auarêcotó* e tantas outras mais, a menor distinção no emprêgo de *panaquirí* e de *caraiuá*, que êles usavam, indistintamente, tanto ao se dirigirem a mim, como a qualquer dos homens da Comissão de Limites.

De qualquer maneira, porém, uma coisa permanece absolutamente incontestável — é que nos idiomas caribes da Amazônia tanto o vocábulo *panaquirí*, como a palavra *caraiuá*, significam, genèricamente, o homem branco, em oposição a *mecorô*, que significa o homem negro.

---

(11) — Rubens Alves, *Rangupiquí*, 18.

(12) — Possuo, por nímia gentileza de meu saudoso amigo Curt Nimuendajú, uma cópia dêsse precioso trabalho, datilografada e revista por êle, com a sua assinatura, que guardo no lugar de honra de minha biblioteca.

É interessantíssimo, aliás, êsse vocábulo *mecorô*, que não é, positivamente, uma palavra caribe, muito ao contrário, é uma legítima palavra portuguêsa, deformada pela adaptação da glotologia caribe.

O vocábulo português *negro*, de acôrdo com as leis de degeneração fonética, no caribe, se foi deturpando, na passagem do português para aquêle linguajar, em *negrô, megrô, mecrô, mecôrô.*

Em seu interessante livro *Chez nos Indiens*, nos conta Coudreau que um dos mestiços que auxiliaram a sua expedição se chamava *Mecrô*:

> "*Je demande à* Mecrô *s'il veut me conduire à Moutouchy, chez Pierre, fils de Raymond, à trois jours d'ici.*"
>
> Coudreau, *Chez nos Indiens*, 419

E Schomburgk, também, dêles nos fala, informando-nos como eram chamados no *talkie-talkie*, a linguagem dos negros de Suriname, cujo fundo linguístico, quase poderíamos afirmar, é constituido por vocábulos do português:

> "*Their nearest neighbours to the eastward were the Cocoipityans or Harpy Eagle Indians and five days journey farther the* Mekurus *or Maroon Negroes of Surinam.*"
>
> Schomburgk, *Travels*, II, 383

Existe, ainda, na região mesopotâmica entre o Marapí e o Parú de Oeste, uma tribo de negros fugidos ao cativeiro, no Brasil, os quais vivem em estado absolutamente tribal, conhecidos pelo pessoal da Comissão de Limites pela designação de os *Mecorô do Parú*, cujo estudo, de grande interêsse para a etnologia brasílica, breve concluirei.

Pois bem; entre êles encontrei alguns pretos jovens, que me confirmaram, através do caribe, descenderem dos negros fugidos do cativeiro do Brasil. Um

dêles, porém, bem velhinho, de carapinha alva como algodão, o velho *Batazá* -- corruptela do nome Baltazar, como me informou, ainda me disse, num português quase incompreensível, que tinha vindo de São Paulo, há muitos anos, já.

E não foi sòmente com o vocábulo *mecorô* que se deu semelhante fato. Durante o tempo que passei, nos trabalhos de demarcação, entre a indiada caribe, tive oportunidade de ir colecionando, no meu caderno de anotações, hoje bastante volumoso, uma série de vocábulos que foram incorporados ao linguajar dos caribes, alguns velhos de vários séculos, outros, porém, oriundos do contato, por êles mantido, com o pessoal da Comissão de Limites.

Entre os vocábulos, originàriamente portuguêses, que permanecem, ainda hoje, como testemunhei, entre as tribos caribes da Amazônia, alguns se revelam interessantíssimos, como *aracabuxá*, palavra aparentemente indígena, mas que nada mais é do que uma simples corruptela do vocábulo português arcabuz, fenômeno curioso, que exprime, evidentemente, a reminiscência do contato que tiveram os silvícolas, nos tempos coloniais, com os colonizadores portuguêses.

O vocábulo *aracabuxá* recorda, até, o mesmo processo de evolução que se verificou, entre os tupís, na transliteração de *cruz* em *curuçá*.

Êsse vocábulo *aracabuxá* tem, na minha vida de demarcador, a sua história.

Uma vez um trabalhador da Comissão de Limites, quando nos encontrávamos nas cabeceiras do rio Aramatáu, demarcando as nossas fronteiras com a Guiana Britânica, atirou, estando nas proximidades de um silvícola Maraxó, com uma Winchester.

O indígena, que não tivera nunca, anteriormente, a menor emoção com a arma, que havia visto, inúmeras vêzes já, tanto em minha barraca, como na de

meus companheiros, o engenheiro Luís de Sousa Martins e o médico Armando de Novais Morelli, ficou numa agitação profunda, gritando *aracabuxá, aracabuxá, aracabuxá...*

A princípio não só estranhei como, até certo ponto, fiquei um tanto suspenso diante da atitude do silvícola; foi, entretanto, de muito curta duração essa minha estranheza.

O indígena Maraxó, de nome *Xamukendê*, correu célere, à sua maloca, situada nas cabeceiras do Marapi, um dos formadores do Cuminá, da bacia do Trombetas, de lá trazendo tôda a indiada, inclusive mulheres e crianças, o que exprimia, evidentemente, uma coisa importantíssima na vida tribal, pedindo-me, todo agitado, para que eu fizesse, novamente, a arma disparar.

O meu auxiliar, que era, de fato, um atirador emérito, foi chamado e, em seguida, entreguei a êle, o fiel e bondoso Raimundo Nonato, a Winchester, com a qual, num de seus maravilhosos tiros, abateu um lindíssimo mutum-pinima, pousado altaneiramente na galharia elevada de uma seringueira distante.

Ao disparar da arma todo o gentio, de repente, numa exclamação unânime, começou a gritar — *aracabuxá, aracabuxá, aracabuxá...*

Soube, mais tarde, pelo tuxáua Auacá, dessa maloca, pai de *Xamukendê*, que êles conheciam, lendàriamente, tradição de seus avitos, o arcabuz — o seu *aracabuxá* — do qual, entretanto, não faziam a menor idéia, sendo a prova disso, sem dúvida, o fato de terem visto a arma várias vêzes, sem terem demonstrado pela mesma o mínimo interêsse.

Quando viram, porém, o seu efeito, êsse sim, tradicionalmente conhecido, era a surpresa, diante da concretização de uma lenda, o que os emocionava...

Outros vocábulos, porém, como estávamos dizendo, foram utilizados pelos caribes, como uma decorrência do contato com o pessoal da Comissão de Limites; ao usá-los, porém, quase sempre para solicitarem o objeto designado, mantinham êles, sem de leve o pressentirem, os mesmos princípios de degeneração fonética que, há quatro longas centúrias passadas, os tupís haviam empregado.

Assim, por exemplo, se os tupís transformaram, ao transliterarem para a sua língua, o vocábulo cruz em *curuçá,* cavalo em *cabarú,* soldado em *surara,* os caribes, depois de tantos séculos decorridos, transliteraram, para os seus dialetos, os vocábulos chapéu em *chaperú,* prato em *paratú,* sal em *sautá,* papel em *pampirá.*

Fenômeno inverso ao que se processou na transliteração das palavras portuguêsas *cruz, soldado, chapéu, prato, cavalo, negro,* para os diversos dialetos indígenas, se verifica na passagem de vários vocábulos brasílicos para a língua dos conquistadores.

Na toponímia de origem tupí, então, os exemplos se contam por centenas, indo, para começar, desde a denominação de Estados, até de pequenos acidentes geográficos. *Pernambuco,* por exemplo, nada mais é do que a contração de Paranambuca; *Sergipe,* também, outra coisa não é senão a contração de Serigipe. (13)

Aliás o vocábulo da língua brasílica que sofreu, na minha opinião, a mais violenta síncope foi, indubitàvelmente, aquêle que denomina o maior peixe da Amazônia, maior ainda que o célebre pirarucú, e que é a *piraiba,* vocábulo que uma vez, ao ler a *Viagem e visita do sertão em o Bispado do Gram-Pará em*

(13) — Foi com essa grafia, aliás, que Gabriel Soares escreveu o topônimo: "Dêste rio Ubirapatiba, a sete léguas, está o rio de *Serigipe,* por cuja barra com batéis diante costumavam entrar os franceses com suas naus de porte de cem tonéis". (Gabriel Soares, *Tratado descritivo,* 40).

1762 e 1763 (14), de Frei João de S. José — o seráfico voltaireano, que tinha no estilo lampejos da pena de Antônio Vieira, como dêle disse Euclides da Cunha (15) — custei a identificar, dada a forma por que aparecia escrita — *praira.*

Outro fato que muito nos intrigou, a princípio, foi o relativo à denominação, pelos silvícolas, com vocábulos puramente caribes, de alguns objetos positivamente desconhecidos, até então, por êles.

Só muito mais tarde, porém, é que tivemos oportunidade de verificar as razões originárias daquelas denominações, fato que nos veio revelar a profunda observação de que são dotados, pela pasmosa semelhança entre o objeto designado e o motivo da nomenclatura.

Um dos vocábulos mais interessantes, nesse sentido, e que não posso deixar de citar, foi o relativo à denominação com que os Maraxó batisaram a minha escôva de dentes, por êles chamada de *ancái.*

Verificamos, mais tarde, ser *ancái* uma flor, aliás lindíssima, cuja semelhança com a escôva de dentes era, realmente, surpreendente.

Várias das causas determinantes da nomenclatura dos objetos desconhecidos para êles não nos foi possível apurar; mas pela justeza e pelo acêrto de muitas, quase poderíamos afirmar presidir, às suas denominações, um critério perfeitamente lógico.

Nos Maraxó, entretanto, além dêsse espírito lógico, notam-se certos indícios de bom gôsto, e, até, num conceito todo relativista, certa elegância na denominação de alguns vocábulos, como acontece, por exemplo, com *timanatê, q*ue significa flor, derivado analógico de *manatê,* que equivale a seio. Denominações que indicam, certamente, por parte dos silví-

(14) — Frei João de S. José, *Visita do sertão,* 12.
(15) — Euclides, *Margem,* 24.

colas, mais cavalheiresca galantaria, que a dos *panaquirís*.

Também encontrei, entre os Maraxó, em referência à nomenclatura das côres, um vocábulo interessantíssimo, que é *tietêimã*, que me causou uma extraordinária surpresa, por designar a mesma coloração por nós chamada, afrancesadamente, de *bois de roses*, denominação aquela derivada de *tietê*, lindíssima flor silvestre, que se debruça, encantadoramente, sôbre as águas remançosas do Marapí e de *imã*, que significa umas vêzes o pai, o formador, o maior de todos, e, outras vêzes, funciona como coletivo, exprimindo reunião, coleção, vocábulo, pois, que reproduz a mesma tonalidade e o mesmo modo de formação do modismo gaulês.

Batista Caetano encontra, ainda, nos seus preciosos comentários ao tratado dos *Índios do Brasil*, um composto de *quirí*, que é *quirigma*, dizendo:

> *Êste nome parece-me que é, evidentemente, o adjetivo* kyreymbá, *os valentes, os valorosos, os esforçados.*"
>
> Batista Caetano, *Notas*, 264

Oponho as minhas restrições à afirmativa de Batista Caetano, estando mais propenso a aceitar, para étimo do vocábulo, o caribe *quirima*, composto de *quirí*, cujo significado já conhecemos, e de *imã*, coletivo cuja significação já vimos, etimologia esta que está de acordo, perfeitamente, com o texto de Cardim.

A aparição daquele g intervocálico tem uma explicação muito simples. É que a contração dos dois *i i* soa muitas vêzes, a ouvidos pouco habituados ao linguajar indígena, que demandam, necessàriamente, ou uma predisposição natural ou uma adequada adaptação, para perceber nitidamente os fonemas, levemente pronunciado como *ig*, porque já vi, também, em algumas cartas geográficas, o topônimo *Marima* escrito

Marigma, ambas as formas, por certo, *quirigma* e *Marigma*, ouvidas por inexpertos, como devia ser, em relação ao primeiro vocábulo, o padre Fernão Cardim.

Os vários dialetos caribes têm, fato que ocorre, também, com o tupí, diferentes denominações para os sexos diferentes do mesmo animal.

No dialeto caribe dos Maraxó, por exemplo, denomina-se ao macho de determinada espécie de papagaio por *táitái*, sendo a fêmea da mesma espécie conhecida pela denominação de *curigâni*. O jabotí-macho, por exemplo, é conhecido entre os Pianocotó por *curiá*, enquanto a sua fêmea é designada por *pacaxá*, fenômeno linguístico que ocorre, também, no português da Amazônia, onde o jabotí-macho é conhecido por *carumbé* e o jabotí-fêmea por *jabota*, pura herança ameraba.

O caribe utiliza, entretanto, da mesma maneira que a língua portuguêsa, para determinar a diferenciação dos vocábulos epicenos, as terminações *quirí* e *uerí*, que além de significarem, primordialmente, *homem* e *mulher*, funcionam, às vêzes, com o significado de *macho* e de *fêmea*.

Assim, por exemplo, o vocábulo *caicuxí*, que significa, genèricamente, onça, se desdobra em *caicuxíquirí* para denominar a onça-macho e em *caicuxíueri*, para designar a onça fêmea.

Na toponímia da região raiana do Brasil com a Guiana Holandesa, cuja fronteira foi completada, há poucos anos, pela Comissão Mista Brasileiro-Neerlandesa Demarcadora de Limites, chefiada, por parte do Brasil, pelo capitão de mar e guerra Braz Dias de Aguiar e, por parte dos Paises-Baixos, pelo Almirante Konrad C. Kaiser, ambos infelizmente já falecidos, encontramos mais de um locativo com uma daquelas terminações.

Nas proximidades do marco 24 daquela fronteí-

ra, por exemplo, nasce, na divisória real, o igarapé *Ocoimã,* que tem para braço oriental o igarapé *Ocoimãquirí,* topônimo que tem para étimo, no dialeto dos Pianocotó, de que êle deriva — *ocoimã,* cobra e *quirí,* macho.

O igarapé *Patacái,* que deflue para o lado guianense, como contravertente, que é, do igarapé *Ocoimã,* tem como um dos principais formadores, além do *Tinotó* e do *Caracaraí,* o igarapé *Acarapiquirí.*

Mas, regressando ao nosso assunto, o pior, porém, é que a tupimania reninante chega a querer ver, muitas vêzes, até em vocábulos *alienígenas,* uma revivescência dos velhos étimos tupís.

Chegou a tal vulto a tupimania, entre nós, que, contra êsse exagerado afã de querer ver, em qualquer palavra de aspecto um pouco diferente, um vocábulo tupí, se elevou a voz de Teodoro Sampaio, que era, para a época, um tupinólogo de notável valor, proclamando que:

> *Êste preceito é tanto mais de observar-se quando é certo que, não raro, os interpretadores se deixam possuir de verdadeira obsessão, querendo ver vocábulos tupís em quanta palavra espúria se lhes apresenta, com estrutura aparentemente brasílica."*
>
> Teodoro Sampaio, *Tupí,* 125

Uma palavra com que ocorreu êsse fato foi o vocábulo *jangada,* que Paulino Nogueira, em seu *Vocabulário indígena em uso na província do Ceará* (16), arrolou como vocábulo brasílico, o qual só deixou de ser considerado têrmo tupi depois que surgiu o opulen-

(16) — Publicado na *Revista Trimestral do Instituto Histórico do Ceará,* vol. I, pags. 209-432. Fortaleza, 1887.

tíssimo trabalho de Monsenhor Rodolfo Dalgado, *Glossário Luso-Asiático* (17), em que ficou demonstrada, insofismàvelmente, a origem asiática da palavra. Nem mesmo um vocábulo de tôrna-viagem é *jangada,* como aconteceu, por exemplo, com *bucaneiro,* com *piã,* com *piroga,* nos domínios de lexicologia e com *Bombay,* no terreno da toponímia. (18)

O mais célebre, porém, dêsses casos, foi o relativo à palavra *carapuça,* que o grande tupinólogo que foi Batista Caetano de Almeida Noqueira sempre afirmou ser um vocábulo tupí, até que lhe mostraram que o têrmo já vinha na histórica carta dirigida, por Pero Vaz de Caminha, a D. Manuel, o Venturoso.

A *Carta* de Caminha foi publicada, pela primeira vez, em 1817, no Rio de Janeiro, na Imprensa Régia, pelo Padre Aires de Casal, presbitero secular do Grã-Priorado de Crato, em sua *Corografia Brasílica.*

Se é, entretanto, ao Padre Aires de Casal que devemos as primícias da publicidade da célebre *Carta* do antigo Mestre da Balança da Cidade do Pôrto, carta que é, verdadeiramente, a certidão de batismo do Brasil em pleno nascituro, o seu descobrimento foi devido a José de Seabra da Silva, Guarda-Mor da Tôrre do Tombo, o qual tão bem avaliou, em seus devidos têrmos, o insígne valor de tão raro e precioso cimélio que, fato singular em relação a tantos outros documentos do acêrvo do riquíssimo arquivo da Tôrre do Tombo, dêle se fêz uma cópia em boa letra, o que levou Antônio Baião, o ilustre e benemérito diretor do Arquivo Nacional da Tôrre do Tombo, a dizer — "... fêz-se na Tôrre do Tombo, da Carta de Caminha,

(17) — Dalgado, *Glossário,* s.v.

(18) — Bombaim é o aportuguesamento da forma *Bomaby,* adotada pelos inglêses e que se diz ser corrupção da expressão portuguêsa *boa baía.* O vocábulo é mesmo apontado entre os chamados de torna-viagem, isto é, derivados regressivos". (Xavier Fernandes, *Topônimos e gentílicos,* I, 99).

o que não se fêz de outro documento algum: uma cópia muito perfeita e nítida." (19)

Várias vêzes ocorreu ao primeiro cronista do Brasil, quando escrevia a sua histórica carta, em Pôrto Seguro, o vocábulo *carapuça*, o que testifica que era o mesmo de uso corrente na língua; o trecho da *Carta*, entretanto, em que a referida palavra aparece, não oferecendo margem para qualquer dúvida, quanto à errada origem amerindia do vocábulo, é o seguinte:

> "*Aly vieram emtam mujtos, mas nõ tantos coma as outras uezes e traziã já mujto poucos arcos e esteuerã asy huũ pouco afastados denos, e despois poucos e poucos mesturaramse cõ nosco, e abracauãnos e folgauam e alguũs deles se esqujuauam logo, aly dauam alguũns arcos por folhas depapel epor alguã* carapucinha *velha e por qual qr cousa.*"
>
> Caminha, *Carta*, Fl. 8, verso (20)

Ainda foi Batista Caetano quem descobriu, para o africanismo *tanga*, uma suposta origem americana, em desacôrdo com grande parte dos estudiosos do assunto, seus contemporâneos, entre os quais o Conselheiro Antônio Joaquim de Macedo Soares, que proclamara já a origem africana do vocábulo. (21)

Quero agora, porém, abrir um parêntese, nessa minha crítica à tupimania de Batista Caetano. Não se veja nas minhas palavras nenhuma sombra, ainda que remota, de qualquer menoscabo à obra magistral do grande guaraniólogo.

Ao contrário; não tem limites, justificadamente, a

---

(19) — Antônio Baião, *Os sete únicos documentos de* 1500 *conservados em Lisboa, referentes à viagem de Pedro Alvares Cabral*. Lisboa, 1940.

(20) — Texto da edição diplomática de *A Carta de Pedro Vaz de Caminha*, feita por Jaime Cortesão. Edições Livros de Portugal. Rio de Janeiro, 1943.

(21) — Macedo Soares, *Estudos lexicográficos*, 50.

minha admiração pelo insigne mestre, sobretudo quando se atenta que, sendo um autodidata, foi dos mais profundos conhecedores, em sua época, do guaraní. Apenas, tanto nesses meus estudos acêrca de vocábulos originários de étimos não tupís, como em meus trabalhos sôbre a toponímia brasílica, que nada valem em confronto com a opulenta obra que nos deixou, vez por outra sou obrigado, por imperativos científicos, a dêle discordar, quanto a algumas etimologias propostas.

É preciso notar, porém, para crédito de Batista Caetano, que nisso nenhuma vantagem levo ao provecto mestre, por duas razões muito simples — a primeira delas é que escrevo quase uma centúria depois dêle, espaço no qual tanto se desenvolveram os conhecimentos dos linguajares americanos; a segunda é que, como membro de uma Comissão de Limites, tive a oportunidade, verdadeiramente excepcional, de conviver, longo tempo, com tribos de famílias linguísticas não tupís, adquirindo, assim, conhecimentos linguísticos dessas tribos que muito facilitaram o trabalho de revisão de alguns étimos não tupís, tanto no português do Brasil, como na toponímia brasílica, apontados como tupinismos.

E, além do mais, é o próprio mestre que ratifica a minha opinião, quando, sensata e prudentemente, afirma:

> "*Sei que me há de prejudicar o deixar-me arrastar pela mania das etimologias; sei que, por mais cautelas e ressalvas que empregue, terei de cair em graves erros de interpretação, mas que fazer? Trabalho sério, onde expendesse alguns princípios e pudesse me livrar de impertinências não há meio, nem de levar a cabo, nem de publicar. Isto no Brasil não tem saida, salvo grande martírio do próprio autor. Lá vou, pois, com as etimologias águas abaixo.*"
>
> Batista Caetano, *Notas*, 217

Couto de Magalhães arrolou, em *O Selvagem,* ao contraditar a informação de Charles Frederic Hartt de serem raríssimos os verbos portuguêses que têm raizes tupís, entre muitos daquêles verbos, que se originaram, realmente, do tupí, o verbo *apinchar,* por lançar, arremessar (22), no que foi seguido por Renato Mendonça em *O português do Brasil* (23), apesar de Afonso A. de Freitas ter apontado, em *Vocabulário nheengatú,* (24) a sua verdadeira origem.

Apinchar, entretanto, é um velho lusitanismo, um portuguesíssimo vocábulo que permaneceu vivo no português do Brasil, sobretudo na língua da Amazônia, onde é usado correntemente, pelo povo inculto e pelos letrados, como se poderá ver pelo seguinte exemplo de José Veríssimo, um dos mais escorreitos, entre todos os escritores da Amazônia:

> *"Freqüentemente, em vez de um pirarucú, é um jacaré o animal tocado ou ferido, ou alguma sucurijú, que* pincha *dalí raivosa e assanhada, fugindo ou atirando-se aos pescadores."*
> José Veríssimo, *A pesca na Amazonia,* 44

Antônio Joaquim de Macedo Soares arrolou, também, como tupí, nos seus *Estudos lexicográficos do dialeto brasileiro,* obra pioneira nos estudos da influência africana no português do Brasil, o vocábulo *pirangueiro,* outro classicismo português, de uso corrente, ainda, na linguagem da Amazônia, como prova o exemplo de Jorge Hurley, um dos grandes escritores da hiléia:

> *"Mascate: vendedor ambulante,* pirangueiro, *téque-téque, que equivalem a bufarinheiro, rega-*

(22) — Couto de Magalhães, *O selvagem,* 118.
(23) — Renato Mendonça, *O português do Brasil,* 166.
(24) — Freitas, *Nheengatú,* 66.

> *tão colonial, que barganhava nos sertões, pelos tempos recuados das conquistas."*
> Jorge Hurley, *História do Pará,* 30

A simples lembrança dêstes vocábulos me sugeriu um interessantíssimo capítulo do português do Brasil, que possìvelmente escreverei — o *classicismo lusitano na linguagem da Amazônia.*

De fato; além dos vocábulos que se tornaram, no próprio Portugal, verdadeiros arcaismos, a tal ponto que figuram nos glossários das *edições clássicas* da língua, com os antigos significados, vocábulos êsses, entretanto, que continuam vivos no linguajar da gente da Amazônia, o que levou Jaime Cortesão, ao tratar, numa de suas eruditas anotações à *Carta de Pero Vaz de Caminha,* de um modismo arcaizado em Portugal e que continua vivo na língua do Brasil, a afirmar:

> *"Não será êste o caso único em que a linguagem de Caminha esteja mais próximo do português do Brasil que de Portugal."*
> Jaime Cortesão, *A carta de Caminha,* 273

há, ainda, um sem número de verdadeiros lusitanismos, isto é, de vocábulos que não são quase usados em outras partes do Brasil — *bodo,* refeição dadas nas igrejas nos dias festivos; *corrigir, p*ercorrer; *curso,* diarréia; *desistir,* evacuar; *empachar,* afrontar; *fiança,* confiança; *juntar,* apanhar; *paneiro,* cêsto; *têso,* elevação; *terçado,* facão de mato...

Outras vêzes a mania de tupinizar surge, quando se pretende explicar, como tupí, qualquer amerigenismo, oriundo, porém, de dialetos não tupís.

Vicente Chermont de Miranda, estrênuo conhecedor das coisas da Amazônia e um dos mais perfeitos estudiosos de sua linguagem, por desconhecer os ver-

cadeiros étimos não tupís de alguns vocábulos, foi levado, também, a cometer algumas tupimanias.

É para lamentar, entretanto, que Chermont, espírito culto e viajado, dominando fluentemente a língua francesa, que conhecia em tôdas as suas subtilezas, tenha ignorado a imensa contribuição aos estudos lingüísticos não tupís, publicados na França, sobretudo as já hoje famosas reedições de Julius Platzmann, a quem tanto devem os americanistas, como, principalmente, os trabalhos publicados na opulenta *Bibliothèque Linguistique Américaine,* precioso repositório de conhecimentos lingüísticos referentes, em grande parte, aos idiomas não tupís.

Pelo desconhecimento dêsses estudos é que, em seu imperecível *Glossário paraense,* valioso registo da contribuição amerigenista ao português do Brasil, sobretudo ao da Amazônia, relacionou êle, como vozes tupís — *mucura, maqueira, matapí, panacarica, garapa* e outros mais, como *jabá* e *mucama,* palavras que, evidentemente, não são tupís, derivadas umas de linguajares americanos e as outras, até, de línguas africanas.

Entretanto, divergiu Chermont, naquêle *Glossário,* dos que davam etimologias tupís para *tacacá, caxirí, maca* e mais alguns outros vocábulos, sem citar, porém, a verdadeira orígem.

Para um pequeno número, entretanto, não sòmente Chermont de Miranda discordou da etimologia tupí apontada como, ainda mais, apresentou a verdadeira orígem do vocábulo, como aconteceu, por exemplo, com a palavra *tabaco.*

Em relação à lexicologia de origem não tupi é muito grande a relação dos que claudicaram na interpretação dos étimos de inúmeras palavras.

Vamos citar, apenas para exemplificar, algumas tupimanias de Macedo Soares, de Batista Caetano e de Rodolfo Garcia, que mui raramente cometeu deslises nesses domínios, pois era de uma perfeição quase absoluta em todos os seus trabalhos.

Batista Caetano apontou para *garapa* (25) e Macedo Soares para *garoa, chiripá e porongo* (26) etimologias tupís, quando êsses vocábulos são, incontestàvelmente, de origem quêchua.

Macedo Soares descobriu, ainda, para o vocábulo *maca,* (27) uma outra etimologia tupí, esquecendo que o mesmo aparecia já, tanto em Oviedo (28), como em Las Casas (29), como amerigenismo de origem aruaca, do taíno, em documentos escritos na primeira metade do século XVI.

O vocábulo *cacique* tem sido, também, uma vítima predileta, não só dos tupinizantes, como daquêles que não admitem uma origem americana para os vocábulos amerígenas.

Além da complicadíssima etimologia tupí proposta por Martius para o vocábulo cacique, Jorge Hurley, em nota fornecida a Bernardino José de Souza, inserta no *Dicionário da Terra e Gente do Brasil,* (30) também pretendeu explicar pelo tupí a etimologia daquela palavra, derivando-a, segundo a sua lição, de *caá-cy-ki* que, ao pé da letra, significa *aquí está a mãe do mato* ou *eis aquí a mãe do mato* ou ainda *com êste vive a mãe do mato.*

Júlio Calcaño em seu trabalho, aliás de inestimável valor para o estudo dos amerigenismos, que é *El castellano en Venezuela,* dá, já agora, uma origem árabe para a palavra:

> *"Ya que de estas tribus hablo, sentaré que* cacique *no es voz caribe, como dice Littré, ni tam-*

---

(25) — Batista Caetano, *Vocabulário da Conquista,* 210.
(26) — Macedo Soares, *Estudos lexicográficos,* 25, 50, 77.
(27) — Macedo Soares, *Estudos lexicográficos,* 156.
(28) — Oviedo, *Sumário,* 138.
(29) — Las Casas, *Brevísima relación,* 24.
(30) — Bernardino de Souza, *Dicionário,* 79.

poco mejicana, como establece el Dicionario de Autoridades, *sino arabe, usada por los alarbes de Africa en el reino de Marzagán."*
Calcaño, *El Castellano en Venezuela,* 327

O vocábulo, entretanto, que é aruaco, exprime, naquele linguajar, o chefe temporal da tribo, isto é, o *murubixaba, muruxáua, curáca, tuxáua, cacique, tamuxí, paguemegera, amúre.*

Luís de Sousa Martins, intemerato raiano das fronteiras setentrionais do Brasil, revivesceu, inadvertidamente, a orígem proposta, por Richard Spruce, para o topônimo Caciquiáre:

"Aquí tem lugar a opinião de Spruce, para quem o vocábulo Casiquiarí *é formado pelo têrmo* Quiarí — *antigo nome do rio Negro,* e *pelo prefixo* casi — *palavra espanhola que corresponde ao português* quase. *Dessa maneira a grafia que adotamos nos parece ser a mais racional "*
Sousa Martins, *Geografia da Amazônia,* 720

Foi para mim, realmente, motivo da mais íntima satisfação ter encontrado em Krickberg, afinal, alguém que aceitasse, entre tantas outras inexatas, a verdadeira orígem daquela toponímia, afinal tão simples e que por ser tão simples levou tanta gente às mais complexas e fantasiosas etimologias:

"... en Mojos, estos montículos se han encontrado al lado de um sistema de canales muy ramificado, de modo que E. Nordenskiold considera tambien ciertos tramos del rio Casiquiare, la famosa conexión acuática del Orinoco con el rio Negro (en la lengua arawak "Rio del cacique"), como un canal construido por los arawak."
Krickberg, *Etnologia de América,* 197

Mestre João Ribeiro, exímio cultor da língua, a quem me habituei a admirar, desde os tempos juvenis do Colégio Militar, através de dois antigos e saudosos professôres meus — também verdadeiros mestres da lingua, que foram Maximino Maciel e Mário Barreto, não atinou, ao estudar o vocábulo *tocáio,* com o seu étimo amerigenista.

Ao tratar daquela palavra, nesse formosíssimo repositório de fatos do português do Brasil, que é *A língua nacional,* envereda êle por uma série de considerações, dizendo por fim, apenas, que:

"É um brasileirismo conhecido nas regiões do sul e, também, em tôda a América espanhola."
João Ribeiro, *A língua nacional,* 91

O vocábulo, que é, realmente, um amerigenismo, sendo sinônimo dos tupinismos *chera,* na Amazônia e *chará,* no sul do país, exceto no Rio Grande do Sul, onde *tocáio é* vocábulo corrente, é uma contribuição do náuate ao espanhol da América e ao português do Brasil, para cujos idiomas havia contribuido, também, entre outros, com os seguintes vocábulos — *tomate, cacau, chocolate, abacate, peiote, sapoti, xícara, galpão, jalapa, chicle...* (31)

A. J. de Sousa Carneiro, escritor baiano, anexou ao seu livro *Furundungo* um capítulo intitulado *Achegas para o estudo do calão brasileiro,* onde classifica uma série de vocábulos, nem sempre convenientemente estudados. Entre êles se encontra a palavra *porongo,* que êle explica como se segue:

---

(31) — Adoto, sistemàticamente, a grafia *náuate,* aliás preconizada já, e muito acertadamente, por Jacques Raimundo (*Vocabulários indígenas de Venezuela,* 13) e não a forma *nauatle* usada por Nascentes (*Dicionário etimológico,* I, s.v.), por me parecer aquela a maneira mais judiciosa de transliterar o vocábulo original *nauatl.* Nem foi de outra forma que passaram para o português do Brasil, generalizando-se, os vocábulos náuates — tomate, de *tomatl;* abacate, de *ahuacatl;* peiote, de *peiotl.*

"Porongo (*canequinho*), *copo cheio de cachaça. Porongo, do tupí* purucare, *encher. Do guaraní poraca.*"

Sousa Carneiro, *Furundungo*, 315

Em primeiro lugar, na própria Bahia, *porongo* significa, realmente, vasilha, de um modo geral. Aquêle significado de *copo cheio de cachaça* eu não o surpreendí uma única vez, na Bahia. É possivel, entretanto, em que nas regiões que não percorrí, seja aquela a significação. O autor é baiano e tem, nesse assunto, muito mais autoridade do que eu.

O que, entretanto, positivamente, não está certa, é a etimologia tupí-guaraní apontada para aquêle quechuismo.

É mais uma insensata tupimania.

Agora, que concluimos essas considerações sôbre a tupimania brasílica na lexicologia do português do Brasil, quero justificar, em parte, êsses autores por mim citados.

Muitos dêles foram levados a essa tupimania, assim acredito, por um acendrado amor às nossas tradições, à nossa terra e à nossa gente, de um lado; e, de outro, pelo quase absoluto desconhecimento dos diversos linguajares fora do grupo linguístico tupí, a considerar, como originários dessa família linguística, tantos vocábulos correntes no português do Brasil.

Desejaria, assim, que essas minhas considerações, singelamente expostas, sôbre a tupimania brasílica, levassem a pensar, um pouco mais detidamente, todos aquêles que procuram explicações etimológicas para essa interessantíssima contribuição de amerigenismos, derivados, tantas vêzes, de outros linguajares indígenas americanos.

CAPÍTULO III

AMERIGENISMOS DE RETORNO

SUMÁRIO: Alguns amerigenismos, derivados dos vários linguajares americanos, que foram incorporados, de retôrno, ao português do Brasil.

UM dos fenômenos mais curiosos, realmente, no português do Brasil, é o que se relaciona com os amerigenismos de tôrna-viagem, aquêles que foram incorporados, de retôrno, ao léxico do português do Brasil, sendo a princípio considerados simples peregrinismos espúrios — *bucaneiro, piroga, piã, caucho, tunga, batéia,* além de mais alguns outros, que serão relacionados no presente capítulo.

Muitos vocábulos de tôrna-viagem tiveram, até, a sua ortografia modificada pela acomodação da pronúncia às línguas que, à semelhança do que acontece com determinadas espécies de parasitos, serviram de hospedeiras, como *bucaneiro,* derivado de *bucan,* que nada mais é do que o nosso tupiníssimo *moquém;* como o vocábulo *piroga,* derivado do caribe *piráua,* que se transliterou para o francês como *pirogue.*

O fenômeno, aliás, não é peculiar, apenas, ao português do Brasil.

Com Samatra se repetiu uma história semelhante. O topônimo, que denomina a grande ilha indiana, separada da península da Maláia pelo estreito de Málaca, foi divulgado, pelos navegadores quinhentistas do velho Portugal marítimo dos descobrimentos, como

Samatra, tendo sido assim que Luís de Camões o escreveu em ambas as edições de 1572:

> *"Dizem que desta terra coas possantes*
> *Ondas do mar entrando diluio,*
> *A nobre ilha* Samatra, *que já dantes*
> *Iuntas ambas a gente antiga vio."*
> Camões, *Lusíadas*, V, 5

Frei Amador Arrais, também, em seus clássicos *Diálogos*, foi assim que o escreveu:

> *"Do cabo oriental, que os nossos chamam Comorim, está uma ilha não longe, que alguns cuidam ser a Trapobana; mas Ptolomeu quere que seja* Samatra, *fronteira à Málaca, que é a áurea Cherconeso, e a Ceilão chama Corim, do nome do cabo fronteiro."*
> Arrais, *Diálogos*, 115

O vocábulo, porém, após um longo sono hibernal, só reingressou à lingua portuguêsa depois que os inglêses, para acomodarem à sua pronúncia a palavra, grafaram-na *Sumatra*, grafia e pronúncia erradas, que vamos, inconsideradamente, imitando...

O topônimo Samatra, infelizmente, não é o único locativo, de tôrna-viagem, através da língua inglêsa. Xavier Fernandes nos ensina que:

> *"Bombaim é o aportuguesamento da forma Bombay, adotada pelos inglêses e que se diz ser a corrupção da expressão* Boa Baia. *O vocábulo é mesmo apontado entre os chamados de* tôrna-viagem, isto é, derivados regressivos."
> Xavier Fernandes, *Topônimos e gentílicos*, I, 99.

Do vocábulo *boucan*, (Nota B) originário do tupí

(Nota B) — Sílvio Júlio, no parecer em que julgou o presente livro, contribuiu, com uma monografia interessantíssima, para o estudo do vocábulo *bucán*, propondo-se, ainda, a estudar, mais profundamente, o

mocaen, que nada mais é do que o nosso velhíssimo *moquém*, levado do Brasil por Jean de Léry, como já vimos, originou-se, no inglês-americano, o têrmo *buccaneer*, que deu em português, com o mesmo significado, de retôrno, a palavra *bucaneiro*.

Depois que Webster o incluiu no seu grande léxico, como expressão inglêsa, afirmando que sua introdução se fêz através da língua francesa, onde o vocábulo é corrente e foi dicionarizado sob a forma *boucanier*, proclamando, entretanto, sua origem americana, estava êle internacionalizado.

Sòmente depois disso é que o vocábulo se incorporou, de retôrno, à língua portuguêsa. O meu saudoso e muito querido camarada Lima Figueiredo, tão bem enfronhado nas questões de nossos usos e costumes indígenas, usou, possìvelmente por desfastio, em lugar de nosso tupinismo *moquém*, o velho francesismo de Léry:

> *"Depois de completamente esquartejados eram assados no* boucan; *as velhas que ficavam em derredor, desprezando a dor das queimaduras, aparavam a gordura que caia e gostosamente lambiam mãos e dedos."*
> Lima Figueiredo, *Índios do Brasil*, 278

Um outro genuino amerigenismo que entrou, também de retôrno, na língua portuguêsa, é aquêle que se refere a um dos sinônimos da goma elástica — o *caúcho*.

Sòmente depois que o vocábulo se generalizou, na língua francesa, sendo dicionarizado por Littré, é

assunto, para completo esclarecimento do amerigenismo. O mérito maior que estava reservado a êste meu trabalho, que seria, como declarei na *Nota prévia* — "o de servir de estímulo para que outros estudiosos, com a competência que nos faltou e com o brilho que não possuimos, contribuam com um trabalho definitivo, verdadeiramente indispensável, sôbre os amerigenismos de origem não tupí, integrados no português do Brasil" — já começou a produzir os seus primeiros frutos, compensando-me, assim, largamente, por todo o esfôrço consumido.

que começou a ser usado, entre nós, na suposição de que se tratava de mais um galicismo importado, e, ainda assim, para justificar a suposição, muitas vêzes, grafado à francesa — *cautchú.*

Apontamos, para ilustrar, o seguinte exemplo:

> *"... e, para só citar exemplos entre os produtos mais ricos e conhecidos da região, aí temos a castanheira e o* caucho, *que são dois índices infalíveis de estarmos pisando terreno maduro."*

Gastão Cruls, *Hiléia,* 14

Juan de Arona, em seu magnífico *Diccionário de peruanismos,* corroborando o que estamos afirmando, diz:

> *"Los españoles dicen* el llama *y* caoutchú, *en vez de la llama y caucho, porque desgraciadamente están más cerca de los franceses que de nosostros; y toman de segunda mano lo que debían tener de primera."*

Juan de Arona, *Peruanismos,* 271

Gonçalves Viana, o erudito foneticista português, em cujo assunto foi, evidentemente, a maior autoridade, chegou a escrever, em suas preciosas *Apostilas aos dicionários portuguêses:*

> *"Na* Ortografia nacional *aludira eu, em nota, às escritas usuais errôneas* cautchu, cautchuc, caoutchouc *e propusera no texto a ortografia aportuguesada* cauchu, *que mantenho, conquanto prefira a êste inútil galicismo alguns dos três ou quatro nomes que temos para a mesma substância, e adiante menciono."*

Gonçalves Viana, *Apostilas,* I, 261

É *cáucho,* pois, outro amerigenismo que regressou, de retôrno, por influência do francês, à língua portuguêsa.

Com o vocábulo *piã* ocorreu um fenômeno semelhante ao verificado com a palavra *cáucho.* O vocábulo, que significava, entre os tupís, a bouba, era corrente entre nós, no século de quinhentos, tanto assim que André Thevet, em *Les singularitez de la France Antarctique, avtrement nommé Amérique,* publicado em Paris, em 1558, foi o primeiro a escrever sôbre a doença, no capítulo XLV, a qual chamou de *pians:*

> *"Or, ceste maladie appellée* Pians, *par le gens du pais, ne prouiêt du vice de l air, car il est de lá fort bon e teperé: ce que monstrêt par experiëse les fruits que produit la terre auec le benefice de l'air..."*

Thevet, *Singularitez,* 229

Jean de Léry em *Histoire d'un voyage fait en la terre dv Bresil, avtrement dite Amérique,* publicada em La Rochelle, em 1578, registrou o têrmo sob a forma *pian,* no capítulo XIII:

> *"Cependãt outre les fievres & maladies comunes de nos Ameriquains, à quoy cõme i ay touché ci deuant à cause de leur pays bien temperé, ils ne sont si suiets que nous sommes par deça, ils ont vne maladie incurable qu ils nomment Pians; laquelle combien qu'ordinairement elle prouienne & se prenne de paillardise, i ay neantmoins veu auoir à de ieuns enfants lesquelles en estoyent aussi couuerts q uon en voit par deça estre de la petite verole."*

Léry, *Histoire d'un voyage,* 332

Isso mesmo nos ensina José de Anchieta em sua *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil,* na página 31 da edição facsimilada que Julius Platzmann fêz da edição princeps de Coimbra, datada de 1595, reproduzida, em 1933, pela Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro, graças a Rodolfo Garcia.

A presença da palavra foi registada, igualmente, no século XVII, por Piso que, em 1658, nos seus *De Indiae utriusque re naturali et medica,* escreveu:

> *Quae quidam lues huic regioni est Endemia & Bubas ab Hispanis, atque* miá *Brasilianis apellatur."*
>
> Piso, *De Indiae,* 43

A orígem tupí da velha expressão ficou, porém, tão deslembrada, que o nosso saudoso Artur Neiva, nos seus prestantíssimos *Estudos da língua nacional,* declara, com muito humor:

> *"Para alguns dos nossos pesquisadores, o vocábulo ficou tão longe de sua origem que se chegou a supor proceder da lingua francesa, como ocorreu, por exemplo, em* 1935, *no trabalho já citado, em que o autor pede desculpas por empregar o vocábulo* pianoma, *julgando-o francês, quando diz --* pianoma, *com um pouco de galicismo..."*
>
> Neiva, *Língua Nacional,* 229

No verbete *bouba,* de sua interessantíssima *Contribuição ao estudo do vocabulário amazonense,* publicado em Manaus, em 1938, nos números 1 e 2, do volume VI, da *Revista do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas,* Alfredo da Mata diz:

> *"BOUBA — Dermatose inoculável e contagiosa produzida pelo* Treponema pertenue, *Cast. É* o Pian *dos franceses, yaws dos inglêses e framboesia dos alemães."*
>
> Alfredo da Mata, *Vocabulário amazonense,* 87

O *pian dos franceses,* como escreve Alfredo da Mata, nada mais é, na realidade, do que um puro tupinismo, do que mais um falso peregrinismo, como

um legítimo amerigenismo, embora incorporado, de retôrno, ao português do Brasil.

Piroga é outro vocábulo que, à semelhança de *bucaneiro, caucho, piã* e os demais, foi incorporado, de tôrna-viagem, ao léxico da língua portuguêsa.

Origina-se do étimo caribe *piráua.* No espanhol, aliás, onde permaneceu sob a forma *pirágua,* ficou muito mais próximo de seu verdadeiro étimo. Paul Rivet, descrevendo, em *Los origenes del hombre americano,* a não pequena contribuição trazida pelos ameríndios à civilização, enumera, entre elas:

> *"... el remo en forma de muleta, la embarcación hecha con haces de caña, la* piragua *doble, la* piragua *con balancín, la decoración de las proas con dibujos de ojos..."*
>
> Rivet, *Origenes,* 152

O padre Raymond Breton, igualmente, em seu *Dictionnaire caraíbe-françois,* publicado em Auxerre, em 1666, ao anotar o têrmo, que relaciona como caribe, regista-o como *piraugue,* o qual, levando-se em consideração a pronúncia francesa, foi a origem dos atuais vocábulos franceses *pirogue* e *piroguier,* sendo o primeiro dêles introduzido, mais tarde, em nossa língua, de tôrna-viagem.

Aliás, já em 1883, Jules Crevaux, em *Voyages dans l'Amérique du Sud,* escrevia:

> *"Un certain nombre de mots français tirent leus origine de l'Oyampis. Nous citerons entre autres les mots* pirogue, (32) *qui signifie petit canot, et* aí, *que dans le deux langues sert a désigner l'animal que les créoles de Cayenne*

---

(32) — Houve evidente equívoco da parte de Crevaux, considerando *pirogue* derivado do *Oiampí,* grupo tupí da Guiana Brasileira.

apellent "mouton paresseux", a cause de son poil touffu et de sa leuteur."
Crevaux, *Voyages*, 203

O vocábulo *piroga* é, portanto, mais um amerigenismo introduzido, de retôrno, através do francês, não sòmente no português do Brasil, mas na própria língua portuguêsa, onde é um têrmo de uso corrente, tanto na língua do povo, como na língua literária.

Não para aí, porém, a relação...

O nome tupí *tunga*, que designava, entre os nossos silvícolas, o ectoparasito conhecido, vulgarmente, pela denominação de *bicho de pé*, que já vi apontado como de origem africana (33), era corrente, entre nós, no século XVI.

Hans Staden o registou na segunda parte do capítulo XXXII de seu precioso livro *Viagem ao Brasil*, como *attun*:

"Há uns insetozinhos parecidos com pulgas, porém menores, que se chamam Attun, *na língua dos selvagens. Criam-se nas cabanas, da sujeira da gente. Entram nos pés; só produzindo uma còcegazinha quando entram, e vão penetrando na carne de modo que quase não se percebe."*
Staden, *Viagem ao Brasil*, 173

Jean de Léry, no capítulo XI de sua *Históire d'un voyage*, já citada, registou o vocábulo como *ton*:

"Les Sauvages sont aussi persecutez en leurs personnes d'vne autre petite verminette qu ils nomment Ton:laquelle se trouant parmi la ter-

(33) — No trabalho *Doenças africanas no Brasil*, de Otávio de Freitas, publicado em 1935, no Rio de Janeiro, o autor, no capítulo XI, tenta provar a origem africana do ectoparasito.

re, & n'estãt pas du cõmencemẽt si grosse qu' vne petite pouce..."
Léry, *Histoire d'un voyage*, 181

Ambos, como estamos vendo, definem o parasito com absoluta perfeição.

Gabriel Soares em sua magistral obra (34), por mim inúmeras vêzes citada neste trabalho; José de Anchieta (35) e Luis Figueira (36), registaram o vocábulo, também, mas com a forma exata — *tunga*.

Apesar de se ter tornado, para nós, um vocábulo esquecido, êle se generalizou, entretanto, na nomenclatura científica, da mesma maneira que piã, devido aos notáveis trabalhos de Jarocki, publicados em 1938 e difundidos por Charles Rothschild.

É, pois, mais um amerigenismo que regressa, de tôrna-viagem, à língua portuguêsa.

(34) — Gabriel Soares, *Tratado descritivo*, 326.
(35) — Anchieta, *Arte de gramática*, 14.
(36) — Luís Figueira, *Arte de gramática*, 78.

CAPÍTULO IV

AS LINGUAGENS REGIONAIS

SUMÁRIO: As áreas de influência — O linguajar do nordeste — Área matogrossense — Área meridional — A língua do Rio Grande do Sul — O linguajar da Amazônia — Clacissismo e amerigenismo.

UM dos fenômenos que se apresentam mais interessantes, ao pesquisador de nossa lexicologia, é aquêle que se relaciona com a influência dos diferentes grupos lingüísticos americanos no linguajar brasileiro.

Muito ao contrário do que se julga, geralmente, a língua tupi, apesar de ter sido, evidentemente, aquela que mais contribuiu para o enriquecimento do contingente lexicográfico do português do Brasil, não foi, entretanto, a única.

São diversas, assim, as línguas indígenas americanas, além do tupí, que carrearam para o falar brasileiro, através de seus vários linguajares regionais, um bom e interessante rol de amerigenismos.

Comecemos, por exemplo, pela região setentrional do Brasil, onde aparecem, em primeiro lugar, como fornecedores dos maiores contingentes de amerigenismos, logo depois do tupí, os vários dialetos dos grupos lingüísticos aruacos e caribes.

Além dessas famílias lingüísticas, não tupís, também outras, em muito menor volume, porém, contribuiram para enriquecer o falar da gente amazônica,

tais como, entre outros linguajares, o pano (37) e o gê.

Tôda essa contribuição — *caribe, aruaca, pano* e *gê*, deriva de famílias lingüísticas indígenas radicadas no Brasil.

Aparecem, também, naquela imensa região setentrional, contribuições lexicográficas de algumas famílias lingüísticas americanas, que vivem fora do território brasileiro, tais como, e principalmente, os contingentes do *náuate* e do *quêchua*.

Até, sôbre essa contribuição do quêchua ao contingente lingüístico do português setentrional, há um fato, bastante significativo.

Sílvio Júlio, mestre seguro, sem contestação, de todos nós, que procuramos conhecer, com mais profundidade, as verdadeiras origens do vocabulário do português do Brasil, sobretudo na parte referente à influência dos dialetos americanos, que se incorporaram à nossa língua através das repúblicas platinas, em que, então, é o nosso mais completo tapejara, o nosso mais profundo baquiano, por ignorar, certamente, a influência do quêchua no português da região setentrional, onde realmente ela existe, embora em intensidade incomparàvelmente menor do que a que se verifica na linguagem sul-riograndense, declarou, ao estudar o vocábulo *tambo*:

> *"Não é só. No velho Perú dos incas, à margem dos caminhos, havia casas de descanso para viajores, com cama, alimento e lhamas, cujo leite bebiam. A tais pousos os amerígenas denominaram* tambos. *Ora, por substituição do objeto visado e extensão de sentido, êste vocábulo quéchua, no castelhano do Rio da Prata, designa estábulo. Dentro de nossas fronteiras políticas, apenas uma população — a sul-riograndense — adicionou à língua portuguêsa aquele têrmo indígena."*
>
> Sílvio Júlio, *Estudos gauchescos*, 104

(37) — Escreve sôbre a origem da denominação *Pano*, dêsses indígenas, o etnólogo peruano Victor M. Pinedo — "En el siglo XVI, este pueblo fué denominado *pano*, por los historiadores españoles, seguramente en razón de su belicosidad y como reminiscencias de las grandes dificultades que tuvieron los árabes para llegar hasta el monte Pano de los Pirineos en su lucha contra los cristianos". Victor Pinedo, *Hylea peruana*, 89.

Não foi, entretanto, a população sul-riograndense, apenas, como afirma Sílvio Júlio, a única a incorporar ao português do Brasil, através de sua linguagem regional, aquele vocábulo.

No caso de *tambo*, até, o significado regional do vocábulo, na região do Purús, está muito mais próximo de seu étimo quêchua, do que aquêle que possue a palavra no linguajar gauchesco, como poderemos verificar neste passo de Euclides da Cunha:

> *"Atingindo qualquer trecho onde os pés de caucho se descubram, levantam à beira de uma quebra o primeiro* tambo *de paxiuba e atiram-se à tarefa agitadissima."*
>
> Euclides, *Margem*, 86 (38)

A influência do náuate foi carreada, não só para os nossos linguajares regionais, como também para o português do Brasil, através de uma direta influência castelhana.

Já a influência do quêchua, no linguajar do Brasil setentrional, se deve, em última análise, a dois fatores primordiais — o primeiro dêles, conseqüência da proximidade geográfica, o intercâmbio entre os grupos lingüísticos da montanha e da planície, o que

(38) — Além dêsse exemplo de Euclides da Cunha, colhido, provàvelmente, durante as suas andanças pela região do Purús, quando por ali estêve, a serviço do Brasil, poderíamos citar diversos outros, tais como os seguintes — Alberto Rangel, *Inferno verde*, 186; Alberto Rangel, *Sombras nágua*, 217 e Armando de Almeida, *Pagelança*, 37.

veio proporcionar o conhecimento de alguns vocábulos, ainda que inexistentes em nosso território os objetos por êles designados, o que se verificou, possìvelmente, com *puna,* com *uaca,* com *pucara;* o segundo, talvez o mais importante, fornecido pela existência, entre nós, do próprio objeto designado, o que talvez haja proporcionado, com mais facilidade, a introdução do têrmo, o que aconteceu, provàvelmente, com *tambo, porongo, pongo, águano, chácara, lixiguana, pita* e alguns outros mais.

Sôbre êsse assunto é bastante convincente o que nos diz Victor Pinedo:

> *"Esta raza (los Incas) hizo llegar su lenguaje y cultura en grado pequeño hasta las márgenes de los ríos Ucayali, Huallaga y Marañon. Por la similitud de culto religioso, de organización social y de algunas costumbres domésticas parece que llegó a establecerse una corriente pacífica de relaciones entre los Incas y los aborigenes del rio Ucayali. Principiaba pues, a crearse una convivencia entre los hombres del Llano y los de las Alturas."*
>
> Victor Pinedo, *Hylea peruana,* 91

Além dêsse contingente ao léxico do português da América, trazido pelas línguas indígenas do Brasil setentrional, contingente êsse que constitui, inegàvelmente, a maior contribuição para o enriquecimento do vocabulário do linguajar brasileiro, outras famílias lingüísticas brasílicas, sem contar com a tupí, contribuiram, muito eficazmente, também, para o engrandecimento lexicológico do português do Brasil.

Assim, no nordeste brasileiro, por exemplo, aparece o cariri. Na região central brasileira surgem,

ainda, além do aruaco, representado, sobretudo, pela grande família dos Arití (39), o borôro e o carajá.

Na região meridional, finalmente, a grande influência que se faz sentir, deriva da família lingüística caingangue; além da influência específicamente no Rio Grande do Sul, de uma insofismável corrente de quechuismos, através do castelhano da América.

Em cinco grandes áreas poder-se-ia, de uma maneira geral, em relação às influências amerígenas não tupís na lexicologia brasílica, dividir o português do Brasil — a área nordestina, a área matogrossense, a área meridional, a área sul-riograndense e a área amazônica.

Vamos estudar, assim, cada uma dessas áreas, mas apenas quanto à influência lexicológica de origem não tupí, uma vez que a influência do tupí, no português do Brasil, é um fenômeno geral, que abrange tôdas as áreas brasileiras, fazendo-se sentir desde os sertões da Amazônia, no extremo norte, às últimas cochilhas do Rio Grande do Sul; desde a costa atlântica, à leste, até quase à vizinhança dos espaldões andinos, à oeste.

O que eu denomino, em relação às influências dos grupos lingüísticos não tupís na lexicologia brasílica, de área nordestina, é aquela que tem para centro geográfico o estado do Ceará, irradiando-se pelo Rio Grande do Norte, pela Paraíba, por Pernambuco e indo até à Bahia.

É nela que se localizam, não apenas nos amerigenismos, como também, em número maior, talvez, na

---

(39) — Apesar de viverem no território matogrossense algumas outras famílias lingüísticas aruacas — *Meináco, Uaurá, Custenaú, Iauarapití,* a família lingüística que mais contribuiu, realmente, para a linguagem matogrossense, foi a *Arití,* auto-denomisação do gentio conhecido, geralmente, pela denominação de *Paricí.*

toponímia, os étimos derivados de um dos menos estudados linguajares brasílicos — o cariri.

Não é das mais extensas, na verdade, a contribuição cariri ao português do Brasil; nem por isso, entretanto, o interêsse por essa contribuição deve diminuir, uma vez que ela se espalha por uma tão vasta região de nossa terra.

É possível que, com os estudos que estão sendo realizados por um grupo de dedicados pesquisadores, sôbre a lingua do gentio Cariri, essa minúscula relação de amerigenismos cariris aumente, pela identificação de muitos vocábulos, talvez provenientes daquela origem, que ainda não foram convenientemente estudados.

Eis alguns amerigenismos derivados dos linguajares cariris — *bogó, bendengó, mocó, aió, seridó, covoá, maceió, goití, ouricurí, parinarí, jericá, bugí,* entre os que foram por mim arrolados neste nosso estudo sôbre amerigenismos de origem não tupí.

A área matogrossense, constituida por Mato-Grosso e por Goiás, apesar de sua grande extensão geográfica, ou por isso mesmo, foi daquelas em que os diferentes grupos lingüísticos, de origem não tupí, nela existentes, não tiveram, na lexicologia brasílica, uma influência dominante.

Vários são aquêles grupos lingüísticos — borôros, aruacos, carajás, nambicuaras.

É por isso mesmo, muito reduzida a contribuição, ao português do Brasil, de étimos derivados daquelas origens.

Assim, derivados do borôro, podemos citar, entre outros — *paguemegera, baíto, bacururú, baquitel, bári, paríco, baragara.* Muito maior, na verdade, foi a contribuição borôro à toponímia matogrossense.

Do aruaco — representado, como já vimos, pela grande família Aritĺ — o contingente carreado para o lexico do português do Brasil, embora apreciável, é

incomparàvelmente menor do que o proveniente do grupo aruaco da área amazônica.

A essa origem devemos, entre vários outros, os seguintes amerigenismos — *amúre, utiaritĺ, zaiacuti, olonitĺ, iamacá,* além de uma numerosa contribuição à toponímia brasílica.

Do carája, a grande tribo de Mato-Grosso, muito poucos foram, na verdade, os vocábulos que passaram a ter curso no linguajar brasileiro, tendo sido a influência daquele grupo lingüístico brasílico bem maior na toponímia.

Entre os vocábulos daquela origem, que foram integrados na língua do Brasil, poderemos citar — *haruana, calogí, latí, ixió,* além de outros, estudados no presente trabalho.

Do nambicuara, tirante a influência nas denominações geográficas, conheço, na verdade, uma só contribuição ao português do Brasil, que é o vocábulo *xicé.*

É bem verdade, entretanto, que se tratava de um gentío pràticamente desconhecido antes de Rondon e de seus valorosos companheiros da Comissão de Linhas Telegráficas, numa arrancada verdadeiramente épica, se adentrarem pelos imensos sertões do noroeste brasileiro, na civilizadora missão de levar os fios telegráficos aos mais afastados rincões do Brasil interior.

Consideramos, em relação aos amerigenismos de origem não tupí, como área meridional, a constituida pelos Estados de São Paulo, Paraná e Santa Catarina, excluido o Estado do Rio Grande do Sul, que constitui, como já vimos, uma área independente.

O grupo lingüístico que mais influência teve nessa área, abstraindo, por certo, o tupí, foi o caingangue.

É verdade que a contribuição caingangue ao português do Brasil é bem diminuta; possívelmente, talvez, por não ter sido ainda convenientemente estudada. De algum tempo para cá, entretanto, alguns estudiosos, mais bem preparados para essa espécie de es-

tudos e muito mais bem equipados para essas interessantíssimas pesquisas, têm contribuido, de maneira bastante significativa, para um mais completo conhecimento daquele grupo lingüístico amerígena, proporcionando, paralelamente, um maior conhecimento sôbre a influência do mesmo no vocabulário do português do Brasil.

Entre aquêles poucos vocábulos de orígem caingangue, ocorrentes no linguajar da gente brasileira, poderemos citar — *congonha, carijo, julata, aquiquí, guruvicha* e alguns outros mais, todos convenientemente estudados nesse nosso trabalho.

Apesar de tão distanciadas uma da outra, como se encontram, a área sul-riograndense e a área amazônica têm muita coisa em comum — numa é corrente o vocabulário de origem nheengatú, que é o tupí setentrional, enquanto na outra é vulgar, também, a lexicologia derivada do guaraní, que é o tupí do sul; em ambas, ainda, além dessa influência predominantemente tupí-guaraní, aparecem, na primeira, uma influência dos grupos lingüísticos não tupís, derivada, principalmente, do caribe, do aruaco, do pano e do gê; enquanto na segunda surgem as influências de outros grupos lingüísticos, também não tupís, oriundos do quêchua, do aimára e do araucano ou mapuche.

Notam-se em ambas, igualmente, um elemento aparentemente divergente, o qual, entretanto, ainda mais as aproxima do que as separa, em relação às influências lingüísticas ibéricas.

No linguajar da gente amazônica a língua ibérica que mais contribuiu para a sua lexicologia histórica foi o velho idioma quinhentista de Portugal:

> *"Se a Amazônia é hoje, sem contestação, o pedaço do Brasil que conserva, como um verdadeiro escrínio, na linguagem popular, na língua de todos os dias, absolutamente vivos, o maior número de palavras indígenas, ela é, também, não há dúvida, um repositório notável de lusitanismos e de vocábulos quinhentistas e seiscentistas, o que não acontece em outras partes de nossa terra, em que permanecem ignorados ou esquecidos..."*
>
> Levy Cardoso, *Toponímia brasílica,* 162

Ao passo que na linguagem sul-riograndense o grande contingente lexicológico histórico é devido, sem sombra de dúvida, ao castelhano, não ao velho castelhano de quinhentos ou de seiscentos, mas, como nos ensina Sílvio Júlio, no livro interessantíssimo em que estuda, com admirável lucidez, o linguajar gauchesco:

> *"O que se tornou, desde o século XVI ou XVII, em Portugal e suas colônias inegável arcaismo, e continuou, todavia, no castelhano têrmo vigorante, popular, se na era setecentista começa a ser usado entre gaúchos sul-riograndenses, graças à presença do espanhol-platino, não deve classificar-se de arcaismo luso, porém de hispano-platinismo."*
>
> Sílvio Júlio, *Estudos gauchescos,* 232

Uma última similitude liga, ainda, as duas mais complexas áreas lingüísticas brasileiras — é que ambas foram aquelas que carrearam, primeiramente para as suas respectivas linguagens regionais e, depois, para o próprio português do Brasil, o maior contingente de amerigenismos não tupís.

Como estão estudados, detidamente, no decorrer dêste nosso trabalho, aquêles amerigenismos do linguajar gaúcho, citaremos aqui, entre os mais comumente empregados pela gente do Rio Grande do Sul, alguns dêles — *chanchulin, changuí, chasque, chilca, china, chiripá, guacho,* derivados do quêchua; sem contar um grande número de vocábulos da mesma orígem que, através da linguagem sul-riograndense, se espalhou por quase todo o português do Brasil — *cancha, cháca-*

ra, chucro, garapa, guaiaca, guampa, guasca, inhapa, mate, pampa, xarque e tantos outros mais.

Derivados do araucano ou mapuche correm, no falar corrente do guasca — *ponche, píola, pilchas*...

Vejamos, agora, os castelhanismos do dialeto gaúcho, isto é, aquêles vocábulos que entraram para a linguagem de todos os dias do Rio Grande do Sul, ou diretamente, o que aconteceu, apenas, com um pequeno número, ou, então, o que aconteceu com a maior parte dêles, através da linguagem das repúblicas platinas.

Citaremos alguns dêles, apenas, entre os de mais difundido uso na linguagem gaúcha — *pulperia, aperado, flete, marocha, entrevero, haragano, maula, milongagem, picana, cusco.*

A área lingüística da Amazônia é, com efeito, para o estudioso da lexicologia brasílica, um vasto e fecundo campo de pesquisas, infelizmente ainda muito pouco explorado, à qual só se poderá comparar a do Rio Grande do Sul, pela riqueza que também apresenta e, sobretudo, pela intensidade com que ambas influiram no enriquecimento do vocabulário do português do Brasil.

Três fatôres primordiais, como já vimos, concorreram para a miscigenação léxica do português da Amazônia — o nheengatú, ou tupí setentrional; o contingente de várias línguas indígenas americanas, além da tupí, tais como o caribe, o aruaco, o pano e o gê; e, finalmente, em menor escala, porém, alguns arcaismos da velha língua de quinhentos dos descobridores, que continuam, ainda hoje, inteiramente vivos na língua da Amazônia.

Entrecruzam-se, dêsse modo, no falar da gente amazônica, as velhas palavras da língua dos descobridores, com os mais saborosos e nativos amerigenismos, ainda reçumando o agreste aroma das florestas encantadas da hiléia grandiosa...

Assim, são amplamente usados, na língua diária, inúmeros tupinismos, grande parte dos quais desconhecidos em várias outras regiões do país, tais como, entre muitos outros — *xerimbabo, japá, curumim, de bubúia, cunhã, membeca, tipití, peconha, sagica, caruana, tupé, sacaí, mutã, igapó, piracuí, igarité, xibé, igarapé, piracema, igaçaba.*

Nem menor, também, é o número de amerigenismos derivados dos outros grupos lingüísticos americanos, que se integraram, de longa data, no linguajar brasílico do homem da Amazônia.

Temos, derivados do caribe, um grande contingente léxico, do qual alguns vocábulos se nacionalizaram, fixando-se no português do Brasil — *panacarica, balata, caimã, carapanã, caxirí, curare, louro, mamão, mico, manatim, matapí, mucura, patauá, piroga, sarabatana,* além de inúmeros outros, todos estudados neste trabalho.

Do aruaco, outra família lingüística que também concorreu, muito apreciàvelmente, para o enriquecimento do português da América, poderemos citar algumas palavras, muitas das quais passaram, igualmente, a figurar no linguajar do homem brasileiro — *canoa, batata, batéia, cacique, furacão, goiaba, guacima, macana, maizena, nígua, savana, tabaco* e muitos outros mais, arrolados neste trabalho.

Dos outros grupos lingüísticos que estão representados, também, no falar da gente amazônica, poderemos citar o pano, o gê e o quêchua, cuja contribuição à lexicologia do português do Brasil foi passada em revista, neste nosso estudo.

E são correntes, finalmente, nas expressões de cada dia da linguagem do povo, constituindo o fato uma das mais encantadoras simbioses lexicológicas, juntamente com aquêles amerigenismos, alguns classicismos genuinamente lusitanos — *aviador, assistir, apinchar, corrigir, terçado, curso, empachar, sobrôço,*

sessar, suro, teso, todos êles revividos da velha língua camoniana de quinhentos.

Ao falarmos dêsses classicismos lusitanos, no linguajar da gente amazônica, não queremos afirmar, entretanto, que o fato seja uma peculiaridade daquela área lingüística; êle é mais ou menos comum, com maior ou menor intensidade, em tôdas as regiões de nossa terra.

Devemos a Roquette-Pinto, o grande e saudoso mestre de brasilidade de todos nós, quando surpreendeu, em Mato-Grosso, ainda absolutamente vivo, o verbo *assistir,* com o significado de morar, a seguinte observação:

> *"Aquêle simples verbo exalava o perfume arcáico dos tempos coloniais. Tinha encontrado, numa das mais centrais cidades da América do Sul, uma expressão genuinamente lusitana, de que a imensa maioria dos brasileiros não usa mais. Numa cidade litorânea, fora as que se acham mui próximas de Portugal, seria hoje quase escandaloso empregar* assistir *por habitar ou morar."*
>
> Roquette-Pinto, *Rondônia,* 82

Mas Roquette-Pinto ignorava, por certo, por lhes desconhecer o linguajar, que o vocábulo *assistir* é corrente, ainda hoje, não apenas entre a gente da Amazônia, como já vimos, mas também entre o povo do nordeste e em muitos lugares de Minas Gerais.

A área nordestina é, talvez, juntamente com a da Amazônia, aquela em que mais vulgarizados estão, na língua do povo, os vocábulos arcáicos, constituidos de quinhentismos da velha língua portuguêsa.

Para se ter uma idéia da generalidade de seu uso nada mais é necessário do que percorrer o interessantíssimo capítulo que, sôbre a *Lexicologia,* parte integrante do excelente trabalho que é *A língua do nordeste* (40), escreveu Mário Marroquim.

Numa das áreas lingüísticas de nossa terra, apenas, na área sul-riograndense, é que os classicismos lusitanos quase, pràticamente, não existem.

No linguajar dos gaúchos poderemos citar, realmente, como verdadeiros quinhentismos lusitanos, muito poucos vocábulos: *monarca,* com o significado de campeiro vestido e armado com luxo; *monarquiar,* maneira arrogante e espalhafatosa de ostentar as coisas; *suro,* rabicó, descaudado; *ginete,* com o sentido clássico de cavaleiro; *têso,* com o significado quinhentista de elevado e, realmente, um ou outro mais (41).

Os vocábulos *monarca* e *monarquiar* são correntes no linguajar do povo do Rio Grande do Sul:

> *"Nos meus pagos sou môço conhecido*
> *por* monarca *de grande opinião;*
> *Tenho fama em todo êste rincão,*
> *E, por Deus, que sou quebra destemido."*
>
> Augústo Meyer, *Cancioneiro gaúcho,* 208

E, em Diogo do Couto, encontramos a abonação clássica:

> *"... e, tirado da casa de um vilão lavrador, donde se criou, vem cá em quatro dias* monarquiar."
>
> Diogo do Couto, *O soldado prático,* 50

É corrente, também, na fala do gaúcho, o vocábulo *ginete,* com o sentido de cavaleiro:

---

(40) — Mário Marroquim, *A língua do nordeste,* São Paulo, 1934.

(41) — Sílvio Júlio em seu magnífico trabalho *Estudos gauchescos de literatura e folclore* estuda, com absoluta clareza, êste interessante capítulo dos arcaísmos lusitanos no linguajar da gente guasca.

"As peças gabadas, de metal branco, fingindo prata, eram, de fato, dignas de um ginete *môço e folheiro.*
Alcides Maya, *Ruínas Vivas,* 20

Nem menos usado é o quinhentismo *suro*:

"Foi - ra... raaac! — e a china viu-se sôlta, mas sura *da trança, tosada, tosquiada, como égua chucra, que cerdeia a talhos brutos, ponta abaixo, ponta acima..."*
Simões Lopes Neto, *Contos gauchescos,* 185

Um exemplo quinhentista do vocábulo nos fornece Gil Vicente:

"Eu não juro nem esconjuro,
Mas galo negro suro
Cantou no meu monturo."
Gil Vicente, *Obras,* II, 296

E, finalmente, o classicismo *têso*:

"À extremidade, na volta do têso, *afogando a corrente, projetava-se sôbre o terreno, em declive quase insensível, um capão de talas, corticeiras e branquilhos."*
Alcides Maya, *Ruínas Vivas,* 20

Em dois dos mais primorosos clássicos da língua portuguêsa, João de Barros e Frei Luís de Sousa, temos a abonação para o quinhentismo, que é empregado largamente, também, na língua (42) da Amazônia:

"Mas êles não esperavam por isso, porque como viram que a frota vinha contrêles e que o batel tornava outra vez à praia, fugiram dela:

(42) — Basta citar, entre uma infinidade dêles, os seguintes exemplos — Alberto Rangel, *Inferno Verde,* 135; Raimundo Morais, *Planície,* 101 e Amando Mendes, *Pescarias amazônicas,* 147.

e puzeram-se em um teso *soberbo, todos apinhados a ver o que os nossos faziam."*
João de Barros, *Ásia,* 152

"E após isto subiu-se a um teso *sôbre o mar, donde fôsse visto dos que iam e êle pudesse notar o que faziam."*
Luís de Sousa, *Anais de D. João III,* I, 112

PARTE II

AMERIGENISMOS

95

I

ÉTIMOS CARIBES

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

AMAPÁ

Amapá é a denominação de um vegetal, bastante comum na Guiana Brasileira, o qual foi assim definido por Augusto Emílio Goeldi:

> "*Amapá — Há, ainda hoje, uma árvore com o mesmo nome, freqüente na Amazônia e na Guiana. É uma apocinácea, ainda não bem estudada, porém provàvelmente próxima parenta dos gêneros* couma e Hancornia."
>
> Goeldi, *Escavações arquológicas*, 40

Antônio Ladisláu Monteiro Baena, um dos clássicos em assuntos amazônicos, nos informa:

> "*Amapá: árvore alta da beira dos rios, que produz fruta mui doce do mesmo nome, vermelha por dentro e enfuscada por fora. Tem leite branco.*"
>
> Monteiro Baena, *Ensáio corográfico*, 35

A árvore se tornou famosa na medicina popular da gente da Amazônia, porque produz um látex, regionalmente conhecido pela denominação de *leite de amapá*, que é, entre o povo, muito afamado como específico contra as afecções catarrais.

Osvaldo Orico em seu interessante *Vocabulário de crendices amazônicas* declara:

"Árvore que deita um suco leitoso e medicinal, empregado em quase tôda a região contra qualquer espécie de feridas ou mordeduras. Não há família que não tenha sempre em casa uma garrafinha de leite de amapá."

Osvaldo Orico, *Crendices*, 22

A denominação da famosa árvore apresenta, para todos nós, atualmente, uma grande importância — é que ela emprestou o seu nome à toponímia do território desmembrado do Estado do Pará — o *Território do Amapá.*

Vejamos, agora, a etimologia da palavra.

Excluída a tupimania reinante, pois até Stradelli aponta um étimo tupí, o vocábulo deriva, evidentemente, do linguajar caribe.

Ninguém em melhores condições para esclarecer a verdadeira origem da toponímia de *Amapá* e, conseqüentemente, a etimologia do vocábulo, do que os heróicos sertanistas e fronteiros que integram as nossas comissões demarcadoras.

Ouçamo-los, pois.

Vejamos, em primeiro lugar, o que nos ensina êsse raiano, simples e eficiente, valoroso e culto, que é Luís de Sousa Martins:

"A toponímia deriva do vocábulo amapá, nome pelo qual é vulgarmente conhecida, pelos indígenas caribes, a hancornia, famosa pelo notável látex que produz, muito conhecido pelo nome de leite de amapá."

Sousa Martins, *Campanha do Mapuera*, 31

E, agora, a lição dêsse outro fronteiro, magnífico conhecedor da Guiana Brasileira, que é Rubens Nelson Alves:

"Pelo nome de amapá *é conhecida do gentio caribe, em tôda a região fronteiriça do Brasil com as Guianas, uma gomífera, justamente célebre, na Amazônia, pelo famoso* leite de amapá, *que dela se extrái."*

Rubens Alves, *Campanha do Majarí*, 27

Além da informação dêsses autores, posso trazer ao assunto, ainda, a minha contribuição pessoal. Na longa convivência que mantive com os silvícolas daquela região, conhecida como Guiana Brasileira, verifiquei que todos êles crismavam a árvore com o nome de *amapá.*

É *amapá*, pois, um vocábulo de origem caribe, corrente no linguajar da gente da Amazônia e já hoje, dada a importância da palavra na toponímia brasílica, bastante comum no português do Brasil, tanto que o vocábulo já foi arrolado no *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguêsa.*

ARAUATÓ

Um dos vocábulos de mais espalhado uso, nos linguajares caribes da Amazônia, é *arauatá*, significando o símio conhecido pelo nome científico de *alouata seniculus*, que nada mais é do que o nosso muito conhecido bugio, guariba ou barbado.

O primeiro vocabularista de amerigenismos, que foi Antônio de Alcedo, já o arrolara, aliás, em seu precioso *Vocabulário de las voces provinciales de la América*:

"Araguatá — mono grande y corpolento, de color bermejo y con barbas como los cabrones, de feo aspecto: los hay en la Provincia de Guayana y en la Venezuela, particularmente en el Piritú."

Alcedo, *Vocabulário*, 16

Abonemos o emprêgo do vocábulo com o seguinte passo:

> *"Logo que deixamos a ubá no remanso do igarapé e nos dirigimos para a mata, ouvimos um ruído ensurdecedor, que nada mais era do que o canto de um bando de* arauatós, *chefiados pelo seu capelão."*
>
> Armando de Almeida, *Pagelança*, 53

Já dissemos, quanto à etimologia, tratar-se de um vocábulo derivado do caribe.

Além de nosso testemunho pessoal, uma vez que colhemos, entre a indiada caribe da Amazônia, o vocábulo *arœuatá* como o étimo do vocábulo que denomina o símio por nós conhecido pelos nomes de *bugio, guariba, barbado, arauatá,* ainda poderemos citar a opinião de alguns amerigenistas que estudaram o assunto.

Assim, Claudius Henricus de Goeje, profundo conhecedor dos dialetos caribes da Amazônia e da Guiana, em seus formosíssimos *Études linguistiques caraïbes,* magnífico repositório de conhecimentos daqueles linguajares, estudando o vocábulo dá, para origem do mesmo, o caribe *arauatá.* (43)

Georg Friederici, em *Hilfswôrterbuch für den Amerikanisten* dá, para *araguató,* o étimo caribe *arauatá.* (44)

Tavera-Acosta, conhecedor exímio do caribe de terra-firme, também dá o mesmo étimo para *araguató.* (45)

Estudaram, ainda, o vocábulo — Jules Crevaux,

(43) — De Goeje, *Études caraïbes,* 38.
(44) — Friederici, *Hilfswörterbuch,* s.v.
(45) — Tavera-Acosta, *Rionegro,* 105.

no *Vocabulaire français-roucouyenne* (46); Rubens Nelson Alves, no *Vocabulário Rangupiquí* (47); Cândido Rondon, no *Vocabulário da Tribo Taurepã* (48); Theodor Koch-Grünberg, no *Vocabulário dos Taurepã* (49) e Henri Coudreau, no *Vocabulário dos Uaiana,* (50)

O vocábulo *arauató* aparece, às vêzes, escrito sob a forma *araguató.* É um fenômeno comum aos vocábulos das línguas indígenas americanas, ao se transliterarem, para o português do Brasil, transformarem o grupo vocálico *ua* em *gua.* Os exemplos são inúmeros. Apontemos, porém, alguns, apenas.

Do nome do gentio caribe *Uaiana* é que se derivou a toponimia das três colônias que a França, a Holanda e a Inglaterra possuem ao norte da América meridional — as *Guianas.*

Quanto à pronúncia do vocábulo ser, atualmente, *Guiana e* não *Guaiana,* é de notar-se que, entre nós, era usada, nos séculos XVIII e XIX, a de *Guaiana,* conforme poderemos observar, não só no seguinte exemplo do Padre José Monteiro de Noronha, escritor do século XVIII, que subiu o Amazonas em 1768:

> *"As terras de Macapá são abertas e com interpsição de algumas matas, continuam os campos por todo o comprimento da Guaiana."*
>
> Monteiro de Noronha, *Roteiro da viagem,* 15

como, ainda, neste outro exemplo, de Domingos Soares Ferreira Pena, antigo diretor do Museu do Pará e exímio conhecedor das coisas da Amazônia:

(46) — Crevaux, *Grammaires et vocabulaires,* 2.
(47) — Rubens Alves, *Rangupiquí,* 11.
(48) — Rondon, *Glossário geral,* I, 231.
(49) — Koch-Grünberg, *Roroima,* IV, 35.
(50) — Coudreau, *Vocabulaires méthodiques,* 27.

"Regressando de Santarém seguí desta cidade para Monte-Alegre, situada na Guaiana."
Ferreira Pena, *Pará*, 118

E não é só entre os nossos historiadores, sertanistas e viajantes que aparecia, anteriormente, o topônimo grafado dessa maneira. Ela é comum, também, nos escritores espanhóis.

O Padre José Gumilla, famoso missionário do Orinoco, no século XVII, não era de outra maneira que escrevia, nem ao se referir ao gentio que deu nome à região, nem à própria região:

"Los índios de la nación Guayana *son de genio duro y belicoso."*
Gumilla, *Orinoco*, I, 40

e, mais adiante:

"... y todavia, de cuando en cuando, se alborotan de modo que, a no socorrerlos (como hacen cuando es menester, los soldados y vecinos de la Guayana se vieran en gravísimos ríesgos de sus vidas."
Gumilla, *Orinoco*, II, 140

Além dêsse exemplo do vocábulo *uaiana*, poderíamos citar, ainda — *uacima, huampa, huaiaca e huasca*, que se transliteraram, para o português do Brasil, como — *guacima, guampa, guaiaca* e *guasca*.

O vocábulo *tauá*, que designa a argila colorida pelo óxido de ferro, foi utilizado, de acôrdo com êsse princípio, pelo clássico estilista das letras nacionais, que foi D. Francisco de Aquino Corrêa, sob a forma *taguá*:

"Das margens do Barreiro, tributário do Garças, que ainda avermelhavam, ao longe, em afloramentos de taguá, *enfiáramos direito pelo norte magnético, rumo ao rio das Mortes."*
Aquino Corrêa, *Boróros*, 11

Assim, o vocábulo *arauató*, é, pois, mais um amerigenismo do português do Brasil derivado do caribe. Apesar de não ter sido relacionado pelo *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguêsa*, foi arrolado, porém, no *Pequeno vocabulário ortográfico da língua portuguêsa*, da Academia Brasileira de Letras.

BALATA

A *balata* é uma das gomíferas mais reputadas na Amazônia, pela esplêndida qualidade do látex fornecido, contendo uma alta percentagem de guta, até então explorada, ùnicamente, em Sumatra.

Foi um verdadeiro delírio quando a descobriram, o que levou Aurélio Pinheiro a escrever:

"Durante seis anos os balatais *foram a loucura, o arrebatamento, a furiosa ganância de ádvenas e nativos, que varavam as florestas em tôdas as direções, em busca da maçaranduba salvadora."*
Aurélio Pinheiro, *À margem do Amazonas*, 78

É por essa razão, justamente, um vocábulo corrente no linguajar da gente amazônica, tendo ingressado, mais tarde, no vocabulário do português do Brasil.

Vamos citar, como abonação de seu uso, dois únicos exemplos. O primeiro, de Raimundo Morais, nativo caboclo da Amazônia:

"Basta para isso que a indústria extrativa seja substituida pela indústria agrícola, tornando o seringueiro lavrador, o caucheiro em pastor. Em vez da borracha, o arroz; em lugar da balata, *o gado."*
Raimundo Morais, *Planície*, 179

O outro, de um dos grandes enamorados da grandiosa hiléia, que é Gastão Cruls:

"Dessas árvores, porém, não poucas far-se-ão exclusivamente procuradas pelas suas propriedades gomíferas, a começar pela seringueira, cujo valioso látex foi, por muito tempo, o ouro negro da região, e sem esquecer o caucho, a balata, *a ucuquirana, a murupita e muitas maçarandubas."*
Gastão Cruls, *Hiléia,* 22

A etimologia do vocábulo, como vamos ver, deriva do caribe.

Além de nossa própria contribuição pessoal, já que colhemos, em várias tribos caribes da Amazônia, o referido étimo, sempre pronunciado como vocábulo oxítono — *balatá,* poderemos citar, ainda, outros autores que testemunham a sua origem caribe.

Antônio Pojucan Cavalcanti, empolgante figura entre os demarcadores brasileiros, infelizmente já desaparecido, sertanista da mais pura estirpe, extraordinário e autêntico tapejara na demarcação de nossas fronteiras setentrionais, entusiasta estudioso da geografia brasílica e de nossas línguas indígenas, arrolou a palavra no vocabulário dos Pianocotó (51).

Curt Nimuendajú, o esmeradíssimo conhecedor de nossos dialetos caribes, dá o vocábulo como integrando o vocabulário dos Aparaí (52).

E, finalmente, Martius, um dos pioneiros no estudo dos linguajares de nossos aborígenes, o catalogou no vocabulário dos Galibí (53).

A deslocação da tônica, que se verifica na transliteração do vocábulo caribe para o português, não é exemplo único; ao contrário, é um fenômeno lingüís-

(51) — Pojucan Cavalcanti, *Pianocotó,* 8.
(52) — Nimuendajú, *Aparaí,* 822.
(53) — Martius, *Glossaria,* 364.

tico que ocorre, algumas vêzes, na passagem dos amerigenismos para o português do Brasil.

Entre outros, poderemos citar os seguintes exemplos — do aruaco, *canauá;* do caribe, *mecú, balatá;* do quêchua, *kúntur,* que se transformaram, em sua passagem para a nossa língua, respectivamente, em *canoa, mico, balata, condor.*

É êsse, além de comum, um fenômeno lingüístico já bastante antigo na história do português do Brasil.

O que é sumamente interessante, porém, é que a recíproca também é verdadeira, isto é, um fenômeno idêntico se processa, com os nossos amerabas, quando incorporam, aos seus nativos linguajares, as palavras da língua dos conquistadores.

É o que se verifica, por exemplo, quando transliteram os tupís, para o seu linguajar, o vocábulo português *cruz* — que se transformou em *curuçá.*

E não é só entre a indiada tupí que se observa, nessa passagem, o deslocamento da tônica.

Eu próprio, no contato que mantive, durante largo tempo, com a indiada caribe, pude observar, diretamente, o fato, que não ocorre, apenas, em relação a algumas palavras já incorporadas, de séculos, aos seus linguajares, como por exemplo com *aracabuxá,* que é como êles designam qualquer arma de fôgo, que nada mais é do que uma deturpação do vocábulo quinhentista *arcabuz;* com *camixá,* que significa qualquer pano ou roupa, simples deturpação do vocábulo *camisa.*

O fato se verifica, também, o que realmente nos chamou a atenção, com as palavras que êles não conheciam, referentes a objetos cujos nomes nos perguntavam.

Lembro-me de que Xamukendê, o filho do tuxáua Auacá, dos Maraxó da Maloca do Marapí, na região das cabeceiras do Trombetas, vivo e inteligente, com uma extraordinária curiosidade por tudo que não co-

nhecia, pronunciava os vocábulos portuguêses *sal, agulha, papel,* que nós lhe ensinávamos, da seguinte maneira — *sautá, acuxá, pampirâ.*

Com a transliteração do último vocábulo ocorreu, até, imprevistamente, um fato curiosíssimo — é que uma pessoa menos advertida, sem o hábito do trato com os nossos brasis, iria ficar bastante intrigada pela existência, em tribos caribes da Guiana Brasileira, em plena selva selvagem, de um étimo tão genuinamente helênico...

O vocábulo do português do Brasil *balata,* já dicionarizado pelo *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguêsa,* é, assim, uma nova contribuição com que enriqueceu a nossa língua um dos mais opulentos linguajares indígenas americanos — o caribe.

CAIMÃ

O vocábulo *caimã* (54) é encontradiço, com bastante freqüência, na literatura regional da Amazônia, com o significado de jacaré, tendo sido já relacionado no *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguêsa.*

Citemos, como abonação da palavra, alguns exemplos de escritores da planície.

A primeira citação é de Ramaiana de Chevalier que, com as encantadoras páginas do *Circo sem teto da Amazônia,* contribuiu, com um dos mais fortes ensáios, para um mais perfeito conhecimento da terra imatura:

> *"E o seu corpo, môço, entre os mururés, transitava, no silêncio das braçadas, despresando as mandíbulas emersas dos* caimãs, *que eram, na meia tinta dilucular, à flor dágua espelhada, manchas de pré-história no painel imaturo."*
> Ramaiana de Chevalier, *Circo,* 38

(54) — O vocábulo aparece, quase sempre, com a grafia *caimã;* raras vêzes, porém, surge sob a forma *caimão.*

O outro exemplo é de Henrique Jorge Hurley, um dos mais perfeitos conhecedores da famosa Hiléia:

> *"Vinga-se, na hora oportuna, sem alarde, sem bravata, friamente, sorrindo, feliz, sôbre as ruinas do inimigo, gemendo entre dentes a sua vitória, como os* caimãs *fartos, repousando entre os xarões das vitórias régias."*
> Jorge Hurley, *Itarana,* 16

E, finalmente, uma abonação de escritor que não é da Amazônia:

> *"A serpente, o jaguar e o* caimã *ou jacaré são os tiranos das regiões equatoriais da América. As lendas e episódios em que estas são os protagonistas povoam a memória do índio."*
> Teodoro Sampaio, *Naturalistas viajantes,* 57

Estudemos, agora, a etimologia do vocábulo.

Foi êle usado, pela primeira vez, por Pedro Mártir de Anghiera, nas suas famosas *Décadas del nuevo Mundo,* escritas ainda antes do ano de mil e quinhentos (55). Secundou-o, pouco tempo depois, Gonzalo Fernandez de Oviedo, que o empregou na sua *Historia general y natural de las Indias.* (56)

Isso prova, inicialmente, a sua origem antilhana.

Antônio de Alcedo foi o primeiro a catalogar, no *Vocabulário de las voces provinciales de la América,* que integra o volume V do *Dicionario geográfico-historico de las Indias Occidentales ó América,* o vocábulo

(55) — Anghiera, *Décadas,* 130.
(56) — Oviedo, *História,* II, 128.

caimán, como amerigenismo de uso no espanhol da América.

O primeiro que o dicionarizou, apontando a sua origem caribe, foi o padre Raymond Bréton, no seu precioso *Dictionnaire françois-caraïbe,* publicado, pela primeira vez, em Auxerre, em 1666.

Arrolou-o, também, na mesma época, no formoso livro em que estuda os Galibí, Antoine Biet, que *Gourmet,* como todo bom francês, faz a apologia do magnífico manjar, que é a cauda do *caimã*:

> *"Le nom de* caiman *a été importé das les langues d'Europe par les Espagnols et les Portugais, mais dans l'état actuel de la science, il s'applique aux crocodiles du genre aligator. La queue de caiman, rôtie, offre, dit-on, un mets delicieux."*
> Biet, *Les Galibis,* 21

Martius relacionou o vocábulo, sob a forma de *cayman,* no vocabulário caribe dos Galibí. (57)

Um dos mais profundos conhecedores, em todos os tempos, dos americanismos antilhanos, isto é, dos amerigenismos derivados do aruaco e do caribe, foi, incontestàvelmente, o brilhantíssimo filólogo argentino, que foi Pedro Henríquez Ureña, oriundo de família de Santo Domingo.

Ureña, no formosíssimo repositório de conhecimentos sôbre amerigenismos, que é êsse notável *Para la historia de los indigenismos,* nos ensina a origem caribe do vocábulo (58), lição que reafirma, pouco tempo depois, nesse outro precioso trabalho que é *El español en Santo Domingo.* (59)

---

(57) — Martius, *Glossaria,* 361.
(58) — Ureña, *Indigenismos,* 106.
(59) — Ureña, *El español en Santo Domingo,* 128.

O vocábulo *caimã* é, pois, como acabamos de ver, mais uma contribuição do caribe ao português do Brasil.

CAMAIUÁ

Uma das armas de guerra mais perigosas de nossos silvícolas é o *curabí.* Foi com essa arma que o bravio gentio Maiuruna atacou a Comissão Mixta encarregada da delimitação da fronteira Brasil-Perú, cujos chefes eram, respectivamente, pelo lado do Brasil, o Capitão de Fragata Costa Azevedo e, pelo Perú, o Dr. Paz Soldán. Neste ataque pereceu o Comandante João Soares Pinto, da Marinha Brasileira, que servia naquela Comissão, tendo perdido uma perna o chefe peruano Paz Soldán.

O *curabí* se divide em três partes essenciais — a *camaiuá,* que é a haste de flexa: a *suumba,* que é o fuso e o *itapuá, que* é a pedra de ponta.

Pois bem, essa *camaiuá,* que é, pròpriamente, a haste de flexa, tem como etimologia de seu nome o vocábulo caribe *camaiuá,* que em alguns linguajares caribes da Amazônia significa o marimbondo ou, segundo o linguajar regional, a *caba.*

É um vocábulo corrente na linguagem da gente amazônica, bastando, para aboná-lo, citar o exemplo de um dos maiores estilistas da Amazônia:

> *"O ataque não se fêz esperar; foi presto e violento; recruzaram-se sôbre o rio os hervados e flangíveis* curabís, *fuzilando sôbre o mostrengo flutuante."*
> Alfredo Ladislau, *Terra imatura,* 122

Gastão Cruls nos fornece, também, um exemplo:

> *"A* camaiuá *pròpriamente dita, feita da haste floral do* Gymnerium saccaharoides, *é por vêzes*

empenada na extremidade inferior, que também pode ser revestida de resina..."
Gastão Cruls, *Hiléia*, 231

Não consegui, em minhas pesquisas sôbre as denominações em que se divide o *curabí*, arma do gentio caribe, encontrar a verdadeira orígem do vocábulo *suumba; itapuá* é, visivelmente, uma denominação tupí, que substituiu a primitiva denominação caribe ou seja, talvez, uma deturpação do nome caribe acomodado ao tupí.

A explicação da etimologia do vocábulo, que me forneceu Xamukendê, filho do tuxáua Auacá, da maloca Maraxó, do Marapí, para que a haste do curabí se chamasse de *camaiuá*, foi a seguinte, e que justifica, perfeitamente, a denominação — é que quando a *camaiuá* é atirada, o ruído que ela faz lembra o de um marimbondo em vôo.

Só quem já ouviu o ruído da *camaiuá* é que poderá aquilatar a absoluta razão daquela etimologia.

Apesar de não ter sido o vocábulo relacionado, nem no *Pequeno dicionário brasileiro*, nem no *Pequeno vocabulário ortográfico*, é mais um amerigenismo corrente na língua da gente amazônica, derivado de um dos linguajares caribes.

CANAIMÉ

Na mitologia dos Taurepã, gentio caribe da Guiana Brasileira, *canaimé* representa um verdadeiro espírito maligno, um gênio do mal, um demônio.

Theodor Koch-Grünberg, no excelente estudo sôbre os mitos e as lendas dos índios Taurepã e Arecuná, que constitui o segundo volume do notável trabalho que é *Vom Roroima Zum Orinoco*, que foi traduzido para o português, recentemente, por Henrique Roenick e publicado pela *Revista do Museu Paulista*, diz:

"*Não obstante o parentesco próximo da sua língua com a dos Taurepã e Arecuná, foram os Ingaricó em tempos idos seus inimigos figadais, e ainda hoje são temidos pelos seus vizinhos que os têm como Canaimé, assassinos ocultos e mágicos perversos.*"
Koch-Grünberg, *Mitos e lendas*, 24

É ainda com o sentido de demônio que utilizou o vocábulo êsse admirável paisagista da Amazônia, que foi Alberto Rangel:

"*É uma das façanhas do* Canaimé, *dêsse aventureiro da morte — homem vampiro, às cegas pelas brenhas, no cumprimento do seu mandato de terror e de sangue.*"
Alberto Rangel, *Sombras água*, 275

O vocábulo *canaimé* possue, ainda, no português da Amazônia, além daquele sentido específico de demônio, o significado de *caraiúa* perverso, isto é, de civilizado mau e perseguidor do silvícola, espécie de gente essa ainda não totalmente extinta, para desespêro de todos os indigenistas do Brasil.

E é com êsse significado que apontamos o seguinte passo, colhido em Barbosa Rodrigues:

"*Ao partirem, estando eu no alto do lajedo do pôrto, chegou-se a mim o Papá e pediu-me a bênção, isto é, a imposição de minhas mãos sôbre sua cabeça, soprando-a, a fim de protegê-lo contra o ataque dos* canaimés *ou brancos inimigos.*"
Barbosa Rodrigues, *Crichanás*, 126.

Quanto à etimologia já vimos tratar-se de um vocábulo oriundo de um linguajar caribe. Além de meu depoimento pessoal, pois colhí o vocábulo entre a in-

diada caribe, com aquêles significados já apontados, posso trazer a contribuição de outros estudiosos dos linguajares caribes da Amazônia.

Bartolomé Tavera-Acosta, um dos mais profundos conhecedores do caribe de terra-firme, relacionou no seu interessante *Vocabulário Arecuna,* entre outros, o vocábulo *canaimé,* para o qual apontou o significado de *diabo.* (60)

Rubens Nelson Alves, esmerado conhecedor dos dialetos caribes, relacionou no vocabulário dos Macuxí o vocábulo *canaimé,* que traduziu, muito corretamente, como demônio. (61)

João Barbosa Rodrigues arrolou, também, no vocabulário dos Macuxí, o vocábulo *canaimé,* com o significado do inimigo. (62)

Theodor Koch-Grünberg também relacionou o têrmo no vocabulário dos Taurepã, com a significação de diabo. (63)

CARAPANÃ

Uma das palavras de mais generalizado uso, na língua da gente amazônica é, possívelmente, o vocábulo *carapanã,* que alí possue, de uma maneira geral, o mesmo significado que tem, no linguajar carioca, o vocábulo mosquito.

Hermano Ribeiro da Silva, tão precòcemente desaparecido, na exuberância de uma mocidade irradiante de simpatia, de cuja maturidade muito se poderia esperar, em *Nos sertões do Araguáia,* livro extraordinário, que é um reflexo de sua vida trepidante de entusiasmo, escreveu o seguinte trecho, que aqui transcrevemos:

---

(60) — Tavera-Acosta, *Venezuela,* 161.
(61) — Rubens Alves, *Macuxí,* 17.
(62) — Barbosa Rodrigues, *Crichanás,* 252.
(63) — Koch-Grünberg, *Roroima,* IV, 252.

> *"E desde a tardinha as muriçosas (pernilongos no sul e* carapanãs *no Amazonas), procriadas nas águas estagnadas, estreiam o martírio dos seus zumbidos e das ferroadas incensantes."*
> Ribeiro da Silva, *Araguáia,* 168

Raimundo Morais, grande conhecedor das coisas amazônicas, confirma essa sinonímia, quando diz:

> *Wappaeus, na sua* Geografia do Brasil, *englobou todos os mosquitos na fórmula genérica de* carapanã, *traduzindo assim a maneira geral do povo da planície, que a todos os mosquitos chama* carapanã."
> Raimundo Morais, *Aluvião,* 86

É tão generalizado o uso do vocábulo, tanta influência exerce na vida da gente amazônica, que se fêz sentir essa influência na própria toponímia.

São vários, na corografia da Amazônia, os topônimos com aquela denominação.

Poderemos citar, como exemplo de nome de rio, o seguinte passo de Henri Coudreau:

> *"En aval du confluent du Kouc se trouve le village oyampi de Couroua. Un peu en amont de ce village, rive gauche, se trouve la crique* Carapanã, *à peu prés de l'importance du Rouapir."*
> Coudreau, *Chez nos Indiens,* 534

O outro, de Dionísio Cerqueira, antigo demarcador da fronteira do Brasil com a Venezuela, referente ao nome de uma ilha:

> *"Sesteamos em* Carapanã, *ilha defronte da boca do Uaupés. Às quatro horas da tarde, deixamos para trás Cabarí e uma hora depois chegamos a S. Gabriel."*
> Dionisio Cerqueira, *Fronteira,* 189

Citemos, finalmente, uma abonação do vocábulo fornecida por um escritor que, tendo escrito sôbre a Amazônia, não é filho da região:

> *"Senhor da fáuna grandiosa e vária que soa do rugido estarrecedor repougado das fauces escancaradas do tigre temeroso ao pio melodioso da medrosa juritĩ e ao zum-zum irritante da carapanã...* (64)
>
> Pinto Pessoa, *Selva selvagem*, 67

Estudemos, finalmente, a etimologia do vocábulo.

A palavra *carapanã* já foi dicionarizada pelo *Pequeno dicionário brasileiro e* deriva, como iremos ver, de um étimo caribe. Atestam aquela origem dois dos mais profundos conhecedores dos linguajares caribes — De Goeje e Tavera-Acosta.

Claudius Henricus de Goeje dá, para étimo do vocábulo, o galibi *karapanã* (65) e Bartolomé Tavera-Acosta o deriva do caribe *carapaná.* (66)

Não há dúvida, pois, que o amerigenismo *carapanã,* do português da Amazônia, deriva do linguajar caribe dos Galibi, o qual, pelos estudos lingüísticos por mim realizados e que, por absoluta falta de tempo, não pude ainda concluir, foi o que mais contribuiu para o patrimônio lexicográfico da língua da gente da Amazônia e, através dela, o que mais cooperou para opulentar, com vocábulos derivados do caribe, não sòmente o português do Brasil, como a própria língua portuguêsa.

---

(64) — Na Amazônia nunca ouvi, uma única vez, siquer, o vocábulo usado no feminino.

(65) — De Goeje, *Études caraïbes,* 50.

(66) — Tavera-Acosta, *Venezuela,* 76.

CATÁURO

Nos entreatos de minha missão de demarcador das fronteiras setentrionais do Brasil eu me dedicava, com um grande carinho, ao estudo do linguajar de nossos brasís, interessado em poder descobrir, sobretudo, com absoluta segurança, a verdadeira origem de nossas denominações geográficas.

Como uma decorrência lógica e natural, passei a interessar-me, também, pelo estudo comparativo dos dois linguajares da Amazônia, excluído o tupí, que maior área ocupam e que são, precisamente, o caribe e o aruaco.

Senti-me solicitado, à medida que me aprofundava nessa ordem de estudos, tão intensamente por êles, que passei a estudar, de maneira sistemàtica, aquêles dialetos, incontestàvelmente dois grandes e fecundos mananciais de que deriva, não apenas para o português da gente da Amazônia, mas para o próprio português do Brasil, um apreciável número de amerigenismos.

O fator tempo, porém, imperativo e trágico, imensamente curto, de que dispomos, para escrever esta desvaliosa tese sôbre a contribuição dos amerigenismos ao português do Brasil, não nos permite que nos alonguemos, em virtude de outras atividades, que nos solicitam, também, grande parte de nosso tempo, na realização de um minucioso estudo lexicográfico, como fôra nosso desejo, sôbre cada um dos amerigenismos que estamos relacionando neste trabalho.

Retornemos, pois, ao estudo do vocábulo *catáuro.*

Posso informar, como uma contribuição pessoal, que o vocábulo *cataurí,* com o significado quase geral de cesto de palha, que os indígenas carregam às costas, principalmente as mulheres, prêso por um tirante que

passa pela testa, é um vocábulo que existe em quase tôdas as linguas caribes da Amazônia.

É a palavra um sinônimo perfeito do vocábulo *jamaxí*, inexplicàvelmente ainda não arrolado pelo *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguêsa*, mas já catalogado pelo *Pequeno vocabulário ortográfico da língua portuguêsa*, da Academia Brasileira de Letras, vocábulo êsse corrente e usual na língua da gente amazônica, onde a palavra *catáuro* aparece bem mais raramente:

> *"Era bastante comum aquêle espetáculo — enquanto êle vinha, diàriamente, carregando um pequeno objeto, lá vinha a pobre carregando às costas o* catáuro, *repleto de pequenas coisas..."*
> Armando de Almeida, *Pagelança*, 48

Vamos trazer para o assunto, agora, a contribuição de alguns demarcadores das fronteiras setentrionais do Brasil, que aliam a êsse padrão glorioso de trabalho, o imenso espírito de brasilidade que demonstram, dedicando-se, nos raros vagares de seus prestantíssimos labores, ao estudo das línguas, dos usos e dos costumes de nossos amerígenas.

Ao arrolar o vocabulário dos indígenas Macuxí, Rubens Nelson Alves catalogou o vocábulo *catauri*, para o qual deu o significado de jamaxí. (67)

Leônidas de Oliveira, também, no seu magnífico relatório sôbre a varação do Jarí, ao estudar o vocabulário dos Urucuiana, também relacionou a palavra *catauri*, dando para a mesma, ainda, o significado de jamaxí. (68)

Armando de Novais Morelli, companheiro de Leônidas de Oliveira naquela subida do Jarí, desde sua foz, na cidade paraense de Arumanduba, até às suas

(67) — Rubens Alves, *Macuxí*, 18.
(68) — Leônidas de Oliveira, *Roteiro do Jarí*, 34.

cabeceiras, nas proximidades do ponto de tri-junção da fronteira Brasil-Guiana Francesa-Suriname, recolheu o vocábulo no linguajar do gentio Aparaí. (69)

E, finalmente, Henri Coudreau, que o coletou entre os Uaiana. (70)

Além dessa contribuição, de grande importância por ter sido colhida do próprio lábio do ameríndio, quero trazer a de outros estudiosos dos linguajares indígenas caribes.

Citemos, em primeiro lugar, a valiosa contribuição de Curt Nimuendajú, não só porque foi colhida diretamente, também, do próprio amerígena, como, sobretudo, pela indiscutível autoridade que, no assunto, todos nós lhe reconhecemos.

Curt relacionou a palavra, também, no vocabulário dos Aparaí. (71)

Rufino José Cuervo, um dos mais esclarecidos filólogos do castelhano da América, aponta para o vocábulo o étimo cumanagotó *catauri*. (72)

Martius, finalmente, relacionou a palavra *catauli* no vocabulário dos Galibí. (73)

Uma das mais antigas provas da origem caribe do vocábulo nós devemos a Antoine Biet, que escreveu no seu precioso livro sôbre os galibís:

> *"Cet catolit es un sorte de pannier ou hotte, qu'ils portent sur les épaules et qu'ils remplissent de quinze ou vingt cassaves; elles en font selon le temps qu'ils doivent être".*
> Biet, *Les Galibis*, 55

São inúmeros, além dêsses, os estudiosos que arrolaram o vocábulo *catauri* como uma palavra existente nos vários linguajares caribes.

(69) — Morelli, *Campanha do Jarí*, 338.
(70) — Coudreau, *Vocabulaires métrodiques*, 24.
(71) — Nimuendajú, *Aparaí*, 366.
(72) — Cuervo, *Apuntaciones*, 689.
(73) — Martius, *Glossaria*, 344.

No português do Brasil o vocábulo aparece raramente, não tendo sido arquivado nem no *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguêsa*, nem no *Pequeno vocabulário ortográfico*, da Academia Brasileira de Letras.

Já o mesmo não acontece, porém, no espanhol da América, onde êle é largamente usado, já tendo sido empregado, por Gonzalo Fernandez de Oviedo, na primeira metade do século XVI, nesse verdadeiro monumento que é a *Historia general y natural de las Indias*. (74)

Fernando Ortiz, o grande afronegrista cubano, utilizou o vocábulo no título de um de seus mais interessantes livros — *Un catauro de cubanismos*, o que ainda prova a generalidade de seu uso.

CAXIRÍ

Tanto Jean de Léry, no capítulo IX de sua *Histoire d'un voyage*, como André Thevet, no capítulo XXIV *de Singularitez de la France Antarctique* e Hans Staden, no capítulo XVII de *Viagem ao Brasil*, sem contar os inúmeros cronistas portuguêses que escreveram sôbre o Brasil do primeiro século, todos se referem a uma bebida, usada pelos indígenas, denominada *cauim*.

Léry chegou a introduzir, até, no francês, derivado do nome dessa bebida, um interessantissimo neologismo, não relacionado, nem na língua portuguêsa, nem no português do Brasil, ainda que de retôrno, como tantas vêzes tem sucedido — que é o verbo *caouiner*:

> *"Au surplus il se fait en tout temps et saison: mais quant à qualité i'ay veu quelques fois iusques au nõbre de 30 de sesgrãds vaisseaux, que ie*

(74) — Oviedo, *História*, II, 277.

> *vous ay dit tenir chacun plus de soixante pinte de Paris, tous plains arrengez et couuerts au milieu de leurs maisons, ou ils laissent iusques a ce qu'ils veullent* caouiner."

Léry, *Histoire d'un voyage*, 143

Como sinônimo de *cauim*, palavra de origem tupí, existe, já arrolado pelo *Pequeno dicionário brasileiro*, o vocábulo *caxirí*, uma bebida preparada com a mandioca, como nos ensina êsse eximio conhecedor das coisas da Amazônia, que é Antônio Ladislau Monteiro Baena:

> *"Da mandioca tucuman ralada fazem beijú grande de fôrno: põem sôbre a folha do curumicaá, espalhão-no em um paneiro com a folha de assaizeiro: passados dois dias usa-se delle diluido em água, ao que chamam* caxirí."

Monteiro Baena, *Ensáio corográfico*, 64

É um vocábulo comum, tanto na língua do povo, como na linguagem literária do homem da Amazônia. Basta abonar o uso do vocábulo com um só exemplo, que será de um dos mais representativos escritores da planicie:

> *"Nos intervalos destas danças distribuia-se* caxirí *e guaraná. Provei de ambas estas bebidas, que acharia perfeitamente potáveis, se não fôsse a consideração do desasseio que vi reinar entre êles."*

José Veríssimo, *Estudos brasileiros*, 70

Passemos a estudar, agora, a etimologia do vocábulo.

Além de minha contribuição pessoal, por ter colhido, entre inúmeras tribos caribes da Amazônia, o vocábulo *caxirí*, podemos citar, ainda, como prova

de sua orígem caribe, as informações de Martius, que o arrolou no vocabulário dos Galibi (75) e de Crevaux, que o recolheu entre os Urucuiana. (76)

Vou transcrever aquí, já que estamos estudando o vocábulo *caxiri,* uma pequena crônica, escrita, na própria maloca maraxó, nas cabeceiras do rio Marapí, em plena zona lindeira Brasil-Guiana Britânica, há quinze anos atrás, quando integrava a turma da Comissão de Limites do Setor Norte que então operava naquela fronteira, a qual denominei *Duas festas na maloca,* que fêz parte de uma conferência por mim pronunciada, naquela ocasião, a pedido de Carlos Estévão, no Museu Goeldi, de Belém, que aquêle saudosíssimo amigo tão superiormente dirigia:

Estávamos trabalhando, numa destas tardes quentes de outubro, no acampamento da Comissão, denominado *Depósito da Maloca,* localizado nas cabeceiras do Marapí, um dos formadores, juntamente com o Parú de Oeste, do Cuminá, da bacia do Trombetas, quando fomos visitados por dois índios, Txuaiuarê e Arindê, ambos filhos do tuxáua Auacá, da maloca Maraxó das cabeceiras do Marapí, que nos vieram trazer, seguindo hábitos tradicionais, com uma cuia de *caxirí,* bebida indígena, o convite para assistirmos a uma festa na maloca.

Êles nos visitavam, constantemente, pois já estavam completamente convencidos de que nenhum mal éramos capazes de fazer, muito ao contrário, só tínhamos distribuido, por conta da Comissão, facas, terçados, machados, espelhos, contas, missangas, fazenda vermelha, tesouras, pentes, isto é, o denominado *ma-*

(75) — Martius, *Glossaria,* 333.
(76) — Crevaux, *Grammaires et vocabulaires,* 4.

terial de índio, como era o mesmo conhecido entre o pessoal da Comissão, objetos que êles pediam e aceitavam com verdadeira satisfação, pois essas dádivas representavam, umas vêzes, elementos de ornamentação e, outras vêzes, na sua vida laboriosa, horas e horas de trabalho poupadas, dêsse trabalho árduo, penoso e quase sobre-humano, exigido na manufatura de tantos objetos, como fàcilmente poderemos avaliar.

Visitavam-nos êles constantemente, é verdade; sempre, porém, com as tangas e as jarreteiras, os seus nativos *keveiú e carutá* e, uma ou outra vez, com as braçadeiras, as suas *muinã,* como se denominam em seu linguajar, feitas com a palha do murumurú, ao passo que as tangas e as jarreteiras eram feitas em geral de *maurú,* que é como êles denominam o algodão, fiado e tessido por êles próprios, ou então, da fazenda vermelha por nós distribuida, porque usavam todos, invariàvelmente, as tangas e as jarreteiras pintadas com o *uichê,* nome que designa, no idioma caribe dos maraxós, o *urucú* dos tupís.

Nesta tarde, porém, ao contrário do que sucedia diàriamente, vieram os dois pintados com artísticas pinturas, características dos maraxós, feitas, em geral, de vermelho e preto e com os adôrnos que não eram os habituais.

A maloca Maraxó fica situada a uns trezentos metros de nosso acampamento, na outra margem do Marapí, numa pequena e pitoresca colina.

Concluímos, rápidamente, o trabalho que estávamos fazendo, apanhamos a máquina fotográfica, nossa companheira inseparável nessas excursões e o caderno de notas, outro inseperável companheiro, partindo, na companhia de Txuaiurê e de Arindê, em direção à *patá,* que é, na língua caribe, a denominação de maloca.

Têm os Maraxó em alta conta, na paz, os deveres de hospitalidade, o que é de estranhar, realmente,

ao atentarmos para o estado de absoluto primitivismo em que vivem, completamente afastados de todo e qualquer contato com o civilizado.

Uma vez chegados à maloca fomos recebidos, logo à entrada, pelo tuxáua, o velho Auacá, que veio todo enfeitado com os adôrnos festivos. Levou-nos, em seguida, para o lugar de honra, sob o *pacorô* principal — que é a cobertura onde êles vivem durante o dia, defendendo-se do sol e da chuva — uma verdadeira sala de estar dos civilizados, oferecendo-nos, para sentar, um de seus minúsculos *muierê,* que nada mais são do que os seus característicos banquinhos.

Ficamos sentados alí, durante algum tempo, tendo trazido uma das mulheres, por determinação do tuxáua, numa pequena cuia, um pouco do tradicional *caxirí.* Vimo-nos, naquela ocasião, numa terrível encruzilhada, num dilema atroz — ou não beber o caxirí, fato que traria, possívelmente, complicações, atendendo-se aos seus escrúpulos em encarar os deveres de hospitalidade, que tínhamos de retribuir, ou beber, solução que não queríamos aceitar, pela repugnância que nos despertava, não a bebida em sí, mais pastosa que líquida, uma espécie de mingau ralo, feita da mandioca fermentada, mas o seu processo de preparação.

O acaso, porém, que tantas situações difíceis tem resolvido, veio solucionar o caso. Tendo o tuxáua sua atenção voltada para qualquer fato, rápida e velozmente aproveitamos a ocasião e derramamos, por trás do *muierê,* a bebida.

Uma vez terminada a hipotética ceremônia do caxirí levou-nos, o tuxáua Auacá, para perto de uma fogueira simbólica, onde se iria realizar a *cerimônia da flecha.*

Quem, tendo lido *Iracema,* não releu, pelo menos uma vez mais, o trecho impregnado de uma poesia tôda nativa, todo reçumante de um nativo encantamento, em que o guerreiro branco pergunta à virgem

dos lábios de mel — quebras comigo a flecha da paz?

Eu supus, sempre, que aquêle diálogo, de uma encantadora beleza, entre a silvícola e o guerreiro branco, não passava de obra de pura fantasia, de mera ficção, filha da imaginação tropical e ardente do escritor, tão superiormente brasileiro, que fundou entre nós, com lampejos de gênio, o romance indianista.

A ceremônia da flecha, porém, na Maloca Maraxó, não foi diferente. Reproduzia os mesmos anseios de paz e os mesmos desejos de confraternização, hoje, entre o indígena e o panaquirí, isto é, o civilizado, o homem branco, tal como, alguns séculos atrás, refletira êstes meios anseios entre a virgem dos lábios de mel e dos cabelos tão negros como a asa da grauna e o guerreiro branco.

Diante da pira sagrada — rito de quase tôdas as religiões indígenas — deu-me Auacá, o tuxáua Maraxó, em nome de sua tribo, a flecha simbólica que, depois de partida, foi atirada ao fogo, estendendo êle, então, nesse mesmo instante, a mão, num gesto largo e cheio de confiança, dizendo, diante do crepitar das chamas em que as flechas se consumiam, o saudar da confraternização — *curê, curê, curê...*

Curê, curê, curê, que significa amigo, amigo, amigo, foi a saudação que, por minha vez, repetí numa demonstração de fraternidade consolidada.

Defrontavam-se, nesse instante, no terreiro da *maloca* Maraxó, das cabeceiras do Marapí, de um lado — o meu remoto Brasil quinhentista, o meu Brasil da selva e da maloca, da taba e da piroga; o meu Brasil dos cocáres e das tangas, do arco e da flecha, do tacape e do trocano; o meu Brasil encantador do guerreiro branco e das virgens de lábio de mel, com os cabelos mais negros do que a asa da grauna; o

meu lindo Brasil das Iracemas, dos Ubirajaras, das Moemas e dos Ajuricabas; e, de outro lado, o Brasil contemporâneo.

Um, estacionado nas maravilhosas belezas de seu primitivismo e de suas tradições ameríndias; evolvido, o outro, por quatro séculos de cultura e de civilização.

Ambos, porém, na essência, o mesmo Brasil de todo o sempre, misto maravilhoso e inexgotável de surpreendentes e imprevistos contrastes, cujos anseios de se fundirem, numa integral comunhão, se manifestavam nesta confraternização do silvícola e do panaquirí, que eram o Brasil primitivo e o Brasil contemporâneo.

Que esplêndia lição de brasilidade se poderá retirar dêsse episódio... É que nós, os homens do Brasil civilizado e culto de hoje, não podemos mais trair às solicitações imperativas de nossas origens glebárias, devendo ficar, por isso mesmo, a uma equidistância do Brasil da selva e da maloca, que representa o mais puro das tradições ameríndias, nossos recessivos dominantes e as tradições de uma civilização e de uma cultura alienígenas — para que possamos legar, a nossos descendentes, êsse entranhado amor, cada vez mais puro e cada vez mais profundo, à nossa terra e à nossa gente...

Terminada a cerimônia da flecha fomos para o terreiro onde estava reunida tôda a tribo. O local oferecia, realmente, um aspecto de absoluto ineditismo, mesmo àquêles que, como nós, já estávamos habituados ao contato do indígena, pelo inesperado da visão, de tal maneira deslumbradora, que não queríamos acreditar que estivéssemos, nos rincões do extremo norte, na mais emotiva das realidades e, sim, as-

sistindo, com os nossos olhos maravilhados de panaquirí, a uma cena do Brasil ainda infante, dêsse Brasil pré-cabralino que tanto procuramos devassar...

Estavam os indígenas com os mais belos, mais vistosos e mais bem trabalhados adôrnos, na manufatura dos quais sobressaiam as penas formosíssimas das araras amazônicas, que maravilham a vista com o espetáculo surpreendente de suas irizações de peregrina e admirável beleza; das penas das asas e do papo dos tucanos, de uma coloração brilhante e luzidia; os lindíssimos topetes de mutum, pluma encantada da floresta, entretecida, como diria Castro Alves, na oficina eterna da natureza, com esplendores de festa; as incomparáveis caudas dos parauacús, tão sedosas, tão suaves, tão vaporosas, que recordam maciezas de arminho; o verde, êste verde simbólico, que se distende, sem fim, como num sonho de esperanças entretessido, em tôda a imensa interlândia amazônica, está presente na linda plumagem dos papagaios e das curicas; e, imponente e suntuosa, na sua esplêndida exuberância, a coroa branca e imaculada do gavião real.

Tudo isso entrava nos cocáres, nas braçadeiras, nos colares, nas pulseiras, nas jarreteiras, nas ombreiras, nos mais variados adôrnos, que ofereciam a nossos olhos surpresos, num leslumbramento magnífico, uma verdadeira magia de côres.

Apresentavam êles, além dêsses adôrnos, o corpo pintado de vermelho e de prêto, com as suas artísticas pinturas corporais — as *arácuêrê* de seu linguajar — que são de um bom gôsto e de uma arte que fazem pensar, realmente, que perpassa ainda, por essa gente, os últimos resquícios da arte maravilhosa dessas tribos oleiras, cujos desenhos e cuja perícia, na fabricação e na combinação de côres, deixam maravilhado, ainda hoje, o homem contemporâneo...

São aquelas duas côres feitas com as tintas que se

denominam, na lingua maraxó, *uichê* e *uanabâ,* fabricadas com o urucú e o genipapo, os quais, uma vez pulverizados, são recolhidos a cuias, onde são misturados a uma substância oleosa, retirada da sucubeira, denominada *leite de sucuba,* poderoso fixador, que o gênio indígena incorpou às conquistas dos civilizados, mistura essa que, depois de ser transformada numa consistente pasta, é guardada, sob a forma de pães, em fôlhas de bananeira, dela se utilizando a tribo para as suas pinturas corporais e na tinturaria de seu *maurú,* o algodão — plantado, colhido, fiado e tessido por êles, numa eloqüente e exuberante prova de que o índio não é, como dizem, indolente, preguiçoso, improdutivo.

Usavam os indígenas, ainda, naquele dia, nos cabelos empastados com o óleo de sucuba, verdadeiros flocos de neve, feitos com falripas de algodão e que, em virtude do estado oleoso dos cabelos, aos mesmos aderia.

Iam começar as dansas.

Não são elas, como fàcilmente se poderá supor, semelhantes, nem remòtamente, a nenhuma das dansas nossas conhecidas, constituindo, pelo seu imprevisto e pela sua originalidade, um motivo genuinamente brasileiro, digno de ser utilizado pelos nossos artistas coreográficos, nas suas estilizações da verdadeira arte brasileira.

Cortam êles, para a cerimônia da dança, um longo cipó flexível e, na extensão dêsse cipó, colocam-se os silvícolas, segurando-o, levemente, com ambas as mãos. Numa das extremidades segura o tuxáua e, na outra, a pessoa pelo mesmo designada, pois são êsses os lugares de honra.

Dá o tuxáua, então, com o maracá, o sinal de advertência e, ao segundo sinal, saem todos cantando

e dançando, seguros à vara, quase sempre em circulo, numa direção, com movimentos compassados e rítmicos. Quando tuxáua dá, outra vez, o sinal característico, com o maracá, todos param, tomando a dança, incontinenti, um rumo contrário.

Cantam êles, pelo menos uma vez, nesta dansa, o seu hino de paz, denominado *Erêmi Maraxó Curê* — que, na língua maraxó, quer dizer — *Hino de Paz Maraxó...*

Deu o panaquiri, então, uma vez as dansas começadas, duas ou três voltas completas, parou, entregando o maracá que, por cortesia, lhe havia sido entregue por Auacá, com a mesma mesura característica com que o havia recebido, indo ambos, o silvícola e o panaquirí, sentar-se, novamente, nos pitorescos, originais e encantadores *muiêrês,* os seus brasílicos banquinhos...

E dalí passou a contemplar a dansa, que continuava, já agora sob a direção de *Xamukendê,* o filho mais velho de Auacá, no mesmo rítmo plangente e, por vêzes tristonho, da música, ao som da qual dansaram, possivelmente, numa época muito afastada e se diluindo já nos desvãos da história, as nossas arquiavós tapúias.

Paravam os brasís, de quando em quando, para beber o caxirí, que era colocado, em enormes cuias, no centro do círculo em tôrno do qual dançavam, bebendo todos, numa senceremônia paradisíaca, aos três e aos quatro, de cada vez, na mesma cuia.

As horas passavam e as danças, com a mesma característica dolência dos indígenas, continuava, nostálgica e triste, ao som do maracá incansável.

Era quase noite já.

Depois das ceremônias protocolares, segundo o ritual Maraxó, que é chegar junto ao tuxáua e dizer *pacorô,* isto é, vou para a minha cabana, trancei, mais uma vez, na saída, as flechas da paz, vindo

acompanhado até ao terreiro, pelo tuxáua e pelo seu séquito de maiorais.

Quando desci a colina, debruçada sôbre as águas mansas e poéticas do Marapi, brilhava já, no céu límpido e admirável da Guiana Brasileira — a estrêla vesper do pastor errante...

Estavam os nossos trabalhadores, num dia de descanso, reunidos no terreno do acampamento, um vasto lajedo existente numa clareira da floresta, numa das dobras do Marapi, entretidos em cantar, com uma orquestra improvizada de latarias e de garrafas, os chôros e os sambas do último carnaval carioca, quando, atraidos pela música e pelo canto, foram chegando, a pouco e pouco, os maraxós.

Estavam êles, de princípio, algo esquivos e arredios; mas, em pouco, foram-se habituando àquela alegria contagiante de nossos homens e, quando mais tarde, voltei ao local, para ver a atitude dêles, encontrei, na mais profunda comunhão, trabalhadores e índios tomando parte no batuque.

Passam-se os dias.

Estava eu, atarefadíssimo, certo dia, no acampamento, quando me apareceu Xamukendê, pedindo que eu fôsse à maloca. Concluí, o mais ràpidamente que pude, o que estava fazendo, dirigindo-me, juntamente com êle, para a outra margem do Marapí, onde ficava a maloca dos Maraxó.

Ouvi, enquanto subíamos a pitoresca colina em que ela está situada, um rumor suspeito naquele ambiente, sòmente acreditando que devia estar enganado.

Cheguei.

Dançavam no terreiro. Se, da primeira vez, os meus olhos surpresos de panaquirí se maravilharam

diante das suas danças características e originais, que me levaram, de tropel, ao Pindorama pré-cabralino, os meus olhos surpresos se maravilharam, agora, por estar diante de uma visão diametralmente oposta — vi-os dançando, os mesmos indígenas maraxós da margem do Marapí, como os nossos trabalhadores da Comissão de Limites e, como os nossos trabalhadores, cantando, numa linguagem quase que incompreensível, é bem verdade, mas cantando, com o mesmo instrumental de latarias velhas e de velhas garrafas que lhe haviam sido dadas, o samba do Brasil contemporâneo.

E, a certo trecho, a minha admiração atingiu às raias do inacreditável, quando Txuaiuarê, um dos filhos do tuxáua Auacá, que mais andava com os nossos homens, vivo, inteligente, astuto, saiu dançando em tôrno de mim, numa atitude galhofeira, cantando com a voz gutural que lhe era própria, numa linguagem tôda estropiada, êstes versos de uma das modinhas mais em moda, naquela época, apreendida com os nossos homens:

É madrugada,
De longe eu vim...
Deixe a lua sossegada
E olhe pra mim...

A vida é assim. Contrastes inesperados, surpreendentes contradições.

Ontem.

O Brasil da selva, o Brasil quinhentista, o Brasil-brasileiro, dançando diante de meus olhos extasiados de panaquirí, numa ambiência de fantasia e de sonho.

Hoje.

Na mesma maloca, no mesmíssimo terreiro da *patá* dos Maraxó, os mesmos brasís traziam, para a selva e para a maloca, para o *pacorô* e para a *patá*, para o Brasil da *dança do cipó*, o Brasil do banjo e da bateria, do batuque e do samba, a se enroscar, em seus

corpos, como os cipós selvagens e as selvagens lianas de seu Brasil quinhentista...

E a dança continuava, quando me retirei. Descia, vagarosamente, sua ensolarada e pitoresca colina, quando, uma vez mais, distante e gutural, a voz forte de Txuaiuarê me chegava aos ouvidos, cantando o estribilho em moda:

É madrugada,
De longe eu vim...
Deixe a lua sossegada
E olhe pra mim...

Passemos, agora, à etimologia do vocábulo *caxirí*, correndo uma cortina sôbre êstes interessantes episódios de minha vida de demarcador. Todos os que estudaram a sua origem apontam um étimo caribe para a palavra. Citaremos, apenas, entre inúmeros outros, von Martius, que o arrolou no vocabulário dos Galibí (77) e Jules Crevaux, que o recolheu entre os Urucuiana. (78)

O seu uso está abonado pelos melhores escritores, sobretudo pelos da Amazônia. Empregaram-no em seus trabalhos — Lima Figueiredo (79), Jorge Hurley (80), Raimundo Morais (81), José Veríssimo (82), Gastão Cruls (83), Monteiro Baena (84) e tantos outros mais.

O vocábulo caxirí, relacionado em diversos vocabulários regionais e no *Pequeno dicionário brasileiro*

(77) — Martius, *Glossaria*, 333.
(78) — Crevaux, *Grammaires et vocabulaires*, 4.
(79) — Lima Figueiredo, *Cidades e sertões*, 146.
(80) — Jorge Hurley, *Itarana*, 34.
(81) — Raimundo Morais, *Ressuscitados*, 227.
(82) — José Veríssimo, *Estudos brasileiros*, 70.
(83) — Gastão Cruls, *Hiléia*, 54.
(84) — Monteiro Baena, *Ensáio corográfico*, 64.

é, assim, mais um amerigenismo de origem caribe, corrente no português do Brasil.

COLIBRÍ

Há um amerigenismo, introduzido tanto no português do Brasil, como na própria língua portuguêsa, que é um sinônimo perfeito para o vocábulo beija-flor - *colibrí*.

Está, entretanto, tão generalizada a palavra, que a mesma foi arrolada, pelo *Pequeno dicionário brasileiro*, sem a menor referência à sua origem americana.

Citemos, embora desnecessária, uma abonação de seu uso:

> *"Observe-se, porém, que certas borboletas crepusculares, da família* Sphingidae, *de asas curtas e corpo grosso, têm mesmo qualquer coisa dos colibrís e, quando em vôo, também procurando as flôres, é fácil a confusão entre ambos."*
> Gastão Cruls, *Hiléia*, 122

O vocábulo colibrí, que além de seu uso no português é corrente, também, na língua francesa, deriva de um linguajar caribe — o galibí, aquêle que mais tem contribuido, entre os dialetos caribes, para o enriquecimento do vocabulário do português do Brasil, como tenho afirmado mais de uma vez.

Antoine Biet, no seu precioso livro sôbre os galibís dá, como derivado do linguajar daquele gentio, o vocábulo colibrí:

> *"Entre les petits oiseaux, ceux qu'ils appellent* colibris *sont le plus remarquables pour leurs petitesse. Leur gorge ressemble à une emeraude; on leus tire un petit boyau et on les fait sécher, pour en faire des pendents d'oreilles aux dames."*
> Biet, *Les Galibis*, 23

Júlio Calcaño, grande sabedor do hispano-americanismo, ao estudar os vocábulos indígenas no castelhano da Venezuela, indica, para *colibrí*, uma origem caribe:

> "*Colibrí* (*caribe*). *Avecilla más grande que o tucuso, de colores variados y hermosos, y pico corvo y prolongado. Vive del néctar de las flores, y solo en las regiones frías. Sus huevos, en el nido, parecen perlas en una concha.*"
>
> Calcaño, *El castellano en Venezuela*, 434

Pedro Henríquez Ureña, finalmente, um dos mais profundos conhecedores dos amerigenismos, sobretudo os derivados do aruaco e do caribe, em que é, verdadeiramente, incontestável autoridade, aponta, também, para o vocábulo, uma origem caribe. (85)

Temos, assim, de uso corrente, não apenas no português do Brasil, mas também na própria língua portuguêsa e, até, no francês, o amerigenismo *colibrí*, derivado de um dos linguajares que mais contribuiram para opulentar o nosso vocabulário derivado do caribe — o galibí.

CUÊIO

O vocábulo caribe *cueiú*, que significa, em algumas tribos caribes, o *rabo*, o *calimbé*, a *tanga masculina*, foi aportuguesado, posteriormente, sob a forma de *cuêio*, encontradiça, amiude, na linguagem da Amazônia, tendo logrado aforamento na própria língua literária.

O exemplo clássico, eloqüentemente abonador do vocábulo *cuêio*, nos foi fornecido por Dionísio Cerqueira, em seu encantador livro de recordações da guerra do Paraguai:

(85) — Ureña, *El español en Santo Domingo*, 128.

> "*Muitos dêles haviam substituido as calças por chiripás; outros as tinham e alguns, por atavismo, estavam sem camisas, com* cuêios *transformados em fôlhas de videira.*"
>
> Dionísio Cerqueira, *Guerra do Paraguai*, 93

Se bem que apareça o vocábulo em livro que se refere à guerra do Paraguai, travada na região meridional do continente, zona de influência típicamente guaraní, não devemos esquecer, entretanto, o fato de ter Dionisio Cerqueira percorrido, como membro, dos mais ilustres, da Comissão de Limites do Brasil com a Venezuela, chefiada pelo então tenente-coronel Francisco Xavier Lopes de Araujo, mais tarde Barão de Parima, uma boa parte da interlândia amazônica, o que lhe proporcionou, não sòmente, o ensejo de escrever o livro *Reminiscências da fronteira*, póstumamente publicado por seu filho, o médico Dionísio Cerqueira, tão prematuramente desaparecido, como ainda, o que mais nos interessa, nas considerações que estamos formulando, lhe proporcionou o conhecimento de vocábulos brasílicos dos grupos lingüísticos não tupís.

É possível que ao escrever, mais tarde, as suas hoje famosas *Reminiscências da guerra do Paraguai*, lhe tivesse vindo à memória, subconcientemente, o vocábulo *cuêio*, de procedência nitidamente caribe, da mesma maneira que, no livro referido, empregou, por mais de uma vez, têrmos peculiares à sua nativa Bahia, velhas remembranças de sua infância, entre os quais os baianismos *mocó, saruê, bogó*...

Angione Costa na crônica *O pudor entre os indígenas*, escreveu:

> "*Os jauaperí, por exemplo, andam núa e usam sôbre a região pélvica o* cueiú *tessido de algodão pintado de urucú e guarnecido com bordas feitas do mesmo fio e ainda enfeitadas com penas coloridas. Os pariquí, como os jauaperí per-*

tencentes ao grupo aruaco, usam, igualmente, o cueiú.
Angione Costa, *Indiologia,* 43

O vocábulo *cuêio,* acima transcrito, dá a impressão de ser um aruaquismo, uma vez que, segundo Angione Costa, pertence ao dialeto dos Jauaperí e dos Pariquí, por êle classificados como aruacos.

Não se trata, entretanto, de um étimo aruaco, senão de uma lídima etimologia caribe. Apenas Angione Costa se equivocou, quando classificou de "pertencentes ao grupo aruaco" os Pariquí e os Jauaperí, neste ponto repetindo o que, também inadvertidamente, escrevera Lima Figueiredo, ao estudar os Pariquí (86).

Entretanto, desde que João Barbosa Rodrigues escreveu a *Pacificação dos Crichanás,* em 1885, que é a auto-denominação da tribo também conhecida pelo nome de Jauaperí, não devia restar a mínima dúvida quanto à origem caribe daquele gentio.

Lima Figueiredo, antigo baquiano da imensa interlândia amazônica, que longamente percorreu, como membro da *Comissão de Inspeção de Fronteiras,* chefiada por êsse tapejara magnífico que é Cândido Mariano da Silva Rondon, essa "relíquia da Pátria", como muito bem o cognominou Amilcar Armando Botelho de Magalhães, também contribue, com uma abonação, para o vocábulo em aprêço:

> *"Os homens usam uma faixa tessida de algodão enfeitada com tinta de urucú e penas vermelhas de arara, denominada* cueiú.
> Lima Figueiredo, *Índios do Brasil,* 134

Até em Schomburgk, que percorreu grande parte da região lindeira do Brasil com a Venezuela e a Guiana Britânica e é de uma precisão e de um rigor

(86) — Lima Figueiredo, *Índios do Brasil,* 134.

admiráveis, em suas informações, se poderá colhêr uma abonação para o vocábulo:

> *"The* queyu *of woman was made of seed-pips. They were just then returning to their home which still five days journey from here."*
> Schomburgk, *Travels,* II, 379

O vocábulo *cuêio,* apesar de não ter sido relacionado nem no *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguêsa,* nem no *Pequeno vocabulário ortográfico* da *língua portuguêsa,* está hoje incorporado ao léxico do português do Brasil, como a denominação de uma peça da indumentária de nosso gentio caribe.

Temístocles Paes de Sousa Brasil, antigo chefe da Comissão de Limites do Setor Oeste, demarcador da fronteira Brasil-Colômbia, na alta Amazônia, conhecedor emérito dos indígenas daquela região, usou do vocábulo num de seus trabalhos:

> *"Andam em geral nús os homens, com o* cuêio, *faixa de fazenda com quinze centímetros de largura, que prêsa pelos extremos a um cordão na cintura passa entre as pernas protegendo os órgãos genitais."*
> Sousa Brasil, *Incolas sílvicolas,* 59

Um dos mais conspícuos sabedores de coisas de nossos indígenas, que é Gastão Cruls, escreveu:

> *"Haja vista o artístico babal marajoara, o ulurí das índias do Xingú e as tangas de vidrilho, a que nos reportamos agora, conhecidas na Guiana Inglêsa e no alto rio Negro por* cuêio, *conforme consignam Im Thurn e Gonçalves Dias. Apenas o inglês grafa* queyu. *Será uma corruptela de nosso* cueiro, *levado até tão longínquas paragens pelos portuguêses?"*
> Gastão Cruls, *Hiléia,* 245

Apesar da aparência morfológica, o vocábulo *cuêio* nada tem a ver, como à primeira vista poderia supor-se, com a raiz que deu, em português, os vocábulos *cuecas* e *cueiro*. A própria função da indumentária, aliás, desfaz qualquer suposição nesse sentido.

Vejamos, agora, a parte relativa à etimologia da palavra.

Jules Crevaux, no prestantíssimo *Vocabulaire français-roucouyenne*, em que arrolou, esplêndidamente, as palavras do dialeto dos Urucuiana, escreve:

> *"Couéiou — robe. La robe est remplacée par un carré d'etoffe fixé à un cordon noué autour de la taille."*
> Crevaux, *Grammaires et vocabulaires*, 17

Jules Crevaux anotou, também, entre os Galibi (87), o mesmo vocábulo, levemente modificado para *couyou*, com o significado de *tablier indien*.

Os Roucouyennes, acima apontados por Jules Crevaux, são os nossos Urucuiana, tribo caribe ainda hoje existente na região do alto Jarí. Assim, Crevaux colheu o vocábulo *cueiú* entre duas tribos caribes — os Urucuiana e os Galibí.

Henri Coudreau, que tanto contribuiu, inegàvelmente, para um mais perfeito conhecimento dos linguajares indígenas americanos, recolheu o vocábulo, sob a forma *couéyou*, com o significado de calimbé, entre os Uaiana. (88)

Leônidas de Oliveira, o veterano demarcador das ráias setentrionais do Brasil, que vem carreando para a geografia e a etnologia brasileiras uma notável contribuição, colhida nos entreatos de sua missão de fron-

(87) — Crevaux, *Grammaires et vocabulaires*, 17.
(88) — Coudreau, *Vocabulaires méthodiques*, 24.

teiro, surpreendeu, também, entre os Urucuiana, quando conviveu longamente com êstes silvícolas, por ocasião da exploração da fronteira Brasil-Guiana Francesa, aquêle vocábulo:

> *"Os Urucuiana denominam de* kueyú *ao rabo, ou tanga masculina, constituido, como em quase tôdas as tribos caribes, de um pedaço de pano quadrangular, geralmente tingido pelo urucú, amarrado por dois tirantes. Não tem nenhum enfeite, a não ser o* kueyú *usado nas festas de caxirí, o qual é enfeitado com penas de arara e de tucano."*
> Leônidas de Oliveira, *Roteiro do Jarí*, 21

Para finalizar a relação dos que colheram, do próprio silvícola, a palavra que estamos estudando, vamos citar Claudius Henricus de Goeje, uma das maiores autoridades em idiomas caribes. No vocabulário dos índios Tiriô, gentio da família lingüstica caribe, que enriquece o monumental trabalho por êle escrito, em que estuda as tribos da região do Tumucumaque, informa que os Tiriô denominam ao rabo ou tanga masculina de *kwejoe*, grafia holandesa, cuja pronúncia é *cueiú*. (89)

Diante de todos êsses exemplos, retirados entre aquêles que foram colhidos, diretamente, do próprio lábio do ameríndio, podemos informar, com absoluta segurança, que o vocábulo do português do Brasil *cuêio* deriva do étimo caribe *cueiú*.

CUNANÍ

O vocábulo *cunaní*, não relacionado, ainda, nem no *Pequeno dicionário brasileiro*, nem no *Pequeno*

(89) — De Goeje, *Tumukhumak-Expeditie*, 207.

vocabulário ortográfico, é usado no português da Amazônia.

Designa, a palavra *cunaní,* um cipó, geralmente empregado, nas fâinas pescajeras, para entorpecer os peixes, cipó que é conhecido, também, pelo nome de timbó.

Encontramos em Henri Coudreau, o grande sertanista francês que tantos e tão preciosos informes nos deixou, sôbre a região amazônica, um exemplo da aplicação do cipó:

> *"Le* counani *est une plante d'un mètre de hauter. Pour qu'elle agisse, il faut que les poisson la mangent. On la met dans une papaye, dans le corps d'n poisson vidé. Elle n'enivre pas, elle tue sur-le-champ. Mais ont peut manger impunément le poissson ainsi empoissonné."*

Coudreau, *Chez nos Indiens,* 159

Vejamos algumas abonações, no linguajar da Amazônia, do uso do vocábulo. Citemos, em primeiro lugar, para apadrinhar a palavra, o emérito escritor paraense que foi o Barão de Guajará:

> *""A pesca êles a faziam também por vários modos engenhosos. Os cronistas nos falam sòmente da frecha, da linha com anzol, do sinapú e* conaní, *plantas estas venenosas cujas raizes e cipós, pisados e lançados nos rios ou nos igarapés, entorpeciam os peixes e os traziam à tona dágua, onde se deixavam fàcilmente pegar."*

Barão de Guajará, *História colonial,* 173

Além de denominar o cipó, tão utilizado nas pescarias, passou o vocábulo *cunaní* a ser usado, também, na toponímia, batisando um dos acidentes geográficos mais conhecidos dos estudiosos da etnologia brasílica — o rio Cunaní, da corografia paraense.

Estêvão Pinto, esmerado conhecedor dos indígenas do nordeste, nos fornece, sôbre essa nova aplicação da palavra, um passo interessante:

> *"No artefato* cunaniara (90), *a tinta é dicrômica, menos brilhante; o ornato em relêvo um acessório rígido, e não uma elaboração artística, como na indústria do Pacoval, segundo a frase de Raimundo Lopes."*

Estêvão Pinto, *Os indígenas do nordeste,* I, 17

Quanto à etimologia o vocábulo *cunani* deriva do caribe.

Atestam essa orígem americana da palavra alguns dos mais perfeitos conhecedores daquele linguajar.

A mais antiga prova dessa origem nós devemos a Martius, quando o arrolou no vocabulário dos Galibí, apontando a significação de "plantes et bois à enivrer les poissons". (91)

Henri Coudreau, a quem devemos, inegàvelmente, uma vasta contribuição de conhecimentos sôbre os linguajares indígenas caribes e aruacos da Amazônia, relacionou o vocábulo entre os Uaiana, como "herbe à enivrer". (92)

Curt Nimuendajú, finalmente, esmeradíssimo conhecedor do caribe, verdadeira autoridade nesse assunto, cujas opiniões constituem, valiosamente, o mais seguro apôio para as minhas afirmativas, arrolou a palavra *cunaní* no vocabulário dos *Aparaí,* com o significado de *timbó.* (93)

O vocábulo *cunaní,* utilizado pelo homem da planície, nas suas fâinas pescarejas, é, assim, mais um

---

(90) — O vocábulo *cunaniara,* contração de *cunaní-uára,* é um hibridismo de caribe e tupí. Os hibridismos constituídos por êsse sufixo *uára,* que indica *morador de, originário de,* são muito comuns — *pauxiuara, manauara* e tantos outros estão aí para atestar.

(91) — Martius, *Glossaria,* 365.

(92) — Coudreau, *Vocabulaires méthodiques,* 32.

(93) — Nimuendajú, *Aparaí,* 860.

amerigenismo de origem caribe incorporado ao português do Brasil.

CURANAÚ

Há, entre os Taurepã e os Arecuna, gentio caribe da Amazônia, uma lenda sôbre dois redemoinhos, um denominado *Uacarambê*, que é considerado um perigoso tufão e o outro chamado *Curanaú*, considerado um turbilhão tranqüilo.

Lisandro Alvarado, estudioso dos assuntos etnográficos e lingüísticos de sua terra, escreveu, sôbre êsses turbilhões, a seguinte passagem, em seu interessante livro *Datos etnográficos de Venezuela*:

> *"A semejanza de estos Arecuna, sus deudos al sur del Rorôima suponen que a tales espíritus se deben las trombas de viento que se forman, durante el verano, en las sabanas y dan a esos espíritus respectivamente los nombres de Wakalambo e Kuranaú."*

Alvarado, *Datos etnográficos*, 296

Encontramos, também, em Koch-Grünberg, que tanto contribuiu para um maior conhecimento dos mitos e das lendas dos indígenas taurepãs e arecunas, a seguinte informação sôbre aquêles redemoinhos:

> *"Com o mesmo nome de* Wacalámbe *designam os indígenas o perigoso remoinho que, de vez em quando, juntamente com o* Kuranaú, *o tranqüilo turbilhão, se forma na queima das savanas e obriga os homens a se deitarem unidos ao chão ou a se segurarem nas árvores para não serem levados com êle."*

Koch-Grünberg, *Mitos e lendas*, 30

Vejamos, agora, a sua etimologia. Não resta dúvida de que o vocábulo é um amerigenismo, derivado do caribe, como iremos verificar.

Comprovam essa origem, em primeiro lugar, Koch-Grünberg, que além de estudar a lenda entre o gentio Taurepã, relacionou o amerigenismo no vocabulário daquele gentio (94), com o significado de turbilhão tranqüilo; secunda-o, brilhantemente, Curt Nimuendajú, que o arrolou no vocabulário dos Macuxí (95), com a significação de tromba de vento; e, finalmente, Rubens Nelson Alves, que o colheu, também, entre os Macuxí, relacionando-o no seu precioso glossário daqueles brasís (96) com o sentido de pequeno tufão.

O vocábulo *curanaú*, corrente no linguajar da gente amazônica, com o significado de pequeno turbilhão, é, pois, mais um amerigenismo incorporado ao português do Brasil.

CURARE

Como vários outros é *curare* um dos amerigenismos que se internacionalizaram. Levado para a Europa, em 1595, pela primeira vez, por Walter Raleigh, o fantasista da Manoa del Dorado, o célebre Eldorado dos aventureiros, foi usado por vários viajantes, entre os quais podemos citar Humboldt.

Vejamos a etimologia da palavra. É pacífica, de uma maneira absoluta, a origem caribe do vocábulo, que tem para étimo — *urári*.

A verdadeira pronúncia do vocábulo, entre o gentio caribe, é aquela em que o *u* inicial é pronunciado

---

(94) — Koch-Grünberg, *Roroima*, IV, 13.
(95) — Nimuendajú, *Macuxí*, 99.
(96) — Rubens Alves, *Macuxí*, s.v.

como se depois dêle houvesse um *i*, muito breve, aproximando-se da pronúncia do *u* tremado alemão. Quanto à tônica, o vocábulo tem, pròpriamente, duas — a primeira, um pouco mais longa, sôbre o *a* da segunda sílaba; a outra, um pouco menos longa, sôbre o *i* final.

Voltemos, novamente, à sua etimologia. Todos os que estudaram a origem do vocábulo apontam, para o mesmo, um étimo caribe. Citaremos, entre vários outros, von Martius, (97), que anotou o vocábulo, como *urarí*, no glossário dos Parauaiana; Jules Crevaux (98) e Curt Nimuendajú (99) que o colheram, sob a forma *urarí*, entre os Tiriô; Claudius Henricus de Goeje (100), que o recolheu entre os Galibí e, finalmente, Rubens Nelson Alves (101), que o coletou entre os Rangupiquí, sob a forma *uirarí*, que é, como também verifiquei, em diversas tribos caribes, uma forma mais aproximada da verdadeira pronúncia da palavra.

A tupimania, porém, não deixou de se manifestar, ainda uma vez, no caso de *curare*.

Constantin Tastevin (102), Karl Lokostch (103) e Lisandro Segovia (104), apontam uma origem tupí para o vocábulo.

Lemos Barbosa, entretanto, um dos mais cultos tupinistas atuais, numa carta escrita a Gladstone Chaves de Melo, inserta em *A língua do Brasil* (105), declara não ser *curare* um tupinismo.

---

(97) — Martius, *Glossaria*, 228.
(98) — Crevaux, *Grammaires et vocabulaires*, 39.
(99) — Nimuendajú, *Aparaí*, 481.
(100) — De Goeje, *Études caraïbes*, 56.
(101) — Rubens Alves, *Rangupiquí*, s.v.
(102) — Tastevin, *Gramática tupí*, s.v.
(103) — Lokotsch, *Amerikanischen*, s.v.
(104) — Segovia, *Argentinismos*, s.v.
(105) — Gladstone de Melo, *A língua do Brasil*, 126.

A sua vulgarização, possìvelmente, foi uma conseqüência dos estudos realizados por Claude Bernard, que os expôs num artigo publicado, em 1864, na *Revue des Deux Mondes*.

Não seria necessária, tal a generalidade do emprêgo do vocábulo, a abonação de seu uso. O vocábulo, entretanto, se prolongou em vários outros derivados, dos quais os mais usuais são *curarizar* e *curarizado*.

Mário de Andrade nos fornece, em *Macunâima*, uma abonação para o verbo:

> *"E a consagração do Filho do Exú novo era celebrada por licenças de todos e se* urarizaram *em honra do filho novo do icá."*
> Mário de Andrade, *Macunâima*, 95

Gastão Cruls abona o uso do segundo:

> *"Alguns viajantes, como Osculati, falam em outras armas* curarizadas *e de combate, que teriam sido verificadas na Amazônia."*
> Gastão Cruls, *Hiléia*, 232

O seráfico voltaireano frei João de S. José, como o chamava Euclides da Cunha, empregou o vocábulo sob uma forma em que, quase a custo, o identificaremos — *gorarì*: (106)

> *"... e com ela se matam pássaros, e infalìvelmente gentes, se acaso a ponta da seta tocou em certa herva venenosa ou na massa chamada gorarì."*
> Frei João de S. José, *Visita do sertão*, 206

Citemos, finalmente, a seguinte abonação de Raimundo Morais, por ser amplamente esclarecedora do assunto:

---

(106) — É comum, entretanto, essa anteposição do *g* antes do *u* — *Guiana*, por Uaiana; *guaçú*, por uaçú; *guirá*, por uirá; *guapé*, por uapé.

Mas os venenos por excelência do anfiteatro são os sagitários, empregados pelo índio nas frechas com a designação de curare, *composição de vários estrychnos, centralizados no* urari, *cipó venenoso que ataca principalmente os nervos motores do homem e do animal."*
Raimundo Morais, *Aluvião,* 266

O vocábulo *curare,* relacionado em diversos glossários regionais e no *Pequeno dicionário brasileiro* é, assim, mais um amerigenismo de origem caribe corrente não apenas no português do Brasil, como também na própria língua portuguêsa.

CURAUÁ

O vocábulo curauá, de uso freqüente na linguagem da gente amazônica, é escrito das mais variadas formas — *caruá, caroá, curuá, croatá, crauá, carauá, curauate.*

Denomina, o vocábulo, uma palmeira acaule, de folhas longas e estreitas, que fornecem uma fibra, largamente empregada, pelos indígenas, em grande número de utensílios por êles usados, em virtude da grande resistência oferecida pelo fio.

Há alguns anos atrás a fibra, ainda pouco conhecida, fora da Amazônia e do nordeste, pelo seu uso ainda bastante restrito, se tornou conhecida, ràpidamente, em todo o país, quando foi experimentada para aplicação em tessidos de brim, que tiveram, na época, uma grande aceitação.

Apesar daquela grande variedade de maneiras de escrever-se a palavra, ela se apresenta, as mais das vêzes, sob duas formas — no norte do país, como *curauá;* no nordeste, como *caroá.*

A mais antiga abonação, por mim colhida, na literatura da gente amazônica, foi no *Ensaio corográfico sôbre a província do Pará,* de Monteiro Baena:

"Do curauá *fabricam à mão cordas para suspender nas casas as redes de dormir: estas cordas duram ordinàriamente quatro anos e mais do duplo dêste período se elas forem ungidas da tinta muruxí."*
Monteiro Baena, *Ensáio corográfico,* 69

Entre os escritores modernos da Amazônia poderemos citar Alberto Rangel:

"Retesou a arpoeira de curauá *na paracuuba, afixou bem nas suumbas os virotes e, com mil precauções, foi por detrás dos tufos de pimenteiras atentar para a margem."*
Alberto Rangel, *Rumos,* 113

No nordeste, onde o vocábulo é usado com a forma de *caroá,* podemos aboná-lo com o seguinte passo de Estêvão Pinto, verdadeiro representante da cultura nordestina:

"Há o hábito de trabalhar à noite na manufatura de objetos de ouricurí e de caroá *— outro material bastante usado, embora em menores proporções."*
Estêvão Pinto, *Etnologia brasileira,* 104.

Vejamos, agora, a etimologia do vocábulo.

Todos nós, que convivemos com as velhas tribos caribes da Amazônia, colhemos, entre várias delas, o vocábulo *curauá.*

Além de meu depoimento pessoal, posso trazer, ainda, como prova de sua origem caribe, a contribuição de alguns dos estudiosos dêsse dialeto.

O primeiro a relacioná-lo foi Raymon Bréton, no seu famosíssimo *Dictionnaire caraïbe-françois,* que data de 1666.

Arrolaram a palavra, no vocabulário dos Galibí, Jules Crevaux (107) von Martius (108), Claudius Henricus de Goeje (109) e Cândido Rondon. (110)

Henri Coudreau o relacionou, ainda, no vocabulário dos Uaiana (111) e Theodor Koch-Grünberg no dos Taurepã. (112)

O vocábulo *curauá*, que já foi arrolado no *Pequeno dicionário brasileiro* é, no português do Brasil, mais um amerigenismo de origem caribe.

CURIARA

O vocábulo *curiara*, que não foi relacionado no *Pequeno vocabulário ortográfico da língua portuguêsa*, da Academia Brasileira de Letras, nem foi arrolado, ainda, pelo *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguêsa*, é um amerigenismo do português do Brasil.

Como abonação do uso do vocábulo poderemos citar o passo seguinte, de João Barbosa Rodrigues:

> *"A presença das* curiaras *no pôrto é a maior prova de confiança que podem os índios dar, porque nada zelam com mais interêsse que essas embarcações e as cargas que trazem, tanto que nos primeiros tempos elas ficavam ocultas distantes, vindo sempre os selvagens a meu encontro por terra."*
>
> Barbosa Rodrigues, *Crichanás*, 98

Outro exemplo, que aqui citaremos, foi colhido num dos mais interessantes livros regionais:

> *"Ao cair da tarde, quando todos estavam já desesperançados de receber, ainda naquele dia, as*

(107) — Crevaux, *Grammaires et vocabulaires*, 15.
(108) — Martius, *Glossaria*, 334.
(109) — De Goeje, *Études caraïbes*, 54.
(110) — Rondon, *Glossário geral*, II, 227.
(111) — Coudreau, *Vocabulaires méthodiques*, 33.
(112) — Koch-Grünberg, *Roroima*, IV, 25.

> *tão desejadas encomendas, eis que aponta, impulsionada pelos varejões, na última curva do igarapé, a* curiara *do acampamento."*
>
> Armando de Almeida, *Pagelança*, 54

A origem caribe do vocábulo é indiscutível. Aponta-a, em primeiro lugar, em seu precioso *Dictionnaire caraïbe-françois*, publicado em 1666, o padre Raymond Bréton.

A seguir, uma série de estudiosos dos idiomas caribes relacionaram, em seus trabalhos, o étimo *curiara*.

Paul Sagot (113) e Martius (114) o arrolaram no vocabulário dos galibís; Jules Crevaux (115) o relacionou no vocabulário tiriô; Kock Grünberg (116) no taurepã; e, finalmente, Nimuendajú (117), Martius (118) e Barbosa Rodrigues (119) no macuxí.

O vocábulo caribe *curiara* é um sinônimo perfeito da palavra de origem aruaca *canoa*, tão integrada, tanto no espanhol da América, como no português do Brasil, desde a vinda das caravelas de Colombo às terras do novo mundo, que muito pouca gente sabe ser *canoa* um amerigenismo derivado de uma de nossas línguas indígenas.

Lisandro Alvarado, conhecedor profundo do caribe e do aruaco, que nos havia dado já essa opulenta contribuição ao espanhol da América que é *Glosario de voces indígenas de Venezuela*, nos ensina, nesse outro formoso livro *Datos etnográficos de Venezuela*:

(113) — Sagot, *Grammaires et vocabulaires*, 55.
(114) — Martius, *Glossaria*, 333.
(115) — Crevaux, *Grammaires et vocabulaires*, 55.
(116) — Koch-Grünberg, *Roroima*, IV, 22.
(117) — Nimuendajú, *Macuxí*, 180.
(118) — Martius, *Glossaria*, 226.
(119) — Barbosa Rodrigues, *Crichanás*, 249.

"La curiara, acompaña de ordinario a las piraguas, haciendo el oficio de los botes de que se sierven los navios en el mar."
Alvarado, *Datos etnográficos,* 61

O vocábulo *curiara,* amerigenismo do português do Brasil, derivado do caribe é, pois, um sinônimo perfeito da palavra *canoa,* outro amerigenismo, derivado do aruaco, que se internacionalizou, figurando em quase tôdas as línguas conhecidas.

GUIANA

O vocábulo *guiana* é amplamente conhecido, na literatura geográfica de nosso país, como a toponímia com que são designadas, genèricamente, não só as três possessões que a França, a Holanda e a Inglaterra possuem, na América do Sul, como, ainda, a própria Guiana Brasileira.

A Guiana Brasileira, vulgarmente chamada, é a parte ao norte do rio Amazonas, confrontando com as Guianas e a Venezuela. Raimundo Morais (120) chega a admitir uma Guiana Paraense.

Sôbre a história da atual Guiana Brasileira nos ensina o padre Sarafim Leite:

"A Guiana Brasileira, *que ainda nos mapas do século XIX se chamava Guiana Portuguêsa, foi incorporada ao Brasil nos séculos XVII e XVIII e constitue um dos episódios da conquista, mal conhecido, ainda, nem por isso menos impressionante, e com seus aspectos heróicos."*
Serafim Leite, *História,* III, 253

Várias têm sido as explicações dadas para a etimologia do vocábulo. Uma das mais fantasiosas, das menos aceitáveis, ainda que desconhecêssemos o ver-

(120) — Raimundo Morais, *Planície,* 184.

dadeiro étimo do locativo, foi apresentada por Alfredo Jahn, que é, entretanto, sem contestação, um esmeradíssimo amerigenista:

"La más importantes de las naciones del grupo aruaco en el Occidente de Venezuela son los Guajiros. Su *lengua está intimamente emparentada con el proprio arowack o arauco de Guayana británica hasta la peninsula Guajira o que los Guajiros vivian primitivamente en la Guayana y que expulsados de alí por los Caribes, hubieron de radicarse en su actual território trás larga peregrinación. La linguística demuestra que este último fué lo que aconteció en epoca anterior al descubrimiento. Los Guajiros se apellidam asimismo* Guayú, *que significa* nosotros. *En el arowack de la Guayana Inglesa existe esta misma voz con el mismo significado y la terminación* ana *para indicar tierra o sítio es corrente en las lenguas de este grupo. De esta suerte la voz geografica Guayana podría derivar-se del Guajiro como* nuestra tierra."
Jahn, *Venezuela,* 22

Para determinarmos a verdadeira origem do vocábulo, entretanto, não precisamos realizar nenhum malabarismo etimológico. Deriva a palavra, positivamente, de um étimo que se ajusta, perfeitamente, ao fator ântropo-geográfico — da denominação da grande tribo caribe que, desde os idos do descobrimento, dominou tôda aquela zona, e que era a dos *Uaiana,* cujos remanescentes eu ainda conheci, exatamente na mesma região.

Tanto Henri Coudreau, como Tavera-Acosta, apresentaram já, de longa data, para o vocábulo, o primeiro o étimo *Ouayana* (121) e o segundo a etimologia

(121) — Coudreau, *Vocabulaires méthodiques,* s.v. e *Rio Branco,* 45.

Uaiana, (122) variantes gráficas, apenas, do nome daquele gentio caribe que se tornou conhecido, também, por outras variantes daquele mesmo étimo — *Oiona e Ojona.*

É comum, é muito comum, até, relacionar os silvícolas que Jules Crevaux denominou de *Roucoyouenne* e que nós, em português, chamamos pelo nome de *Urucuiana,* com a etimologia da grande tribo que nela viveu e que deu o nome a essa imensa região.

Os *Urucuiana* são, também, de origem caribe; entroncam-se, também, na mesma família linguística, mas constituem um grupo com denominação distinta, cuja etimologia já foi apontada, há mais de um século, por Robert Schomburgk, que conviveu com êsse gentio em seu próprio habitat.

Schomburgk dá, para a etimologia do nome tribal dos *Urucuiana,* o caribe *orokoiana,* derivado de *orokô,* papagaio e *iana,* família, tribo, processo comum em inúmeras denominações de famílias caribes — *Tunãiana,* de *tunã,* água e *iana,* tribo; *Môiana,* de *môi,* aranha e *iana,* tribo; *Parauáiana,* de *parauá,* mar e *iana,* tribo.

E não é só com o sufixo *iana* que o fato se processa. Êle se verifica, também, nas famílias linguísticas caribes, com o sufixo *cotó,* que para o espanhol da Venezuela é *gotó* (123), como poderemos observar nos seguintes exemplos: *Pianocotó,* de *piano,* gavião e *cotó,* tribo; *Auarêcotó,* de *auarê,* gambá e *cotó,* tribo; *Parucotó,* de *parú,* água e *cotó,* tribo; *Auacotó,* de *auá,* floresta e *cotó,* tribo; *Paricotó,* de *parí,* capim e *cotó,* tribo.

Voltemos, porém, ao vocábulo *guiana* e à sua verdadeira etimologia, derivada do nome do gentio *Uaiana.*

(122) — Tavera-Acosta, *Rionegro,* 18.

(123) — Citemos, para exemplificar, entre outras, as seguintes tribos caribes da Venezuela — *Camaragotó, Pariágotó, Cherigotó, Meregotó.*

É muito comum, tanto no português do Brasil, como no espanhol da América, transliterar-se das línguas indígenas americanas o ditongo *ua* por *guá,* o que levou Tavera-Acosta a dizer:

> *"El ditongo* ua, *que los primeros castellanos que vinieron a América escribieron* gua *o* hua, *conservandose hasta hoy, y que los sajones para aprojimarse al eufonismo indígena, escriben* wa, *entra en una infinidad de palabras de nuestros indios, ora como radical, ora como desinencia, ya en palavras compuestas o bien formando en el cuerpo de las voces."*
>
> Tavera-Acosta, *Venezuela,* 38

São inúmeros, numa e noutra língua, os exemplos (124). Basta citar a denominação de um dos antigos nomes do rio-mar, que foi chamado, pelos tupís, de *Parauaçú* — de *pará,* mar e *uaçú,* grande, cuja toponímia subsiste, não mais denominando o caudaloso rio, mas batizando, atualmente, o encantador rio baiano que banha as cidades de Cachoeira, de S. Felix e de Maragogipe e que é conhecido pelo nome de *Paraguaçú.*

Podemos citar, também, o rio Araguarí, que se tornou famoso na questão de limites entre o Brasil e a Guiana Francesa, cuja denominação nada mais é do que uma simples corruptela do nome tupí, *arauarí,* sardinha.

Quanto à pronúncia do topônimo — *Guiana* e não *Guaiana* — é de notar-se que, entre nós, era usada, nos séculos XVIII e XIX, a de *Guaiana,* conforme poderemos observar no seguinte exemplo do padre José Mon-

(124) — É fato comum em tôdas as línguas americanas. No tupí, *Parauaçú* e *Arauarí* deram *Paraguaçú* e *Araguarí;* no náuate, *auacate,* étimo do vocábulo *abacate,* do português, deu no espanhol *aguacate;* no quêchua, *huampa, huaiaca* e *huasca,* deram *guampa, guaiaca* e *guasca;* no caribe, *piráua* deu *piroga,* através de *pirágua.*

teiro de Noronha, escritor do século XVIII, que subiu o Amazonas em 1768:

> *"As terras de Macapá são abertas e com interposição de algumas matas, continuam os campos por todo o comprimento da Guaiana."*
> Monteiro de Noronha, *Roteiro da viagem,* 15

Como, ainda, neste outro exemplo, de Domingos Soares Ferreira Pena, antigo diretor do Museu do Parà e exímio conhecedor das coisas da Amazônia:

> *"Regressando de Santarém, seguí desta cidade para Monte-Alegre, situada na* Guaiana."
> Ferreira Pena, *Pará,* 118

E não é só entre os nossos historiadores, sertanistas e viajantes que aparecia, anteriormente, o topônimo grafado dessa maneira.

Ela é comum, também, nos escritores espanhóis. O padre José Gumilla, famoso missionário do Orinoco, no século XVII, não era de outra maneira que escrevia, nem ao se referir ao gentio que deu nome à região, nem à própria região:

> *"Los índios de la nación* guayana *son de genio duro y belicoso."*
> Gumilla, *Orinoco,* I, 140

e, mais adiante,

> *"... y todavia, de cuando en cuando, se alborotan de modo que, a no socorrerlos (como hacen cuando es menester) los soldados y vecinos de la* Guayana *se vieran en gravíssimos riesgos de sus vidas."*
> Gumilla, *Orinoco,* I, 140.

Além daquela toponímia são conhecidos, ainda, vários outros vocábulos dela derivados — *guianês, guianense, guiano.*

O notável paisagista de *Inferno verde* nos oferece um exemplo do primeiro vocábulo:

> *"A faixa extremo norte e aluviônica de nosso país compreende-se entre a boca do Gurupí e o cabo Orange, moldando-se ao longo das cristas, ao norte das serranias guaianenses."*
> Alberto Rangel, *Rumos,* 143

Em um dos mais interessantes escritores da Amazônia, êsse discreto e exato Aurélio Pinheiro, encontramos uma excelente abonação para a segunda palavra:

> *"Mais tarde, em* 1839, *quando o Amazonas ainda era uma simples comarca da Província do Pará, o rio Branco era novamente assaltado pela gente* guianense, *vinda de Demerara,"*
> Aurélio Pinheiro, *À margem do Amazonas,* 52

E, finalmente, para abonarmos o último vocábulo, temos o seguinte passo de um dos mais representativos escritores da hiléia:

> *"Além disso o soberano inglês, Jacques I, doava o território* guiano *compreendido entre o Essequibo e o Amazonas, por cartas patentes, a Roberto Harcourt, sir Thomas Challoner e John Roverson".*
> Raimundo Morais, *Anfiteatro,* 195

Assim, os amerigenismos *guianês, guianense, guiano,* derivados do étimo *uaiana,* denominação da grande tribo que viveu e cujos remanescentes vivem, ainda agora, na imensa região que hoje tem o seu nome, são mais três vocábulos caribes incorporados, de longa data, ao português do Brasil.

IORÓQUE

Há, entre a indiada caribe, duas grandes divindades, se assim me posso expressar, para significar duas entidades antagônicas, que são, respectivamente — o gênio do bem e o gênio do mal.

Essa entidade maléfica, êsse gênio do mal, êsse demônio, como nós o chamamos, vulgarmente, recebe, em grande parte dos linguajares caribes, a denominação de *Ioróque.*

Armando Novais Morelli, exímio tapejara das ráias setentrionais do Brasil, como antigo membro da Comissão de Limites do Setor Norte, nos poderá fornecer, do vocábulo em questão, bem como de seu significado, uma interpretação valiosa, fruto de seus estudos sôbre a vida, os usos e os costumes do gentio Urucuiana:

> *"Ainda muito primitivos, sua religião também o é. Formada e evoluida à custa de mêdo, comporta duas entidades antagônicas* — Cuiuri *ou Deus e* Ioróque *ou Diabo.* Cuiuri *é filho do mêdo do desconhecido, do* depois, *da ignorância da gênese das coisas e dos seres.* Ioróque, *das trevas fantasmogóricas, das doenças e da morte."*
> Morelli, *Campanha do Jarí,* 353

Lisandro Alvarado, também, em seu excelente *Datos etnográficos de Venezuela,* se refere a ambas as entidades:

> *"Llaman — los pueblos del Alto Orinoco, del Atapabo y del Inírida — al buen principio* Cachimana, *qui es el* Manitú *y el Gran Espiritu, que gobierna las estaciones y favorece las recoleciones de los frutos o producciones. Al lado de Cachimana hay un principio malo,* Iolokiano, *que es menos poderoso, pero más astuto y activo.*
> Alvarado, *Datos etnográficos,* 317

Antoine Biet dá, em seu *Les Galibis,* a forma *irucã,* como poderemos ver no seguinte passo:

> *"On ne leur peut parler de Dieu qu'en leur représentant un vieillard qu est au ciel, lequel gouverne tout, que sait tout, que connait tout et qui est infiniment bon. D'oú ils concluent que s'il est bon, il ne le faut point prier; d'oú vient qu'ils disent en leur langage* — Tamoussi Capou iroupaman, iroupa Iroucan oua: *"Le vieillard que est au ciel ets tres bon, le diable es méchant", Ils évoquent souvent* Iroucan, *le diable, et le consultent pour savoir l'événement des choses qu'ls veulent entrependre."*
> Biet, *Les Galibis,* 44

Ioróque é invisível, em circunstâncias normais, só podendo ser visto, exclusivamente, pelo *piái,* isto é, pelo pagé, quando o mesmo invoca, em suas preces, aquêle ser maléfico; além de vê-lo, também pode ouví-lo, e, até, sentí-lo, segundo a crença generalizada entre os silvícolas caribes.

Só o piái, também, é que pode compreender as suas palavras e tem o poder de manter conversações mais ou menos demoradas com *Ioróque,* segundo o seu maior ou menor poder. Quanto mais potente fôr a sua fôrça, ou mais benquisto fôr êle da entidade do bem, tanto maior o poder do *piái* sôbre *Ioróque* e suas manifestações, podendo vencê-lo em luta aberta.

O vocábulo aparece sob as mais diferentes formas — *ioroc, ioloc, iorosca, ioroska, irucã.*

Sôbre a forma *iorosca* poderemos aboná-lo com dois exemplos. O primeiro, de um escritor regional da Amazônia:

> *"Amedrontado, por tantos insucessos, panema na caça e na pesca, azarado nos amôres, só encontrava uma solução satisfatória para o seu caso*

— *procurar um pagé para livrá-lo de* Iorosca, *que o estava perseguindo sem tréguas.*"
Armando de Almeida, *Pagelança,* 51

O segundo passo, dessa forma corrente no hispano-americano, sobretudo no castelhano da Venezuela, encontramos em J. M. Cruxent, do Museu de Ciências Naturais de Caracas:

"*Son católicos a su manera y sólo pudimos tener noticia del nombre de su diablo* Ioroska, *quien los mata y les hace daño. Mantienem bastante reservada la existencia de los piaches, que creemos existen entre ellos y que pueden ser de ambos os sexos.*"
Cruxent, *Índios de Anzoátegui,* 126

Passemos, agora, ao estudo da etimologia do vocábulo.

Todos os etnólogos e lingüistas que estudaram o vocábulo apontam para o mesmo uma etimologia caribe. Assim, Martius, que o arrolou no vocabulário dos Galibí, sob as formas *iroucan, youroucan, jeroucan, yolocan, irocan* (125); Jules Crevaux e Armando Morelli, que arrolaram o têrmo entre os Urucuiana, respectivamente como *yoloc* (126) *e ioloc* (127); Henri Coudreau, que o anotou como *yoloc* no vocabulário dos Uaiana (128); e, finalmente, Curt Nimuendajú, que o relacionou no vocabulário dos Aparaí (129), para citar, apenas, os que recolheram o vocábulo do próprio lábio do amerîndio.

(125) — Martius, *Glossaria,* 338.
(126) — Crevaux, *Grammaires et vocabulaires,* 8.
(127) — Morelli, *Campanha do Jarí,* 353.
(128) — Coudreau, *Vocabulaires méthodiques,* 16.
(129) — Nimuendajú, *Aparaí,* 588.

ITAPUÍ

Há, no linguajar regional da gente amazônica, de uso corrente, três vocábulos — *tapirí, itapuí* e *tapuisa,* todos êles denominando um pequeno palheiro, próprio para servir de pouso, em uma noitada ou para servir de ligeiro abrigo, feito na mata e na borda dos igarapés, como defesa contra o sol e contra a chuva, o qual foi muito bem definido por Alberto Rangel:

"*Eram bem o edifício de instante para o trabalho de uma jornada. Não há conceber coisa mais reduzida: seis varinhas de uns três palmos de altura, fincadas no chão, suportando o toldo improvisado de palhas.*"
Alberto Rangel, *Inferno verde,* 261

Seriam inúmeras, se desejássemos, as abonações para documentar o uso dêsses três vocábulos. Vamos citar, entretanto, apenas, alguns exemplos.

Comecemos pelo vocabulário *tapirí*:

"*Lá, os altiplanos vermelhos de tabatinga se intercalam de balcões de verdura, e, do* tapirí *do caboclo à palafita do cearense, o panorama se desdobra em platós animados de troncos...*"
Ramaiana de Chevalier, *Circo,* 17

Citemos, agora, êsse outro passo, onde aparece um exemplo de *tapirí,* fornecido por um escritor que, não sendo da planície nativo, é um dos enamorados da hiléia:

"*Os* tapiris, *construidos na praia, são acanhados e modestíssimos. Pequenos palhaes, feitos de poucas estacas, e com cobertura de fôlhas de bacaba, nêles haverá, quando muito, espaço para duas redes, corridas lado a lado.*"
Gastão Cruls, *A Amazônia que eu vi,* 168

Raimundo Morais utiliza, em lugar de *tapirí*, o vocábulo *paperi*, explicando a razão de sua preferência:

> *"Há muita gente no Amazonas, principalmente o nordestino que, estropiando a pronúncia, chama* taperí, *em desacordo com os velhos caboclos do baixo amazonas, guardas fiéis da língua geral e de seus dialetos."*
> Raimundo Morais, *Meu dicionário*, II, 84

Raimundo Morais, em que pese o seu grande conhecimento, como tapejara seguro e vigoroso, dos mistérios da terra verde, não tem razão, neste particular, pelos dois seguintes motivos — um dêles é que o vocábulo, como veremos a seguir, não deriva do tupí; o outro é que, apesar de ser usada, de quando em quando, a palavra *paperí*, a forma de uso mais generalizada é, incontestàvelmente, *tapirí* (130), possívelmente, talvez, em conseqüência, ainda que inconscientemente, da determinante etimológica.

Menos usado, indiscutívelmente, do que *tapirí*, o vocábulo *itapuí* é corrente, também, não só no linguajar do povo, como na própria língua literária da Amazônia, com o mesmo significado, como poderemos observar neste passo de João Barbosa Rodrigues:

> *"A presença dos remos fez-me suspeitar que êsse* itapuí, *como os selvagens chamam os pousos, era pôrto de maloca."*
> Barbosa Rodrigues, *Crichanás*, 82

Citemos, agora, como abonação para seu uso, êsse exemplo, colhido num dos mais interessantes livros regionais:

---

(130) — A forma *taperí*, anteriormente a mais usada, foi substituída, na atualidade, pela de *tapirí*, pràticamente a única utilizada.

> *"Preparamo-nos, desde alta madrugada, para o grande empreendimento; na véspera, por previdência, tínhamos deixado já, no* itapuí *especialmente construído, os utensílios indispensáveis para a jornada."*
> Armando de Almeida, *Pagelança*, 40

E vejamos, por último, o vocábulo *tapuisa*, também utilizado, como os dois anteriores, pela gente amazônica, com o mesmo significado.

Vamos abonar o vocábulo *tapuisa* com a chancela de um dos mais representativos escritores da Amazônia.

> *"Perguntando-lhe como sabia disso o tuxáua Quintino contou-me que, certa vez, o velho Manuel Felipe, ouvindo cantar um cunauarú na vizinhança de sua* tapuisa, *de manhã cedo derrubou o pau do cantador mandigueiro..."*
> *Jorge Hurley*, Itarana, 91

Passemos a estudar, agora, a etimologia dos três vocábulos.

A antiga grafia usada — *taperí*, nada mais era, provàvelmente, do que o pressuposto que o vocábulo derivasse do tupinismo *tapera*. Uma simples verificação, porém, de ambos os significados, afasta, de imediato, qualquer suposição nesse sentido.

Nem *tapirí*, nem *itapuí* nem *tapuisa*, indiscutívelmente, derivam do tupinismo *tapera*, nem de nenhum outro étimo tupí, por uma razão muito simples — é que derivam todos os três vocábulos, como formas divergentes, de um étimo não tupí — o caribe.

Citemos, em primeiro lugar, o testemunho de dois demarcadores da Comissão de Limites do Setor Norte, que são Leônidas de Oliveira e Armando de Novais Morelli, que subiram o rio Jarí, o grande afluente da margem esquerda do Amazonas, desde a sua foz, na

cidade paraense de Arumanduba, até às suas cabeceiras, nas proximidades do ponto de trijunção das fronteiras Brasil-Guiana Britânica-Suriname.

Leônidas de Oliveira, o grande tapejara da varação do Jarí, o veterano lidador na demarcação das fronteiras setentrionais de nossa terra, admirável lindeiro que vem, há mais de vinte anos, nos entreatos dessa fâina de raiano, carreando, para a etnologia brasílica, uma valiosa contribuição colhida da própria convivência com numerosas famílias lingüísticas, caribes e aruacas, da Amazônia, recolheu o vocábulo *tapuí,* com a significação de palheiro, entre os Aparaí. (131)

Armando de Novais Morelli, o notável médico daquela Comissão, que alia às suas qualidades de exímio cirurgião uma tendência natural à vida sertaneja, intrépido companheiro de Leônidas naquela subida do Jarí, também recolheu, entre os Aparaí, com o significado de toldo, o vocábulo *tapuí.* (132)

Ainda entre os Aparai foi arrolado o vocábulo *tapuí* por Curt Nimuendajú, que nos legou, incontestàvelmente, o mais completo trabalho sôbre o vocabulário daquele gentio. (133)

Eurico Fernandes relacionou, também, no vocabulário dos Aparaí, como poderemos verificar em seu livro *Algumas notas sôbre os Waiano e os Apalaí, do rio Jarí,* o vocábulo *tapeí* (134), com o significado de casa.

João Barbosa Rodrigues, finalmente, colheu entre os Crichaná, significando casa, o vocábulo *itapuí.* (135)

---

(131) — Leônidas de Oliveira, *Roteiro do Jarí,* 34.
(132) — Morelli, *Campanha do Jarí,* 338.
(133) — Nimuendajú, *Aparaí,* 257.
(134) — Eurico Fernandes, *Waiano e Apalaí,* 12.
(135) — Barbosa Rodrigues, *Crichanás,* 259.

Cândido Rondon surpreendeu, entre os Taurepã, o vocábulo *tapuí,* significando casa. (136)

Martius, no vocabulário dos Galibi, arrolou o vocábulo *tapuí,* ainda com a mesma significação (137); e, finalmente, Bartolomé Tavera-Acosta, da Venezuela, um dos mais esclarecidos cultores do caribe, colheu, entre os Arecuna, também com o significado de casa, o vocábulo *tapuí.* (138)

Ora, dêsse étimo aparaí *tapuí,* colhido por Leônidas, por Morelli e por Nimuendajú; dêsse étimo galibi e taurepã *tapuí,* colhido por Martius e por Rondon e dêsse étimo crixaná *itapuí,* colhido por Barbosa Rodrigues, pequenas variantes do mesmo étimo caribe, é que derivam, como estamos vendo, os vocábulos *tapirí, itapuí e tapuisa,* correntes na língua literária e no linguajar do povo amazônico.

LOURO

Para o vocábulo *louro,* significando papagaio, têm sido propostas as mais diversas etimologias, chegando Monsenhor Rodolfo Dalgado (139), Marcel Devic (140), Karl Lokotsch (141) e Gonçalves Viana (142) a apontarem uma origem asiática para o mesmo, no que foram seguidos por dois eminentes e esclarecidos amerigenistas — Rufino José Cuervo (143) e Antenor Nascentes. (144)

Não discuto, absolutamente, o fato de existir ou não, no maláio, o vocábulo *nóri,* com a significação de

---

(136) — Rondon, *Glossário geral,* I, 237.
(137) — Martius, *Glossaria,* 328.
(138) — Tavera-Acosta, *Venezuela,* 158.
(139) — Dalgado, *Glossário,* s.v.
(140) — Devic, *Dictionnaire étymologique,* s.v.
(141) — Lokotsch, *Orientalischen,* s.v.
(142) — Gonçalves Viana, *Apostilas,* II, 83.
(143) — Cuervo, *Apuntaciones,* 122.
(144) — Nascentes, *Dicionário etimológico,* s.v.

papagaio, do qual poderão ser meras deturpações as formas — *lori, lory, lorico, loro,* como êles afirmam.

O que venho discutir e, de forma alguma, posso aceitar, como afirmam aquêles etimologistas, é que o vocábulo *louro,* com significado de papagaio, derive daquele étimo maláio *nóri.*

E por uma razão muito simples — porque aquêle vocábulo *louro* provém, como iremos ver, de uma língua indígena americana.

A palavra, incorporada não só ao português do Brasil, como à própria língua portuguêsa, é de uso geral na América, região onde floresce o linguajar indígena de que emana o vocábulo. Vejamo-lo num dos mais expressivos escritores da hiléia:

> *"O grosso dos publicistas daquela época insiste todavia em afirmar que a briga silvícola determinante do fracionamento ameríndio do sul foi devida a um papagaio. Disputado por duas espôsas de guerreiros tupís, irmãos ainda por cima, a contenda principiou. A mulher do mais velho achara o* louro *implume na mata."*

Raimundo Morais, *Aluvião,* 123

Vamos analisar, agora, a origem do vocábulo *louro.*

Êle deriva, como já dissemos, de um linguajar indígena americano — o caribe, onde tem para étimo *rôro,* que significa papagaio.

Talvez essa etimologia do vocábulo seja estranha para muitas pessoas não afeiçoadas aos estudos lingüísticos americanos, apesar de não ignorarem, por certo, a tão espalhada cantiga de nossos papagaios:

Papagaio real,
Para Portugal,
Quem passa,

Meu Louro,
É o rei que
Vai à caça.

Êste vocábulo *louro* sugere-nos, ainda, algumas considerações interessantes. Todos os missionários e catequistas que tiveram contato, desde os albores do século XVI, com os nossos brasis, apontaram a imensa dificuldade com que os mesmos lutavam para pronunciar o *l,* o *f* e o *r.*

Já é, por isso mesmo, largamente conhecida, à custa de repisada, a frase de Gandavo, na *História da Província de Santa Cruz,* de Gabriel Soares, *no Tratado descritivo do Brasil em* 1587 e de Fernão Cardim, no *Tratado da terra e gente do Brasil* — "não pronunciam êles o *f,* o *l* e o *r* porque não têm fé, nem lei, nem rei."

Não era absolutamente exata, porém, aquela afirmativa, já hoje proverbial, uma vez que o que não existia na língua tupí era, isso sim, o *r* forte, com o valor de *rr,* como aparece, por exemplo, nas palavras portuguêsas *ráio* e *tenro,* pois todos os *r* no tupí tinham o valor de *r* brando, tal como aparecem na palavra *arara,* valor êsse que permanecia naquela língua, ainda mesmo quando o *r* fôsse inicial.

Não era na língua tupí, apenas, que não existia o *r* forte. O fato é peculiar a várias línguas indígenas americanas. Nós, que tivemos contato, durante largo tempo, com várias tribos caribes, desfrutamos da oportunidade de observar que, naqueles dialetos, a inexistência do *r* forte ainda permanece, assim como não existe, também, a consoante *f,* tanto assim que, para pronunciarem a palavra *café,* bebida que altamente apreciavam, e que sempre que se apresentava ocasião êles solicitavam, os silvícolas o pronunciavam, invariàvelmente, *cavê.*

Essa ausência do *r* forte se faz sentir, até, nas próprias denominações dos locativos.

Vejamos um exemplo. A serra do *Ererê*, situada no município paraense de Monte-Alegre, tem como origem de seu nome o vocábulo caribe *rerê*, que significa no aparaí, linguajar de origem caribe, morcêgo — pronunciados os dois *rr* brandos, como os *rr* de arara, pronúncia caribe essa que, pela impossibilidade da prosódia portuguêsa, apareceu com *e* protético, que fêz com que o topônimo mantivesse, em nossa língua, aproximadamente, a prosódia caribe.

Êste processo, usado na língua dos conquistadores e de seus descendentes, de antepor uma vogal ao *r* brando inicial da língua indígena, não é uma novidade nos vocábulos derivados do caribe, uma vez que, no próprio tupí, os exemplos são inúmeros, bastando citar, à título de ilustração, o exemplo quinhentista de Gabriel Soares de Sousa, que aparece no capítulo CXL de seu precioso *Tratado descritivo*, capítulo em que estuda as ostras existentes na Bahia, dizendo que os índios denominavam às mesma pelos nomes de *leriassú, lerimirim e leripeba.*

Êste *l* não existia no tupí, é pura colaboração portuguêsa. O índio sempre pronunciava *rerí*, com ambos os *rr* fracos. Na própria Bahia temos, ainda agora, a prova documentada do fato. Em conversa com o meu saudoso amigo Artur Neiva, na sua antiga casa do Jardim Botânico, me informou êle ter ouvido, na última de suas periódicas viagens à terra natal, na ilha dos Frades, a pronúncia *aripeba*, para designar a ostra pataca, em que se verifica o mesmo fenômeno lingüístico observado em *ererê*.

Já que estamos falando em toponímia, nela temos uma prova de que o vocábulo *louro*, já integrado na língua portuguêsa, deriva do étimo caribe *rôro*.

É de todos conhecida a serra, divisória entre o Brasil e Venezuela, conhecida pelo nome de *Rorôima.*

Pois, bem, essa toponímia da serra lindeira provém do caribe, de *rôro*, papagaio e do sufixo *imã*, cuja pronúncia é difícil de grafar, sem o emprêgo dos sinais diacríticos, pois as duas sílabas são, ambas, tônicas, havendo, apenas, uma quase imperceptível predominância na primeira delas, o qual significa, umas vêzes, em inúmeros dialetos caribes, o pai, o formador, o maior de todos; e, outras vêzes, aparece como um coletivo, significando coleção, reunião.

O topônimo Rorôima, (145) pois, significa, para o gentio caribe Taurepã, de cujo linguajar deriva aquêle étimo, o pai ou formador dos papagaios, o que vem provar, mais uma vez, a admirável precisão de nosso indígena na nomenclatura geográfica.

O meu prezado amigo Lima Figueiredo, que correu largo trecho da interlândia amazônica, no interessante livro sôbre *Limites do Brasil*, de bastante valor para o estudo e o conhecimento de nossas lindes, apontou para o topônimo Rorôima uma origem diferente:

> *"Nossa fronteira com a Colônia Demerara começa no Monte Rorôimã, ponto extremo norte* (146) *de nosso torrão. É costume chamar-se a essa elevação de Roroima ou Roráima, o que constitui êrro. Os silvícolas que habitam a região*

---

(145) — Penso que o mais acertado é pronunciarmos o topônimo, em português, como *Rorôima.* A pronúncia do vocábulo, entre os caribes da região é, de fato, *Rorôimâ*, difícil de ser grafada, como já vimos, sem os sinais diacríticos. Podemos informar, entretanto, que se há predominância tônica numa daquelas sílabas, predominância quase imperceptível, porém, é no segundo *rô*.

(146) — Quando aquelas considerações de Lima Figueiredo foram escritas, era o Rorôima, ainda, considerado o ponto setentrional do Brasil, porque só mais tarde, em 1934, a Comissão de Limites do Setor Norte verificou, em seus trabalhos de demarcação, que o ponto mais setentrional do Brasil era a serra do Caburái — a *Caburái-tepê* dos silvícolas — ponto êsse assinalado por Rubens Nelson Alves, o veterano demarcador das ráias setentrionais do Brasil.

pronunciam rorôimã, *palavra composta de* rorô, *verde e* imã, *monte, serra,"*
Lima Figueiredo, *Limites do Brasil,* 23

Houve, evidentemente, por parte de meu saudoso companheiro, o culto amerigenista que foi Lima Figueiredo, um pequeno equívoco, ao explicar a etimologia do topônimo, uma vez que nem *rorô* significa verde, nem *ímã, s*egundo êle afirma, designa o monte, a serra.

De fato, *rorá* — e não *rorô* — no Taurepã, linguajar caribe da região, significa verde e, às vêzes, azul. É com êsse significado que êle aparece, primeiramente, no incomparável relatório de Rondon sôbre a *Campanha de* 1927 (147), da Inspeção de Fronteiras, de que o velho sertanista era chefe; e, ainda, com o mesmo significado, é que aparece, também, no preciosíssimo *Glossário geral* (148), formosa coleção de vocabulários, sobretudo não tupís, da Amazônia e de Mato-Grosso, organizado por João Barboza de Faria sob a supervisão do Marechal Rondon, o qual será, por mim, mais de uma vez citado neste meu trabalho, como fonte segura onde nos poderemos abeberar para o perfeito conhecimento dos étimos indígenas americanos.

Curt Niemuendajú em seu preciosíssimo *Macuxí* (149), já muitas vêzes citado, também, como outra preciosa fonte de consulta para os étimos dos amerigenismos que estamos estudando, também arrolou, naquele linguajar, o vocábulo *rorá,* com o significado de azul, verde.

Todos os que apisoaram o chão de Rorôima ouviram, sempre, invariàvelmente, os silvícolas da região pronunciarem *Rorôimâ* e nunca *Roráimâ,* que era, inexplicàvelmente, a maneira pela qual o topônimo foi conhecido por largo tempo.

(147) — Rondon, *Campanha de* 1927, I, 33.
(148) — Rondon, *Glossário geral,* I, 240.
(149) — Nimuendajú, *Macuxí,* 488.

Nem se diga que seria aquela — de *rorá,* verde e *ímã,* o formador — a verdadeira origem do topônimo. Só quem nunca lá foi, só quem não conhece a admirável lucidez de nosso gentio no batismo dos locativos, é que poderia aceitar aquela origem.

Além de meu testemunho pessoal, pois que o colhi, entre a indiada caribe da Amazônia, podemos citar não só o testemunho de Lisandro Alvarado, em seu prestantíssimo trabalho, por mim inúmeras vêzes citado, como seguro guia no estudo dos amerigenismos derivados do caribe e do aruaco, que é êsse *Glosario de voces indígenas de Venezuela* (150), como ainda, sobretudo, o dêsse esmeradíssimo cultor dos linguajares indígenas americanos, que foi Curt Nimuendajú, como poderemos ver no documento que abaixo transcrevemos, trecho de uma carta a mim dirigida:

"Sôbre o vocábulo louro, *hoje incorporado à língua portuguêsa e acêrca do qual pediu a minha opinião, não tão abalisada como supõe, concordo inteiramente com o seu ponto de vista — o vocábulo não é, positivamente, de orígem quêchua; êle é, típicamente, caraíba, até mesmo por razões exclusivamente geográficas, uma vez que era muito mais difícil um vocábulo que designava, na planície, seu habitat por excelência, uma ave, designação que é geral em muitas línguas caraíbas, das quais ela subiu em direção dos Andes, do que haver o vocábulo descido, de uma região onde a ave era muito mais rara, para a planície.*

Aliás, comparando-se, cronològicamente, a existência do vocábulo em uma e outra língua, a

(150) — Alvarado, *Voces indígenas,* s.v.

prioridade cabe ao caraíba, sem a menor dúvida. Assim, sem dúvida, o vocábulo rôro, *de onde vem a atual palavra portuguêsa* louro, *significando papagaio, é uma palavra de origem caraíba".*

A transcrição desta carta de meu saudoso amigo Curt Nimuendajú, o maior etnólogo do Brasil, em tôdas as épocas, com a mais rigorosa e absoluta justiça, aqui neste trabalho, onde vem dar um brilho e um valor excepcionais a estas páginas descoloridas e singelas, representa, de um lado, uma demonstração da imensa amizade e da profunda admiração que eu lhe dedicava e, de outro lado, uma prova de meu imperecível reconhecimento por tudo quanto lhe devo, nesta ordem de estudos, a quem apaixonadamente nos dedicamos — eu, como um modesto estudioso dêles, nem sei se bom; êle, como um dos mais consumados mestres da etnologia brasílica, amerigenista esmeradíssimo, cujos trabalhos, parte dos quais ainda inédita, constituem, indiscutívelmente, um verdadeiro patrimônio da cultura brasileira, o qual, entretanto, nunca perdeu uma oportunidade de estimular, com os seus ensinamentos e os seus conselhos, ao discípulo, que dêle sempre fui, com aquela simplicidade e aquela bondade tão cativantes, que eram a principal característica de meu prezado, de meu saudoso e de meu nobre amigo.

Aquela etimologia, apontada por Curt Nimuendajú para o vocábulo *louro,* é confirmada, tanto pelos clássicos dos linguajares caribes — Raymond Bréton, Diego Pellepret, La Salle de l'Estang, Diego de Tapia, Antoine Biet, como pelos modernos estudiosos daquelas línguas — Tavera-Acosta, Koch-Grünberg, De Goeje e tantos outros mais.

MACUNÂIMA

Na mitologia dos Taurepã, Arecuna e Macuxi, tribos caribes da Guiana Brasileira, que habitam a região do alto Rio Branco, *Macunâima* é uma entidade divina.

Segundo Koch-Grünberg, que estudou profundamente os mitos e as lendas dos Taurepã e dos Arecuna, como já vimos, *Macunâima* é o supremo herói tribal:

> "Macunâima *é, como todos os heróis tribais, o grande transformador. Transforma pessoas e animais, algumas vêzes por castigo, na maior parte, porém, pelo prazer da maldade, em pedras. Também é criador. Êle fêz, como já foi dito, todos os animais de caça, bem como os peixes."*
>
> Koch-Grünberg, *Mitos e lendas,* 21

Nelson Corrêa de Oliveira, natural daquela mesma região, com as credenciais magníficas, ainda, de membro da Comissão de Limites do Setor Norte, colheu, entre os Macuxí, a qual aquí transcrevemos, a seguinte lenda sôbre *Macunâima*:

> *"Em tempos imemoriais, ainda quando* Macunâima *fazia da terra, que era uma massa pastosa, as árvores, as pedras, os animais, enfim, o que hoje existe no mundo, o monte Rorôima e o monte Cuquenã formavam um só monte. O deus* Macunâima *fizera êsse monte e o dera a seus dois filhos — Entiqurã e Atimitchel. À princípio êles viveram em paz e harmonia, ocupando-se da caça e da transformação da massa pastosa, ainda não plasmada, que era a terra, nas coisas de que necessitavam, pois tinham, também, o poder divino. Houve um dia, porém, em que os irmãos brigaram e se separa-*

ram, indo cada um morar em ponto oposto, disputando, sempre, cada um dêles, a posse do monte. Macunâima, *querendo acabar com a luta entre os dois filhos, fêz cair uma grande chuva, cujas águas formaram, no planalto do monte, uma grande represa. Com o escoamento delas foi o monte dividido em dois, o Cuquenã, ao norte e o Rorôima ao sul, ficando separados, também, Entiquerã e Atimichel, que nunca mais brigaram.*"

Nelson Corrêa, *Campanha do Uraricuera,* 16.

O nome do grande herói tribal dos Taurepã já ultrapassou o círculo dos estudiosos da etnologia brasílica, difundindo-se pela literatura brasileira. Mário de Andrade, Nunes Pereira e Jorge de Lima escreveram, o primeiro um livro e os outros dois, um ensáio cada um, sôbre o grande herói tribal.

Citemos, agora, como abonação do vocábulo, o seguinte passo de Gastão Cruls:

"*Falando em campos do rio Branco, temos quase à vista a imponente massa do Rorôima, para os índios uma montanha sagrada, não só a moradia de* Macunâima, *como também a sempre fértil mãe dos rios.*"

Gastão Cruls, *Hiléia,* 26

Quanto à etimologia do patronímico nós a encontramos em Koch-Grünberg, um dos grandes conhecedores do caribe:

"*O nome do supremo herói tribal,* Macunâima, *parece conter como parte essencial a palavra* macu, *mau e o sufixo aumentativo* ima, *grande. Assim, o nome significaria o seguinte: o grande mau, que calha perfeitamente com o caráter intrigante e funesto dêste herói.*"

Koch-Grünberg, *Mitos e lendas,* 21

Há, entretanto, uma questão a assinalar, quanto à verdadeira pronúncia do vocábulo, que sempre aparece escrito como paroxítono — *Macunaima.*

A verdadeira pronúncia da palavra, porém, bem como a de todos os vocábulos caribes que terminam com o sufixo *imã,* que significa o pai, o formador e, às vêzes, como no caso presente, o maior de todos, deveria ser aquela em que a tônica mais forte, se assim me posso expressar, recairia na última sílaba da palavra primitiva, levemente apoiada ao *i* do sufixo, além de uma segunda tônica, bem mais fraca, porém, que deveria recair, então, no final do sufixo *imã.*

Infelizmente só com o uso dos sinais diacríticos, que nossas tipografias não possuem, é que poderíamos escrever, corretamente, a pronúncia exata da palavra.

Entretanto, tal como ocorre com *Rorôima,* é preferível escrever e pronunciar *Macunâima,* grafia que fica mais próxima da verdadeira pronúncia caribe, do que *Macunaíma.*

MAMÃO

O vocábulo *mamão* tem sido, na verdade, uma constante vítima de nossos etimologistas, que nunca indicaram, possívelmente por desconhecerem o linguajar de que deriva, o verdadeiro étimo da palavra.

A mais comum das etimologias, já sediça de tanto repetida, é aquela em que o vocábulo é considerado como um derivado analógico de mama.

Há alguns anos atrás, um estudioso dos tupinismos do português do Brasil, que escrevia, de quando em quando, no *Jornal do Brasil,* do Rio de Janeiro, interessantes artigos, assinados com as iniciais D. B. e que não era outro senão o culto maranhense que foi Domingos Barbosa, escreveu naquele mesmo diário o seguinte, que aqui transcrevemos:

"Mamoré, ao contrário do que muita gente poderá supor, não é uma das muitíssimas palavras compostas por aglutinação, que há na "lingua boa". É o nome de um cipó que dá nas margens dos rios, e, estou que não é outra a origem do topônimo tomado pela ferrovia. A espécie de planta — que insisto, é um mero cipó — faz logo afastar a idéia de que na dita palavra entre, como radical, mamô, *nome que os nossos silvícolas dão ao mamão,* carica papaya *dos naturalistas. A maioria de nossos vernaculistas tem como português o vocábulo* mamão — *aumentativo de* mama, *devido ao formato da fruta. E o seguríssimo tupinógrafo Conde Ermano Stradelli não repeliu a hipótese de ser o* mamô *dos indígenas uma corruptela de* mamão — *coisa que se observa em não poucas palavras portuguêsas que passaram do português para o* nheengatú *com a prosódia adulterada pelos autóctones.*

Domingos Barbosa, *Jornal do Brasil,* 31.8.1940.

Sem entrarmos na apreciação da etimologia do topônimo Mamoré, inteiramente destituida de qualquer fundamento, verificamos, ainda uma vêz, a afirmativa de que o vocábulo *mamão* é um derivado analógico de *mama,* etimologia apontada, numa repetição verdadeiramente enfadonha, por todos os que se dedicam a estudar a lexicologia do português do Brasil. (151)

O vocábulo *mamão,* entretanto, não deriva dessa apontada analogia de formas, nada mais sendo, em verdade, do que um daqueles vocábulos que a nossa língua anexou ao seu patrimônio léxico, oriundos de uma língua indígena americana — o caribe.

São os silvícolas caribes, ainda, hoje, grandes plan-

(151) — Antenor Nascentes repete, no *Dicionário etimológico,* ao estudar o verbete *mamoeiro,* a mesma derivação analógica de mama, para a etimologia de *mamão.*

tadores da saborosa fruta, a que chamam de *mapaiá,* evidentemente o étimo do vocábulo português *mamão,* levado pelos primeiros cronistas para a língua do reino, como tantos outros vocábulos, como se poderá verificar por uma rápida leitura do formosíssimo *Tratado descritivo do Brasil,* de Gabriel Soares de Sousa, dos não menos valiosos *Tratados da gente e terra do Brasil,* de Fernão Cardim e dos *Diálogos das grandesas do Brasil,* de Ambrósio Fernandes Brandão, para só falarmos em autores lusitanos, além dos notáveis trabalhos de Piso e Margrave e de Barléu, todos êles repletos de nomes indígenas americanos, alguns dos quais já hoje universalmente conhecidos.

O vocábulo, quanto à etimologia, como estamos vendo, deriva do caribe. Além de minha contribuição pessoal, fruto da convivência com as tribos caribes da Amazônia, trago ainda, para a confirmação dessa origem, a palavra de dois dos mais autorizados demarcadores da Comissão de Limites do Setor Norte, os raianos Rubens Nelson Alves e Antônio Pojucan Cavalcanti, que colheram o vocábulo, também, do próprio lábio do nosso gentio.

Ambos o recolheram sob a forma *mapaiá* (152); o primeiro entre os Rangupiquí (153) e o segundo entre os Maraxó. (154)

O vocábulo foi colhido, também, sob a forma de *mamaiá* (155) entre os Caxuiana, indígenas caribes

(152) — O vocábulo mais generalizado, entre as tribos caribes da Amazônia, para denominar a fruta é, numa incomparável maioria, *mapaiá.* Eu próprio, ouvi, entretanto, em algumas daquelas tribos, a pronúncia *mamaiá,* sobretudo entre os Galibí, a família caribe que mais carreou, para o enriquecimento do vocabulário do português do Brasil, palavras de origem caribe.

(153) — Rubens Alves, *Rangupiquí,* 29.

(154) — Pojucan Cavalcanti, *Campanha do Mapuera,* 25.

(155) — Jorge Hurley, *Vocabulário dos aborígenes,* 234.

que vivem no rio Cachorro (156), da bacia do Trombetas, os quais são os últimos abencerragens da famosa tribo dos Pauxi, que habitaram, nos idos do descobrimento, a atual cidade paraense de Óbidos, cuja toponimia histórica derivava daquele mesmo gentio — *Pauxi*

O vocábulo *mamão,* assim, longe de ser, como supunha Domingos Barbosa, um vocábulo da língua dos conquistadores introduzido no linguajar de nossos brasís é, inversamente, mais um amerigenismo no português do Brasil.

MANARÍ

Um dos vocábulos mais interessantes que encontrei, na região do Baixo-Amazonas, sobretudo na zona do Trombetas, foi *manarí,* com o significado de peneira.

Supus, logo de início, tratar-se de um amerigenismo, cuja origem, ao primeiro contato com a palavra, não bem sabia definir. Mais tarde, porém, não sòmente vim encontrar a sua etimologia, entre os estudiosos dos linguajares indígenas americanos, como a colhi, pessoalmente, do próprio lábio do gentio caribe, de cuja língua ela deriva, principalmente daquele que se situa na imensa região da mesopotâmia Parú-Marapí, os dois grandes formadores do Cuminá, importante tributário do Trombetas.

Atestam essa origem caribe, como iremos ver, todos os estudiosos dos linguajares caribes da Amazônia. Assim, Jules Crevaux o recolheu entre os Urucuiana, sob a forma *manarí* (157); Curt Nimuendajú o

(156) — A etimologia dêste rio, afluente da margem direita do Trombetas, que foi transformado, pelos panaquirís, para rio Cachorro, deriva do nome indígena *Caxurú,* toponímia histórica do rio, que se tornou conhecido, na geografia brasílica, porque nêle assistem, como já vimos, os Caxuiana, cuja denominação provém de *caxú,* corruptela de *caxurú,* que significa colar e de *iana,* que exprime tribo, povo, família, naquele linguajar caribe.

(157) — Crevaux, *Grammaires et vocabulaires,* 18.

arrolou como *manarí,* no macuxí (158) e como *manarê* no Aparai (159); Cândido Rondon o arrolou como *manarê,* no Maiongom (160) e, finalmente, o colheram no Galibí, Antoine Biet, sob a forma *manaré* (161); von Martius, sob a forma *manaret* (162); Crevaux, *manaret* (163) e Rondon *manáre.* (164)

Não há dúvida, assim, de que se trata, realmente, de um vocábulo de origem caribe.

É êle usado na região do Trombetas sob a forma *manarí.* O que mais deve ter influido, não sòmente em relação a essa forma, como principalmente sôbre o uso do próprio vocábulo entre as populações ribeirinhas da zona do Trombetas, é que o mesmo é corrente na língua dos Caxuiana, gentio caribe do rio Cachorro, que vive muito em contato com aquelas populações.

Podemos abonar o seu uso com o seguinte exemplo:

> *Depois de ter preparado, com todo o cuidado, a farinha para o delicioso beijú, ainda, antes de começar a fazê-lo, passou-a novamente num* manarí *de talas bem justas."*
>
> Armando de Almeida, *Pagelança,* 40

No espanhol da América, sobretudo no castelhano da Veneuela, é de largo emprêgo o vocábulo, sob a forma *manare*:

> *"Escassos son los trabajos de cestería que hoy se encuentram en el ajuar de estos Indios. Tienen*

(158) — Nimuendajú, *Macuxí,* 163.
(159) — Nimuendajú, *Aparaí,* 372.
(160) — Rondon, *Glossário geral,* I, 219.
(161) — Biet, *Les Galibis,* 87.
(162) — Martius, *Glossaria,* 357.
(163) — Crevaux, *Grammaires et vocabulaires,* 18.
(164) — Rondon, *Glossário geral,* I, 227.

el sebucan y el manare, *que son objetos de comercio...*"

Cruxent, *Indios de Anzoátegui,* 120

Temos, assim, pois, mais um amerigenismo do português do Brasil, originário de um dos linguajares indígenas americanos — o caribe.

MANATIM

O peixe-boi, o célebre *Trichecus manatus,* Natteter, na linguagem dos naturalistas, que no tupí se denomina *guaraguá,* tem, no caribe, a denominação de *manatí,* como iremos ver.

No primeiro *glossário de amerigenismos,* que é aquêle que acompanha as três primeiras *Décadas del Nuevo Mundo,* de Pedro Mártir de Anghiera, publicadas em Alcalá, em 1516, já está relacionado o vocábulo *manatí.*

O amerigenismo, que se internacionalizou, passou a figurar, como já vimos, na nomenclatura científica do célebre mamífero. O .padre José Gumilla, no seu excelente arquivo de informações sôbre a região orinoquense, que é êsse *El Orinoco ilustrado,* muito bem definiu o animal:

"*Es la figura del* manatí, *o vaca marina, muy irregular, y diversa de todo otro pescado. Ya dije que se mantiene de la hierba y ramos que se crían en las márgenes del río; la dentadura toda, y modo de rumiar, es propria de buey; también son muy semejantes a los del buey su boca y labios, con semejantes pelos a los que tiene también junto a la boca.*"

Gumilla, *Orinoco,* I, 227

O vocábulo, que já foi incluido no *Pequeno dicionário brasileiro,* sob a forma de *manatim,* é usado, bem freqüentemente, pela gente da Amazônia

Vejamos, como abonação de seu emprêgo, alguns exemplos.

Citemos, para começar, o seguinte passo de um dos mais criteriosos cronistas da Amazônia, que é êsse simples e desprentensioso Aurélio Pinheiro:

"*Algumas remadas, uma pancada grande na cabeça do* manatim *e apenas o trabalho de rebocá-lo para a margem e, depois, com a sua carne e a sua gordura, preparar essa esplêndida mixira...*"

Aurélio Pinheiro, *À margem do Amazonas,* 218

E, em seguida, êsse outro exemplo de um escritor regional daquele paraiso verde:

"*Quando a fome apertou, pois o sol já estava alto e nossa primeira refeição havia sido pela madrugada, nos deliciamos com uma suculenta mixira do famoso* manatim..."

Armando de Almeida, *Pagelança,* 39

André Thevet, no capítulo LXXI de *Singularitez de la France Antarctique,* ao tratar da Ilha Espanhola, descreve, com absoluta fidelidade, o *manatí.*

Tratemos de estudar, agora, a sua etimologia.

Júlio Calcaño, perfeito conhecedor do espanhol da América, o que é prova êsse magnífico trabalho que *é El castellano en Venezuela,* se negava, entretanto, a aceitar a orígem americana de alguns amerigenismos; entre êles, baseando-se na informação de Gonzalo Fernández de Oviedo, incluía o vocábulo *manatí*:

"Se ha dito que su nombre es indigena. Es un error; ha sido formado de mano, *como lo dic*[e] *el cronista real Fernández de Oviedo."*
Calcaño, *El Castellano en Venezuela,* 406

Apesar da informação de Oviedo, autoridade indiscutível nesse assunto, juntamente com Fray Bartolomé de Las Casas, pois que ambos viveram, na primeira metade do século XV, na ilha de Santo Domingo, nesse ponto, como iremos ver, nem Oviedo, nem muito menos Calcaño, estão com a razão.

Já vimos que *manatí* faz parte do pequeno rol de vocábulos que constituiu o primeiro *glossário de amerigenismos,* colhidos, todos êles, entre os próprios indígenas, ainda no século XV e que aparecem nas *Décadas del Nuevo Mundo,* de Pedro Mártir de Anghiera.

Pois bem, o próprio Anghiera, com a sua indiscutível autoridade e, também, com a sua proverbial honestidade em relatar as coisas relacionadas às viagens de Colombo, é quem nos fornece a origem caribe do vocábulo, quando nos diz:

"El cacique de esta région era aficionado a la pesca, y se llama Caramatex. En sus redes cayó un pez cachorro, del género de peces enormes, que los indígenas llaman manatí."
Anghiera, *Décadas,* 271

Além dêsse testemunho, realmente definitivo, de Anghiera, sôbre a origem caribe de *manatí,* ainda poderemos citar, entre várias outras, como prova dessa apontada origem caribe, duas informações preciosas — a primeira, de Pedro Henríquez Ureña, notável conhecedor dos linguajares caribes e aruacos de Santo Domingo, que indica aquela origem em dois livros

realmete excepcionais (165); a outra, de Bartolomé-Tavera-Acosta, exímio conhecedor do caribe de Vezuela (166).

Não resta a menor dúvida, pois, que o vocábulo *manatim,* já utilizado na classificação científica do animal que êle batiza, é mais um amerigenismo de origem caribe integrado no português do Brasil.

MARAJÁ

Nomeia, o vocábulo *marajá,* uma palmeira, encontradiça, largamente, em tôda a região amazônica.

O vocábulo poderá ser abonado com exemplos de dois dos mais representativos escritores da planície.

A primeira abonação, aliás altamente expressiva, uma vez que nela aparece a classificação botânica da palmeira, não deixando, assim, a menor dúvida para sua identificação, poderemos encontrar em José Veríssimo, o ilustre *pauxiuara* (167), profundo e meticuloso, como sempre, nas suas informações:

"O parí é um pano de talas, chatas, de um ou dois dedos de largura, tiradas e afeiçoadas do tronco, da palmeira marajá (Bactris marajá) principalmente."
José Veríssimo, *A pesca na Amazônia,* 112

O outro exemplo devemos a Monteiro Baena, o celebrado autor do precioso *Compêndio das eras da província do Pará*:

---

(165) — Ureña, *Indigenismos,* 106 e *El español en Santo Domingo,* 128.

(166) — Tavera-Acosta, *Venezuela,* 163.

(167) — Uso, para José Veríssimo, o patronímico indicado por êle próprio: "Os adjetivos patronímicos conservam a forma tupí, com a terminativa *ara, uara,* como em *marajoara,* filho de Marajó; *cametauara,* filho de Cametá; *pauxiuara,* de Óbidos (antigamente Pauxís). José Veríssimo, *Cenas,* 36.

"O parí é uma esteira de marajá, *com o qual se cruza o igarapé, atando-a em varas cravadas, a que chamam paritás."*
Monteiro Baena, *Ensáio corográfico,* 109

Encontramos o vocábulo em livros que não são de autores da Amazônia, mas que a ela se referem. Citemos, em primeiro lugar, êsse passo de um escritor cearense:

"Agora, aquêles homens passavam num chão coberto dos grandes espinhos de caiaué, marajá, pequena palmeira que cresce em profusão, de assacú, grande árvore que produz um líquido considerado tóxico."
José Façanha, *A tragédia amazônica,* 178

Devemos o outro exemplo ao carioca Gastão Cruls, enamorado da Hiléia, de que é, atualmente, um dos mais sutís conhecedores:

"Frutos que tanto se comiam crús ou assados, de jará-açú, marajá, *pupunha, murumurú, inajá, tucumã, curuá-piranga, iú."*
Gastão Cruls, *Hiléia,* 51

O vocábulo *marajá* deriva de um étimo caribe — *maraiá.* Entre aquêle gentio, com o qual íntimamente conviví, não é de outra maneira que êles designam essa palmácea.

Rubens Nelson Alves anotou o vocábulo no seu *Vocabulário Rangupiqui.* Nem outra foi a esplêndida lição que nos deu o engenheiro Luís de Sousa Martins, um dos mais valorosos demarcadores, que colheu o vocábulo, também, no contato direto com o indígena:

"Usam, as diferentes tribos caribes da região, como cobertura de seus pacorôs, a palmeira por

êles denominada maraiá, que é, assim, a etimologia da conhecida e valiosa palmácea por nós conhecida sob o nome de marajá."
Sousa Martins, *Campanha do Mapuera,* 26

Não há dúvida, pois, que o vocábulo *marajá,* que já foi arrolado no *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguêsa,* é mais um amerigenismo de origem caribe incorporado ao português do Brasil.

MARAQUÊ

Maraquê é o nome de um ritual, estritamente obrigatório, na vida tribal, entre algumas famílias caribes, sobretudo entre os Urucuiana, o qual tem, como finalidade específica, integrar os rapazes e as raparigas, quando atingem certa idade, à comunidade tribal, conferindo-lhes os mesmos direitos e os mesmos deveres dos demais adultos do grupo, proclamando-os, ao mesmo tempo, físicamente aptos para o matrimônio.

É o *maraquë,* em última análise, uma prova de nubilidade, um verdadeiro batismo de integral pujança física. Não há, para os homens, um prazo certo para a sua realização, podendo o mesmo, assim, ser marcado com antecedência.

Esperam os dirigentes do grupo, em geral, que um determinado número de rapazes, que ainda não experimentaram as provas do *maraquê,* estejam em condições propícias para realizá-las, o que fazem juntamente com alguns outros que não a suportaram, demonstrando não possuirem a coragem indispensável para a realização daquelas provas.

Quanto às mulheres, é diferente; não pode haver antecedência na marcação dessas provas de nubilidade, uma vez que a mesma deve ser realizada no mesmo dia em que se verifica a sua primeira menarca.

As festas preparatórias que precedem o ritual do *maraquê* duram, normalmente, seis dias, sendo caracterizadas pela abundância das mais variadas bebidas fermentadas e de comestíveis. Enormes vasilhas feitas de barro cozido, com cêrca de um metro de altura, por quase um metro de diâmetro, semelhantes às antigas igaçabas, tão encontradiças nos restos da louçaria indígena, alinham-se cheias de *caxirí*, de *pajuarú*, de *sacurá*, mais fortes ou mais fracos, segundo o gôsto dos dançarinos.

Vejamos, em rápido escôrço, como são distribuídos os dias dedicados a essas festas.

Dedicam tôda a parte da manhã, geralmente, aos jogos representativos de caçadas. Mais se assemelham, nessa ocasião, pela ingenuidade com que se entregam ao folguedo, a crianças grandes brincando de caçador e de caça. Alguns dêles, vestidos a caráter, de acôrdo com o animal que representam, saem correndo, fingindo a caça determinada para aquêle dia, imitando seus gritos e rugidos, sua vida silvestre nos mínimos pormenores, enquanto os demais, representando os caçadores, correm em perseguição àquêles, rastejando, andando de gatinhas, de cócoras, procurando imitar o seu pio, o seu esturro ou o seu canto, como fazem, de fato, na vida real.

Vemos, assim, como vencedores e vencidos, tanto caçadores como caças, vencendo sempre o mais destro.

Uma vez terminada essa parte matutina dos festejos todos se reunem para comentar as várias peripécias da caçada, discutirem os processos adotados e assentar os novos processos a serem utilizados na caçada seguinte. Logo que o dia declina iniciam, então, a segunda fase dos folguedos, em tudo semelhantes aos da manhã.

Há, porém, agora, uma diferença — é que êles são realizados com animais aquáticos ou anfíbios, tais

como peixes, cetáceos, lontras, capivaras, crocodilos e, às vêzes, com a própria anta.

Tudo serve de pretexto para aquêle grande banho coletivo com que terminam essas brincadeiras, por todos êles imensamente apreciadas.

É costume escolher, com antecedência, os diversos animais que serão representados, marcando-se, para cada um dêles, o respectivo dia; escolhem, ainda, um dia que é dedicado a um arremêdo de guerra, com assalto, luta e destruição e outro que utilizam para uma brincadeira de assalto de ladrões, os quais entram, furtivamente, no terreiro da maloca, tentando se apoderar dos haveres existentes na tapuisa assaltada, enquanto os outros, representando de donos, correm em perseguição aos assaltantes, tentando matá-los.

Após o grande banho diário, com o qual finalizam as diversões do dia, iniciam-se as danças, na qual só os homens, em geral, tomam parte. Formam em círculo, uns atrás dos outros. Usam os seus melhores adôrnos e mais vistosos enfeites; colocam as mais estranhas e terríficas máscaras, tessidas com as talas e as palhas das mais diversas palmeiras; trazem em grande profusão os seus colares, as suas pulseiras, as suas braçadeiras e as suas jarreteiras; pintam tôdas as partes do corpo, caprichosamente, com o urucum e o genipapo, com os quais preparam um fundo vermelho no qual desenham arabescos negros, alguns dêles artísticamente elaborados.

Assim ataviados dão início à função coreográfica, ao som de flautas e de taquaras, cadenciada pelo rufo monótono e lânguido dos tambôres. Não existem grandes variações nos temas musicais e o canto com que acompanham as danças, embora represente, na maioria das vêzes, um hino às qualidades guerreiras e à valentia da tribo, não têm grandes arroubos vocais.

Uma vez organizada a fila circular começam as

danças, que é primitiva, consistindo em levar adiante um pé, batendo com o mesmo, depois, com fôrça, no chão, enquanto o outro é arrastado, imediatamente para a frente, com o qual batem, novamente, sucessivas pancadas no chão.

Assemelha-se, essa dança, grosseiramente, a um estilizado ato de *acertar o passo*, muito comum em nossa soldadesca em marcha. O movimento do pé é acompanhado, via de regra, das mais variadas e estranhas contorsões do corpo, que em geral treme todo, sacolejando tudo que é enfeite, bem como as longas penas de arara que trazem presas à cabeça e nos braços.

As mulheres, como já dissemos, não tomam parte nas danças, diretamente. Ficam sentadas, em geral, em tôrno dos dançarinos, batendo com as mãos, para marcar o rítmo do compasso das danças, ajudando na cantoria; mantendo sempre cheias as enormes vasilhas e distribuindo a bebida em cuias aos dançadores.

Esta dança dura a noite inteira sem interrupção. Super-excitados pelo ambiente e pelo alcool, atiram-se em qualquer parte do terreiro, quando o cansaço os domina, até que a embriaguez melhore, tornando à dança, em seguida.

Uma das mais interessantes características desta festa é o fato de ser vedado, de maneira absoluta, a quem quer que seja, armar rêdes para dormir. Na madrugada do sexto ou do oitavo dia, segundo a combinação prèviamente feita, terminam como por encanto todos os ruídos, que são substituídos por um silêncio fúnebre, que precede à mais importante das cerimônias religiosas da tribo — o *maraquê*.

Reunem-se todos os mancebos, enfileirados pela ordem de idade, sendo submetidos, um a um, ao suplício das mordeduras e ferroadas de tudo quanto é inseto venenoso, tais como as terríveis formigas pretas

chamadas *tucandeiras*, de picada assaz dolorosa; de vespas, como as *cabas*, notadamente a conhecida pelo nome de *cabatatú*, em conseqüência da semelhança de sua casa com o casco dêste desdentado; de escorpiões e de inúmeros outros.

São escolhidos, em suma, os insetos de mais dolorosas e terríveis picadas para êsse sacrifício, que apenas poupa a pele que circunda os olhos, a boca, a glande e os lábios vaginais, na mulher. O batizando não pode dar o menor grito, nem mesmo áis; tem de suportar, inteiramente calado, êste castigo dantesco, até que as dôres alucinantes o façam desmaiar.

Se um dêles, por ventura, não suportando mais as dôres mortificantes, grita ou geme, apenas, é considerado ainda fraco, devendo ser submetido, futuramente, a outro *maraquê*.

Depois de desmaiado, carregam o infeliz para a sua rêde, onde lhe cortam os cabelos bem rentes e lhe burrifam o corpo com água bem fria, até voltar a si. São obrigados, daí em diante, a guardar jejum, durante nove dias. Êste jejum é absoluto até o quinto dia, quando lhe dão um pouco de água com um pequeno pedaço de beijú, com isso ficando até o nono dia.

Quaisquer dos membros da tribo, já devidamente *maraqueados*, podem, se assim o quiserem, novamente repetir as provas do *maraquê;* e isto quantas vêzes quiser, mas sem o compromisso de ir até ao desmaio.

Alguns, porém, o fazem completamente; sobretudo, quando se sentem *azarados*, ou *panema*, no pitoresco linguajar regional da gente da Amazônia, na caça ou na pesca; quando erram muitas flexadas ou estão sempre adoentados. Acreditam que um novo *maraquê* os liberte dos maus espíritos que os perseguem.

Finalizando o *maraquê* os indivíduos que não passaram pelas provas retiram-se para as suas tapui-

sas, ficando no local, sòmente, até o nono dia, os submetidos às provas de nubilidade.

Sendo obrigatório para as mulheres, também, como já vimos, o *maraquê* destas não pode ser precedido de festas, pois não é feito quando querem e sim no dia do aparecimento do primeiro fluxo catamenial. Nesse dia aplicam-lhe o *maraquê*, isto é, o batismo igual ao aplicado nos homens, com as mesmas exigências e os mesmos martírios.

Os índios não batizados são colocados num plano inferior aos demais, já batizados, continuando na impossibilidade de se casarem. São apontados, geralmente, como *inferiores*, ou *bananas*.

Certa vez, apontando um índio, ainda jovem, sempre arredio, me informaram — aquêle ainda não fêz as provas do *maraquê*, por isso não tem mulher.

Sôbre essa cerimônia do *maraquê* há duas descrições, bastante minuciosas, colhidas ambas entre o gentio Urucuiana. A primeira é de Henri Coudreau (168) e a segunda de Armando Novais Morelli (169). Morelli a coletou, entre aquêle gentio, em sua subida ao Jarí, meio século depois de Coudreau a ter recolhido; não obstante o tempo decorrido, permaneceu inalterado o ritual daquelas provas.

Vejamos, agora, a etimologia da palavra. Deriva o vocábulo *maraquê* de um étimo caribe, origem que é indicada por Henri Coudreau (170) e Armando Morelli (171), os dois sertanistas que mais bem estudaram e descreveram as famosas provas de nubilidade do gentio Urucuiana.

---

(168) — Coudreau, *Chez nos Indiens*, 228-236.
(169) — Morelli, *Campanha do Jarí*, 370.
(170) — Coudreau, *Vocabulaires méthodiques*, 17.
(171) — Morelli, *Campanha do Jarí*, 358-360.

MARUANÔ

Em quase tôdas malocas de tuxáua, em algumas tribos caribes, principalmente entre o gentio Urucuiana, há um disco de madeira, artísticamente decorado, encimando o esteio principal da cobertura, ao qual serve de remate.

Gastão Cruls, a êles se referindo, informa:

> *"Pois bem. Passa-se meio século e, agora, em* 1938, *alguns membros da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites — Setor Norte, têm a ventura de encontrar e adquirir uma peça em tudo igual à que foi descrita por Crevaux. O mais curioso é que êsse adôrno foi também conseguido no Jarí e dos mesmos índios Urucuianas. Graças à nímia gentileza do Comandante Braz Dias de Aguiar, podemos reproduzir aquí, na prancha XXXVIIII, dois aspectos dêsse esplêndido enfeite, que se acha, hoje, em Belém do Pará, na séde da aludida Comissão, de que é chefe aquêle ilustre oficial da nossa Marinha."*
>
> Gastão Cruls, *Hiléia*, 210

Quando Leônidas de Oliveira, Armando Novais Morelli e José Ambrósio de Miranda Pombo subiram o Jarí, desde sua foz, na cidade paraense de Arumanduba, até às suas cabeceiras, para atingirem o ponto de tri-junção Brasil-Guiana Francesa-Suriname, em 1938, Morelli estudou detidamente, tanto o gentio Urucuiana, morador do alto Jarí, como o silvícola Aparaí, habitante do Ipitinga, afluente daquela corda líquida.

Foi nessa subida do Jarí, exatamente, que Morelli recolheu, entre os Urucuiana, aquêle disco acima referido por Gastão Cruls.

Já antes, em 1870, entre os próprios Urucuiana, Jules Crevaux, como refere Gastão Cruls, teve oportunidade de ver, também, um disco igual, que mais

tarde adquiriu, conforme se poderá verificar no precioso livro que escreveu sôbre aquela região guianense, que é êsse precioso *Voyages dans l'Amérique du Sud* (172).

Armando Novais Morelli assim descreve aquêle maravilhoso disco:

> *"Como mais fàcilmente se pode ver na fotografia, trata-se de um grande disco de madeira, com pouco menos de um metro de diâmetro, furado no centro para a passagem do esteio da maloca. A parte decorativa está assim distribuida: na periferia pequenos triângulos alternando as posições das bases, ora na circunferência externa, ora na parte de dentro, variando as côres que são o amarelo-ocre, o branco, o azul anil e o marron. Separando os diversos triângulos há uma série de pontos brancos e marrons. Logo a seguir, entre os triângulos da periferia e o buraco por onde passa o esteio, em lados opostos, encontra-se a representação de dois animais fantásticos, de aspecto vermiforme, com cabeças eriçadas de pelos. No espaço deixado entre êsses desenhos nota-se a estilização de um tamanduá-bandeira, divesas aves, como garças brancas, galinhas, etc.; uma criança puxando as penas da cauda de uma ave, que, por sua vez, tem um peixe no bico. Veem-se, ainda, outras representações desconhecidas."*
>
> Morelli, *Campanha do Jarí*, 354.

Temos, assim, uma idéia da artística peça, descrita tanto por Morelli, como acabamos de ver, como por Gastão Cruls (173); nenhum dos dois, entretanto, se referiu ao nome de tão formoso e original adôrno do gentio caribe.

---

(172) — Crevaux, *Voyages*, 108.
(173) — Gastão Cruls, *Hiléia*, 210.

Nós colhemos, entretanto, entre o próprio silvícola Urucuiana, a denominação da peça — *maruanô*.

Eurico Fernandes também a recolheu, mais tarde, ainda entre os Urucuiana, como poderemos observar no seguinte passo:

> *"Pendente do teto, dominante, vê-se uma peça de madeira semelhante a um disco, que chamam* maruanô, *finamente pintada com as côres azul, preta, branca, vermelha e amarela, utilizando as tintas tiradas da terra e dos vegetais, com estilizações de bichos e desenhos outros que lembram símbolos de clans."*
>
> Eurico Fernandes, *Waiano* e *Apalaí*, 5

Assim, *maruanô*, o artístico adôrno utilizado no esteio principal de suas malocas, por alguns tuxáuas caribes, sobretudo entre o gentio Urucuiana, cujo desenho se poderá admirar, como já vimos, na prancha XXVIII da preciosa *Hiléia amazônica*, de Gastão Cruls, é um genuino vocábulo caribe, que merece ser registado, nessa relação de amerigenismos, tal a beleza do adôrno que o vocábulo denomina.

MATAPÍ

Apesar de não ter sido relacionado em nenhum dos dicionários portuguêses, nem mesmo no *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguêsa*, a não ser no precioso arquivo de amerigenismos que é o *Pequeno vocabulário ortográfico da língua portuguêsa*, da Academia Brasileira de Letras, o vocábulo *matapí* é de uso corrente na língua da Amazônia, com o significado que está muito bem expresso nesse trecho:

> *"Grande cêsto cônico, de talas de palmeira jacitara, cuja abertura do fundo, voltada para*

dentro em forma de funil, oferece entrada ao peixe, que fica impedido de sair pelas arestas das talas. Mergulham o matapí *com um pêso e as iscas."*

Amando Mendes, *Pescarias Amazônicas*, 173

O vocábulo é tão corrente na língua do Pará e do Amazonas que Umberto Peregrino o empregou no livro de impressões de viagem, que escrveu depois de ter percorrido aquela região:

"Também há, destinado à pesca, o matapí. *Vem a ser um cesto de duas bocas, em forma de funil. Põe-se dentro capim para atrair os peixes miudos e êstes atrairão os grandes. Outras vêzes vê a claridade do prato, sente o cheiro de bacalhau e entra."*

Umberto Peregrino, *Imagens*, 89

Uma das abonações mais antigas é a que se deve a Couto de Magalhães, ao descrever uma lenda, que lhe foi contada pelo *tuxáua* do gentio Anambé, da região tocantina:

"Quando o môço viu a comida pouca, fugiu; fêz um matapí *onde caiu muito peixe. Quando a velha chegou ali, entrou dentro do* matapi."

Couto de Magalhães, O *selvagem*, 269

Na literatura regional da Amazônia o vocábulo é usado amiude; para documentar, vamos citar, apenas, dois exemplos.

O primeiro, de José Veríssimo, um dos maiores escritores da Amazônia:

"A velha gulosa comeu todos os porcos, antas, veados em que se viravam os paneiros. O môço viu que ela não se contentava, fugiu e fêz um matapí."

José Veríssimo, *Estudos brasileiros*, 22

O outro, de um dos mais ilustres historiadores da hiléia, que foi o Barão de Guajará:

"Os cronistas não fazem menção do matapí, *do cacurí, da gapuia, do parí e de outros artifícios, de que também os nossos pescadores presentemente se servem e talvez nos venham dos indígenas."*

Barão de Guajará, *História colonial*, 173

Apesar do muito que tenho falado sôbre a tupimania reinante entre os cultores da etimologia dos vocábulos americanos, vejo-me na contingência, uma vez mais, de retornar ao assunto, já tão enfadonhamente repisado.

Compulsando, porém, os vocabulários de regionalismos, que arrolaram a palavra, verificamos que todos os pesquisadores de amerigenismos apontam, numa unanimidade absoluta, uma origem tupí para o vocábulo, que é, entretanto, como iremos ver, mais uma palavra caribe incorporada, sem nenhuma modificação, nem mesmo na tônica final, ao português do Brasil.

O vocábulo deriva do étimo caribe *matapí*, que nada mais é, em grande número de linguajares caribes da Amazônia, do que o *tipiti* dos tupís, isto é, o cesto cilíndrico, de palha trançada, onde se espreme a mandioca.

O vocábulo passou a denominar, na Amazônia, por um alargamento de sentido, também, o instrumento de pesca, bastante semelhante.

Além de meu depoimento pessoal, por ter colhido, em várias famílias lingüísticas caribes, o referido vocábulo desejo trazer, para a confirmação de sua etimologia caribe, a informação de alguns conhecedores dos dialetos caribes da Amazônia.

Comecemos pelos sertanistas das Comissões Demarcadoras, que coletaram os vocábulos, diretamente, do próprio gentio.

Rubens Nelson Alves, por exemplo, recolheu a palavra entre os Rangupiquí (174), enquanto Luís de Sousa Martins a coletou entre os Auarecotó, Paricotó e Tunaiana. (175)

Colheram o vocábulo, ainda do próprio silvícola, também com o significado de *tipití*, Curt Nimuendajú (176), que o colheu entre os *Aparaí* e Cândido Rondon, que o supreendeu entre os Taurepã. (177)

O vocábulo *matapí*, pois, corrente no português do Brasil, arrolado no *Pequeno vocabulário ortográfico*, da Academia Brasileira de Letras, apesar de o não ter sido, ainda, no *Pequeno dicionário brasileiro*, é mais um amerigenismo derivado do caribe.

MATIRÍ

O vocábulo *matirí*, que foi arrolado pelo *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguêsa*, já o havia sido por Beaurepaire-Rohan, numa das mais valiosas contribuições para o conhecimento da lexicografia do português do Brasil, que é êsse magnífico *Dicionário de vocábulos brasileiros*.

Ambos aquêles dicionários divulgam, entretanto, o mesmo significado já apontado, anteriormente, por Monteiro Baena, que julgo ter sido o primeiro escritor a usar o amerigenismo:

> *"Das fibras internas das fôlhas de tucum fazem os indianos rêdes para dormir nominadas maqueiras, e* matiris, *que são uns sacos de diversas formas e grandura, e tudo isto sem mais máquina que as mãos, fabricando o fio assás fino e torcido."*
>
> Monteiro Baena, *Ensáio corográfico*, 66

(174) — Rubens Alves, *Rangupiquí*, 39.
(175) — Sousa Martins, *Campanha do Mapuera*, 41.
(176) — Nimuendajú, *Aparaí*, 124.
(177) — Rondon, *Glossário geral*, I, 227.

Entre os amerigenismos foi, o vocábulo *matirí*, daqueles que entraram, na literatura nacional, mais bem apadrinhados.

De um lado, abona-o Cândido Rondon, êsse *charmeur d'indiens*, como dêle diz Henri Badet (178):

> *"Hoje os Uaimaré e os Caxinití só empregam armas de fogo, que obtém por permuta. Preferem as espingardas de ante-carga, trazendo sempre pólvora, espolêta e chumbo no* matirí, *à tiracolo."*
>
> Rondon, *Etnografia*, 33

E, de outro lado, a figura apostolar de Roquette-Pinto:

> *"Nas cestas levam os poaieiros um* matirí *de embira, para o qual vão jogando as raizes arrancadas; chegando ao rancho, põem-nas a secar ao sol."*
>
> Roquette-Pinto, *Rondônia*, 107

Artur Ramos, também, na sua *Introdução à antropologia brasileira* dá, com o mesmo significado de *saco de palha*, o vocábulo *matirú*, que acredito esteja, por êrro tipográfico, por *martiri*. (179)

Temos mais um exemplo num livro regional:

> *"Era um homem precavido, cauteloso, calmo; sempre que partia, ainda de madrugada, para a fâina do corte, levava sempre no seu* matirí *os*

(178) — Henri Badet, *Rondon, charmeur d'indiens*. Nouvelles Éditions Latines. Paris, 1951.
(179) — Artur Ramos, *Antropologia*, I, 186.

elementos indispensáveis para o trabalho diário."
Armando de Almeida, *Pagelança*, 31

Vejamos, agora, a sua etimologia.

Apesar de Cândido Rondon e Roquette-Pinto terem empregado o vocábulo ao estudarem a tribo dos Arití — auto-denominação do gentio vulgarmente conhecido pelo nome de Paricí — o vocábulo deriva, não de um étimo aruaco, como poderia parecer, mas de um étimo caribe, tanto assim que João Barbosa de Faria, o competente etnólogo das várias Comissões chefiadas por Rondon, não consigna a palavra no opulentíssimo *Vocabulário dos índios Paricí.*

O vocábulo em aprêço, entretanto, é têrmo corrente entre os linguajares caribes da Amazônia, tendo eu próprio o colhido, também com o mesmo significado de *saco de palha,* entre os Caxuiana, do Baixo-Trombetas, do grupo lingüístico caribe.

Jorge Hurley, no *Vocabulário dos aborígenes* dos rios Cachorro, Trombetas e Jacicurí, todos êles linguajares de procedência caribe, também arrolou o vocábulo, ainda com o mesmo significado de *saco.* (180)

Trata-se, assim, de mais um amerigenismo de orígem caribe introduzido no português do Brasil.

MATUPÁ

O vocábulo *matupá,* corrente no linguajar da gente amazônica, significa, como nos informou o primeiro lexicógrafo das peculiaridades do português da Amazônia, que foi Vicente Chermont de Miranda, nesse utilíssimo *Glossário paraense*:

> "Matupá — *Barranco, periantã, capim em grandes touças, desenraizado das margens que, flutuante, deslisa com a corrente hiemal nos rios*

(180) — Jorge Hurley, *Vocabulário dos aborígenes,* 252.

> *de margens hervosas. Compõe-no, sobretudo, diversas canaranas e orelhas de veado."*
> Chermont, *Glossário paraense,* s. v.

Citemos, para comprovar o seu uso, na linguagem corrente daquela gente, alguns exemplos.

Comecemos, quase que por um direito de conquista, por êsse admirável paisagista da terra imatura, que foi Alberto Rangel:

> *"Ficavam ainda sobrenadando, mesmo dilaceradas, ao ondear da água desquietada pelas barbatanas dos remos, ao repassar rabiscante das libélulas sericolas e luzentes, quando, apartando os sapémirins,* o matupá *das canaranas da beira, se entrou de novo na floresta."*
> Alberto Rangel, *Inferno verde,* 122

E, para secundá-lo, apontemos um novo exemplo, que nos fornece êsse outro estudioso da gente e da terra amazônica, que é Henrique Jorge Hurley:

> *"Coloca-o triste chorando como os socós pixipixís panemas, sôbre a garrancharia florida dos* matupás *— destroços vegetais flutuantes, que demoram à flor dos lagos — porque não encontrou seus mariscos prediletos."*
> Jorge Hurley, *Itarana,* 21

O vocábulo era usado, à princípio, apenas, na região amazônica, o que levou Beaurepaire-Rohan, quase sempre escrupulosamente perfeito em suas informações, a declarar, em seu formosíssimo *Dicionário de vocábulos brasileiros* — "vocábulo do Vale do Amazonas."

Hoje, entretanto, o mesmo se generalizou, tendo-se integrado ao português do Brasil, figurando já no *Pequeno dicionário brasileiro.* Empregam-no escritores brasileiros de tôdas as origens. Basta citar, para abonar nossa afirmação, o seguinte passo de Gastão Cruls, um dos grandes enamorados da terra verde:

"E é isso o que vamos fazer agora, como se nos servíssemos da mais ligeira canoinha, canoinha que não temesse se atufar entre o matupá *dos alagadiços, que sempre achasse caminho entre os paus caídos e a galhaça enrediça dos furos e igapós..."*

Gastão Cruls, *Hiléia*, 8

Peregrino Júnior chegou a empregar o vocábulo como o título de um de seus mais interessantes livros regionais — *Matupá.*

Vejamos, agora, a parte relativa à sua etimologia. O vocábulo *matupá* é originário, como já vimos, da Amazônia. Tem a seguinte sinonimia — *periantã, camalote, baroneza.*

A sua etimologia deriva do caribe. Eu a colhí, pessoalmente, pela primeira vez, do próprio lábio do amerindio Pianocotó, das malocas do baixo Marapí, um dos formadores, juntamente com o Parú de Oeste, o seu nativo *Ocoimã,* do *Cuminá,* um dos mais importantes tributários do Trombetas.

Mais tarde, entre os Caxuiana, das malocas do rio Cachorro, também da bacia do Trombetas, colhí o vocábulo, novamente, o que veio confirmar a origem caribe de *matupá.*

Rubens Nelson Alves, o intemerato demarcador das ráias setentrionais do Brasil, também o recolheu entre os Ragupiquí (181), com o mesmo significado de *periantã.*

Assim, da mesma maneira que *periantã,* que deriva do tupí, o vocábulo *matupá,* originário do caribe, está incorporado, não apenas no linguajar da gente da Amazônia, mas ao próprio português do Brasil.

---

(181) — Rubens Alves, *Rangupiquí,* s.v.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

MAUARÍ

O vocábulo *Mauarí* designa, na teogonia dos Taurepã, dos Arecuna e, também, dos Macuxí, uma divindade maléfica.

Uma das mais antigas referências a essa divindade nós devemos a êsse sugestivo Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, que tanta coisa interessante relacionou em sua preciosa *Relação geográfica-histórica do rio Branco da América Portuguêsa*:

"Tôdas estas nações são ateistas. Contudo os Paravianas conhecem um ente com o nome de Mauarí, *que ao mesmo tempo que adoram como Deus, lhe aplicam noções absurdas; porque dizem que escapara do dilúvio universal, que vendo-se só, creara uma mulher para sua companhia, formando-a da resina de uma árvore. Dão também notícia de uma espírito mau, a que chamam* Umauarí."

Ribeiro de Sampaio, *Rio Branco,* 254

Confirma essa primeira informação fornecida por Ribeiro Sampaio, Theodor Koch-Grünberg, que estudou, detidamente, os mitos e as lendas dos Taurepã e dos Arecuna, no segundo tomo dêsse incomparável trabalho que é *Vom Roroima zum Orinoco*:

"Nos contos os Mauarí desempenham um papel importante. Com êste nome são designados inúmeros demônios que habitam montanhas, rios e lagos, como também as almas dos falecidos ou seres fanáticos nos quais se transformam seres animados, isto é, geralmente seres demoníacos que ordinàriamente só poderão ser pressentidos pela classe privilegiada dos médico-feiticeiros. Os Mauari não são pròpriamente de caráter maldoso. Êles auxiliam os homens, especialmente os médico-feiticeiros, inter-

vindo, porém, amiúde, com espírito separatório, na vida dos homens."

Koch-Grünberg, *Mitos e lendas*, 26.

Vamos abonar o uso da palavra, no português da Amazônia, com o seguinte passo do Capitão de Fragata Antônio Pojucan Cavalcanti, destemido e brilhante demarcador de nossas ráias setentrionais, tão cedo roubado ao convívio de seus companheiros:

"Os trabalhadores da minha turma estavam assustados com temporal, que na floresta c- zônica é de se temer, realmente; supunham, com a natural propensão para o sobrenatural, que eram artes do Mauarí, *o manhoso diabo de algumas tribos caribes."*

Pojucan Cavalcanti, *Trombetas*, 26

A etimologia do vocábulo deriva do caribe. Atestam essa orígem, além de Koch-Grünberg, que a colheu, como vimos acima, entre os Taurepã e Arecuna, Pojucan Cavalcanti, que a surpreendeu entre os Pianocotó (182) e o velho von Martius, que o arrolou no vocabulário dos Parauaiana. (183)

É *Mauarí*, pois, com o significado acima apontado, mais um amerigenismo da orígem caribe, no português do Brasil.

MICO

Têrmo corrente, tanto no português do Brasil, como no íbero-americano da Venezuela, para designar os nossos bem conhecidos símios de pequeno porte.

(182) — Pojucan Cavalcanti, *Pianocotó*, 19.
(183) — Martius, *Glossaria*, 227.

Martius escreveu sôbre o vocábulo as seguintes palavras:

"Foi adotada a palavra pelos brasileiros e ouvida nas Antilhas pelos primeiros europeus: em caribe mecú*: entre outros o Cebus xanthocephalus*, Spix."

Martius, *Ethnographie, II*, 461

Além daquele amerigenismo há, bastante usado, também, no português do Brasil, um derivado do mesmo, que é *micagem*, altamente expressivo na sua significação, vocábulo que ainda não foi arrolado pelo *Pequeno dicionário brasileiro*, mas que já foi relacionado no *Pequeno vocabulário ortográfico*, da Academia Brasileira de Letras.

Podemos abonar o seu uso com o seguinte exemplo:

"E pula-pulavam se livrando dos buracos, aos berros, com as mãos para trás por causa dos candirús safadinhos querendo entrar por êles. Macunâima ria por pentro vendo as micagens *dos manos campeando timbó."*

Mário de Andrade, *Macunâima*, 20

Vejamos, agora, a sua etimologia.

Há, sistemàticamente, um grupo que se recusa aceitar, sem mais detido exame, tôda e qualquer etimologia amerigenista para vocábulos correntes tanto no português do Brasil, como no hispano-americano.

É o que acontece, algumas vêzes, com Júlio Calcaño, a quem quase sempre, entretanto, acatamos, pelo seu comprovado conhecimento das modificações do castelhano na América. No atinente ao vocábulo *mico*, porém, afirma Júlio Calcaño:

"... *mico, del latin* mico, *por los saltos y el incensante movimiento, se llama a cierto mono muy comum en la Republica y otros puntos de América.*"

Calcaño, *El castellano en Venezuela,* 409

O vocábulo, entretanto, longe de ser um latinismo, como afirma, sem razão, Júlio Calcaño, é um dos mais legítimos amerigenismos, derivado do caribe *mecú,* como já vimos.

É comum, na transliteração dos vocábulos indígenas americanos, para o português do Brasil, essa deslocação da tônica — o quêchua *kuntur* deu condor, o aruaco *canauá* deu canoa, da mesma forma o caribe *mecú* deu mico.

Confirmam aquela orígem caribe quase todos os cultores da lingüística americana que estudaram o vocábulo, a partir de Raymond Bréton, que o publicou, desde 1665, em seu precioso *Dictionnaire caraïbe-françois.*

Assim, atestam a sua origem caribe, derivada daquele étimo, entre outros: Antoine Biet (184), Martius (185), Henri Coudreau (186), Jules Crevaux (187), Rufino José Cuervo (188), Pedro Henriquez Ureña (189), Curt Nimuendajú (190) e, finalmente, Lisandro Alvarado (191).

Não há a menor dúvida, pois, de que os vocábulos *mico* e *micagem,* já incorporados, de longa

(184) — Biet, *Les Galibis,* 93.
(185) — Martius, *Glossaria,* 18.
(186) — Coudreau, *Vocabulaires méthodiques,* 27.
(187) — Crevaux, *Grammaires et vocabulaires,* 12.
(188) — Cuervo, *Apuntaciones,* 975.
(189) — Ureña, *El español en Santo Domingo,* 128 e *Indigenismos,* 107.
(190) — Nimuendajú, *Aparaí,* 609.
(191) — Alvarado, *Voces indígenas,* s.v.

data, ao português do Brasil, são dois legítimos amerigenismos de orígem caribe.

MUCURA

O marsupial conhecido na Bahia pelo nome de *saruê;* no Rio de Janeiro por *gambá;* por *cassaco* e *timbú,* no nordeste; por *maritacaca* e *cagambá,* em outros pontos do país, é conhecido, em tôda a Amazônia, pela denominação de *mucura.*

Essas diversas denominações do marsupial têm diferentes origens.

Assim, *saruê,* de uso geral na Bahia, como nos ensina Artur Neiva (192), com a sua dupla autoridade de estudioso dêsses assuntos e de baiano, é um puro tupinismo, simples derivação do tupí *sariguê,* como nos demonstram o padre Lemos Barbosa, no *Pequeno vocabulário tupí-português* e Teodoro Sampaio, em *O Tupí na geografia nacional,* ao estudarem o verbete.

Não era senão usando aquêle étimo, nas suas mais diferentes modalidades, que escreveram o nome do marsupial os nossos primeiros cronistas.

Gabriel Soares de Sousa (193) e Pero de Magalhães Gandavo (194) escreveram *serigoê* e Fernão Cardim (195) *sariguê.*

Até mesmo os viajantes estrangeiros que escreveram sôbre tão original mamífero não o fizeram de maneira diferente.

André Thevet escreveu *saricouieune* (196); Jean de Léry *sarigoy* (197) e, finalmente, Marcgrave,

(192) — Neiva, *Língua nacional,* 248.
(193) — Gabriel Soares, *Tratado descritivo,* 200.
(194) — Gandavo, *História,* 105.
(195) — Cardim, *Tratados,* 39.
(196) — Thevet, *Singularitez,* 327.
(197) — Lery, *Histoire d'un voyage,* 145.

que escreveu *sarigueia* (198), que foi como escrevera, também, José de Anchieta (199).

Não há dúvida, pois, que *saruê, serigoê, sariguêia* nada mais são do que simples derivações do tupí *sariguê.*

Na Amazônia, porém, os didelfos são conhecidos pela denominação de *mucura*, amerigenismo não tupí, de orígem caribe, como iremos ver; basta compulsarmos os autores regionais da Amazônia para surpreendermos o vocábulo.

Vejamos alguns dêles. Comecemos por José Veríssimo, que é, incontestàvelmente, um dos mais bem informados escritores da planície:

> *"Não são histórias sôltas, mas um conjunto de histórias reunindo-se em uma só, em que o* jabutí, *a* mucura *ou outro qualquer animal, figuram como protagonistas."*
>
> José Veríssimo, *Estudos brasileiros*, 19

Vejamos, agora, um dos mais profundos conhecedores da portentosa hiléia, que é Raimundo Morais:

> *"Foram dádivas feitas aos celícolas em ocasiões de apêrto, quando os bichos iam sendo devorados pelas* mucuras, *jacarés e sucurijús."*
>
> Raimundo Morais, *Anfiteatro*, 167

E, finalmente, um dos maiores historiadores da terra verde, a quem tanto devem a história e as letras regionais da Amazônia, que é Jorge Hurley:

> *"E procuram as palmeiras porque, alí, tornam-se inacessíveis aos ataques noturnos das* mucuras *famintas."*
>
> Jorge Hurley, *Itarana*, 171

(198) — Marcgrave, *História*, 222.
(199) — Anchieta, *Cartas inéditas*, 293.

Encontramos, também, vez por outra, em autores que não são da Amazônia, o vocábulo:

> *"Os marsupiais brasileiros são todos duma só família e conhecidos de modo geral por* mucuras *(amazônia), timbús (nordeste), sariguês e gambás.*
>
> Melo Leitão, *Zoogeografia*, 261

Já dissemos que *mucura*, vocábulo relacionado no *Pequeno dicionário brasileiro*, é um amerigenismo derivado do caribe. De fato, *mucura* tem, para étimo, o vocábulo macuxí *mocorê* (200), como se poderá verificar em *Pacificação dos crichanás*, de João Barbosa Rodrigues. (201)

Atestam, ainda, a orígem caribe da palavra Pedro Henríquez Ureña (202); Rufino José Cuervo (203) e Theodor Koch-Grünberg. (204)

O vocábulo *múcura*, corrente no espanhol da América, originário de um étimo cumanagota, da família lingüística caribe, é um derivado analógico do marsupial.

Com o sentido de pote, recipiente, garrafa, que tem o vocábulo no hispano-americano, eu o encontrei num livro regional:

> *"E foi bebendo aos poucos, gole por gole, tôda a branquinha que se continha na* mucura, *que deixou completamente vasia, quando se despediu dos companheiros."*
>
> Armando de Almeida, *Pagelança*, 33.

(200) — De tanto repisada já ficou sediça a frase — *lá vem uma canúa carregada de cúcus de púpa e prúa*, para exemplificar a pronúncia paraense. Êste mesmo fenômeno que faz o homem do Pará transformar *côco* em *cúcu* é que se verificou na transliteração de *mocorê* em mucura
(201) — Barbosa Rodrigues, *Crichanás*, vocabulário, s.v.
(202) — Ureña, *Indigenismos*, 107.
(203) — Cuervo, *Apuntaciones*, 975.
(204) — Koch-Grünberg, *Roroima*, IV, 36.

MURUMURÚ

Entre as inúmeras palmáceas da Amazônia, uma das mais temidas, por certo, pelos tremendos espinhos que possue, é o *murumurú*.

Sôbre ela há, na crônica da Comissão de Limites do Setor Norte, uma passagem pitoresca. Quando uma turma daquela Comissão subiu o Mapuera, para continuar os trabalhos de demarcação com a Guiana Britânica, foi a mesma assaltada por um bando de queixadas, mais perigosos, quando debandam, que o estouro da boiada, imortalizado na genial página de Euclides.

Pois bem, um trabalhador da Comissão, acuado por alguns daqueles animais, não teve outra alternativa que galgar um *murumurú* até à coroa de suas folhagens. Quando tudo se normalizou, algum tempo depois, restava uma tragédia — o nosso homem, lá de cima, se maldizia todo, declarando que morria mas não tinha mais coragem de descer, enfrentando os terríveis punhais que eram os espinhos da palmeira.

Foi quando o cozinheiro da turma, velho mateiro disse calmamente — só há um modo dêle sair dalí e temos que fazê-lo já. Colocou palha sêca em tôrno do *murumurú*, até quase um metro acima do solo, ateando fogo.

Fêz-se, ràpidamente um imenso fogaréu, e o nosso caboclo, por um susto quase tão grande quanto o que o havia feito subir pelo tronco do *murumurú*, por êle, num instante, se despencou.

Voltemos, porém, ao estudo do vocábulo. Deriva êle do caribe, como poderemos verificar pela informação de três estudiosos dos linguajares indígenas americanos — Claudius Henricus de Goeje (205) e von

(205) — De Goeje, *Études caraïbes*, 55.

Martius (206), que apontam um étimo galibi para o mesmo e Henri Coudreau, que o arrolou no vocabulário do gentio Uaiana. (207)

Vamos abonar o seu uso com um exemplo de Gastão Cruls, êsse enamorado daquela imensa terra verde:

> *"Frutos que tanto se comiam crús ou assados, de jára-açú, marajá, pupunha,* murumurú, *inajá, tucumã, curuá-piranga, iú."*
>
> Gastão Cruls, *Hiléia*, 51

O vocábulo *murumurú* é, pois, mais um amerigenismo corrente no português do Brasil, que nos foi fornecido pelo gentio caribe.

MURURÉ

São comuns, sobretudo na Amazônia, onde desabrocham de maneira notável, os *mururés*, de maravilhosa cor violácea, embelezando os lagos e os pequenos igarapés da planície. O vocábulo é corrente no português do Brasil, tendo já ingressado na língua literária.

Raimundo Morais o empregou nessa encantadora *Na planície amazônica*:

> *"O* mururé *deslisante nos lagos ao sabor das brisas, no violáceo da flor e no feitio do molde campanulado, no esmaecido dos bordos e no aranhol das raizes..."*
>
> Raimundo Morais, *Planície*, 46

Usou-o, também, em *À margem do Amazonas*, um dos livros mais honestos sôbre aquêle vasto mundo de águas e de florestas, um dos mais ilustres escritores da Amazônia:

(206) — Martius, *Glossaria*, 367.
(207) — Coudreau, *Vocabulaires méthodiques*, 32.

"... ou alguma orquídea de singulares coloridos, enfeitando velhos troncos, ou as flôres roxas dos mururés, *quebraram alegremente a imensa monotonia."*

Aurélio Pinheiro, *À margem do Amazonas,* 123

E, finalmente, dela lançou mão o pioneiro, na Amazônia, da lexicografia peculiar à região, que foi Vicente Chermont de Miranda:

"Foi-se amontoando nesse ponto a canarana, o mururé *e outras plantas aquáticas, arrastadas pela corrente, até que, formando elas uma espécie de atêrro, as águas foram quase completamente represadas."*

Chermont, *Marajó,* 76

Vejamos, agora, a origem de *mururé.*

O vocábulo, como vamos ver, deriva do caribe. Atestam essa orígem, em primeiro lugar, o capitão de fragata Alfredo Miranda Rodrigues, antigo sub-chefe da Comissão de Limites do Setor Norte (208) e Cândido Rondon (209), apontando ambos, para o vocábulo, o mesmo étimo galibí — *moruré.*

É, assim, o vocábulo *mururé,* mais um amerigenismo caribe no português do Brasil.

PACARÁ

Um dos vocábulos que, na Amazônia, mais atenção me despertaram, pelas interessantíssimas razões que, a seguir, serão expostas, foi *pacará.* Esta palavra eu a ouvi, pela primeira vez, em Óbidos, dénominando umas pequenas caixas, de inequívoca procedência indígena.

(208) — Miranda Rodrigues, *Campanha do Tacutú,* 21.
(209) — Rondon, *Glossário geral,* I, 232.

Supús, a êsse primeiro contato com o vocábulo — pois naquela época estava longe de possuir os conhecimentos que, mais tarde, adquirí, sôbre os linguajares aruacos e caribes — que fôsse êle uma corruptela da palavra lusitana *púcaro.*

Mais tarde, entretanto, já agora em plena interlândia amazônica, na região fronteiriça do Brasil com a Guiana Britânica, onde me encontrava numa missão de fronteiro, pude verificar, uma vez mais, a ocorrência da palavra e com o mesmo significado que, anteriormente, eu havia observado em Óbidos, isto é, era êle utilizado na determinação de vários objetos destinados a guardar utensílios, em geral de pequeno porte, uma vez que os objetos maiores eram guardados em outras peças que tinham denominações diferentes.

O cesto, por exemplo, que os trabalhadores da Comissão de Limites usavam às costas, para o transporte da carga e das bagagens, o qual é designado, na linguagem da Amazônia, pela denominação de *jamaxi,* era chamado pelo gentio caribe da região pelo nome de *catauri,* vocábulo corrente, também, no espanhol da América, sobretudo na língua da Venezuela.

O pequeno samburá, onde os caribes transportam, por exemplo, as pontas ervadas de suas flexas, é um *pacará.*

Há *pacarás* que são, realmente, maravilhosas peças de arte, a relembrarem a antiga cestaria em que eram exímias as nossas avós indígenas; uma delas, pertencente hoje ao Museu da Comissão de Limites do Setor Norte, em Belém do Pará, é uma encantadora peça artística, onde não sabemos o que mais admirar, se a finura e a beleza do tessimento, se a perfeição absoluta no matizado das côres...

Estranhei, a princípio, como era natural, a freqüência do vocábulo entre aquêles indígenas, julgando, entretanto, que o fato exprimisse, talvez, uma re-

miniscência, entre os caribes, de um vocábulo da língua dos conquistadores; sobretudo porque êsse fato foi por mim observado, mais de uma vez, inclusive em vocábulos que designavam objetos que se tornaram, para o gentio caribe, completamente ignorados, apesar de permanecerem, através de gerações, em seu linguajar, como aconteceu, para citar um dêles, com *aracabuxá,* vocábulo hoje inquestionàvelmente incorporado ao vocabulário dos caribes, que significa, entretanto, transliterado para aquela linguagem, uma simples corruptela do *arcabuz* quinhentista de nossos antepassados lusitanos...

Não era singular, assim, como já dissemos, a sobrevivência de uma antiga palavra da língua dos conquistadores no vocabulário caribe. O fato se repetia, igualmente, com diversas outras, tais como, para exemplificar — com *camixá,* que significa, para o indígena, qualquer espécie de roupa, simples corruptela do vocábulo camisa; *pampirá,* que traduz, para o indígena, o nosso papel, aliás, por uma notável coincidência de leis de adaptação fonética, muito aproximada do vocábulo grego.

Daí, pois, a minha suposição inicial de que a palavra fôsse, também, uma simples reminiscência do vocábulo português *púcaro,* transliterado para o caribe de acôrdo com as leis de adaptação sempre por êles usadas.

O deslocamento da tônica para a sílaba final, que se verifica, em nada perturbava a suposição, dado o fato de ser essa, quase de maneira invariável, a regra geral na transliteração dos vocábulos do português para a sua linguagem — *aracabuxá, pampirá, camixá,* palavras que já faziam parte de seu léxico, bem como, também, fenômeno que vinha confirmar a regra. na transliteração de algumas designações de objetos que êles não conheciam e cujo nome nos perguntavam, entre os quais estão, se bem me lembro —

paratú, chaperú, sautá, acuxá, que era como êles pronunciavam os vocábulos portuguêses prato, chapéu, sal, agulha.

Um fato, porém, me chamou a atenção, despertando-me estranheza em relação a ser o vocábulo, na língua caribe, um portuguesismo, à semelhança de *camixá,* de *pampirá, de aracabuxá* — foi a denominação da grande serra, limítrofe entre o Brasil e a Venezuela, de tanta importância, por isso mesmo, na corografia brasílica, a serra de Pacaraîma.

Aquela denominação que provém, sem dúvida, de uma época anterior à conquista cabralina, me levou a estudar, mais atentamente, a etimologia do vocábulo.

Foi êsse vocábulo *pacará,* justamente, aquêle que despertou em mim, logo depois de ter ingressado no serviço de demarcação de nossas fronteiras, um vivo interêsse pelos linguajares não tupis, sobretudo pelos dialetos aruacos e caribes, no pressuposto de poder conseguir, através do estudo dêles, o indispensável conhecimento lingüístico para poder interpretar a toponímia de origem caribe e aruaca da Amazônia, cuja significação era, até então, quase totalmente desconhecida.

Deve-se, assim, à Comissão de Limites do Setor Norte, verdadeiramente imbuida do mais alto espírito de brasilidade, num esfôrço realmente digno de ser apreciado pelos brasileiros que se interessam, também, por êsses aspectos da tradição e da cultura de nossa terra, o conhecimento do significado de uma grande parte daquela toponímia, que tantas evocações nos relembra, dêsse Brasil pré-cabralino...

Estou, pois, íntimamente ligado a êsse vocábulo *pacará,* por laços já bem antigos, em conseqüência de ter despertado em mim, de maneira tão decisiva,

êsse entusiasmo que perdura, até agora, e que penso nunca se há de extinguir, de cada vez mais estudar, para cada vez menos desconhecer, êsse mundo maravilhoso que são as nossas línguas indígenas.

Voltemos, entretanto, ao estudo do amerigenismo *pacará*.

O vocábulo é usado, na língua da Amazônia, freqüentemente, já de longa data. A mais antiga citação, por mim colhida, devemos a Frei João de São José Queiroz, na sua interessantíssima *Viagem e visita do sertão em o Bispado do Gram-Pará*:

> *"Não são destituidos os índios de habilidade para manufaturas, pois vemos cousas bem galantes, como são condecinhas, a que chamam* pacarazes, *cabeleiras de plumas de várias côres, chapéus de palha ou fôlha tessida, e outros de cordões de algodão."*
>
> Frei João de São José, *Visita do Sertão*, 333

O plural do vocábulo, usado por Frei João de São José, é a forma adotada, em geral, pelos nossos cronistas e antigos historiadores — *maracujazes* (Frei João de São José, *Visita do sertão*, 366); *serizes* (Betendorf, *Crônica*, 375); *aruáquizes* (Monteiro Baena, *Ensáio corográfico*, 529); *goianazes* (Gabriel Soares, *Tratado descritivo*, 110).

Angione Costa adotou, recentemente, para o plural do vocábulo, a mesma forma usada por Frei João de S. José:

> *"De taquara, juncos e cipós, faziam variedades de balaios, jacás, samburás,* pacarazes, *tipitis, paneiros, e, ainda, cóvos, jiquís, ou jiquiás."*
>
> Angione Costa, *Arqueologia*, 239

Alguns dêsses plural de plural, entretanto, permaneceram, não apenas no linguajar do povo, como na própria língua literária, como *ananazes* e *carcazes*:

> *"À frente, uma fila de índios Boróros, arcos em punho e* carcazes *de flexas às costas, batia o trilho, abrindo, de onde em onde, a picada, em meio a taquarais e tucurunzais agressivos."*
>
> Aquino Corrêa, *Boróros*, 11

Quanto à etimologia, como já vimos, deriva dos linguajares caribes o vocábulo. Quase todos os estudiosos dos dialetos caribes arrolaram o étimo *pacará*.

Antoine Biet foi, penso eu, o primeiro a relacioná-lo, o que fêz no vocabulário dos Galibi (210). Ainda nesse mesmo linguajar foi êle arrolado, também, por von Martius (211), por Jules Crevaux (212) e por Cândido Rondon (213). Henri Coudreau o relacionou no glossário dos Uaiana (214) e Curt Nimuendajú o recolheu entre os Aparaí (215). No vocabulário dos Taurepã relacionaram a palavra Theodor Koch-Grünberg (216) e Cândido Rondon (217).

O vocábulo *pacará*, já arrolado no *Pequeno dicionário brasileiro* é, assim, mais um amerigenismo de orígem caribe, incorporado ao português do Brasil.

PACORÔ

Um dos vocábulos mais usados, pelo gentio caribe da região do Trombetas, para designar as suas malocas, é *pacorô*.

Há, em suas aldeias, as suas nativas *Patás*, di-

---

(210) — Biet, *Les Galibis*, 98.
(211) — Martius, *Glossaria*, 349.
(212) — Crevaux, *Grammaires et vocabulaires*, 15.
(213) — Rondon, *Glossário geral*, I, 227.
(214) — Coudreau, *Vocabulaires méthodiques*, 24.
(215) — Nimuendajú, *Aparaí*, 263.
(216) — Koch-Grünberg, *Roroima*, IV, 24.
(217) — Rondon, *Glossário geral*, I, 238.

versas espécies de *pacorôs*. A começar pelo *pacorô* do tuxáua, que é aquêle que possue, na extremidade superior do esteio principal do teto, o disco, artísticamente decorado, denominado *maruanô*, entre os Urucuiana; em seguida, o *pacorô* de descanso, que nada mais é do que uma verdadeira sala de estar; e, entre outros diversos pacorôs, o *pacorô* da farinha, onde ralam a mandioca e preparam a farinha e o tão apreciado beijú.

Henri Coudreau, que além de percorrer grande parte da região guianense, percorreu, ainda, uma vasta região da Amazônia, colheu o vocábulo entre o gentio Urucuiana:

> "*Le village, se compose de quatre grands* pacolos *oú viven plusisiers familles. Ces* pacolos *sont fort espacés et ménagent entre eux une grande place publique, avec l'otomane, la maison des hôtes, au milieu.*"
>
> Coudreau, *Chez nos Indiens*, 90

Colhemos o vocábulo, também, num dos escritores regionais da Amazônia:

> "*Levou-nos, em seguida, para o lugar de honra, no* pacorô *principal, que é a cobertura onde vivem, durante o dia, defendendo-se da chuva e do sol.*"
>
> Armando de Almeida, *Pagelança*, 32

Atestam a orígem caribe, do vocábulo *pacorô*, não só Rubens Nelson Alves, conhecedor esmerado do caribe, que o arrolou no seu vocabulário Rangupiquí (218), como Armando Novaes Morelli, que o coletou entre os Urucuiana (219), bem como, ainda, êsse outro estudioso dos linguajares indígenas americanos, que

(218) — Rubens Alves, *Rangupiquí*, s.v.
(219) — Morelli, *Campanha do Jarí*, 372.

foi Jules Crevaux, que o relacionou no vocabulário dos Tiriô (220).

O vocábulo pacorô, com o significado de *cabana, oca, cupicháua, tapuisa*, é, assim, mais um amerigenismo, de origem caribe, usado no linguajar da gente da Amazônia.

PAJUARÚ

Pajuarú é uma bebida fermentada, muito apreciada, em geral, pelos indígenas. O vocábulo é corrente no linguajar do povo amazônico, de onde a bebida é originária.

O exemplo mais antigo, que conheço, aparece em Monteiro Baena, que usou o vocábulo com a forma *payauarú*:

> "*Outros silvícolas celebram um oitavário de flagelação a que chamam Porassé: no qual se azorragam recíprocamente, tomam o paricá e bebem o payauarú.*"
>
> Monteiro Baena, *Ensáio corográfico*, 15

É muito interessante, aliás, o estudo dêste vocábulo. Deriva êle de um étimo caribe, como atestam três dos mais conspícuos conhecedores dos linguajares indígenas americanos — Curt Nimuendajú, Cândido Rondon e Theodor Kock-Grünberg.

Curt Nimuendajú aponta para étimo o macuxí *paiuá* (221), com o significado de *caxirí preto;* Koch-Grünberg indica um étimo taurepã, *paiuá*, (222), no que é secundado por Candido Rondon (223). É com aquela mesma forma, ainda, que Koch-Grünberg nos fornece uma abonação para o vocábulo:

(220) — Crevaux, *Grammaires et vocabulaires*, 39.
(221) — Nimuendajú, *Macuxí*, 455.
(222) — Koch-Grünberg, *Roroima*, IV, 47.
(223) — Rondon, *Glossário geral*, I, 238.

"Bebida feita de animais putrefatos é para os urubús paiuá, *a inebriante bebida feita pelos indígenas, da farinha da mandioca."*
Koch-Grünberg, *Mitos e lendas*, 31

O vocábulo *pajuarú*, utilizado, atualmente, como a denominação dessa mesma bebida, nada mais é, na verdade, do que uma corruptela de seu étimo caribe — *paiuá*.

É muito comum, aliás, na transliteração dos vocábulos indígenas para o português do Brasil, a substituição do *i* pelo *j*.

Um dos exemplos mais antigos do emprêgo do vocábulo *pajuarú*, ainda sob a forma *payuarú*, nos foi fornecido por João Barbosa Rodrigues:

"Suas festas são sempre animadas pelo anaruapá, que é um vinho inebriante como caxirí feito com o payuarú."
Barbosa Rodrigues, *Crichanás*, 141

Outro exemplo, já agora sob a forma *pajuarí*, encontramos em *Macunâima*, de Mário de Andrade:

"Botaram o anjinho numa igaçaba esculpida com forma de jabutí e pros boitatás não comerem os olhos do morto o enterraram mesmo no centro da taba com muitos cantos, muita dança e muito pajuarí."
Mário de Andrade, *Macunâima*, 37

Em *Hiléia amazônica* diz Gastão Cruls:

"Nas Guianas a bebida que corresponde ao nosso caxirí tem o nome de peiuari, paiuru *ou* pajauarú", *ao passo que aquela designação se aplica a outro licor ebriático feito de milho, batata doce e um pouco de caldo de cana."*
Gastão Cruls, *Hiléia*, 218

Todos êsses vocábulos — *paiauarú, paiuarú, pajauarú, peiuarí, paiurú, pajuarí, pajuarú,* são apenas formas divergentes do verdadeiro étimo caribe — *paiuá.*

Assim, o amerigenismo *pajuarú*, nada mais é, na verdade, do que uma outra contribuição do caribe ao português do Brasil.

PANACARICA

Há, na língua da Amazônia, dois vocábulos, usados correntemente, com a mesma significação — *panacarica*, derivado de um étimo caribe e *japá*, de origem tupí.

O almirante Antônio Alves Câmara, no seu interessantíssimo *Ensáio sôbre as construções navais indígenas do Brasil*, dá um exemplo em que explica, com precisão, o significado dêles:

"Chamam-se tôldas, nas embarcações que estamos descrevendo, coberturas de palha em forma de telhado. ou abauladas, debaixo das quais abrigam-se os passageiros e cargas. Elas são conhecidas, pelos indígenas, sob a denominação de panacarica."
Alves Câmara, *Construções navais*, 115

Alves Câmara foi secundado, nesta explicação, por êsse outro brilhante marinheiro, magnífico tapejara dos estudos brasílicos, que foi o saudoso Eugênio de Castro:

"Quando a canoa de proporções maiores passou a ter casco encavernado, pavez na borda, tôlda de palha em forma de telhado ou panacarica, *bancada para remadores das pás ou jacumãs, mais conhecida ela se tornou pelo colonizador."*

Eugênio de Castro, *Geografia lingüística*, 112

Mas, além dessa significação específica de tôlda, tanto a *panacarica*, como o japá, tiveram um primeiro alargamento de sentido, passando a denominar, como veremos abaixo, o próprio tessido:

"Anastácio rema e a montaria vem em cima da maré. Sob o tôldo de panacarica, *arrepende-se dona Ermelinda daquela visita."*

Dalcídio Jurandir, *Marajó*, 15

"Canoa, havia, uma bela igarité grande, com tôlda de japá, *fixa e cômoda, de sólida construção e marcha regular, mas remeiros não apareciam."*

Inglês de Sousa, *O missionário*, 194

Êsse alargamento de sentido foi, ainda, ampliado, passando os vocábulos a denominar as próprias coberturas das portas e das janelas:

"Raro é que tenha divisões, mesmo havendo família, e mais de duas aberturas ou portas, fechadas mediante esteiras de palha, melhor diríamos de franças de palmeiras expressamente entretecidas, chamadas japás.

José Veríssimo, *A pesca na Amazônia*, 20

Basta percorrer a literatura regional da Amazônia para encontrar, fàcilmente, com todos êsses significados, ambos os vocábulos, bastando citar, aquí, para exemplificar, duas citações do vigoroso estilista do *Inferno verde*:

"Maçado com tanto retardamento considerou-se enfim ditoso quando, pela primeira manhã fulgurante de abril, se viu acocorado sob a panacarica, *que o havia de amparar do cáustico das soalheiras, e sentiu a canoa afastando-se para o Juruá-mirí."*

Alberto Rangel, *Inferno Verde*, 249

"Acomodado ao fundo da montaria, por sôbre as cavernas, um baú e sob o japá *aconchegados a mulher e os curumins, Cordulo na proa afastou a embarcação com energia."*

Alberto Rangel, *Inferno Verde*, 83

Coudreau usou o vocábulo em seu livro *Chez nos Indiens*:

"Pour aller dans le Ouassa, le Couripi et le Rocaoua, il faut coucher dans le canot; les berges sont marécageuses, el n'y a pas d'endroit pour amarrer son hamac; ce ne sont que paletuviers, cambrouses et pinots. On prend pour ces voyages de grands canots à pamacaris." (224)

Coudreau, *Chez nos Indiens*, 376

Estudemos, agora, a origem do vocábulo *panacarica*.

Beaurepaire-Rohan, no *Dicionário de vocábulos brasileiros*, Vicente Chermont de Miranda, no *Glossário paraense* e Alfredo da Mata, na *Contribuição ao estudo do vocabulário amazonense* descrevem muito bem, ao estudarem o verbete, o vocábulo *panacarica*. Beaurepaire-Rohan e Chermont de Miranda consideram-no, porém, originário do tupí, sem nenhuma razão, porque *japá* é que é vocábulo tupí, sendo *panacarica*, como veremos, uma palavra nítidamente cari-

(224) — Coudreau explica, em nota, o significado de *pamacarí* — "sorte de bâche de charrette, en feuilles de palmier". (Coudreau, *Chez nos Indiens*, 376).

be, entrada no português do Brasil com a modificação, apenas, da tônica, uma vez que era vocábulo oxítono no caribe.

Jules Crevaux relaciona o étimo *pamacarí* no vocabulário dos *Urucuiana* (225) e Henri Coudreau arrola o mesmo étimo no linguajar dos Uaiana (226).

Trago, agora, a minha contribuição pessoal. Colhí o vocábulo *panacaricá*, com pronúncia oxítona, do próprio lábio do gentio caribe, pois é êle corrente no lingujar dos maraxós, dos pianocotós, dos uaianas, dos caxuianas.

Também com essa mesma grafia — *panacaricá*, foi êle recolhido, novamente, entre os caxuianas (227).

Tendo sido já relacionado no *Pequeno dicionário brasileiro* é, assim, mais um amerigenismo de origem caribe integrado no português do Brasil.

PANAQUIRI

O vocábulo *panaquirí* é um amerigenismo de uso bem antigo no português do Brasil, pois foi usado, ainda no século XVI, por êsse admirável Fernão Cardim (228).

É o vocábulo, ainda hoje, corrente na língua da gente da Amazônia, como poderemos verificar por êsse lanço:

> *"No aceiro da mata, com a atenção voltada para um mutum pinima empoleirado numa árvore distante, o nosso* panaquirí *estava completamente absorvido com o objeto de sua caçada."*
>
> Armando de Almeida, *Pagelança*, 54

Passemos, agora, a estudar a etimologia do vo-

(225) — Crevaux, *Grammaires et vocabulaires*, 13.
(226) — Coudreau, *Vocabulaires méthodiques*, 23.
(227) — Jorge Hurley, *Vocabulário dos aborígenes*, 233.
(228) — Cardim, *Tratados*, 205.

cábulo. Apesar de Batista Caetano ter apontado, para êle, uma origem tupí (229), o vocábulo *panaquirí* é, de fato, como iremos ver, um amerigenismo oriundo do caribe. Indicam aquela orígem todos os estudiosos dos linguajares indígenas americanos. Assim, por exemplo, Jules Crevaux (230) aponta, no glossário dos Urucuiana, aquela orígem, com o significado de holandês, que é o significado apontado, também, por Rubens Nelson Alves (231), quando o arrolou no vocabulário do gentio Ranguipiquí, onde relaciona, ainda, o vocábulo *panaquirí-mucú*, com a significação de mulato.

Trago ao assunto, agora, a minha contribuição pessoal.

Não percebi, absolutamente, durante o longo tempo que convivi com as tribos caribes, tais como os Maraxó, os Pianocotó, os Auacotó, os Auarecotó, e tantas outras mais, a menor distinção no emprêgo de *panaquirí* e *caraiuá*, vocábulos que êles usavam, indistintamente, tanto ao se dirigirem a mim, como a qualquer dos homens da Comissão de Limites.

Nem é diferente, neste particular, a opinião de Henri Coudreau:

> *"Crevaux dit cependant que* Parachichi, *en langue roucouyenne, veut dire Français, et Panakiri, Hollandais. Il paraîtrait que non.* Panakiri *ne veut point dire Hollandais, et* Parachichi, *Français; c'est là de l'ethnographie trop savante! Les roucouyennes, les plus souvent, dizent indifféremment* Panakiri *ou* Parachichi *pour blanc, négre, civilisé, tout individu habillé ou à peu prés."*
>
> Coudreau, *Chez nos Indiens*, 526

A verdadeira orígem do vocábulo foi surpreendida,

(229) — Batista Caetano, *Notas*, 258.
(230) — Crevaux, *Grammaires et vocabulaires*, 11.
(231) — Rubens Alves, *Rangupiquí*, s.v.

esplendidamente, pelo menos por quatro dos mais valorosos sertanistas da fantástica hiléia — Richard Schomburgk, Henri Coudreau, Curt Nimuendajú e Claudius Henricus De Goeje.

Vejamos o que nos ensina Schomburgk:

> "... *the Milky Way* Parana (Parana *also means the sea, and Paranaghieri* (232) *people who have come from over the sea*").

Schomburgk, *Travels*, II, 261

Exatamente a mesma coisa nos afirma Henri Coudreau:

> "*Les Roucouyennes, grâce à eux, firent alors un peu connaissance avec les* Panakiri (parana-okirí: *les hommes de la mer...*)"

Coudreau, *Chez nos Indiens*, 560

Não é diferente a lição de De Goeje quando ensina — "(*paranakiri*, Zee-manblanke)." (233)

E Curt Nimuendajú, um dos maiores valores, não só da lingüística amerigena, mas sobretudo da etnologia brasílica, repete aquêle mesmo conceito de Schomburgk, de Coudreau e de De Goeje, quando declara —

"*Panakirí*: *de parana*, mar *e kirí*, homem (234).

De fato, em grande número de dialetos caribes o vocábulo *paraná* significa o mar, significando *okirí*, ou *kirí*, homem e, muitas vêzes, o macho.

Temos, assim, com o vocábulo *panaquirí*, que significa o homem branco, o civilizado, mais um amerigenismo derivado do caribe, integrado ao português do Brasil.

(232) — Leia-se *paranaquirí*.
(233) — De Goeje, *Tumukhumak-Expeditie*, 205.
(234) — Nimuendajú, *Handbook Indians*, III, 210.

PAQUIRÁ

Um dos vocábulos do português do Brasil corrente na Amazônia, com o significado de caitetú ou porco do mato, é *paquirá*.

Abonemos o seu uso com o seguinte exemplo:

> "*Enquanto o outro companheiro seguia no rastro, ainda recente, de uma anta, que devia ser já adulta, vi aparecer um* paquirá, *no meio do pique, andando lentamente.*"

Armando de Almeida, *Pagelança*, 36

O uso do vocábulo foi assinalado, pela primeira vez, pelo pioneiro dos vocabularistas de amerigenismos, que foi Antônio de Alcedo, nesse precioso *Vocabulário de las voces provinciales de América*:

> "*Báquira — animal quadrúpedo de la provincia de Guaiana, especie de cerdo ó puerco montés muy parecido al jabalí de Europa, à excepción de la cola, que apenas le apunta.*"

Alcedo, *Vocabulário*, s. v.

"*Báquira* ou *báquiro* são as formas divergentes do étimo *paquirá*, usadas no castelhano da Venezuela, onde a palavra também é corrente, segundo no ensina Bartolomé Tavera-Acosta (235).

A etimologia do vocábulo deriva do caribe. Aponta aquela origem, em seu precioso *Les Galibis*, o padre Antoine Biet, que se tornou credor do reconhecimnto de todos os amerigenistas pelo notável trabalho que nos legou:

> "*Les cochons y sont de différentes espèces, et en quantité chaque espéce. Les uns sont semblabes, à nos sangliers, de même grandeur et gros-*

(235) — Tavera Acosta, *Rionegro*, 327.

seur, et de même poil; d'autres commes les cochons de notre Europe. Ils vont par troupe. Les sauvages les appelent de poingá. *Il y en d'autres petits, qui ne sont pas si gras, mais de très bon goût; on les appelle de* paquirá. *Ils ont un évent sur le dos, par oú il semble qu'il y a quelque respiration."*

Biet, *Les Galibis*, 17

Além de Biet atestam, também, aquela origem caribe — Rubens Nelson Alves (236), Curt Nimuendajú (237) e Claudius Henricus de Goeje (238), eminentes conhecedores do caribe.

O Conde Pinheiro Domingues tratou do vocábulo, muito superficialmente, num artigo publicado na *Revista Filológica* (239).

Eis, com o vocábulo *paquirá*, mais um amerigenismo, derivado do caribe, introduzido no linguajar dos brasileiros.

PATAUÁ

Uma das maiores riquezas da Amazônia é, sem dúvida, a imensa variedade de óleos vegetais, que ali abundam de maneira impressionante. Seria, se tentássemos enumerá-los, um verdadeiro rosário de nomes — copaíba, andiroba, pau rosa, bacaba, tucumã, mucajá, patauá e tantos, tantos outros mais.

Vamos estudar, entre os representantes dessa relação de óleos vegetais, aquêle que se denomina *patauá*, uma vez que o vocábulo que o nomeia é um dos mais puros amerigenismos, como iremos ver.

(236) — Rubens Alves, *Rangupiqui*, s.v.
(237) — Nimuendajú, *Aparaí*, 630.
(238) — De Goeje, *Tumukhumak-Expeditie*, 209.
(239) — Pinheiro Domingues, *Revista Filológica*, n.º 26.

O vocábulo *patauá*, como informa, quase sempre com muita segurança, Beaurepaire-Rohan (240), é um vocábulo oriundo da Amazônia, onde é corrente na língua de seu povo.

Há uns vinte anos atrás foi o vocábulo muito usado, por se ter industrializado, em tôda a Amazônia, sobretudo no Pará, o *azeite de patauá*, excelente óleo comestível, de côr amarelo-ouro, freqüente nas cozinhas da gente da planície.

Foi nessa ocasião, justamente, que o nome se generalizou, ràpidamente, por todo o Brasil, dado o elevado conceito que passou a desfrutar o *azeite de patauá*.

Comprovemos o seu uso, primeiramente, com o exemplo de um dos escritores mais famosos da terra verde:

"A bacaba é um verdadeiro nectar da floresta e o patauá, *autêntico chocolate, nutritivo, cheio de calorias, é capaz, também, de refazer as fôrças perdidas dum moribundo."*

Raimundo Morais, *Anfiteatro*, 243

O vocábulo, porém, como já vimos, não se confinou à Amazônia. Um exemplo do amerigenismo poderá ser colhido no livro precioso de Gastão Cruls sôbre a terra imatura:

"As setas, com vinte a trinta centímetros de comprimento, são feitas com lascas de taquara ou com o pecíolo das fôlhas de algumas palmeiras, como a paxiuba, a patauá *ou a inajá."*

Gastão Cruls, *Hiléia*, 235

Bernardino José de Souza em seu magnífico *Dicionário da terra e da gente do Brasil*, declara:

"Butiazal — *Vocábulo muito usado no Rio*

(240) — Beaurepaire-Rohan, *Vocábulos brasileiros*, s.v.

Grande do Sul, designativo de campo cheio de butiazeiros, palmeiras do gênero côco, conhecidas em Mato Grosso e no vale do Amazonas pelo nome batauá *ou* patauá."
Bernardino de Souza, *Dicionário*, 66

Não se trata, porém, da mesma planta; basta atentar, para isso, na nomenclatura científica de ambas.

Vejamos, agora, a etimologia do vocábulo. É *patauá* um amerigenismo derivado do caribe. Confirmam essa origem, tanto von Martius, que o relacionou no vocabulário dos Galibí (241), bem como o saudoso capitão de corveta Antônio Pojucan Cavalcanti, tapejara magnfico da região fronteiriça do Brasil com as Guianas e a Venezuela, quase tôda por êle palmilhada, demarcador dos mais brilhantes, que foi, da Comissão de Limites do Setor Norte, o qual o recolheu entre o gentio Pianocotó, das cabeceiras dos formadores do Trombetas (242).

Assim, o vocábulo *patauá*, já relacionado no *Pequeno dicionário brasileiro* é, pois, mais um amerigenismo derivado do caribe, corrente no português do Brasil.

PIAGA

Um dos amerigenismos mais conhecidos no português do Brasil é, sem dúvida, o vocábulo *piaga*, sobretudo depois que foi vulgarizado pelo lirismo de Gonçalves Dias.

Afirma-se ser *piaga* uma palavra decorrente de um êrro tipográfico, por *pagé*, chegando José Veríssimo a proclamar:

(241) — Martius, *Glossária*, 367.
(242) — Pojucan Cavalcanti, *Pianocotó*, 39.

"O pagé, tão adulterado em piaga, *pela irreflexão, senão ignorância de romancistas e poetas, por êles transformado em sacerdote, era simplesmente o feiticeiro, o médico."*
José Veríssimo, *Estudos brasileiros*, 42

Temos, entretanto, razões bem ponderosas, como iremos ver, para não julgar assim.

É comum, nos vários linguajares caribes da Amazônia e da Venezuela, o vocábulo *piái*, com o significado de pagé, de curandeiro.

Atestam essa origem caribe, numa absoluta uniformidade, todos os sertanistas e, sobretudo, todos os lingüistas que estudaram os dialetos caribes.

Assim, comecemos por Antoine Biet (243), que ainda no século XVI já arrolara o vocábulo *piaye*, com o significado de curandeiro, no linguajar dos Galibi. Jules Crevaux (244) o relacionou nos vocabulários Aparaí, Tiriô, Carijona e Galibi, em todos êles com o significado de curandeiro. Henri Coudreau (245) coletou o vocábulo, entre os Urucuiana, sob a forma *piaye*, ainda com o mesmo significado de curandeiro.

Com aquela mesma significação êle foi colhido, também com a forma *piaye*, por von Martius. (246)

Ora, estamos vendo que todos êles, com excepção de von Martius, eram franceses e, como franceses, escreveram o vocábulo — *piaye*. Êsse *piaye* por todos êles escrito, entretanto, nada mais é do que o vocábulo *piái*, o verdadeiro étimo caribe do vocábulo, como poderemos ver no esmerado lingüista que é De Goeje, que com essa última forma arrola o têrmo como pertencente ao gentio Tiriô. (247)

(243) — Biet, *Les Galibis*, 85.
(244) — Crevaux, *Grammaires et vocabulaires*, 13.
(245) — Coud eau, *Vocabulaires méthod ques*, 16.
(246) — Martius, *Glossaria*, 335 e 347.
(247) — De Goeje, *Tumukhumak Expeditie*, 205.

No castelhano da Venezuela é êle utilizado sob a forma *piache,* como poderemos verificar pelo seguinte exemplo:

> *"Este era el modo común de medicinar los* piaches, *quienes además, algunas veces sahumaban al paciente, poníanlo en una hamaca y con fuego por debajo dábanle baños de vapor de água..."*
>
> Júlio Salas, *Etnologia,* 61

Alfredo Jahn, aliás, referindo-se ao vocábulo, afirma, nessa passagem bastante elucidativa:

> *"La voz* piache, *al igual de las voces guaricha y cacique, ha sido introducida en el guajiro y otras lenguas indígenas por los españoles.* Piache *como equivalencia de curandero es voz chaima y tamanaca."*
>
> Jahn, *Aborígenes de Venezuela,* 168

É bem verdade que Curt Nimuendajú (248), exímio conhecedor dos idiomas indígenas americanos, recolheu o vocábulo, entre os Aparaí, como *piáchi,* com aquêle mesmo significado.

Foi por isso, naturalmente, que Georg Friederici (249), ao estudar o vocábulo, em seu notável *Hilfswôrterbuch für den Amerikanisten,* dá tôdas as variantes do mesmo — *piaje, piaye, piache, piacha, picache.*

Armando Novais Morelli nos fornece, de *piái, o* seguinte exemplo:

> *"Não conseguimos apurar outro exercício religioso, a não ser o executado pelo* piái *em caso de doença de algum índio, e as invocações a Cuiurí, durante as cerimônias fúnebres."*
>
> Morelli, *Campanha do Jarí,* 353

(248) — Nimuendajú, *Aparaí,* 592.
(249) — Friederici, *Hilfswörterbuch,* s.v.

Ferdinand Dénis, em *Descrição histórica do Brasil,* também nos fornece outra abonação:

> *"Êste Deus só se manifesta aos homens pelos males que lhes envia: os* piáis *têm a faculdade de fazê-lo aparecer, mas êle nunca se mostra sob a figura humana."*
>
> Dénis, *Descrição histórica,* 169

O vocábulo *piaga* é de emprêgo generalizado. Citemos, apenas, uma abonação:

> *"Ceremônias rituais de uma camorra anônima de trogloditas sagram êsse selvagem o plenipotenciário do mal, o ministro da carnificina, o* piaga *da tortura."*
>
> Alberto Rangel, *Sombras nágua,* 276

O amerigismo *piaga,* como acabamos de ver, nada mais é, na verdade, do que a transliteração, para o português do Brasil, do étimo caribe *piái,* que tem o significado de feiticeiro, de curandeiro, enfim, de *pagé.* Apesar da identidade de significados, nada há de comum, etimològicamente, entre *piaga* e *pagé;* enquanto o primeiro vocábulo deriva do caribe, o outro se origina do tupí.

Há entre os dois, apenas, certa semelhança gráfica.

Nada mais...

PIROGA

O vocábulo *piroga,* sob a forma *piráua,* designava, entre os caribes, uma embarcação já de certo porte. É um vocábulo que foi incorporado, ao português do Brasil, de torna-viagem.

No espanhol, onde o vocábulo ingressou sob a for-

ma de *pirágua*, ficou êle muito mais próximo de seu verdadeiro étimo caribe.

O primeiro a relacionar o vocábulo foi Raymond Bréton (250), no seu *Dictionnaire Caraïbe-François*, onde o regista como *piraugue*. Tomando-se em consideração a pronúncia francesa, foi êsse, evidentemente, o étimo dos vocábulos *pirogue* e *piroguier*, correntes, atualmente, no francês.

Regista-o, também, pouco tempo depois, Antoine Biet (251), nesse precioso *Les Galibis*, cujas etimologias sempre aponto, pela fidelidade com que relacionou os vocábulos caribes daquele gentio.

Indicam, ainda, a sua etimologia caribe — von Martius (252); Georg Friederici (253), cujas etimologias são sempre seguras e Pedro Henríquez Ureña, um dos mais profundos conhecedores dos amerigenismos no castelhano da América, de autoridade indiscutível nesses assuntos, tanto no precioso trabalho que é *Para la historia de los indigenismos*, como em *El español en Santo Domingo*. (254)

E, finalmente, temos a preciosa informação de Gonzalo Fernández de Oviedo, que viveu em Santo Domingo, ainda na primeira metade do século XVI:

> *"Estas he visto de porte de quarenta y cinquenta hombres, y tan anchas que podria estar de través una pipa holgadamente entre los indios flecheros, porque estos usan estas canoas tan grande ó mayores, como lo que he dicho, é llámanlas los caribes* piraguas, *y navegan con velas de algodón e al remo..."*
>
> Oviedo, *História*, I, 171.

(250) — Bréton, *Dictionnaire caraïbe*, s.v.
(251) — Biet, *Les Galibis*, 55.
(252) — Martius, *Glossaria*, 319.
(253) — Friederici, *Hilfswörterbuch*, s.v.
(254) — Ureña, *Indigenismos*, 106; *El español en Santo Domingo*, 128.

Há, entretanto, apesar da indiscutível origem caribe do vocábulo, quem negue aquela origem. Assim, Júlio Calcaño, em que pese o seu grande conhecimento da influência dos amerigenismos no castelhano da América, não aceita aquela etimologia caribe, chegando a apontar um étimo maláio (255) para o vocábulo.

O nosso Batista Caetano, também, apresenta uma origem tupi para *piroga*, induzindo em êrro a mestre João Ribeiro, que chegou a escrever:

> *"Batista Caetano descobriu e fixou, para o conhecido têrmo* piroga, *embarcação pequena, canoa, e hoje expressão mundial e de tôdas as línguas cultas, a mesma etimologia* — pir-og (ib-pir-og), *pois que as canoas eram feitas de cascas de árvores ou destas, inteiramente carcomidas."*
>
> João Ribeiro, *A língua nacional*, 186

Não procede essa justificativa para o nome da embarcação, pois a *piráua* já era uma embarcação de grande porte, como poderemos verificar em Lisandro Alvarado (256), que muito bem descreve as embarcações dos caribes.

A pequena embarcação referida por João Ribeiro era conhecida, entre aquêle gentio, pela denominação de *curiára*, vocábulo que circula no linguajar da gente da Amazônia.

E, para abonação, êsse passo de um dos mais sugestivos escritores da hiléia:

> *"Pouso de alguma garça areiada ou sítio deixado à preguiça voraz dos jacarés, mais tarde servirá de peanha a uma barraquinha de caboclo e à sua* piroga *de cedro ou de itauba, puxada em terra..."*
>
> Alberto Rangel, *Sombras água*, 28

(255) — Calcaño, *El castellano en Venezuela*, 328.
(256) — Alvarado, *Datos etnográficos*, 61.

Assim, o vocábulo *piroga*, apesar de ter ingressado, no português do Brasil, de tôrna-viagem, é hoje, indiscutivelmente, um vocábulo de origem caribe, corrente na linguagem dos brasileiros.

SARABATANA

Uma das armas indígenas mais interessantes é, evidentemente, a *sarabatana*.

Vejamos algumas abonações para o vocábulo. Meu prezado e saudoso camarada Lima Figueiredo nos fornece êste exemplo:

> *"De tôdas as tribos da grande nação tupí, destacavam-se os omáguas e os chiriguanos, que já usavam o tear, a sandália, a colher, a pá, o catre de peles e a* sarabatana, *a engenhosa espingarda de ar comprimido."*
>
> Lima Figueiredo, *Cidades e sertões*, 162

Temos, também, devido a Raimundo de Morais, êsse outro exemplo:

> *"... a paxiubinha, de cuja madeira os índios fazem as* zarabatanas, *por meio das quais atiram, soprando, os venenos sagitários."*
>
> Raimundo Morais, *Anfiteatro*, 244

Atestam, ainda, o uso do vocábulo, além de Lima Figueiredo e de Raimundo Morais, inúmeros escritores, entre os quais citamos alguns — Ramaiana de Chevalier (257), Mário de Andrade (258), Gastão Cruls (259) e Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, que o empregou sob a forma de *esgravatana* (260).

---

(257) — Ramaiana de Chevalier, *Circo*, 156.
(258) — Mário de Andrade, *Macunâima*, 64.
(259) — Gastão Cruls, *Hiléia*, 337.
(260) — Ribeiro de Sampaio, *Diário de viagem*, 82.

Vejamos, agora, a origem do vocábulo. Citemos, nesse sentido, em primeiro lugar, essa magnífica contribuição de Walter Krickeberg, estudioso da etnologia americana:

> *"De modo parecido al arco, también la* cerbatana *ha extendido su área de distribución considerablemente desde la época del descubrimiento. Como arma verdadera, sólo puede usarse en combinación con un veneno de efecto rápido; sin embargo, de todos los antiguos relatos se despendre que las tribus indias en el norte de Sudamérica, del Amazonas inferior y de Mojos no conocian, en siglo XVI, más que un veneno de efecto lento, que no puede ser identificado con el curare de los tiempos actuales, uno de los venenos más temibles que se conocen. Han sido probablemente tribus caribes de la Guayana las que descubrieron la extracción y preparación del curare de la corteza de una especie de Strichnos, y quienes lo difundieron junto con la* cerbatana *en dirección al oeste, donde todavia hoy dia, los Umaua gozan la fama de ser buenos cocineros de veneno. En el área nororiental de su orígen, el arma está hecha con una caña de arundinária, metida en el tronquito de una palma ahuecada, la aljaba correspondiente para los dardillos de madera, se hace de cesteria. En el oeste de Amazonia, tanto la* cerbatana *como la aljaba se hacen totalmente de madera, recubriendo dos mitades, longitudinalmente partidos, con tiras de corteza. Resulta muy significativo dado lo reciente de la distribución de la cerbatana, el hecho de que sea desconocida en todo el sureste de Amazonia y, por consiguiente, también entre la mayoria de las tribus tupí. El curioso hecho*

de que también se la encuentre aisladamente en una región tan lejana como el Guaporé, donde, por añadidura, está fabricada con una caña de bambú, muy poco apropriada debido a su grosor desigual, está relacionado, según Nordenskiold, con la inmigración de los Palmella, grupo de extracción caribe."

Krickeberg, *Etnologia de América*, 204

Nem diferente é a informação de outro esclarecido estudioso da etnologia americana:

"*La* cerbatana, *que de ordinario se emplea para este género de cacería con veneno, es hasta cierto punto una especialidad de los Macusi y Mayongkong, debido a la circunstancia de crecer en el territorio de ellos la desmesurada gramínea* (*Arundinaria schomburgkii*) *de que se valen para este fim.*"

Alvarado, *Datos etnográficos*, 30

O vocábulo é, pois, de pura origem caribe. João Barbosa Rodrigues, entretanto, aponta para êle um étimo tupí:

"*Le mot* sarabatana *est une corruption de* carauatana, *qui derive de* cara, *creusé,* uá, *tige* atan *ou* antan, *dur, fort, cést-a-dire, un* tuyau fort."

Barbosa Rodrigues, *L'uiraêry ou curare*, 23

Pura tupimania de Barbosa Rodrigues...

Não há dúvida que o vocábulo *sarabatana* (261), já arrolado pelo *Pequeno dicionário brasileiro*, é mais

(261) — Usamos a forma *sarabatana*, por estar mais de acôrdo com a etmologia do vocábulo. Além dessa são usuais, também, as grafias *zarabatana, esgaravatana* e, até, *esgravatana*, usada, como já vimos, por Ribeiro de Sampaio.

uma contribuição caribe ao linguajar da gente brasileira.

SARAMBÊ

Um dos utensílios que mais variada sinonìmia possue, modificando-se a denominação de acôrdo com a forma, o tamanho e a finalidade do mesmo, é, evidentemente, o cesto feito de talas.

Entre vários outros recebe êle os seguintes nomes — *jacá, paneiro, cassuá, côfo, samburá, panacú, pacará, jamaxim, catauro, sarambê.*

João Barbosa Rodrigues, no vocabulário dos Crichanás (262), dá, para o vocábulo *sarambê*, o significado de — "cesto de trazer às costas, prêso à testa."

Assim, para João Barbosa Rodrigues, *sarambê* é sinônimo de jamaxim e de catauro.

Ainda podemos colhêr, em Barbosa Rodrigues, uma abonação para o vocábulo:

"*Retiram dos* sarambês *as palmas que cobriam as panelas, as frutas e as féculas: a bacaba cozida, a mumbaca assada, o pequiá em massa, a pupunha em pera, o polvilho em massa, os beijús torrados, os pães de massa de mandioca moqueados, o umarí, a pacova, tudo saia como de uma cornucópia...*"

Barbosa Rodrigues, *Crichanás*, 61

Outro exemplo nos é fornecido por um escritor regional da Amazônia:

"*Ao passar no pôrto da maloca, situada numa das ribas do Jauaperí, retiraram da canoa um* sarambê *com tôda a espécie de caça moqueada, trazida para a última refeição da tarde.*"

Armando de Almeida, *Pagelança*, 39

(262) — Barbosa Rodrigues, *Crichanás*, 255.

Quanto à origem, deriva o vocábulo *sarambê* do caribe. João Barbosa Rodrigues, como já vimos, o recolheu entre os Crichanás. Cândido Rondon o relacionou no vocabulário dos Taurepã, do nunca assaz louvado *Glossário geral.* (263)

O vocábulo *sarambê,* ainda não arrolado em nenhum dos vocabulários existentes, entre nós, sôbre peculiaridades léxicas de nosso linguajar, é, pois, mais um amerigenismo de origem caribe, incorporado ao português do Brasil.

SARARACA

A *sararaca* é uma flecha aplicada, sobretudo na pescaria da tartaruga, nos lagos, nos rios e nos igapós da Amazônia.

José Veríssimo, ao tratar do vocábulo, nesse livro extraordinário que é *A pesca na Amazônia,* define muito bem aquela arma pescareja:

> *"A sararaca se compõe de três partes — a flecha pròpriamente dita, empenada na parte superior ou cabeça, a qual tem o nome de haste; o fuso ou suumba, de madeira, em geral de paracuuba, embutido na extremidade inferior da haste; a espolêta ou virote, da mesma madeira, móvel, no qual se encaixa a ponta, que nesta arma é, em geral, de aço, farpada, de cinco a oito centímetros."*
>
> José Veríssimo, *A pesca na Amazônia,* 61

A palavra, aliás, figura em quase todos os vocabulários de regionalismos da Amazônia. Aparece no *Glossário paraense,* de Vicente Chermont de Miranda; em

(263) — Rondon, *Glossário geral,* I, 237.

O meu dicionário de coisas da Amazônia, de Raimundo Morais; no *Vocabulário amazonense,* de Alfredo Augusto da Mata; no glossário de *As pescarias amazônicas,* de Amando Mendes.

O Visconde de Beaurepaire-Rohan o relacionou, também, no *Dicionário de vocábulos brasileiros,* uma das maiores contribuições, em tôdas as épocas, ao estudo dos amerigenismos do português do Brasil, pela honestidade exemplar com que apontava os étimos dos mesmos, só claudicando, assim mesmo mui raramente, dado o reduzidíssimo conhecimento, na época, dos linguajares indígenas americanos não tupís.

Já figura, também, atualmente, no maior repositório de amerigenismos do português do Brasil, que é o *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguêsa.*

É *sararaca,* assim, um vocábulo corrente no falar da gente da Amazônia, aparecendo amiude na literatura regional da hiléia.

O notável aquarelista da Amazônia, que foi Alberto Rangel, nos fornece o seguinte lanço:

> *"Os violadores não deveriam ir longe. Sanda correu ao puxado, arrebatou duas flechas* sararacas *e o arco de pesca, fincadas entre as ripas, na taipa."*
>
> Alberto Rangel, *Sombras água,* 113

É de Raimundo Morais essa outra abonação:

> *"Súbito, a* sararaca *parte desfechada sôbre certo ponto negro e o bico de aço farpado, ligado à haste da taboca por uma linha, enterra-se na carapaça rija da tartaruga."*
>
> Raimundo de Morais, *Planície,* 112

O vocábulo foi usado, também, por escritores de fora da Amazônia. Eugênio de Castro, o culto marinheiro que nos fornecera já a preciosa segunda edição do *Diário de navegação de Pero Lopes de Souza,* nos

brindou, também, com êsse livro admirável, que é *Geografia lingüística e cultura brasileira*, inestimável repositório de brasilidade, onde colhemos o seguinte passo:

> *"Curiosas, principalmente, são algumas pescas praticadas, com originalidade, pelo caboclo amazonense: a da tartaruga, com o auxílio da* sararaca, *ao respirar o anfíbio à superfície, o que o caboclo pacientemente espera horas a fio, para feri-lo com certeiro e penetrante tiro de flecha por elevação."*
>
> Eugênio de Castro, *Geografia lingüística*, 117

Deriva o vocábulo *sararaca* do caribe. Apontam aquela etimologia — Rubens Nelson Alves (264), que a colheu entre os Macuxí; Antônio Pojucan Cavalcanti (265), que a encontrou usada pelos Maraxó; e, finalcntem, Cândido Rondon (266), que a relacionou no glossário dos Galibí.

Assim, a famosa arma pescareja, tão utilizada, na Amazônia, na pesca da tartaruga, nada mais é, em verdade, do que um outro amerigenismo, derivado do caribe, incluido no falar brasileiro.

TACACÁ

Há, na cozinha regional da Amazônia, dois pratos que são, realmente, os mais característicos — *pato no tucupí* e *tucupí com tacacá.*

Nada de semelhante, realmente, nem de parecido, com essas duas magníficas iguarias, se encontra nas outras cozinhas de nossa terra, algumas delas apresen-

(264) — Rubens Alves, *Macuxí*, s.v.
(265) — Pojucan Cavalcanti, *Pianocotó*, 27.
(266) — Rondon, *Glossário geral*, I, 227.

tando, entretanto, uma grande variedade de diferentes e saborosos pratos, como a cozinha baiana.

O *tacacá*, bem como o *tucupí com tacacá* estão bem definidos por Vicente Chermont de Miranda:

> "Tacacá — *A tapioca diluida em água é fervida do modo pelo qual se prepara a goma. Adicionado de uma pequena quantidade de tucupí apimentado é um dos alimentos favoritos do paraense."*
>
> Chermont, *Glossário paraense*, s. v.

Abonemos o vocábulo, agora, com alguns exemplos. Citemos, em primeiro lugar, o seguinte lanço, de Inglês de Sousa, filho de Óbidos:

> *"Negras da Costa, com as panelas de* tacacá *e de quibebe equilibradas sôbre as rodilhas de riscado, que em forma de turbante lhes cingiam a carapinha, passavam, balançando os quadris num descadeiramento ridículo..."*
>
> Inglês de Sousa, *O missionário*, 407

E, depois, êsse outro passo de Raimundo Morais:

> *"Sempre limpa, rescendendo à jasmim e à priprioca, é quase desaparecida, existindo uma ou outra no Mercado de Ferro, vendendo* tacacá, *mingau de milho ou arroz, maniçoba e peixe frito."*
>
> Raimundo Morais, *Anfiteatro*, 142

Passemos, agora, a estudar a sua etimologia. É o vocábulo *tacacá*, como iremos ver, um amerigenismo de origem caribe. Tanto José Veríssimo, como Vicente Chermont de Miranda, não aceitaram, o que era muito comum na época, uma origem tupi para êle, fugindo assim, mui sàbiamente, à tupimania do tempo, que ainda hoje, infelizmente, perdura.

José Veríssimo, ao estudar o vocábulo, afirma:

"Virá, por acaso, êste têrmo de "cousa para beber aos tragos", em tupí Mbae tycycû? *O* tacacá, *com efeito, é bebido por cuias e tijelas aos tragos ou pequenos goles. "Beber a tragos", traduz Montoya* Aytykycú (*ca*) *e "sorber"* tycycú, *de* ty *caldo,* cú *sôrvo. O mesmo no Dr. Almeida Nogueira. Poder-se-á admitir tamanha corrupção, quando não há fatos que abonem a mudança da vogal especial* y *e de* ú *para* a?"

José Veríssimo, *Cenas,* 50

E Chermont de Miranda, em seu magnífico *Glossário paraense* (267), mui cautelosamente o dá como "vocábulo indígena", não apontando, para o mesmo, a clássica origem tupí, corrente na época, pelo desconhecimento dos outros linguajares indígenas americanos, para todo e qualquer vocábulo com aparência indígena.

Vejamos, entretanto, a verdadeira origem da palavra.

O amerigenismo *tacacá* deriva do caribe. Atestam essa orígem Jules Crevaux (268) e Curt Nimuendajú (269), que o recolheram entre os Aparaí e Henri Coudreau (270), que o arrolou no vocabulário dos Uaiana.

Eis aí, pois, mais um amerigenismo, derivado do caribe, corrente no linguajar da gente amazônica, já arrolado, também, pelo *Pequeno dicionário brasileiro.*

TAMUXÍ

A função da chefia temporal, entre os nossos aborígenes, é aquela que mais variada sinonímia possue

(267) — Chermont, *Glossário paraense,* s.v.
(268) — Crevaux, *Grammaires et vocabulaires,* 64.
(269) — Nimuendajú, *Aparaí,* 440.
(270) — Coudreau, *Vocabulaires méthodiques,* 22.

— *morubixaba, muruxáua, tuxáua, cacique, boemegera, amúre, curaca, tamuxí.*

Vamos estudar, entre os vocábulos que designam aquêle pôsto, a palavra *tamuxí.*

Ela tem, em alguns linguajares indígenas caribes da Amazônia, a significação de velho e, às vêzes, de avô; mas se apresenta, também, num grande número de casos, com o sentido de cacique, de tuxáua.

Henri Coudreau nos fornece, em *Chez nos Indiens,* uma explicação absolutamente realista, para o significado daquele vocábulo, perfeitamente semelhante àquela que colhemos, quase meio século depois, entre o mesmo gentio Urucuiana:

"Pour ce qui est tamouchi, *il faut bien prendre garde que, dans la plupart de ces cas, cette appellation n est qu un titre respectueux donné à toute arrivée à la vieillesse. Le véritable* tamouchi *est celui qui crée un village, dont il devient le chef. Il fait faire les abatis et les pacolos sous sa direction, le village est fondé, il en est le* tamouchi."

Coudreau, *Chez nos Indiens,* 238

Quase todos os estudiosos dos dialetos caribes se detiveram sôbre êsse vocábulo, legando-nos alguns ensinamentos prestadios. Assim, com aquêle significado de ancião, arrolaram o vocábulo — von Martius (271) e Cândido Rondon (272), que o colheram entre os Galibí; apontaram o vocábulo, também no Galibí, mas com o significado de *Deus,* Antoine Biet (273) e Pierre Sagot. (274)

Atestam, agora, a significação de tuxáua, de caci-

(271) — Martius, *Glossaria,* 329.
(272) — Rondon, *Glossário geral,* I, 228.
(273) — Biet, *Les Galibis,* 82.
(274) — Sagot, *Grammaires et vocabulaires,* 56.

que — Jules Crevaux (275), Claudius Henricus de Goeje (276) e Armando Novais Morelli (277), que o relacionaram no vocabulário dos Urucuiana; Pojucan Cavalcanti (278), que o colheu entre os Pianocotó; e, finalmente, Rubens Nelson Alves (279), que o surpreendeu entre os Rangupiquí.

Armando Novais Morelli nos fornece a seguinte abonação para o vocábulo:

> *"Há muito tempo apereceu, certa tarde, numa pequena maloca, um índio forasteiro desconhecido. Vinha muito cansado, faminto e sedento. O* tamuxí *recebeu-o prazeirosamente, ofertando, incontinenti, os seus melhores alimentos, vastas cuias de caxiri, uma boa maqueira e tauarí."*
> Morelli, *Campanha do Jarí*, 353

Êsse vocábulo *tamuxí*, de pura origem caribe, nada tem de comum, em verdade, com o tupinismo *tamuia*, que Batista Caetano (280) estudou, nas anotações ao tratado. *Do princípio e origem dos índios do Brasil*, de Fernão Cardim, a que atribue, também, a significação de avô, avós.

É êle, evidentemente, mais um amerigenismo, derivado do caribe, introduzido no falar da gente brasileira.

TOCARÍ

A castanheira do Pará, a famosa *brazilian nut*, como é chamada pelos povos de língua inglêsa, cujo nome científico é *bertholletia excelsa*, é também conhe-

(275) — Crevaux, *Grammaires et vocabulaires*, 4.
(276) — De Goeje, *Tumukhumak Expeditie*, 205.
(277) — Morelli, *Campanha do Jarí*, 370.
(278) — Pojucan Cavalcanti, *Pianocotó*, 40.
(279) — Rubens Alves, *Rangupiquí*, s.v.
(280) — Batista Caetano, *Notas*, 265.

cida, embora bem mais raramente, pela denominação de *tocarí*.

Vejamos alguns exemplos para abonar o uso da palavra. Citemos, em primeiro lugar, êsse passo de Rondon:

> *"No perímetro do terreiro acumulam-se os detritos da aldeia: caroços de cumarú, de piquí, castanhas de cajú, cascas de* tocari *do cerrado..."*
> Rondon, *Conferências*, 29

E, em seguida, essa outra citação de Amilcar Armando Botelho de Magalhães, que durante tantos anos foi o secretário da nunca deslembrada Comissão Rondon:

> *"A êsse tempo estava a turma reduzida exclusivamente à alimentação do que a floresta lhe podia fornecer: algum peixe que pescavam, raramente alguma caça, palmitos, mel de abelha e* tocarí *(castanha do Pará chamada)."*
> Botelho de Magalhães, *Sertões*, 298

Quanto à origem é o vocábulo, como iremos ver, derivado do caribe. Todos os estudiosos das línguas indígenas americanas colheram, nos vários linguajares caribes da Amazônia, o étimo *tucá* com o significado de castanha do Pará.

Podemos citar entre êles — Henri Coudreau (281), que o recolheu entre os Urucuiana; Curt Nimuendajú (282), que o relacionou no vocabulário dos Aparaí; Claudius Henricus de Goeje (283), que o encontrou entre os Tiriô.

(281) — Coudreau, *Chez nos Indiens*, 190.
(232) — Nimuendajú, *Aparaí*, 831.
(233) — De Goeje, *Études caraïbes*, 362.

João Severiano da Fonseca (284), também o recolheu, entre os Palmela, mas com a forma *tutuco*.

A forma *tocarí*, sob a qual a denominação caribe do vocábulo se generalizou, foi colhida não sòmente por Rubens Nelson Alves (285), o veterano demarcador das fronteiras setentrionais do Brasil, entre os Rangupiquí, da região da mesopotâmia Parú-Marapí, da bacia do Trombetas, como também por Jorge Hurley (286), entre os Caxuiana, do rio Cachorro, igualmente da bacia do Trombetas, os quais são os últimos representantes dos Pauxí, indígenas em cujo aldeiamento se fundou a primitiva aldeia de Pauxís, que se transformou na atual cidade de Óbidos, gentio de cujo linguajar tantos vocábulos se introduziram no português do Baixo Amazonas (287).

Fica provado, assim, que o vocábulo *tocarí*, como sinônimo de castanha do Pará, já arrolado no *Pequeno dicionário brasileiro*, é um amerigenismo de procedência caribe, introduzido no vocabulário do português do Brasil.

TUCUXÍ

O bôto-prêto, comum em vários rios da Amazônia e, principalmente, no Tocantins, é ali conhecido pelo nome de *tucuxí*. Trata do mesmo, em sua esplêndida *Zoogeografia do Brasil*, o saudoso mestre Cândido de Melo Leitão. (288)

Quase todos os escritores da Amazônia, ao se referirem ao bôto-prêto, o designam por *tucuxí*.

---

(284) — Severiano da Fonseca, *Viagem*, II, 196.
(285) — Rubens Alves, *Rangupiqui*, s.v.
(286) — Jorge Hurley, *Vocabulário dos aborígenes*, 234.
(287) — Diversos vocábulos, correntes hoje no linguajar da gente amazônica e, até, no português do Brasil, como acontece com os têrmos *tocarí* e *matirí*, se originam de étimos provenientes da língua dos Caxuiana.
(288) — Melo Leitão, *Zoogeografia*, 283.

Citemos, em primeiro lugar, um dos mais conhecidos entre os escritores da hiléia:

> *"O bôto, no entanto, sobretudo o* tucuxi, *que acode aos náufragos e os leva inanimados rumo das beiradas, fungando, soprando e rolando-os, exerce uma viva magia nos costumes dêsse povo primitivo."*
>
> Raimundo Morais, *Anfiteatro*, 128

Em seguida, êsse outro exemplo de Ramaiana de Chevalier, conhecedor atilado das coisas da planície:

> *"Os dorsos negróides dos* tucuxis *nas emersões respiratórias para montante, falam-lhe das possíveis enchentes dos manadeiros."*
>
> Ramaiana de Chevalier, *Circo*, 56

Empregaram, ainda, em seus trabalhos, o vocábulo *tucuxí*, inúmeros outros escritores da Amazônia. (289)

Êle não foi usado, entretanto, apenas pelos escritores regionais da hiléia, como poderemos apreciar através de alguns exemplos. Dionísio Cerqueira, baiano de nascimento, o empregou em seu célebre livro de reminiscências sôbre a guerra entre o Brasil e o Paraguai:

> *Outras há, com cauda de peixe e cabeça de homem — peixes-homens e trocaram os vórtices vorazes do alto Paraná, onde moravam, pelas águas mansas da lagoa, entregando-se aos mesmos hábitos incontinentes dos* tucuxis *amazonenses..."*
>
> Dionísio Cerqueira, *Guerra do Paraguai*, 111

Gastão Cruls também usou o vocábulo num dos mais perfeitos estudos sôbre a Amazônia:

---

(289) — Citemos alguns — Alfredo Ladislau, *Terra imatura*, 37; Amando Mendes, *Pescarias amazônicas*, 111; Osvaldo Orico, *Crendices*, 142.

O bôto escuro ou tucuxi, *de porte menor, passa por ser amigo do homem a quem auxilia em casos de naufrágio ou mesmo defende, quando o vê atacado pelo seu irmão de cor assalmonada."*
Gastão Cruls, *Hiléia*, 84.

A etimologia da palavra deriva do caribe. Confirmam essa origem todos os estudiosos daquele linguajar. Citemos, entre alguns — Henri Coudreau (290), que o recolheu entre os Urucuiana; Rubens Nelson Alves (291), que o relacionou na lingua dos Rangupiquí; Antônio Pojucan Cavalcanti (292), que o encontrou na linguagem dos Pianocotó.

O vocábulo *tucuxí*, significando o bôto-prêto, relacionado já pelo *Pequeno dicionário brasileiro*, é, como estamos vendo, mais um amerigenismo, derivado do caribe, corrente no linguajar da gente brasileira.

TUIUIÚ

Uma das aves mais caracterisicas da fauna brasílica é aquela que tem para nome científico *jabirú micteria*, vulgarmente conhecida pelo nome tupí de *jaburú*, mas que na Amazônia é chamada, sómente, pela denominação de *tuiuiú*.

Antônio Ladislau Monteiro Baena, um dos clássicos no estudo da região amazônica, escrevia *tujujú*, o que se poderá verificar folheando êsse monumental livro que é o *Ensáio corográfico sôbre a província do Pará*, onde se refere, várias vêzes, a essa ave.

Atualmente, porém, é usual e corrente a forma

(290) — Coudreau, *Vocabulaires méthodiques*, 29.
(291) — Rubens Alves, *Rangupiqui*, s.v.
(292) — Pojucan Cavalcanti, *Pianocotó*, 22.

tuiuiú, aliás muito mais próxima de seu étimo amerigena, de origem caribe, como iremos ver.

Em Mato-Grosso, também, segundo a informação do naturalista Olivério Pinto, a ave é mais conhecida pelo seu nome caribe:

"O jaburú é mais conhecido em todo Mato-Grosso por tuiuiú; *comparsa habitual do passarão, e, por ventura, ainda mais vistoso, pareceu-nos, todavia, menos freqüente.*
Olivério Pinto, *Impressões naturalísticas*, 337

Vejamos, agora, alguns exemplos do uso do vocábulo. Na literatura regional da Amazônia é êle comumente empregado, bastando citar, apenas, a seguinte abonação:

"Ao cair da tarde, quando me achava já de regresso ao tapirí, encontrei um enorme tuiuiú, *pensativo e cismarento, naquela postura que lhe é quase habitual."*
Armando de Almeida, *Pagelança*, 55

Citemos, ainda, mais essa outra abonação, de um escritor que não é da planicie:

"As garças de imaculada plumagem nívea hão-de predominar quase sempre entre essas aves aquáticas e paludícolas, de permeio às quais avultará o circunspecto tuiuiú, *um verdadeiro gigante quando comparado às minúsculas batuíras e jaçanãs."*
Gastão Cruls, *Hiléia*, 86

Já dissemos que o vocábulo *tuiuiú* deriva do caribe. De fato, assim é. Nas minhas peregrinações pela interlândia amazônica, na faina de demarcador, surpreendi, em vários linguajares caribes, a origem do vocábulo — *tuiuiú*, origem essa que é confirmada tanto

por Karl Friedrich Phillip von Martius (293), como por Claudius Henricus De Goeje (294), uma vez que ambos o recolheram, também sob a forma *tuiuiú*, no galibí.

É mais um amerigenismo caribe, já arrolado pelo *Pequeno dicionário brasileiro*, corrente no português do Brasil.

TUTUMO

O vocábulo *totuma*, com o significado de cuia, é de largo emprêgo no castelhano da América.

Vejamos algumas abonações. Júlio Salas nos fornece a primeira:

> "... *inmediatamente, como complemento, ofrece por medio de su esposa una* totuma *ó vasija de chicha ó berría, la que ha de beber el huespede en la propria mano de la obsequiante.*"
> Júlio Salas, *Etnologia*, 60

A segunda abonação nos é fornecida por J. M. Cruxent:

> "*Multitud de* totumas *se encuentram en todos los ranchos y sirven para diversos usos. Algunos de estos recipientes tienen ornamentos incisos en la parte externa.*"
> Cruxent, *Indios de Anzoátegui*, 121

O vocábulo é usado, também, se bem que numa escala incomparàvelmente menor, no linguajar da gente amazônica, mas sob a forma *tutumo*, que reproduz, exatamente, o seu verdadeiro étimo caribe.

Ainda possuo, na minha coleção de objetos indígenas, por mim recolhida, pessoalmente, das diversas tribos brasílicas, um *tutumo*, presente de Auacá, o tuxáua da maloca Maraxó das cabeceiras do Marapí, um dos formadores, juntamente com Parú de Oeste, do Cuminã, um dos mais importantes tributários do Trombetas.

(293) — Martius, *Glossaria*, 363.
(294) — De Goeje, *Études caraïbes*, 46.

O vocábulo *tutumo* é um sinônimo perfeito de cuia, originário, igualmente, do mesmo fruto da *Crescentia cujete*, L., denominado, entre algumas famílias caribes, por *tutumo*.

Abonemos o uso do vocábulo com o exemplo de um dos mais regionais escritores da Amazônia:

> "*À tardinha, depois que chegava do trabalho diário, êle tomava sempre uma cuia de assaí ou um* tutumo *de tucupí com tacacá, para esperar a ceia.*"
> Pompílio Jucá, *As Ilhas*, 104

Já vimos que o vocábulo deriva do caribe. Além de meu testemunho pessoal, atestam aquela origem caribe — Antônio Pojucan Cavalcanti, meu saudoso companheiro nas lides demarcadoras, intrépido raiano das fronteiras setentrionais do Brasil, que o recolheu, na mesma região, entre o gentio Pianocotó (295); Augusto Malaret (296), o grande amerigenista centro-americano; Aristides Rojas (297), um dos mais cultos venezuelanos de seu tempo; Pedro Henriquez Ureña (298), o maior conhecedor da influência dos linguajares indígenas no hispano-americano; Georg Friederici (299), cujas etimologias são, na maior parte das vêzes, dignas de acatamento, além de inúmeros outros estudiosos dêsses assuntos.

(295) — Pojucan Cavalcanti, *Pianocotó*, s.v.
(296) — Malaret, *Americanismos*, s.v.
(297) — Aristides Rojas, *Estúdios*, 58.
(298) — Ureña, *Indigenismos*, 107; *El español en Santo Domingo*, 128.
(299) — Friederici, *Hilfswörterbuch*, s.v.

Estamos vendo, assim, que o vocábulo *tutumo* é mais um amerigenismo de origem caribe, que transita no linguajar da gente amazônica.

ULURÍ

O vocábulo *uluri* denomina uma pequena tanga de fibra, pela primeira vez descrita (300), com absoluta perfeição, acompanhada de um desenho, por êsse benemérito da etnologia brasílica que foi Karl von den Steinen, em seu precioso *Entre os aborígenes do Brasil Central,* magnífico relatório de uma de suas viagens pela interlândia brasílica.

Aires Câmara Cunha, que conviveu, durante vários anos, com os brasís da *área do uluri* (301), nos fornece uma abonação para a palavra:

> *"Êste escasso indumento, denominado* uluri, *que constitui a única peça do vestuário feminino, é o sinal do pudor, visto que, sem êle, elas nunca se apresentam diante dos homens."*
>
> Aires Cunha, *Índios do Xingú,* 36

Hans Becher, no profundo e minucioso estudo com que enriqueceu a bibliografia etnológica, que é êsse monumental trabalho sôbre *Cintos e cordões de cintura dos índios sul americanos (não andinos)*, nos fornece, também, uma abonação:

> *"De grande importância é, além disto, a referência do mesmo cientista, segundo a qual as moças da maioria das tribos que habitam as cabeceiras do Xingú usam o cordão até à puberdade, passando depois a usar o* uluri."
>
> Becher, *Cintos e cordões,* 135.

(300) — Steinen, *Aborígenes,* 238.

(301) — O etnólogo Eduardo Galvão propõe a denominação de *área do uluri* para a área limitada ao sul pelas nascentes do Batoví, ao norte pela confluência dos rios que vem a formar o Xingu pròpriamente dito e à leste e à oeste pelos territórios marginais dos rios Batoví e Culuene, porque esta pequenina peça triangular da indumentária feminina, por sua difusão e exclusividade de seu uso à região, constitui um característico único das tribos da área. (Eduardo Galvão, *Observações zoológicas,* 47).

Queremos enriquecer êste estudo sôbre o vocábulo *uluri,* transcrevendo sôbre o mesmo a seguinte abonação:

> *"Nêle se viam representados, além de pontos, anéis, triângulos e quadriláteros, alguns peixes e, repetidamente, o pequeno triângulo de folíolo de palmeira, chamado* uluri, *que as mulheres da tribo trazem sôbre o púbis, à maneira de tanga."*
>
> Gastão Cruls, *Hiléia,* 208

Não devemos confundir os vocábulos *uluri* e *tururi.* O primeiro, como estamos vendo, é a tanga de fibra, usada sómente pelas indígenas da região do Xingú. O vocábulo *tururi,* ao contrário, batisa o tessido, desde o que é usado na vestimenta, àquele que é utilizado como mortalha, para o cigarro.

Apesar do *uluri* ser uma indumentária usada por mulheres caribes, aruacas e tupis, deriva o vocábulo do bacairí, um dos poucos linguajares caribes fora da região amazônica, como poderemos verificar, por êste lanço de Karl von den Steinen:

> *"As mulheres dos caraíbas, tribos aruacas e tupis das nascentes do Xingú, usavam tôdas o pedacinho triangular de entrecasca rija, que, para simplificar, chamarei de* uluri, *nome que lhe cabe em bacairí."*
>
> Steinen, *Aborígenes,* 238

Aires Câmara Cunha confirma essa origem caribe do vocábulo, dando-o como do linguajar dos Calapalo. (302)

Assim, êsse artefato da indumentária feminina, entre as tribos do Xingú, é mais um amerigenismo de origem caribe a circular no português do Brasil.

URUCUIANA

Urucuiana é o nome pelo qual é conhecida uma tribo caribe que habita a região amazônica, na parte lindeira com as Guianas.

A mais comum das etimologias, apontada para essa denominação, é aquela que faz derivar o vocábulo de *urucú.* Ainda recentemente Eurico Fernandes, em *Algumas notas sôbre os waiano e os apalaí, do rio Jarí,* repete que — "os waiano são também conhecidos como urukuiano, que quer dizer *gente do urucú*". (303)

Há, neste passo, dois equívocos.

O primeiro é quanto à grafia dos nomes, que deveriam ser *uaiana* e *urucuiana* e não como aparecem. A terminação da nomenclatura de algumas tribos caribes, na Amazônia, é *iana,* sufixo que significa, entre êles, *família, tribo, gens.* São inúmeros os exemplos que poderão ser relacionados — *Tunaiana, Parauaiana, Moiana, Caxuiana* e, da mesma maneira, *Uaiana* e *Urucuiana.*

O segundo equívoco se refere à etimologia do vocábulo. Não mais se justifica, na atualidade, considerar-se como étimo de urucuiana o vocábulo *urucú,* não só porque *urucú* é um étimo tupí, desconhecido da indiada caribe, como também porque a denominação da tribo, que é conhecida, atualmente, pelo nome de Urucuiana, deriva de um étimo eminentemnte ca-

(302) — Aires Cunha, *Indios do Xingú,* 36.
(303) — Eurico Fernandes, *Waiano e Apalaí,* 3.

ribe, que é *orokoiana,* de *orokô,* papagaio e *iana,* família, tribo.

Já quiseram explicar, também, a denominação de Urucuiana, como originária de *rucú,* vocábulo que significa, entre algumas tribos caribes, o genipapo. Claudius Henricus de Goeje, o esmeradíssimo etnólogo holandês, por cuja pasmosa erudição e austeridade no estudar, não apenas os silvícolas, mas sobretudo os fenômenos lingüísticos americanos, é já muito antiga a minha admiração, ao tratar, em seu precioso livro sôbre a expedição ao Tumucumaque, do vocábulo em aprêço, deriva-o, injustificadamente, de uma língua africana. (304)

A verdadeira etimologia da denominação dessa tribo foi recolhida, pela primeira vez, por Richard Schomburgk, o grande sertanista da primeira metade do século XIX, o qual a consignou na magistral resenha de conhecimentos sôbre a região setentrional da América do Sul, que é *Travels in British Guiana* (305) — "the orokoiana or Parrot Indians". (306)

Neste trabalho cito, várias vêzes, para abonar as nossas opiniões, o livro de Schomburgk; e cito, como iremos ver, mais tarde, no desdobramento dêsse nosso estudo, pelo mais elementar dever de justiça — porque difícilmente poderemos encontrar quem tenha escrito, sôbre a zona raiana do Brasil com a Venezuela e com as Guianas, com maior espírito de retidão, com mais escrupuloso rigor e com o mesmo realismo, do que êsse admirável sertanista que foi Richard Schomburgk.

Seu trabalho, fruto das viagens que realizou, de 1840 a 1844, naquela imensa interlândia, é um manan-

(304) — De Goeje, *Tumukhumak Expeditie,* 216 e 219.
(305) — Cito, de preferência, a edição inglêsa, porque além de ter sido esmerada a tradução, é devida à pena de um dos etnólogos que mais perfeitamente estudaram a região guianense, que é Walter Edmund Roth.
(306) — Schomburgk, *Travels,* II, 383.

cial inesgotável de conhecimentos, comovedoramente surpreendente, pela fidelidade absoluta de suas informações.

Todos nós que trabalhamos em uma Comissão de Limites que atua, precisamente, numa grande parte da região por êle palmilhada, tivemos a oportunidade de verificar, quase passo a passo, o rigor absoluto de suas informações, mais de um século transcorrido.

É com verdadeiro prazer que passo a palavra, agora, ao meu dileto amigo e companheiro, na faina demarcadora das ráias setentrionais do Brasil, o engenheiro Luís de Sousa Martins, que teve a oportunidade de verificar, também, no desdobramento de sua missão de lindeiro, o absoluto rigor de tôdas as informações de Schomburgk:

> *"Foi uma verdadeira surpresa, para nós demarcadores, a fidelidade das informações de Schomburgk, não só em relação aos dados concernentes às tribos que ainda existiam e que foram objeto de nosso estudo, um século após a sua viagem por aquelas regiões, como sobretudo a precisão de suas informações geográficas, excetuadas, apenas, as relativas aos elementos astronômicos, possìvelmente por não possuir êle, naquela época, os meios materiais de que dispomos hoje."*
>
> Sousa Martins, *Campanha do Mapuera*, 37

Devemos proclamar, ainda, que, no domínio da lingüística, própriamente, as etimologias apontadas por Richard Schomburgk são, sempre, impecàvelmente exatas.

Um único cuidado, apenas, deve ser levado em consideração — a judiciosa interpretação da pronúncia dos vocábulos, uma vez que, na grafia dos mesmos, houve a interferência da pronúncia germânica do autor. Assim, por exemplo, encontraremos *Pianoghottos*, por *Pianocotós; Drios*, por *Tiriô; caphú*, por *capú* e alguns outros mais, cujas etimologias, porém, estão rigorosamente certas.

Desde o momento, pois, em que Schomburgk indicou a verdadeira etimologia do vocábulo, não se justifica, realmente, o aparecimento de qualquer outra etimologia, sobretudo quando verificamos que a mesma obedece a um dos imperativos mais comuns na denominação das tribos brasílicas — a influência totêmica.

Essa influência aparece, não apenas entre os caribes, como poderemos ver nos seguintes exemplos — *Tunaiana*, de *tunã*, água e *iana*, tribo; *Pianocotó*, de *piano*, gavião *e cotó*, tribo, como, ainda, na denominação de outras tribos, fora do grupo lingüístico caribe, como, por exemplo, *Caxinauá*, do pano *caxí*, morcêgo e *naua*, tribo, família, gens.

Assim, pois, a etimologia apontada por Schomburgk, desde 1844, continua, infelizmente, arquivada naquele manancial fecundo de ensinamentos que é o seu magnífico livro, apesar de ter sido a mesma colhida do próprio lábio do ameríndio...

Não há, entretanto, para aquêles que se dedicam ao estudo das línguas caribes, a menor dúvida quanto à exatidão do étimo apontado. Eu próprio, que convivi com várias tribos caribes, verifiquei, também transmitido pelo próprio lábio do indígena caribe, que Schomburgk está com a verdade. Ainda hoje, todos os companheiros que mourejam nos labores das Comissões Demarcadoras, sobretudo aquêles que labutam na interlândia amazônica, sabem perfeitamente que *crokô* (307) é nome dado, por diversas tribos caribes, ao papagaio.

---

(307) — Desejo esclarecer que a pronúncia do vocábulo é entre *orokô* e *orokê*, com a última vogal semelhante ao *ö* tremado alemão. As

Basta, para comprovar o que dizemos, compulsar os trabalhos de Rubens Nelson Alves, de Armando Novais Morelli, de Leônidas de Oliveira e de Antônio Pojucan Cavalcanti, entre os demarcadores da região raiana do Brasil com as Guianas, que recolheram, entre os caribes, o vocábulo, além de outros estudiosos dos vários dialetos caribes, entre os quais poderemos citar Henri Coudreau, Jules Crevaux, Theodor Koch-Grünberg, Curt Nimuendajú e tantos outros mais.

Vejamos, pois.

Rubens Nelson Alves aponta o vocábulo entre os Macuxí (308); Armando Novais Morelli colheu o vocábulo entre os Aparaí (309); Henri Coudreau o coletou entre os Uaiana (310); Jules Crevaux o apanhou entre os Urucuiana (311); Koch-Grunberg encontrou a palavra entre os Taurepã (312) e, finalmente, Curt Nimuendajú, que o relacionou no seu precioso trabalho sôbre o vocábulário dos Macuxí (313).

Eis, pois, mais um amerigenismo, derivado do caribe, corrente no linguajar da Amazônia e, também, no português do Brasil.

XIQUÊ

O parasito conhecido, vulgarmente, pelo nome de bicho do pé e que é, cientificamente, o *pulex penetrans*, L., foi conhecido, primitivamente, no Brasil, pelo nome de *tunga*, tupinismo que se encontra, ainda

---

nossas tipografias, infelizmente, não possuem os tipos especializados para podermos escrever os vocábulos indígenas com os sinais diacríticos, única maneira de se poder dar, o mais aproximadamente possível, os fonemas indígenas.

(308) — Rubens Alves, *Macuxí*, s.v.
(309) — Morelli, *Campanha do Jarí*, 372.
(310) — Coudreau, *Vocabulaires méthodiques*, 28.
(311) — Crevaux, *Grammaires et vocabulaires*, 67.
(312) — Koch-Grünberg, *Roroima*, IV, 37.
(313) — Nimuendajú, *Macuxí*, 356.

que alteradamente, tanto em Hans Staden, sob a forma de *attun* (314), como em Jean de Léry, com a grafia *ton* (315) e, finalmente, na sua forma perfeita, *tunga*, nesse admirável cronista do Brasil do primeiro século, que foi Gabriel Soares de Sousa (316).

Além dêsse vocábulo tupí, incompreensívelmente caido em desuso, duas outras palavras denominam aquêle mesmo parasito — *nígua e xiquê*.

Francisco Adolfo de Varnhagen, nos comentários à obra de Gabriel Soares de Sousa, declara:

> "*Abeville chama* tou *ao que Soares e o Padre Luís Figueira dizem* tunga *e* attum *Hans Staden. É a* nígua *dos espanhóis e o* chique *dos franceses.*"
>
> Varnhagen, *Breves comentários*, 477

O vocábulo *nígua*, de origem aruaca, será oportunamente estudado; vejamos, agora, a palavra ***xiquê***, o "chique dos franceses", como o denomina Varnhagen.

É ela, sem dúvida, de raro emprêgo, no próprio linguajar da gente da Amazônia, onde é encontradiça difícilmente.

Aponto, entretanto, uma abonação de seu uso regional:

> "*Esta estadia de alguns dias à jusante da Cachoeira do Tronco, a primeira da série de cachoeiras da parte baixa do Trombetas, foi lastimável — todos nós, sem excepção, apanhamos o incômodo* xiquê."
>
> Armando de Almeida, *Pagelança*, 59

---

(314) — Staden, *Viagem ao Brasil*, 173.
(315) — Lery, *Histoire d'un voyage*, 181.
(316) — Gabriel Soares, *Tratado descritivo*, 326.

Vejamos, agora, a origem da palavra *xiquê*. Deriva ela, como iremos ver, do caribe. O primeiro a arrolar o vocábulo, em seu preciosíssimo *Dictionnaire Caraïbe-François,* publicado em 1666, em Auxerre, foi Raymond Bréton. Indicam, ainda, aquela mesma origem caribe, além de Bréton — Curt Nimuendajú (317), Georg Friederici (318), Claudius Henricus de Goeje (319), Jules Crevaux (320), Henri Coudreau (321) e, finalmente, von Martius. (322)

O vocábulo *xiquê* é, pois, inquestionàvelmente, como estamos vendo, mais um amerigenismo de origem caribe incorporado ao linguajar da gente da Amazônia.

---

(317) — Nimuendajú, *Macuxí,* 408.
(318) — Friederici, *Hilfswörterbuch,* s.v.
(319) — De Goeje, *Études caraïbes,* 50.
(320) — Crevaux, *Grammaires et vocabulaires,* 268.
(321) — Coudreau, *Vocabulaires méthodiques,* 30.
(322) — Martius, *Glossaria,* 363.

II

ÉTIMOS ARUACOS

AMÚRE

Em quase tôdas as tribos indígenas da América existem dois chefes principais — um, o chefe temporal, que é o *cacique;* o outro, o chefe espiritual, que e o *pagé.*

O vocábulo que significa, entre os nossos indígenas, o chefe temporal é, de fato, um dos que possue maior sinonímia, dos já introduzidos no português do Brasil — *tuxáua, murubixaba, muruxáua, curáca, cacique, tamuxi, paguemegera, amúre.*

É ela, como iremos ver, uma palavra de origem aruaca, derivada do Aritĭ, a auto-denominação do gentio conhecido, geralmente, pela denominação de Parĭcí.

Entre os Aritĭ, entretanto, os dois vocábulos que designam o chefe temporal e o chefe espiritual são, respectivamente, *amúre* e *utiaritĭ* (323), como nos ensina, magníficamente, Cândido Rondon:

---

(323) — A verdadeira designação específica do chefe espiritual é ***utí,*** que significa o pagé, em oposição à ***amúre,*** que designa o cacique, chefe temporal. *Utiaritĭ,* entretanto, que nada mais é, na verdade do que a junção de duas palavras: *utí-aritĭ,* isto é, o pagé dos Aritĭ, passou a ter, no português do Brasil, a significação genérica de pagé — "O sacerdote e médico, o *utiaritĭ,* vai perdendo muito do seu antigo prestígio, à medida que mais íntimamente se vão estabelecendo as relações dos índios com os civilizados". Roquette-Pinto, *Rondônia,* 127.

"A reunião dêstes grupos forma um povo único, sob a designação de Arití, nome que se encontra nos cantos e nas denominações de suas instituições nacionais, como: Aritì-amúre, *chefe paricí;* Utí-Aritì, *padre médico paricí;* Aritì-nirauenê, *língua paricí."*
Rondon, *Conferências,* 81

Nem é outra, também, a lição de Roquette-Pinto:

"Cada aldeia é sujeita à jurisdição de um chefe temporal — amure *e outro espiritual* — utiaritì. *Em alguns casos o mesmo indivíduo desempenha ambas as funções: é chefe e sacerdote."*
Roquette-Pinto, *Rondônia,* 126

Confirmam essa orígem aruaca da palavra *amúre* João Barbosa de Faria, que a arrolou no *Vocabulário Parecí,* de seu precioso *Esbôço gramatical, vocabulário, lendas e cânticos dos índios Aritì* e Candido Rondon, que a relacionou, também, em seu magnífico *Vocabulário Português-Aritì.* (324)

Já antes de Barbosa de Faria e de Rondon, porém, o têrmo havia sido anotado, ainda entre os Arití, por êsse verdadeiro benemérito da etnologia brasílica, que foi Karl von den Steinen, que o catalogou no glossário do referido gentio. (325)

Abonemos, agora, com exemplos de escritores, o emprêgo, no português do Brasil, do vocábulo *amúre.*

Como uma homenagem, das mais merecidas, ao intemerato sertanista, que tão gloriosamente envelhece, cercado pelo respeito e pela consideração da Pátria agradecida, que é o Marechal Cândido Rondon, citemos uma abonação dêle, em primeiro lugar:

(324) — Rondon, *Etnografia,* 21.
(325) — Steinen, *Aborígenes,* 686.

Há sempre, em cada aldeia, um moquem permanente, do qual quem tem fome tira o que deseja; êle é mantido por caçadores alternadamente designados pelo amúre."
Rondon, *Etnografia,* 16

Citemos, a seguir, outra abonação; essa, agora, devida a Amilcar Armando Botelho de Magalhães, dedicado amigo, até hoje, de Rondon; seu antigo auxiliar nessa inesquecível *Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas;* autor de dois livros que são, verdadeiramente, breviários de brasilidade — *Impressões da Comissão Rondon* e *Pelos Sertões do Brasil*:

"Dirigindo-me ao aldeiamento Parecí do amúre *Tolôiri, cujo grupo foi também contemplado na distribuição de brindes, reservou Rondon os últimos presentes para homenagear os indivíduos..."*
Botelho de Magalhães, *Sertões,* 256

Citemos, ainda, o seguinte exemplo de Lima Figueiredo, o meu dileto camarada e querido amigo, tão cedo roubado à vida, um dos heróicos falangiários dessa já lendária Comissão Rondon, que tantos e tão preciosos livros nos deixou, sôbre êsse Brasil-interior, quase desconhecido ainda:

"No interior da taba são armadas as rêdes, umas por cima das outras; na mais alta fica a do dono da casa — o Amúre."
Lima Figueiredo, *Indios do Brasil,* 85

E, como última abonação, êsse lanço do maravilhoso impressionista de *Rondônia,* o nunca deslembrado Roquette-Pinto:

"Há, porém, alguns amúres *influentes em larga zona; Matias Tolôiri, guia e amigo do coro-*

nel Rondon, tinha prestígio mui dilatado entre os da tribo."
Roquette-Pinto, *Rondônia,* 126

O vocábulo *amúre,* que acabamos de ver, é, assim, mais um amerigenismo derivado do aruaco, corrente no português do Brasil, já tendo sido arrolado pelo *Pequeno dicionário brasileiro.*

ANÁGUA

Anágua é um dos componentes da indumentária feminina, cuja denominação deriva de um dos mais antigos amerigenismos.

É tão remoto, de fato, pois remonta ao século XV, o nome dessa parte do vestuário das senhoras, que muito pouca gente, na verdade, identificará a etimologia dêsse vocábulo à nomenclatura do saiote indígena usado, segundo o testemunho autorizado de Bernal Díaz del Castillo, pelas índias de Cuba:

"... y venían estos indios vestidos con unas xaquetas de algodón y cubiertas sus verguenzas con unas mantas angostas quelentre ellos llaman maltutes y tuvímoslos por hombres más de razón que à los indios de Cuba; porque andaban los de Cuba con sus verquenzas de fuera, excepto las mugeres que traíam hasta que les llegaban a los muslos, unas ropas de algodón, que llamaban naguas."
Bernal Díaz, *Conquista,* 15

O vocábulo *anágua* é, atualmente, de emprêgo generalizado em todo o território nacional, sendo usado, indistintamente, desde a Amazônia ao Rio Grande do Sul.

Exemplifiquemos, com algumas abonações, êsse seu uso.

Alberto Rangel dêle se utilizou em *Inferno verde,* essa admirável iluminura sôbre alguns aspectos selvagens daquela *terra imatura,* na feliz expressão dêsse requintado artista que é Alfredo Ladisláu:

"Acercando-se do patrão, contou-lhe que aproveitara uns dias de chuva, nos quais não pudera cortar, para fazer a viagem ao centro; mas que ao voltar, não encontrara mais em casa a Maibi. A cabocla desaparecera; só deixara uma anágua *no baú de marupá."*
Alberto Rangel, *Inferno Verde,* 212

E Simões Lopes Neto, um dos mais autênticos representantes da literatura regional e do linguajar da gente do Rio Grande, dêle lançou mão neste passo da verdadeira e incomparável obra prima, que se chama *Contos gauchescos*:

"Nisto, por cima de nós, dentro da carrêta, ouvimos falar e, depois, uma risada de moça, e logo uma mulher desceu, barulhando as anáguas."
Simões Lopes Neto, Contos *gauchescos,* 182.

Passemos, agora, ao étimo do vocábulo.

É êle, evidentemente, um dos de etimologia mais bem determinada, porque sôbre a origem da palavra anágua se manifestaram tanto Frei Bartolomé de Las Casas, como Bernal Diaz del Castillo, dois dos mais autorizados historiadores do Novo Mundo, para falarem sôbre os amerigenismos originários das Antilhas, uma vez que ambos falavam o taíno, que era o linguajar do gentio aruaco que dominava grande parte das Pequenas Antilhas.

Além dos dois, ainda nos prestou, sôbre o assunto, a sua valiosa contribuição, êsse outro magnífico

historiador do Novo Mundo, que foi Gonzalo Fernández de Oviedo.

Eis o que nos ensina Frei Bartolomé de Las Casas:

> *"Salieron delante trinta mujeres, las que tenía por mujeres el rey Behechio, todas desnudas en cueros, sólo cubiertas sus verguenzas con unas medias faldillas de algodón, blancas y muy labradas en la tejedura dellas, que llamaban* naguas, *que les cubrían desde la cintura hasta media pierna."*
>
> Las Casas, *História,* I, 441

E, sôbre a origem do vocábulo, nos informa Gonzalo Fernández de Oviedo, que viveu em Santo Domingo, ainda no primeiro quartel do século XVI:

> *"... y a este propósito digo que las* naguas *son una manta de algodón que las mugeres desta isla, por cobrir sus partes vergonçosas se ponian desde la cinta hasta media pierna, revueltas al cuerpo..."*
>
> Oviedo, *História, I,* 134

Quando à Bernal Díaz del Castillo, já transcrevemos acima, a sua informação sôbre a origem antilhana do vocábulo *anágua,* derivada do aruaco.

Confirmam essa etimologia taína todos os estudiosos dos amerigenismos, entre os quais iremos citar alguns.

Pedro Henriquez Ureña, descendente de família dominicana, uma das maiores autoridades sôbre os amerigenismos aruacos e caribes das Antilhas, autor do precioso *El español en Santo Domingo,* aponta, com a incontestável autoridade que possue, essa origem aruaca:

> *"Nagua*: naguas, *com s final, y non* enaguas, *es la forma primitiva, cuyo orígem taíno es indudable* (*consta desde* 1495). *Las formas* nagua, *sin* s, *y* enagua, *son castellanas y tardías."*
>
> Ureña, *Indigenismos,* 119

Confirmam, ainda, essa orígem taína para o vocábulo *anágua* — Cecílio A. Robelo (326), Rodolfo Lenz (327), Georg Friederici (328), Juan Augusto e Salvador Perea. (329)

É verdade que alguns inconformados com uma origem amerígena para os vocábulos que transitam, atualmente, tanto no espanhol da América, como no português do Brasil, derivados dos linguajares indígenas americanos, ainda negam, diante de tão absoluta evidência, aquela origem.

Assim, tanto A. A. Cortesão (330), como o incomparável mestre que foi João Ribeiro (331), apontam, cada um dêles, uma origem latina para *anágua,* se bem que João Ribeiro achasse verdadeiramente inadmissível o étimo por êle próprio indicado.

Leo Wiener, cujas etimologias devem ser lidas com muitas reservas, pois predominam, nas mesmas, quase sempre, muito mais fantasia do que realidade, aponta, para o amerigenismo *anágua,* um étimo árabe, que é *lagam;* acompanha-o, nessa fantasiosa etimologia apontada para êsse amerigenismo, justamente originário de Cuba, o maior afronegrista cubano, que é Fernando Ortiz (332).

Não há a menor dúvida, entretanto, que o vocábluo *anágua,* corrente não apenas no português do

---

(326) — Robelo, *Aztequismos,* s.v.
(327) — Lenz, *Diccionario etimológico,* s.v.
(328) — Friederici, *Hilfswörterbuch,* s.v.
(329) — Perea, *Glosario taíno,* s.v.
(330) — Cortesão, *Subsídios,* s.v.
(331) — João Ribeiro, *Revista da Academia,* 193.
(332) — Ortiz, *Afronegrismos,* s.v.

Brasil, como na própria língua portuguêsa, aparecendo em todos os vocabularistas da língua, desde Bluteau, é mais um amerigenismo aruaco incorporado ao linguajar de brasileiros e de portuguêses.

AREÍTO

O vocábulo *areíto* designava, entre os Taíno, os aruacos das Antilhas, as canções e os ritmos que os mesmos entoavam e bailavam, freqüentemente, acompanhados pelo tambor indígena.

Os silvícolas formavam, para isso, um círculo, em geral de indivíduos de ambos os sexos; às vêzes, porém, de homens e de mulheres, separadamente.

Colocava, cada um dêles, os seus braços sôbre os ombros dos dois companheiros laterais, feito o que davam início à função, que consistia em imitar os movimentos de um guia, o *tequina*, que permanecia no centro do círculo.

Pedro Henríquez Ureña, incontestável autoridade nesses assuntos, pela dupla qualidade de ser um dos maiores conhecedores da influência dos linguajares aruacos e caribes no espanhol da América e, do mesmo passo, por ser, embora argentino, de família originária de Santo Domingo, nos fornece as seguintes informações sôbre o assunto:

> *"El* areito *compendiaba todo el arte corcográfico, musical y poético de los antillanos; podían tomar parte en él los gobernantes, como Anacaona, que dirigió aquel célebre* areíto *de trescientas vírgenes en homenaje al Adelantado Bartolomé Colón; podía tener significados religiosos, y crear lazos sagrados de amistad, como el que Mayobanex declaraba para con Guarionex, porque le había enseñado el* areíto *de la Maguá."*

Ureña, *Indigenismos*, 112

Alfredo Zayas, o ilustre lexicógrafo centro-americano, completa aquelas informações de Ureña, com essas notícias, que bem definem a grande importância, entre os Taíno, dos areítos (333):

> *"La letra de los* areítos *se refería a veces a las hazañas y glorias de algun jefe, a las tradiciones del pueblo, o a los actos normales de la vida; en otras ocasiones tenían por objecto invocar a los dioses benéficos o apaciguar a los malignos, y también acordar algun plan que exigia el concurso de todos."*

Zayas, *Lexicografia antillana*, 47

Francisco López de Gómara assim o descreve:

> ."Areíto *es como la zambra de moros, que bailan cantando romances en alabanza de sus ídolos y de sus reyes, y en memoria de victorias y acaescimentos notables y antiguos, que no tienen otras historias. Bailan mucho y mucho en estos* areítos, *y alguna vez todo un dia con su noche. Acaban borrachos de cierto vino de allá, que les dan en el corro."*

López de Gómara, *Hispania victrix*, 189

A melhor descrição do *areíto*, porém, devemos a Pedro Mártir de Anghiera, nessas maravilhosas *Décadas del Nuevo Mundo*.

O vocábulo *areíto*, apesar de não ter sido arrolado, ainda, nem pelo *Pequeno dicionário brasileiro*, nem pelo *Pequeno vocabulário ortográfico*, da Academia Brasileira de Letras, é conhecido, também, no linguajar da gente brasileira.

Citemos, para comprová-lo, alguns exemplos de

---

(333) — A primeira vez que se empregou êsse plural foi numa carta de Gonzalo de Guzmán, datada de Cuba, em 18 de abril de 1537 e que se encontra em *Documentos de Índias*, 2.ª série, IV, 424.

escritores nossos. Poderemos abonar o seu emprêgo com o seguinte passo:

> *"Assisti, uma vez, na região do baixo Trombetas, entre os balateiros e caucheiros que se preparavam, no acampamento da cachoeira da Pancada, para a subida da colheita, uma dança que lembrava, pelos seus ritmos e os seus cantares, o tradicional* areito *dos aruacos das Antilhas."*
>
> Armando de Almeida, *Pagelança,* 57

O mais interessante é que o vocábulo *areíto* não é conhecido, apenas, no português do Brasil. Teófilo Braga, o grande escritor lusitano, também o empregou na sua notável *Antologia Portuguêsa.* (334)

Passemos, agora, a estudar o étimo de *areíto.* Sôbre a origem taína do vocábulo não resta a menor dúvida. Atestam-na os primeiros cronistas e historiadores do Novo Mundo — Frei Bartolomé de Las Casas, Gonzalo Fernández de Oviedo, Pedro Mártir de Anghiera, Francisco López de Gómara e tantos outros mais.

Quanto a López de Gómara já transcrevemos o respectivo texto. Vejamos, agora, o que nos ensinam os outros historiadores.

Frei Bartolomé de Las Casas diz:

> *"Salen infinitas gentes y muchos señores y nobleza, que se ayuntaron de toda la provincia con el rey Behechio y la reyna, su hermana, Anacaona, cantando sus cantares y haciendo sus bailes, que llamaban* areytos, *cosa mucho alegre y agradable para ver..."*
>
> Las Casas, *Historia,* I, 441

(334) — Teófilo Braga, *Antologia Portuguêsa,* 172.

Sôbre a origem de *areíto* nos informa Gonzalo Fernández de Oviedo:

> *Y en esta isla, à lo que he podido entender, solos sus cantares, que ellos llaman* areytos, *es su libro ó memorial que de gente en gente queda de los padres à los hijos, y de presentes à los venideros..."*
>
> Oviedo, *História,* I. 125

E, finalmente, Bernal Díaz del Castillo, cujo testemunho, como o de Las Casas, é sumamente importante, uma vez que ambos falavam o taíno:

> *"Pues hanme dicho, que los demandaron licencia para hacer el* areyto (*bayles*): *e dicho, que assi era verdad, e que fue por tomalles descuidados, e que porque temiessen, y no viniessen a darlle guerra, que por esto se adelantó a dar en ellos."*
>
> Bernal Díaz, *Conquista,* 102

Quanto à pronúncia paroxitona é definitiva essa passagem de Frei Bartolomé de Las Casas, autoridade indiscutível neste assunto, pois falava o taíno, como já disssemos:

> *"... hiciéronle coplas en su lengua, que en sus bailes y regocijos que llamaban* areytos, *la y letra luenga, que cantaban, y al son de las voces bailaban."*
>
> Las Casas, *Historia,* II, 404

Confirmam, ainda, aquela orígem aruaca, de procedência taína, todos os amerigenistas, entre os quais citaremos — Georg Friederici (335), Juan e Salvador

(335) — Friederici, *Hilfswörterbuch,* s.v.

Perea (336), Alfredo Zayas (337), Pedro Henríquez de Ureña (338).

Assim o vocábulo taíno *areíto* é, sem dúvida, mais um amerigenismo de origem aruaca, introduzido no falar da gente brasileira.

BABAL

O vocábulo *babal*, que significa tanga, é um amerigenismo, já incorporado ao português do Brasil.

A seguinte passagem de Gastão Cruls é, aliás, bem esclarecedora do artefato:

> *"Dêsse curioso objeto, que na língua aruã tinha o nome de* babal, *com a significação de avental, por muito tempo se ignorou a serventia. Isto porque, a princípio, dêle se conheceram fragmentos que, dada a sua concavidade interior, foram tomados por pedaços de colher. Depois, mesmo quando já tinham conseguido as primeiras peças intactas, ainda havia dúvidas quanto à sua utilização, e os caboclos, impressionados pela sua forma, passaram a chamá-las de* dragonas. *Finalmente, um pequeno ídolo, pertencente a certo colecionador de Santarém, veio esclarecer tôdas as dúvidas, pois que essa figurinha trazia, bem aplicada sôbre a região pubiana, um arremêdo de tais tangas de barro. E foi então que a caboclada de Marajó já não falava mais em dragonas, mas só em sáias."*
>
> Gastão Cruls, *Hiléia*, 165

Domingos Soares Ferreira Pena, antigo Diretor

(336) — Perea, *Glosario taíno*, s.v.
(337) — Zayas, *Lexicografía antillana*, s.v.
(338) — Ureña, *Indigenismos*, III; *El español en Santo Domingo*, 123.

do Museu Paraense, sempre perfeito em suas informações sôbre os assuntos da Amazônia, nos ensina:

> *"Desenhando no chão com um gis e perguntando a Anselmo como se chamava na língua aruã êste artefato usado pelas mulheres, respondeu-me prontamente: é babále. O professor Hartt, cujo passamento foi tão lamentado por todo o mundo científico, não conhecendo o nome verdadeiro e natural dêsse artefato, deu-lhe o de* tanga, *em um artigo inserto no primeiro trimestre dos* Arquivos do Museu Nacional. *O povo do centro da ilha de Marajó dava ao mesmo artefato o nome de dragonas, pela tal ou qual semelhança que tem com esta insígnia militar; depois, porém, que se lhe explicou qual era o verdadeiro uso do mesmo objeto, começaram a chamá-lo sáia. Mas* tanga *ou* sáia *não podem exprimir o que os aruãs chamaram babále."*
>
> Ferreira Pena, *Língua dos aruãs*, 16

Podemos citar, ainda, o seguinte passo, de Umberto Peregrino, de seu interessante livro de viagens pela Amazônia:

> *"São igaçabas, pratos, cachimbos, alguidares, tangas de barro,* babal, *como denominavam os aruãs, tampas de camotins, maracás, uma multidão de artefatos de barro, ornamentados com figuras pintadas ou gravadas."*
>
> Umberto Peregrino, *Imagens*, 89

Trata-se, evidentemente, de um vocábulo de uso regional. Poderemos, entretanto, aboná-lo com o exemplo de alguns escritores. Vejamos, em primeiro lugar, um lanço de um filho da Amazônia:

> *"As velhas designações correspondentes às funções que se lhe emprestavam — avental de*

pudicícia, folim vitis, babala ou babal, *sáia, dragonas — perderam qualquer significado diante da abundante documentação hoje reunida, comprovadora de sua finalidade cultural."*

Angione Costa, *Indiologia,* 86

Quanto à etimologia deriva o vocábulo, originário dos Aruãs, o célebre gentio das famosas oleiras de Marajó, do aruaco, como poderemos ver em *Algumas palavras da lingua dos Aruas,* acima citado, de Ferreira Pena:

."Babale ou babal — *tanga, pequeno artefato de argila fina, destinado a encobrir o distintivo sexual feminino."*

Ferreira Pena, *Língua dos aruãs,* 16

É babal, assim, mais um amerigenismo, derivado do aruaco, incorporado ao português do Brasil e já relacionado no *Pequeno dicionário brasileiro.*

BARBAQUÁ

O vocábulo *barbaquá,* (Nota C) amerigenismo empregado, no português do Brasil, com o significado de "jiráu ou grade de varas sôbre forquilhas em cima do qual se estende a erva, acendendo-se por baixo o fogo para sapecá-la" (339), foi muito usado no Paraná, sendo substituido, posteriormente, por outro amerigenismo, mais local — *carijo.*

Renato Mendonça apontou para o vocábulo uma origem guaraní:

(Nota C) — No *Parecer* em que julgou êsse meu trabalho Sílvio Júlio prometeu estudar, mais minuciosamente, o vocábulo *barbaquá,* analisando-o, não só sob os aspectos etimológico, lexicográfico e morfológico, como também à luz da semântica, da geografia e da história. Será valiosa contribuição para um mais perfeito conhecimento do aruaquismo, derivado do taíno.

(339) — Macedo Soares, *Dicionário brasileiro,* s.v.

"O traço lingüístico mais notável no vocabulário paranaense é a presença de têrmos guaranís, muito dos quais relativos à indústria do mate e correntes no Paraguái — aquiquí, barbaquá, congonha, guaino, guruvichá."

Renato Mendonça, *O português do Brasil,* 211

Renato Mendonça se equivocou, entretanto, não apenas quanto ao vocábulo *barbaquá,* que não é guaraní, como iremos ver; mas, também, em relação aos têrmos *aquiquí* e *congonha,* que são amerigenismos derivados do caingangue.

Eugênio de Castro, também, aponta uma origem guaraní para o vocábulo:

"Nomear, de Pernambuco ao Ceará, um estaleiro, *será ter presente um trançado, ou grade de paus suspensa do chão por forquilhas, sôbre o qual são postos a secar o milho, a carne e outros gêneros, qualquer coisa semelhante a um girau, de raiz tupí, ou mesmo* barbaquá, *de raiz guaraní, usado no Paraná para a sapeca e a seca da erva mate."*

Eugênio de Castro, *Geografia lingüistica,* 250

O vocábulo *barbaquá,* entretanto, que figura em inúmeros glossários de particularidades do português do Brasil, deriva do aruaco, sendo decisiva, na verdade, a informação de Gonzalo Fernández de Oviedo:

"... y después de muertos, como tienen cuchillos para los desollar, cuartéanlos y hácenlos partes con piedras y pedernales, y asánlos sobre unos palos que ponen, a manera de parrillas o trébedes, en hueco, que ellos llaman barbaccas, *y la lumbre debajo, y aquesta misma manera asan el pescado."*

Oviedo, *Sumário,* 117

Confirmam, essa orígem aruaca do vocábulo, Pedro Henríquez Ureña (340), Alfredo Zayas y Alfonso (341), Rufino José Cuervo (342), Georg Friederici (343) e inúmeros outros estudiosos dos linguajares aruacos das Antilhas.

Juan Augusto e Salvador Perea (344) e Lisandro Alvarado (345) dão, para o vocábulo, o étimo aruaco *paracacúa.*

Juan Arona, que relaciona, em seu excelente *Diccionário de peruanismos,* o verbete *barbacoa,* que é a forma que o vocábulo toma no espanhol da América, não o classifica, porém, como um vocábulo derivado do quêchua, apontando, ao contrário, a sua verdadeira orígem:

> "*La* barbacoa *como la estera de totora y otros objetos peculiares al país, tiene una gran importancia entre ciertas clases y en la agricultura menor. La voz procede de Cuba y Haití.*"
> Juan de Arona, *Peruanismos,* 94

É o vocábulo barbaquá, assim, mais um amerigenismo, derivado de aruaco, introduzido no português do Brasil.

BATATA

A nutrição da humanidade, bem como o regime econômico do mundo moderno, muito devem, indubitàvelmente, aos produtos das culturas indígenas americanas. Basta recordar, para se apreciar essa importância, alguns daqueles produtos — *batata, maiz, cacau, chocolate, tomate...*

(340) — Ureña, *El español en Santo Domingo,* 124.
(341) — Zayas, *Lexicografía antillana,* s.v.
(342) — Cuervo, *El castellano en América,* 76.
(343) — Friederici, *Hilfswörterbuch,* s.v.
(344) — Perea, *Glosario taíno,* s.v.
(345) — Alvarado, *Voces indígenas,* s.v.

Cada um dêles, apenas sob o aspecto lexicográfico, que é o objetivo do presente trabalho, será devidamente estudado, nessa nossa contribuição para um mais perfeito conhecimento dos amerigenismos do português do Brasil, de acôrdo com a sua origem.

Vamos estudar, assim, o vocábulo *batata.*

Precisamos, antes de mais nada, bem definirmos a denominação. O vocábulo batata nomeava, entre os taínos, no tempo da conquista, a *ipomoea batatas,* Lam., isto é, a raiz comestível conhecida pelo nome de *batata doce,* que era um dos principais sustentos das populações indígenas das Antilhas, de onde era originária.

Em Pedro Mártir de Anghiera, um dos mais seguros cronistas do descobrimento do Novo Mundo, encontramos, como a mais antiga, a descrição da famosa convolvulácea:

> "*Cavan también de la tierra unas raices que nacen naturalmente, y los indígenas las llaman* batatas; *cuando yo las ví, las juzgué nabos de Lombardía o gruesas criadillas de tierra. De qualquier modo que se aderecen, asadas o cocidas, no hay pasteles ni ningún otro manjar de más suavidad y dulzura: la piel es algo más fuerte que en las patatas y los nabos, y tienen color de tierra, pero la carne es muy blanca.*"
> Anghiera, *Décadas,* 182

Frei Bartolomé de Las Casas, também, em sua *Historia de las Indias,* documento indispensável, quando se estuda a pesquisa dos amerigenismos derivados do taíno, por ter convivido com aquêle gentio, cuja língua falava, delas nos fala:

"Dice de las labranzas de los indios que tenian las tierras fértiles, llenas diz de mames, que son como zanahorias, que tienen sabor como castañas; estos son los que llaman ajes y batatas, *que son muy sabrosas, de las cuales se dirá."*

Las Casas, *História,* I, 229.

A palavra *batata* passou a denominar, mais tarde, a espécie botânica cujo nome científico é *solanum tuberosa,* L., originária do Chile, conhecida, entre nós, pela denominação vulgar de *batata inglesa* (346)

Eram muito comum, antigamente, entre nós, de fato, as formas *batata inglêsa* e *batata doce,* para designarem, respectivamente, a solanácea e a convolvulácea. Modernamente, porém, a forma *batata inglêsa* já vai sendo simplificada para *batata.* (347)

O vocábulo *batata,* designando a solanácea é, hoje em dia, usual em inúmeras línguas — *potato,* em inglés; *patate,* em francês; *batata,* em italiano; *batate,* em alemão; *patate,* em neerlandês; sem contar os vários linguajares hispano-americanos.

A difusão do uso da raiz comestível e, conseqüêntemente, de seu próprio nome, foi devida, em grande parte, aos estudos de Clusius, tendo sido utilizada, primeiramente, como alimento para animais e, também, embora bem mais raramente, por pessoas de baixo nível econômico, como sucedia na Irlanda, desde o século XVII.

---

(346) — A solanácea foi conhecida pela denominação de *batata inglêsa,* porque foi na Inglaterra, primeiramente, que o vocábulo *potato* passou a batisar a *solanum tuberosa,* nome que passou, posteriormente, para a Itália, para Portugal e, finalmente, para Castela.

(347) — É verdade que, além dessas, há algumas outras denominações que constituem regionalismos. Assim, por exemplo, no Pará, sobretudo em Belém, a *batata inglêsa* é conhecida pela denominação de *batata do reino,* à semelhança da denominação de *farinha do reino,* que empregam para a farinha de trigo.

Não são novidades, porém, essas denominações — nós, ainda hoje, chamamos *queijo do reino,* a uma espécie de queijo.

A importância universal da *batata,* porém, empregada como alimento humano, é recente, datando do século XVIII, depois da propaganda de Frederico, o Grande (348), na Prússia e, posteriormente, de Parmentier, na França.

Passemos, agora, à etimologia do vocábulo.

É *batata,* sem discussão, uma palavra aruaca, derivada do taíno. Isso mesmo nos ensina um dos mais esmerados conhecedores da influência dos amerigenismos de origem aruaca no hispano-americano:

"El vocablo batata es seguramente taíno: por error se le llama caribe, en la suposición de que eran caribes los habitantes de las Grandes Antillas."

Ureña, *Indigenismos,* 16

O vocábulo *batata,* como já vimos, é um daqueles que aparecem no glossário que acompanha as três primeiras *Décadas del Nuevo Mundo,* de Pedro Mártir de Anghiera, publicadas em Alcalá, em 1516, que é, evidentemente, a primeira coletânea de vocábulos derivados dos linguajares indígenas americanos.

A partir de Anghiera quase todos os cronistas do Novo Mundo a ela se referem — Francisco López de Gómara, em *Hispania victrix;* Martín Fernández de Enciso, em *Suma de geografia;* Gonzalo Fernández de Oviedo, em *Historia general y natural de las Indias;* Bernal Díaz de Castillo, em *Conquista de la Nueva España;* Antonio Pigafetta, em *Primo viaggio intorno al globo terraqueo* e tantos outros mais.

---

(348) — Ainda hoje, tão intensa foi a repercussão da propaganda feita, por Frederico, o Grande, na Prússia, a *batata* constitui indiscutìvelmente, na Alemanha, um dos produtos primordiais na alimentação humana.

Atestam a sua origem taína, além de Pedro Henríquez Ureña, como já vimos, que escreveu em *Para la historia de los indigenismos,* que é, com justíssima razão, uma das mais valiosas contribuições para o estudo dos amerigenismos, um capítulo sôbre *Papa y batata — historia de dos palabras,* que poderá servir de padrão para a pesquisa e o estudo dos vocábulos americanos, tanto no hispano-americano, como no português do Brasil, uma série de estudiosos dos linguajares indígenas americanos.

Entre êles poderão ser citados — Lisandro Alvarado, que analisa o vocábulo nesse interessantíssimo *Glosario de voces indígenas de Venezuela* (349); Juan Augusto e Salvador Perea, que o estudam no precioso *Glosario etimológico taíno-español* (350); Alfredo Zayas, que o relacionou em sua prestantíssima *Lexicografia antillana* (351) e, finalmente, o venerando von Martius, que o arrolou no vocabulário taíno desses incomparáveis *Glossaria linguarum brasiliensium.* (352)

BATÉIA

As mais diversas orígens têm sido apontadas para o vocábulo *batéia,* têrmo usual na linguagem garimpeira, um dos vocábulos que se incorporaram, de retôrno, à língua portuguêsa, à semelhança, como já vimos, do que aconteceu com *bucaneiro,* com *piã,* com *tunga* e com vários outros amerigenismos.

Em três grupos distintos poderão se classificar aquêles que procuraram identificar a origem do vocábulo *batéia* — o grupo dos que apontam uma origem não americana, considerando-a estranha, porém, tanto ao português, como ao espanhol; o grupo dos que afirmam que a palavra já era corrente, antes do descobrimento, nas duas línguas ibéricas; e, finalmente, o grupo dos que aceitam uma origem americana para o vocábulo.

(349) — Alvarado, *Voces indígenas,* s.v.
(350) — Perea, *Glosario taíno,* s.v.
(351) — Zayas, *Lexicografia antillana,* s.v.
(352) — Martius, *Glossaria,* 318.

Vejamos, para começar, o primeiro grupo.

Para êsse grupo a palavra poderia derivar-se do grego; do sânscrito *vadha,* vasilha e do persa *bádiya,* vaso para beber, sugeridas, sem muita convicção, por Dozy e Engelmann (353)

Poderia derivar-se, também, do árabe, corrente a que se filiam Karl Lokotsch (354), Eguílaz y Yanguas (355) e Frei João de Sousa (356). É verdade, porém, que nenhum dêles deixa de ter certas dúvidas sôbre a orígem que apontam.

Poderia derivar-se, ainda, do latim *patella,* como aceitavam a Academia Española, até 1914 (357) e Júlio Calcaño, o erudito filólogo venezuelano, o qual, apesar de seus profundos conhecimentos sôbre a influência ameríndia no espanhol da América, também não queria admitir uma orígem americana para o vocábulo (358), sugerindo mesmo, além do latim *patella,* como já vimos, étimos da língua d'oc e, até, do celta.

Pertencem ao grupo dos que consideram o vocábulo *batéia* um amerigenismo, entre outros, os dicionaristas Antônio de Alcedo (359), Augusto Malaret (360) e Francisco Javier Santamaria (361), os três

(353) — Dozy, *Glossaire arabe,* s.v. *batea* e *batega.*
(354) — Lokotsch, *Amerikanischen,* s.v.
(355) — Eguílaz, *Glosario oriental,* s.v.
(356) — Frei João de Sousa, *Vestígios da língua arábica,* s.v. *batega.*
(357) — Real Academia Española, *Diccionario,* s.v.
(358) — Calcaño, *El castellano en Venezuela,* 337.
(359) — Alcedo, *Vocabulário,* s.v.
(360) — Malaret, *Americanismos,* s.v.
(361) — Santamaria, *Americanismos,* s.v.

grandes coletadores de amerigenismos, no hispano-americano.

E não devemos esquecer, o que é oportuno, o lisongeiro juízo que, de Alcedo, fazia um dos mais perfeitos conhecedores do espanhol da América, que foi Rodolfo Lenz:

> *"És lástima que tan pocos autores hayan seguido las huellas del primer trabajo de esta clase, que publicó Antonio de Alcedo en* 1789 *en el quinto tomo de su* Diccionario geográfico-histórico de las Indias Occidentales, *esplicando simplesmente el significado de las voces americanas, así como también lo hizo el veterano entre los dialetógrafos americanos, Esteban Pichardo, en sus* Voces Cubanas."

Lenz, *Diccionario etimológico,* 7

Vejamos, finalmente, o grupo dos que aceitavam a hipótese de ser o vocábulo conhecido, no castelhano, antes do descobrimento. Dêsse grupo faziam parte Juan Ignacio de Armas e Rodolfo Lenz.

Sôbre Ignacio de Armas, porém, é definitivo o juízo formulado por Pedro Henriquez Ureña:

> *"Sobre ella, como sobre tantas otras, hay que desechar las absurdas fantasias de Juan Ignacio de Armas en su pintoresco libro* Orígenes del lenguaje criollo: *es una de las obras contra las cuales debe precaverse el aficionado, como contra la de Leo Wiener,* Africa and discovery of *the New World."*

Ureña, *Indigenismos,* 113.

E Rodolfo Lenz, apesar de inclinar-se à hipótese, como êle próprio afirma, diz, muito prudentemente:

> *"Me inclino a creer que la palabra sea anterior la conquista de América, pero no dispongo de materiales para decidir la cuestión."*

Lenz, *Diccionário etimológico,* s. v.

Não há, até agora, entretanto, que eu saiba, um único documento em que se apontasse, em qualquer de ambas as velhas línguas peninsulares, o emprêgo do vocábulo.

Euclides da Cunha, em *Contrastes e confrontos,* com aquela poderosa faculdade de expressão verbal, que foi um dos fatôres mais característicos de seu inimitável estilo, numa frase em que se misturam, magníficamente, aos velhos e clássicos têrmos lusitanos, os mais puros e genuinos amerigenismos, empregou a palavra *batéia,* supondo-a, entretanto, com uma origem diferente da verdadeira:

> *"Desde as primitivas buscas pelos leitos dos córregos, dos caldeirões e das itaipavas, com o almocafre curvo ou a* batéia *africana, na atividade errante das faisqueiras; aos trabalhos nos taboleiros, arcando sob os carumbés refertos, ou vibrando as cavadeiras chatas até aos lastros ásperos dos nódulos da hematita das tapanhuacangas; às catas mais sérias, às explorações intensas das grupiaras pelos recôstos dos morros que broqueados de cavas circulares e sarjados pelas linhas retilíneas e paralelas das levadas, desmantelados e desnudos, tornavam maiores a tristeza do ermo."*

Euclides, *Contrastes e confrontos,* 59

A palavra, de uso generalizado nas Antilhas, foi dali levada, para a França, pelos bucaneiros, os primeiros colonos franceses que se estabeleceram, em 1660, em Santo Domingo, sendo dicionarizada, sob a forma de *batée,* na língua francesa, vindo mais tarde,

através daquela língua, incorporar-se, de retôrno, não sòmente ao português do Brasil, como à própria língua portuguêsa.

O vocábulo é de largo emprêgo em nossa língua de todos os dias, desconhecendo-se, entre nós, outro têrmo que defina o instrumento.

A antiga grafia *batéa* foi substituida, atualmente, pela forma *batéia*, encontradiça em todos os nossos escritores:

> "*Vemo-lo sacudir as* batéias, *conduzir as cargas, fornecer as primícias de lavouras incipientes, antes que o africano se despejasse nas praias do continente, para o esfôrço das capinas e a fadiga das moendas...*"
>
> Alberto Rangel, *Rumos*, 48

O célebre inconfidente Tomáz Antônio Gonzaga, entretanto, talvez por exigências da métrica, a empregou como *batêa*:

> "*Não verás separar ao hábil negro*
> *Do pesado esmeril a grossa arêa,*
> *E já brilharem os granetos de ouro*
> *No fundo da* batêa."
>
> Gonzaga, *Marília*, 167

Não quero deixar de citar, como a última abonação da forma atual do vocábulo, um exemplo de Miguel Daltro Santos, querido e saudoso mestre de meus tampos de menino, no Colégio Militar. Consta de sua magistral oração — última e imperecível aula do mestre à nossa turma, que um mês depois se transferia para a Escola Militar — ao entregar ao batalhão escolar a Bandeira Nacional, no dia de sua comemoração, dádiva do corpo docente:

> "*Porque amar à Pátria é servi-la, é dar-lhe tudo, é entregarem-se-lhe os homens com os instrumentos de seu labor, com os utensílios de sua ação — com a palavra, que é lume da alma ou com destreza, que é broquel do corpo; com o arado à terra ou com a* batéia *ao ouro; com o livro, que acarreta idéias ou com o sabre, que defende a honra; com o buril ou com o lápis, a retorta ou o microscópio, o pincel ou o plectro; com o exemplo e com a virtude, com a lei, que erige a fé, que purifica.*"
>
> Daltro Santos, *Palavras à juventude*, 57

Na sua interessantíssima *Viagem* e *visita do sertão*, porém, Frei João de São José Queiroz usou a forma *bateira*, que êle dá como de origem baré; aruaca, portanto:

> "... *por se tirar de dúvidas e suspeitas, quebrou o vaso e mandou pisar o barro, então lançando-se na* bateira *se percebeu à proporção da terra desfeita uma considerável cópia de finíssimo ouro.*"
>
> Frei João de São José, *Visita do sertão*, 363

Não se deve confundir, entretanto, êsse vocábulo *bateira*, usado por Frei João de São José, que é, apenas, uma forma divergente de seu étimo, com a palavra *bateira*, peculiaridade regional da ilha de Marajó, registada por Vicente Chermont de Miranda:

> "Bateira — *canoa de bom porte, fundo chato, sem mastreação, destinada ao transporte de cargas mortas nos rios tranqüilos.*"
>
> Chermont, *Glossário paraense*, 12

Êste vocábulo *bateira*, com o significado de canoa, é originário do caribe, como poderemos verificar no *Dictionaire caraibe-françois*, do Padre Raymond Bréton, publicado em 1665, em Auxerre e reimpresso, por Julius Platzmann, em 1900, em Paris:

"Bataya — *petit canot dans lequel les sauvages gragent leur magnoc.*"
Bréton, *Dictionaire caraibe-françois,* s. v.

Da região das Antilhas o vocábulo se espalhou por tôda a América espanhola. Pedro de Cieza de Leon, o clássico historiador do Perú, já usava o têrmo, na primeira década da segunda metade do século XVI:

"*Y era tanta la cantidad que habia deste metal, que muchos sacaban en la* batea *más oro que tierra. Lo que afirmo porque pasó asi y hablé yo con quien en una* batea *sacó más de setecientos pesos de oro.*"
Cieza de Leon, *La crónica del Perú,* 159

Nem se pense, por essa razão, tratar-se de um quechuismo, pois Juan de Arona, em seu notabilíssimo *Dicionário de peruanismos,* é bastante claro, ao tratar do verbete:

"*Es igualmente voz de la isla de Cuba, y por esto y por llamarla Salvá de Indias, nos inclinaremos a creer que sea una de esas voces que los escritores de la Conquista denominam de las islas de Barlovento. En el Brasil la* batea *es como la nuestra, con el mismo nombre, y se usa en los lavaderos de oro.*"
Juan de Arona, *Peruanismos,* s. v.

Do vocábulo *batéia* derivaram outros, atualmente incorporados, também, ao português do Brasil. Na região dos garimpos da Bahia, onde se encontram tão pitorescos regionalismos, é corrente, como nos ensina Bernardino José de Sousa, com o significado de

"trabalhador das lavras auríferas e diamantíferas, que maneja com a *batéia*" (362), o vocábulo *bateeiro*:

"*Por que deixas as catas douradas do sol, onde a cantiga dos* bateeiros *se ouve lânguida e o barulho das enxadas desengrunando o cascalho nas corridas, é mais sonoro que o gotejar das águas nas fendas do granito.*"
Alberto Rabelo, *Contos do Norte,* 36

Outro vocábulo derivado de *batéia* é a palavra *bateada;* já no século XVIII foi ela empregada por José Rebelo Perdigão:

"*Uma destas* (*bandeiras*) *descobriu e socavou o ribeiro que chamão Bento Roiz, nome do Cabo, de tanta grandeza, que tirarão nêle algumas* bateyadas *de duzentas e trezentas oitavas, sendo a pinta geral de duas e três oitavas.*"
Perdigão, *Notícia,* 121

Mais tarde, escrevendo sôbre o mesmo assunto tratado por José Rebelo Perdigão, o escritor paulista Paulo Setúbal, no interessante romance histórico *Os irmãos Leme,* também usa o vocábulo:

"*Os que receberam catas pobres, dessas que secam e morrem com as primeiras* bateadas, *andavam furiosos, encalacrados com as despesas, a praguejar contra o descobridor.*"
Paulo Setubal, *Os irmãos Leme,* 54.

Vejamos, agora, a etimologia do vocábulo.

A palavra *batéia,* como já vimos e agora vamos provar, é um amerigenismo aruaco, derivado do taíno. Sôbre a indiscutível orígem taína do vocábulo há

(362) — Bernardino de Sousa, *Dicionário,* 46.

o testemunho valiosíssimo dos primeiros historiadores espanhóis, sobretudo a contribuição inequívoca de frei Bartolomé de Las Casas, que é uma verdadeira certidão de batismo da palavra *batéia*:

> *"Allí veríades hacer sus mochilas cada uno de bizcocho de la harinilla, y llevarlas a cuestas con azadones y gamellas o dornajos, que acá llamaban y hoy llaman* bateas..."
>
> Las Casas, *Historia*, II, 6

Nem menos decisivo, também, para a determinação da origem taína de *batéia*, é a contribuição de Gonzalo Fernández de Oviedo:

> *"... é ven si hay oro en las* bateas (*que son cierto instrumento con que la tierra se lava*) *é para lavar esta tierra é labrar la mina hacen assí."*
>
> Oviedo, *História*, I, 184

Consideram, ainda, o vocábulo *batéia* um puro aruaquismo, os grandes conhecedores do caribe e do aruaco que foram, entre muitos outros, Lisandro Alvarado (363), Bartolomé Tavera-Acosta (364), Juan Augusto e Salvador Perea (365) e Alfredo Zayas (366) todos naturais da região onde se falava o taíno.

Afirmam, ainda, a sua origem aruaca, os eminentes filólogos amerigenistas Rufino José Cuervo (367), George Friederici (368) e, sobretudo, Pedro Henríquez Ureña (369).

---

(363) — Alvarado, *Voces indígenas*, s.v.
(364) — Tavera-Acosta, *En el sur*. s.v.
(365) — Perea, *Glosario taíno*, s.v.
(366) — Zayas, *Lexicografia antillana*, s.v.
(367) — Cuervo, *Apuntaciones*, 971.
(368) — Friederici, *Hilfswörterbuch*, s.v.
(369) — Ureña, *El español en Santo Domingo*, 124.

Trago ao assunto, ainda, a minha contribuição pessoal.

Nas minhas caminhadas através da Amazônia, como antigo membro da Comissão de Limites do Setor Norte, colhi, entre a indiada aruaca, o vocábulo *bataiá*, denominando o mesmo instrumento que nós chamamos de *batéia*. Rubens Nelson Alves, êsse admirável tapejara de nossas ráias setentrionais, que há mais de trinta anos, com um devotamento verdadeiramente estóico, as vem demarcando, conhecedor escorreito e guia seguríssimo nos linguajares aruacos da Amazônia, confirma o fato quando, num de seus preciosos relatórios apresentados àquela Comissão, sôbre as zonas de mineração do alto rio Branco, nos ensina, dando a solução defintiva para o problema do vocábulo *batéia*:

> *"Vivem ali alguns civilizados, exclusivamente da cata, explorando para êsse mister os índios da região, todos do grupo aruaco, os quais empregam, nessa atividade, a sua indígena* bataiá, *o instrumento que nós conhecemos atualmente com a denominação corrompida para* batéia."
>
> Rubens Alves, *Campanha do rio Branco*, 21

Esqueceram, assim, todos aquêles que apontaram uma orígem não americana para *batéia*, tanto da existência, no taíno, linguajar aruaco das Antilhas, como nos vários dialetos aruacos da Amazônia, do vocábulo, que é, com tôda a evidência, a verdadeira etimologia do nome do instrumento, de tão espalhado uso nas regiões garimpeiras de nossa terra.

A palavra *batéia* é, pois, inquestionàvelmente, mais uma palavra aruaca, derivada do taíno, não apenas integrada no português do Brasil, mas na própria língua portuguêsa.

BIXA

É quase desconhecida, no português do Brasil, a palavra *bixa*, de origem taína, que significa urucú. Eu a relaciono, entretanto, entre os amerigenismos de procedência aruaca, porque o seu emprêgo, atualmente, é comum, não sòmente no português da América, mas em quase tôdas as línguas universais, como a denominação científica do célebre condimento amerígena — *bixa orellana.*

São inúmeros, na verdade, os vocábulos derivados de um dos linguajares indígenas americanos, que apesar de não se terem integrado, como diversos outros, no vocabulário de português do Brasil, se internacionalizaram, à maneira de *bixa*, como denominações científicas.

Poderemos citar, a título de ilustração, alguns daqueles vocábulos, umas vêzes denominando representantes da flora brasílica, denominado, outras vêzes, representantes de sua fauna.

Assim, na fauna, existe o célebre pirarucú da Amazônia, conhecido entre nós pela sua genuina nomenclatura tupí — *pira-urucú*, nomeado, em alguns dialetos caríbes, pela denominação de *arapâima* (369-A), que aparece em sua nomenclatura científica — *arapaima gigas.*

O jacú, presente em quase tôdas as regiões de

(369-A) — Atestam a origem caribe de *arapâima*, com o significado de pirarucú, os seguintes autores — Im Thurn, *Indians of Guiana*, 137; Schomburgk, *Travels*, I, 284; Tavera Acosta, *En el sur*, 56; Rubens Alves, *Macuxí*, 21; Nimuendajú, *Macuxí*, 128. Gastão Cruls assim se refere ao pirarucú — "Como bem observou Ágenor Couto de Magalhães, ainda que venha variando a sua taxinomia, até hoje ninguém ousou retirar-lhe do nome o determinativo das formas agigantadas e assim tem sido sucessivamente: *Vestres gigas, Sudis gigas* e *Arapaima gigas*. Diga-se que *arapaima* é a sua designação entre Macuxís e outros índios Caraíbas". (Gastão Cruls, *Hiléia*, 98).

nossa terra, é conhecido, em alguns linguajares caribes, pelo nome de *maráe* (369-B), que aparece, também, em sua nomenclatura científica — *penelope maráe.*

Na flora, também, são numerosos os amerigenismos nas mesmas condições, bastando citar, como exemplo, além do vocábulo *bixa* (369-C), que já vimos, a palavra *maíz*, com a significação de milho, no aruaco, a qual aparece na denominação científica da célebre leguminosa — *zea maís.*

É tão interessante êste capítulo, que cheguei a escrever, ainda inacabada, uma monografia sôbre *A influência amerígena não tupí na nomenclatura da fauna e da flora brasílicas.*

CACIQUE

Várias têm sido as etimologias apontadas, no sentido de refutar, para êsse incontestável amerigenismo, que é *cacique*, a sua orígem americana.

Às vêzes, como aconteceu com Gonçalves Viana, ao estudar o vocábulo nas suas prestantíssimas *Apostilas aos dicionários portuguêses* (370), indica-se a sua verdadeira origem americana, mas se aponta uma outra língua indígena diferente — o caribe.

Fernando Ortiz, o ilustre africanista cubano, em seu notável *Glosario de afronegrismos*, obra realmente valiosa, aponta uma orígem africana (371) para a palavra.

(369-B) — Apontam o vocábulo *maráe* com o significado de jacú, em alguns dialetos caribes, entre outros, os seguintes autores — De Goeje, *Études caraïbes*, 199, que o deriva do galibí; Rubens Alves, *Rangupiquí*, s.v.; Koch-Grünberg, *Roroima*, IV, 265.

(369-C) — A origem taína de *bixa* nos é fornecida por todos os estudiosos da lexicologia americana. Assim, podemos citar, entre vários outros — Lisandro Alvarado, *Voces indígenas*, s.v.; Ureña, *Indigenismos*, 103 e *El español en Santo Domingo*, 124; Friederici, *Hilfswörterbuch*, s.v. e, sobretudo, Oviedo, *Sumario*, 123.

(370) — Gonçalves Viana, *Apostilas*, I, 192.

(371) — Ortiz, *Afronegrismos*, s.v.

Júlio Calcaño, en *El castellano en Venezuela*, onde se mostra, sem dúvida, um dos grandes conhecedores da influência dos amerigenismos no espanhol da América, se nega em aceitar, para o vocábulo, uma origem indígena, apontando, para o mesmo, um étimo árabe. (372)

Acompanha Calcaño, neste particular, a opinião de Frei Pedro Simon, nesse interessante livro que é *Notícias historiales de las conquistas de Tierra-Firme*, em que afirma:

> *"Este vocablo no es de ninguna de estas províncias, sino arábigo, usado entre los alarbes de Africa en el reino de Mazagán, con el cual nombran al principal y cabeza de los aduares, como también le nombran* xeque; *y como los españoles, cuando comenzaron a descobrir estas tierras traían sabido este nome* cacique, *y viendo que la traza de los indios y indias, y la de sus pueblos, moradores y tratos (fuera de tener en lugar de las tiendas de los alarbes, casas pajizas) era muy semelhante a la de estos alarbes o moros sin rey, comenzaron a llamar a las cabezas de los pueblos y parcialidades* caciques."
> Simon, *Notícias historiales*, I, 134

Um dos maiores cronistas de Portugal, ao mesmo tempo, também, que um de seus mais puros clássicos, que foi João de Barros, mestre esmerado da língua, conhecedor seguro dos velhos têrmos lusitanos, bem como dos vocábulos que transitavam pela língua portuguêsa, derivados de outros linguajares, invalida, definitivamente, aquela suposta orígem árabe, esposada por Pedro Simon e por Calcaño, quando afirma, com a sua incontestável autoridade:

(372) — Calcaño, *El castellano en Venezuela*, 327.

> *"Finalmente recebida sua oferta, el-Rei mandou armar três caravelas em Palos de Moguer, donde partiu a três dias de Agôsto do ano de mil quatrocentos e noventa e dous: e dêste dia a dous meses e meio que foram onze dc octubro viram a ilha que os da terra chamam Guanaani, que é uma daquelas a que os catelhanos chamam as ilhas Brancas dos Lucaios, e êle lhe pôs nome as Princesas por serem as primeiras que se viram. E a esta Guanaani chamou S. Salvador*: e *dali se passou à ilha Cuba, e dela é que os da terra chamam Haite, e os castelhanos a Espanhola. E por que êle preguntava aos moradores por Cipango, que era a ilha do seu propósito, e êles entendiam por Cibão que é um lugar das minas da ilha Haite*: *o levaram a ela, onde foi mui bem recebido do Rei da terra a que êles chamam* Cacique."
> João de Barros, *Asia*, 130

Pedro Martir de Anghiera, no capítulo VI, do livro II, da primeira de suas *Décadas del Nuevo Mundo*, escrito em 29 de abril de 1492 e publicado, pela primeira vez, embora sem a permissão do autor, em Sevilha, em 1511, pois a publicação autorizada por Anghiera, das três primeiras *Décadas*, foi feita em Alcalá, em 1516, já dizia:

> *"Se tuvo también la noticia de que habla cierto rey de los montes en que tienen origen aquellos rios, al cual le llaman el* cacique *Caunaboa, esto es, señor de la casa de oro; pues a la casa llaman* boa; *al oro* cauni; *y al rey* cacique, *según ya se ha dicho."*
> Anghiera, *Décadas*, 24

Da mesma maneira afirmam a origem taina do vocábulo os dois cronistas do descobrimento, que viveram, ainda na primeira metade do século XVI, em

Santo Domingo — Gonzalo Fernández de Oviedo (373) e Frei Bartolomé delas Casas. (374)

O testemunho mais valioso, entretanto, para provar a verdadeira origem aruaca da palavra, derivada do linguajar dos taínos, nos é fornecido pelo *Diário*, da primeira viagem de Colombo, onde, no dia 18 de dezembro de 1492, consta o seguinte:

> *"Este vino a la nao después del Rey, al cual dió el Almirante algunas cosas de los dichos resgates, y allí supo el Almirante que al Rey llamaban en su lengua* casique."
>
> Navarrete, *Viajes de Colón*, 110

O Dr. Diego Álvarez de Chanca, que acompanhou Colombo em sua segunda viagem e que esteve nas Antilhas em 1492-1493, também confirma aquela origem:

> *"Vienen aqui continuamente muchos indios é* caciques, *con ellos, que son como capitanes dellos..."*
>
> Chanca, *Carta ao Cabildo*, 220

André Thevet, que esteve na América, ainda na primeira metade do século XVI, também confirma, em *Singularitez de la France Antarctique*, cuja primeira edição data de 1557, a origem aruaca do vocábulo:

> *"... dont la principale est distante de l'isle Espagnole environ trente lieus. Toutes lesquelles isles sont soubs l'obeissance d'un Roy, qu'ils appelent* Cassique..."
>
> Thevet, *Singularitez*, 321

(373) — Oviedo, *Sumário*, 116.
(374) — Las Casas, *História*, I, 275.

Ora, diante dessas informações de Colombo e de Álvarez Chanca, que ouviram o vocábulo do próprio lábio do gentio Taino; tendo em vista as informações de Las Casas e de Bernal Díaz del Castillo, que falaram aquêle linguajar; considerando-se o que declara Anghiera, que escreveu as suas *Décadas* baseadas nas conversações que manteve com o Descobridor e, ainda, de acordo com o que sustentam Oviedo e Thevet, contemporâneos dos acontecimentos, não resta a menor dúvida sôbre a orígem aruaca do vocábulo, derivada do linguajar dos taínos das Antilhas.

Confirmam, ainda, aquela derivação, todos os lingüístas que se dedicaram ao estudo das línguas indígenas americanas — Juan Augusto e Salvador Pera (375), Rufino José Cuervo (376), Rodolfo Lenz (377), Karl Lokotsch (378), Georg Friederici, (379), Alfredo Zayas (380), Pedro Henríquez Ureña (381) e inúmeros outros.

O vocábulo *cacique*, além de indicar, no português do Brasil, o *principal*, o *tuxáua*, o *morubixaba*, ainda possue, já agora na própria língua portuguêsa, como declara Gonçalves Viana (382), um novo significado — o de chefe político, também usado no português do Brasil.

Muito usado é, também, um derivado da palavra, que é *caciquismo*.

Sílvio Júlio nos fornece, ainda, um outro derivado:

(375) — Perea, *Glosario taíno*, s.v.
(376) — Cuervo, *Apuntaciones*, 970.
(377) — Lenz, *Dicionário etimológico*, s.v.
(378) — Lokotsch, *Amerikanischen*, s.v.
(379) — Frederici, *Hilfswörterbuch*, s.v.
(380) — Zayas, *Lexicografia antillana*, s.v.
(381) — Ureña, *Indigenismos*, 113.
(382) — Gonçalves Viana, *Apostilas*, I, 192.

"A triste sorte de Anacaona prestou-se, naturalmente, à ficção exaltada dos patriotas românticos, que da infeliz caciquesa *fizeram o símbolo da perfeição moral, física e intelectual."*
Sílvio Júlio, *Escritores antilhanos*, 178

Penso que, diante do exposto, não deverá restar a menor dúvida de que o vocábulo *cacique*, bem como seus derivados, correntes no português do Brasil, têm para orígem um étimo aruaco, derivado do taíno.

CAMOTIM

O vocábulo *igaçaba* é um puro tupinismo, de uso vulgar e corrente na língua da Amazônia.

No admirável livro de costumes regionais que é *Cenas da vida amazônica*, de José Veríssimo, encontramos um exemplo, que abaixo transcrevemos, no qual, ao mesmo tempo em que nos explica, claramente, a orígem indígena do utensílio, nos fornece um exemplo do vocábulo, escrito, ainda, sob a forma tupi, que era a usual, na época:

"Quem há visto os restos da louça dos nossos selvagens, desentranhados da terra pelas investigações dos naturalistas, e admirado as formas bizarras, mas elegantes por vêzes, das igaçauas, *estudando-lhes as gregas caprichosas e o desenho correto, comparando-os com a louça grosseira, pesada e disforme que o tapúio e o mameluco fazem hoje, não pode deixar de notar essa decadência que principiou, sem dúvida, logo após à conquista, porque nas escavações encontra-se a louça mais perfeita nas camadas inferiores e a mais grosseira nas superiores."*
José Veríssimo, *Cenas*, 15

Umas vêzes aparece o vocábulo com a significação de jarro, pote, cântaro para água, como poderemos verificar no seguinte exemplo:

"Entramos, acompanhando o dono, na casinha tôda ela pintada de branco, modesta e pobre, mas muito limpa e agradável, matando a sêde que nos devorava com várias cuias dágua fresca, da igaçaba *da varanda."*
Armando de Almeida, *Pagelança*, 51

Outras vêzes o vocábulo é empregado para denominar as urnas funerárias:

"Quanto mais profunda é a camada em que a urna funerária se acha enterrada mais bela é a obra dessa urna, largo pote de barro conhecido por igaçaba, *onde o índio recolhia os despojos dos seus mortos."*
Raimundo Morais, *Planície*, 204

Êsse último significado, porém, é de empréstimo, como bem afirmou Stradelli:

"Tem-se encontrado em tôda a parte, tanto no Pará, como no Amazonas, vasos em forma de igaçabas com os restos de ossos humanos, a que também, por não se lhes saber o nome verdadeiro, se dá o nome de igaçabas."
Stradelli, *Nheengatú-português*, 716

Nem diferente é a opinião de Alfredo da Mata, em sua valiosa *Contribuição ao vocabulário amazonense*:

"Igaçaba — *Urna de barro para depositar o morto. Também aplicada a qualquer depósito de barro para água, ou conservar fermentadas certas bebidas, o que parece ser o seu verdadeiro significado."*
Alfredo da Mata, *Vocabulário amazonense*, 173

Há, entretanto, na linguagem da gente da planície, um outro vocábulo, de origem não tupí, comumente empregado, também, tanto no linguajar do povo, como na língua literária de seus escritores, como um sinônimo daquele tupinismo, quando êle aparece com a significação de urna funerária, que é *camotim*. (383)

Ainda em Raimundo Morais iremos encontrar, para o vocábulo, uma abonação:

> *"Seriam os* camotins *famosos dos cemitérios do Pacoval, na extremidade oriental da mesma ilha, torneados pelos nheengaibas, o fator daquequele embrionário surto estético..."*
> Raimundo Morais, *Planície,* 63

Da mesma maneira que a palavra *igaçaba,* que significa, primordialmente, o jarro, o pote, o cântaro para água, aparece, às vêzes, com a significação de urna funerária, o vocábulo *camotim,* que tem o significado específico de urna funerária, aparece, algumas vêzes, também, com o de vaso, pote, jarro:

> *"Além disso, concorrem ainda para a identificação, os modelos globulares, cônicos, cilíndricos, faunísticos, antropomorfos das igaçabas, dos potes, das panelas, dos* camutins."
> Raimundo Morais, *Anfiteatro,* 41

Ainda encontramos o vocábulo em escritores que não são da Amazônia:

> *"A polpa obtida é dividida em duas porções, uma para o beijú e outra para o caxirí. A destinada a esta bebida é colocada, em mistura com água, em coxos enormes e em camotís."*
> Lima Figueiredo, *Índios do Brasil,* 149

(383) — O vocábulo é comumente empregado com a forma *camotim.* Algumas vêzes, porém, aparece com a grafia *camotí,* pura reprodução de seu étimo aruaco.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

Passemos, agora, a estudar a etimologia do vocábulo *camotim.* Apresenta êle, como vimos, dois significados distintos — o de vaso, pote, cântaro para água e o de urna funerária indígena.

Convém assinalar, de início, que não se trata, como poderia parecer, de um único étimo com dois significados diversos, Ao contrário. Cada um daqueles significados tem uma etimologia diferente, apesar de ambos os étimos se terem transliterado, para o português do Brasil, sob uma só forma léxica.

Assim, o vocábulo *camotim,* mais comumente empregado sob a forma *camucim,* quando aparece com o significado de vaso, pote, cântaro, nada mais é do que um puro tupinismo, derivado de *cambuchí* (384), de *camussí* (385) ou de *camusí.* (386)

Stradelli dá, ainda, como possível étimo do vocábulo, um tupí *camutí.* Quer-me parecer que êsse étimo, apontado por Stradelli, não deriva do tupí.

Há, nos dialetos aruacos da Amazônia, com a significação de urna funerária, o vocábulo *camotí,* que é, também, o responsável por vários topônimos da corografia amazônica, entre os quais avulta o igarapé Camutins, justamente famoso pelo encontro, na região, de um grande número de urnas funerárias indígenas.

Stradelli, que viveu largos anos de sua vida na Amazônia, interessou-se, apenas, pelos linguajares tupís; daí, possívelmente, ter considerado o vocábulo *camutí* como um tupinismo. Nem seria essa, apenas, senão mais uma tupimania do grande enamorado da floresta amazônica...

(384) — Montoya, *Tesoro,* s.v.
(385) — Lemos Barbosa, *Tupí,* s.v.
(386) — Stradelli, *Nheengatú-português,* s.v.

Outro enamorado encantado da famosa hiléia, êsse admirável estudioso da ecologia da Amazônia, que é Gastão Cruls, diz:

> *"Não raro as urnas, conhecidas em língua geral por* camucim *ou* camutim, *corruptela de* cambuci, *eram antropomórficas e traziam na configuração esclarecimentos sôbre a identidade do morto, como, por exemplo, o sexo a que pertencia e, talvez, a sua categoria social."*
> Gastão Cruls, *Hiléia,* 160

Aceitamos, por um alargamento semântico do sentido, para o significado de urna funerária, os étimos *camucim* e *cambuci,* apontados por Gastão Cruls, como derivados do tupí. O outro, porém, *camutim,* nada mais é do que o aruaco *camotí,* como já vimos.

Além de nosso testemunho pessoal, uma vez que colhemos, em vários dialetos aruacos, com o significado de urna funerária, o vocábulo *camotí,* ainda poderemos aduzir o testemunho valioso de Rubens Nelson Alves, o magnífico tapejara da demarcação das ráias setentrionais do Brasil, ao mesmo tempo que emérito conhecedor dos dialetos aruacos e caribes da imensa Guiana Brasileira, o qual relacionou o vocábulo no seu precioso glossário dos Baniva (387) e, ainda, o de Martius, que o arrolou no linguajar dos Uirina. (388)

Assim, o vocábulo do português do Brasil *camotim,* já arrolado no *Pequeno dicionário brasileiro,*

(337) — Rubens Alves, *Baniva,* s.v.
(338) — Martius, *Glossaria,* 229.

quando tem para significado o sentido de urna funerária, deriva do aruaco *camotí,* possivelmente do aruã, o linguajar aruaco das celebres oleiras de Marajó...

CANIBAL

O vocábulo *canibal* foi usado, no século XVI, como sinônimo de *caribe,* significando guerreiro e antropófago.

A palavra, entretanto, caiu em desuso, permanecendo esquecida do século XVII ao XIX, quando reingressou, tanto ao espanhol, como ao português, substituindo o vocábulo *caribe,* que foi usado, durante todo êsse tempo, com aquela mesma significação.

Tanto no português do Brasil, como no hispano-americano e, ainda, tanto na própria língua portuguêsa, como no idioma castelhano, o vocábulo *canibal,* oxítono no português e paroxítono no espanhol, nada mais é, evidentemente, do que um amerigenismo de retôrno, proveniente do francês e do inglês, línguas em que o vocábulo passou a ser corrente com o significado de antropófago, bem como o seu derivado, *canibalismo,* com o de antropofagia.

Os vocábulos *canibal* e *canibalismo,* assim como *caníbal e canibalismo,* são correntes, tanto na língua portuguêsa e no português do Brasil, como no idioma espanhol e no hispano-americano, quer na língua do povo, quer na língua literária.

Passemos, agora, à sua etimologia. É o vocábulo usado como uma forma divergente de *caribe,* étimo aruaco, que significa guerreiro, valente e, também, feroz e antropófago, como já vimos.

Ao estudarmos neste trabalho o verbete sôbre caribe, fazemos, pormenorizadamente, um histórico de sua etimologia.

Sôbre os vocábulos *canibal e caribe,* formas divergentes do mesmo étimo aruaco, Pedro Henríquez Ureña, o incomparável mestre de todos nós, que nos dedicamos, como simples estudiosos, a êstes assuntos, escreveu uma profunda e erudita contribuição, em que esclarece, de maneira ampla e definitiva, a origem comum de ambos os vocábulos. (389)

CANOA

O vocábulo *canoa* foi, sem dúvida, dos primeiros amerigenismos ouvidos, por Colombo, dos aruacos das Bahamas, quando ali esteve, no dia 26 de Outubro de 1493, conforme se poderá verificar de seu *Diário*:

> "*Vino cinco muy grandes almadias, que los índios llaman* canoa."
> Navarrete, *Viajes de Colón,* 86

Desde essa primeira viagem de Colombo que se tornaram conhecidos, na Espanha, alguns vocábulos do Novo Mundo, entre os quais se encontra *canoa,* que se pode considerar, segundo o insuspeito testemunho de Rufino José Cuervo (390), como o primogênito dêles, uma vez que Antônio de Nebrija, em seu *Dictionarium,* publicado em 1493, em Salamanca, já arrolara o têrmo, que foi escrito, também em 1493, por Pedro Mártir de Anghiera, em sua primeira *Década,* o qual foi relacionado, mais tarde, no glossário que acompanha as três primeiras *Décadas,* impressas em 1516, em Alcalá, constituindo aquêle glossário a primeira coletânea de amerigenismos.

Foi publicado, em 1504, sem a devida permissão de Anghiera, porém, um *Libretto de tutta la navigatio-*

(389) — Ureña, *Indigenismos,* 95-102.
(390) — Cuervo, *Apuntaciones,* 970.

ne del Re de Spagna de le Isole et terreni trouati, que inseria, traduzida para o veneziano por Trurgiano, secretário de Domenico Pisani, embaixador da República de Veneza junto ao govêrno de Espanha, publicado por Albertino Vercellece de Lisona, algumas das cartas escritas, em latim, por Pedro Mártir de Anghiera, aos mais importantes personagens da Itália e da Espanha, onde se encontram muitos dados interessantes de suas conversações com Colombo sôbre o descobrimento da América e sôbre as suas viagens, as quais constituem a maior parte da primeira *Década.*

Foram publicados, em 1511, em Sevilha, ainda sem autorização de Anghiera, os dez livros da primeira *Década.*

As três primeiras *Décadas,* impressas por Anghiera, em 1516, bem como a edição definitiva, publicada em Alcalá, em 1530, tinham o texto redigido em latim, o qual foi traduzido para o espanhol por Joaquín Torres Asensio e publicado, em 1892, em Madrid, por ocasião dos festejos comemorativos do quarto centenário do descobrimento da América. Uma segunda edição do texto castelhano foi publicada, recentemente, em 1944, em Buenos Aires, pela Editorial Bajel, que será a edição por nós usada nas citações de Anghiera.

Eis a primeira abonação literária do amerigenismo *canoa,* que data de 1493:

> "*De la nave que dijimos de estrelló em la peña, sacó aquella gente a los hombres y todo lo que se iba con tanta rapidez y alegria en sus botes, que llaman* canoas, *que entre nosotros no se socrcorrerían unos parientes a otros com más misericordia.*"
> Anghiera, *Década,* 6

São em número relativamente grande os cronistas que usaram, ainda na primeira metade do século XVI,

depois de Antônio de Nebrija e de Pedro Martir de Anghiera, o vocábulo *canoa.*

Vamos citar, entre êles, apenas, Gonzalo Fernández de Oviedo, Frei Bartolomé de Las Casas e Bernal Díaz del Castillo, que são os que mais nos interessam, por terem vivido, naquela época, na região das Antilhas, sendo que os dois últimos conheciam bem o dialeto taíno.

Diz Gonzalo Fernández de Oviedo:

> *"En esta Isla Española y en las otras partes destas Indias que hasta al presente se saben, en todas las costas de la mar y en rios que los cristianos han visto hasta agora, hay una manera de barcas que los indios llaman* canoa *con que ellos navegan por los rios grandes y assi mismo por estas mares de acá."*
>
> Oviedo, *História,* I. 170.

Frei Bartolomé de las Casas nos informa:

> *"Sábado, pues, muy de mañana, que se contaron trece días de octubre, parece la playa llena de gente, y dellos venían a los navios en sus barcos y barquillos, que llaman* canoas, *hechas de un solo cavado madero de buena forma..."*
>
> Las Casas, *Historia,* I, 206

E, finalmente, nos ensina Bernal Díaz del Castillo:

> *Son* canoas *hechas a manera de artesas, y son grandes, de maderos gruesos, y cavadas por de dentro, y esta hueco, y todas son de um madero macizo, y hay muchas dellas en que caben en pie cuarenta y cinquenta indios."*
>
> Bernal Díaz, *Conquista,* 14

Afora o grupo que não considera a palavra *canoa* um amerigenismo (391), muito se tem discutido sôbre a verdadeira orígem do vocábulo, proclamando uns sua orígem aruaca, defendendo outros sua etimologia caribe.

Admitem a origem caribe de *canoa,* entre outros — Karl Lokotsch (392), que o deriva de um étimo *ukuni;* George Friederici, que ao estudar o verbete em seu magnífico *Hilfswörterbuch für den Amerikanisten,* o deriva do caribe *canauá* (393); Júlio Calcaño, que em *El castellano de Venazuela* (394) aponta uma origem caribe para o vocábulo.

Entre os que defendem a origem aruaca da palavra se encontram Lisandro Alvarado (395), Alfredo Zayas (396), Rufino José Cuervo (397) e, principalmente, *last but no least,* Pedro Henríquez Ureña (398), cuja erudição, probidade científica e, sobretudo, o elevado critério aplicado no estudo dos indigenismos, incorporados ao hispano-americano, consagraram o saudoso mestre como o mais profundo conhecedor, em sua época, dêsse sugestivo e interessante assunto.

Vamos ver, agora, as razões em que me fundamento para acitar, para o amerigenismo *canoa,* uma etimologia aruaca.

---

(391) — Bachiler y Morales, Horn, Zapata, Llano, entre vários outros que negam uma origem indígena para o vocábulo, chegam a admitir, com o mesmo significado, para origem da palavra, um étimo fenício...

(392) — Lokotsch, *Amerikanischen,* s.v.

(393) — Sempre tenho na mais alta conta a opinião de Friederici; discordo. entretanto, da etimologia por êle apontada para o amerigenismo *canoa,* pelas razões que exponho, a seguir.

(394) — Calcaño, *Castellano en Venezuela,* 433.

(395) — Alvarado, *Voces indígenas,* s.v.

(396) — Zayas, *Lexicografia antillana,* s.v.

(397) — Cuervo, *Apuntaciones* ,970.

(398) — Ureña, *Indigenismos,* 103; *El español en Santo Domingo,* 135.

O fato de se encontrar o vocábulo em dialetos caribes, como no galibí, no paravilhana, no macuxí, por exemplo, sob a forma de *canauá*, não invalida sua origem aruaca, de procedência taína.

Na minha fâina de demarcador das ráias setentrionais, tive oportunidade de ouvir, do próprio lábio do ameríndio caribe, como, entre outros — pianocotó, maraxó, rangupiqui, auarecotó, macuxí, o vocábulo *canauá*.

Há, entretanto, além de outras, uma razão predominante, para explicar a presença, nos dialetos caribes, dêsse e de alguns outros vocábulos, insofismàvelmente aruacos.

É um fato histórico a queixa que os aruacos das Antilhas fizeram a Colombo, acêrca do roubo de suas mulheres, levado a efeito pelos caribes, o que explica o bilinguismo observado entre êsses últimos silvícolas — é que, enquanto nas tribos caribes os homens falam os linguajares caribes, muitas mulheres continuam falando os dialetos aruacos, que são os seus linguajares nativos.

Ainda recentemente — e já quatro longas centúrias são passadas — estive em contacto com as tribos caribes da Guiana Brasileira, na imensidão da selva amazônica, onde pude observar a revivescência do fenômeno, o que vem, após tanto tempo decorrido, confirmar a veracidade histórica daquela afirmação.

Sôbre o bilinguismo existente nas tribos caribes Lucien Adam escreveu um livro muito interessante — *Du parler des hommes et du parler des femmes dans la langue caraïbe* (399), que poderá ser consultado com bastante proveito, tão atuais permanecem, ainda hoje, as considerações no mesmo expostas.

Também é interessante o que, sôbre o assunto, nos diz Alfredo Jahn, o ilustre etnólogo venezuelano:

(399) — Publicado em Paris, em 1879, edição Maisonneuve.

"La numerosa población de filiación aruaca que los conquistadores hallaron en toda la extensión del territorio venezolano y de las Guayanas, la circunstancia que los que habitaban en las Antillas debieron ser de este mismo origen, puesto que era aruaco el dialecto de las mujeres, nos hace pensar que irradiaron del Brasil Central y de los cuales los Bakairí, que representam el núcleo primitivo, descubiertos por aquel eminente etnólogo en las fuentes del Xingú, fueron conquistando sucessivamente las Guyanas, el Oriente y Centro de Venezuela, hasta la costa del mar Caribe y finalmente las Antillas, donde subyugaron o mataron a los hombres y conservaron para si las mujeres. El diccionario caraibe-francés del padre Breton, publicado em 1665, *contiene al lado de las voces caribe de los hombres, las que las mujeres empleaban entre si y que resultó ser un dialecto aruaco."*

Jahn, *Aborígenes de Venezuela,* 48

Ao transcrever êste trecho de Alfredo Jahn, que confirma o bilinguismo das mulheres aruacas aprisionadas pelos caribes, não podemos deixar de fazer, contudo, uma advertência sôbre uma afirmativa de Karl von den Steinen, que foi aceita por Jahn.

Apesar de seus prestantísssimos trabalhos em benefício da etnologia brasílica, não está comprovada, de maneira alguma, aquela afirmativa de que os caribes tiveram orígem no planalto central do Brasil, que êle considera a *pátria primitiva dos caribes.* (400)

Paul Rivet, no livro *Los origenes del hombre americano,* terminado em Paris, em 1940, mas só publicado no México, em 1943, e que é, sem dúvida, uma síntese magnífica dos últimos conhecimentos sôbre as orígens do homem americano, aos estudar os três grandes mo-

(400) — Steinen, *Aborígenes,* cap. XIV.

vimentos migratórios que mais contribuiram para o povoamento do novo mundo e que foram, segundo a órdem cronológica, a migração asiática, a migração australiana e a migração melanésica, esclarece, de maneira bem nítida, a migração histórica das tribos caribes e aruacas.

Houve, isso sim, ainda em época pré-colombiana, um retôrno de migração, no sentido do sul para o norte.

Assim, muito ao contrário de terem sido os *Bacairi* das nascentes do Tapajós e do Xingú, a origem primitiva dos caribes, segundo a própria afirmação de von den Steinen, constituem êles, inversamente, nada mais do que uma das avançadas meridionais das migrações pré-históricas de nosso continente .

E o estado de absoluto primitivismo em que Karl von den Steinen e Paul Ehrenreich foram encontrar aquêles caribes, significa, exclusivamente, o fato de haverem os mesmos perdido as qualidades características, por excelência, de seu povo, permanecendo, justamente por isso, nessa região, envolvidos por povos de outras raças, como aconteceu, também, com os *Pimenteira*, que formam uma ilha caribe no meio dos *Tupi* e dos *Gê*, nos sertões de Piauí e de Pernambuco.

Encontrei, de outro lado, algumas vêzes, em linguajares aruacos, os vocábulos *curiara* e *piráua*, designando a canoa.

Ora, são ambos, sem nenhuma sombra de dúvida, dois genuinos vocábulos caribes.

Jules Crevaux diz, em *Voyages dans l'Amérique du Sud*:

> *"Le mot* canaua, *qui est usité par les Indiens de l'Amérique équatoriale, sert a designer un embarcation. Il est probable que le mot français* canot *provient de la langue des sauvages de l'Amérique du Sud."*
>
> Crevaux, *Voyages*, 188

Outro tanto se poderia dizer do vocábulo caribe *piráua*, que forneceu ao francês a palavra *pirogue*, através da forma *pirágua*, além de seus derivados.

Assim, entre nós, *piroga*, longe de ser um galicismo, como mais de uma vez tenho visto apontado, é daqueles vocábulos que se incorporaram, de tórna-viagem, ao português do Brasil.

Uma das provas mais evidentes da origem aruaca de *canoa* nós a encontramos em Anghiera, em Oviedo, em Las Casas; mas, sobretudo, na citação de Colombo, que ouviu o vocábulo do próprio lábio do gentio taíno. Não pode haver, assim, melhor certidão de batismo.

O vocábulo *canoa*, o primeiro amerigenismo a ter curso internacional, deriva, etimológicamente, do taíno *canauá*, que provém do aruaco genérico *canoa*

O padre José Gumilla, o grande missionário do Orinoco, nos dá, realmente, a origem verdadeira do vocábulo, neste trecho elucidativo:

> *"Derriban — los guaraúnos — cortando por el pie la palma. Ahora lo hacen con hachas y antiguamente, que no las tenian, a fuerza de fuego les gastaban el pie, y con fuego hacian lo demás que diré. Derribada ya, viene a quedar no sobre el agua, sino sobre una imensidad de maleza, que brotan las islas en la menguante de Orinoco y de las marcas. Tendida ya la palma, le abren un socavón en el mismo cogollo tierno, y otro de allí para abajo, tan largo cuanto es larga la palma; pero sin dejarle resquicio por donde el licor que va dando todo el interior de ella se pierda ni una gota. Cada uno sabe quantas palmas ha de derribar para su gusto, y para lo que*

quiere vender. Luego que están formadas aquellas concavidades, que llaman canoas, *empiezan las palmas a manar y fluir de su interior un licor albugíneo con notable abundancia."*
Gumilla, *Orinoco,* I, 9

Não há dúvida, pois, diante do exposto, que o vocábulo *canoa,* ouvido por Colombo diretamente dos Taíno, o primeiro amerigenismo a ser impresso, pois consta já do *Dictionarium* de Antônio de Nebrija, publicado em 1493, em Salamanca, hoje integrado em quase tôdas as línguas, é um vocábulo que deriva do aruaco, do taíno *canauá.*

CARIBE

Caribe é a denominação de uma grande família lingüística que ocupava, nos idos do descobrimento, na América Meridional, parte dos territórios agora pertencentes ao Brasil, às Guianas, à Venezuela e à Colômbia.

Quanto à ocupação das Antilhas, pelos mesmos indígenas, ouçamos o que nos informa Pedro Henríquez Ureña:

"Ocupaban los caribes, *además, parte de las Antillas Menores y hacían incursiones probabelmente hasta Puerto Rico. Todavia está en discusión si llegaron a establecerse en puntos de las Grandes Antillas."*
Ureña, *Indigenismos,* 95

O conhecimento do vocábulo data da primeira viagem de Colombo, quando os descobridores receberam, dos Taíno, os aruacos das Antilhas, as primeiras informações sôbre o gentio por êles cognominado *caribe,* apontados como guerreiros terríveis e antropófagos.

O vocábulo *caribe* se estendeu, primeiramente, a todos os índios indomáveis, que se opunham aos conquistadores, passando a ter, em seguida, o significado de antropófago, da mesma maneira que os indígenas que viviam em boa harmonia e amizade com os espanhóis passaram a ser conhecidos pelo nome de *guatiaos.* (401)

Pedro Mártir de Anghiera, na primeira de suas *Décadas del Nuevo Mundo,* publicada, pela primeira vez, em Alcalá, no ano de 1511, diz:

"Adquirieron noticias de que no lejos de aquellas islas, había otras de ciertos hombres feroces que se comen la carne humana, y contaron después que esa era la causa de que tan temerosos huyeran de los nuestros quando se acercaron a sus tierras, pensando que serían caníbales; así llaman a aquellos feroces, o cari-*bes."*
Anghiera, *Décadas,* 7

Uma das mais antigas referências ao vocábulo *caribe,* com o sentido de antropófago, nos é fornecida pelo Dr. Diego Álvarez Chanca, cujo testemunho é muito valioso, por ter sido companheiro de Colombo, em sua segunda viagem, na sua célebre carta ao Cabildo de Sevilha:

"Preguntamos a las mugeres, que eran cativas en esta isla, que gente era esta: respondieron que eran Caribes. *Depois que entendieron que nosostros aborreciamos tal gente, por su mal uso de comer carne de hombres, holgaban mucho, y si de nuevo traian alguna muger ó*

(401) — "*Guatiaos* eram, originàriamente, os que haviam jurado irmandade em armas e trocado, mùtuamente, os próprios nomes". (Las Casas, *Historia,* II, 8)

hombre de los Caribes, *secretamente decian que eram Caribes.*"

Chanca, *Carta ao Cabildo*, 352

Foi muita discutida, sempre, a propalada antropofagia dos caribes. Nunca houve, não sómente entre os caribes, como em nenhuma outra família lingüística americana, senão uma única forma de antropofagia — *a antropofagia ritual.*

Não se aponta, desde a época em que as caravelas colombianas ancoraram em terras do Novo Mundo, um único fato, uma só prova, um testemunho cabal que pudesse nos levar a crer na antropofagia de nossos amerígenas.

As notícias trazidas pelos taínos, a Colombo, levaram o descobridor a acreditar na antropofagia dos caribes; não devemos deslembrar, entretanto, dois fatos essenciais — o primeiro dêles, bastante importante, era que os navegadores daquela época traziam a imaginação povoada de antropófagos, de amazonas, de homens com rabo e com cara de macaco, de inúmeros seres mitológicos da antiguidade clássica ou da idade média; o segundo, ainda muito mais importante, era a dificuldade, verdadeiramente indubitável, com que tanto Colombo, como seus companheiros de viagem, deviam lutar para entender convenientemente os nossos amerabas, aliada ao verdadeiro sestro, ainda hoje existente entre êles, de se acusarem uns aos outros de antropofagia.

Vou citar um exemplo, altamente significativo.

Encontrava-me, certa vez, na maloca dos Maraxó, nas cabeceiras do Marapí, na fronteira do Brasil com a Guiana Britânica. Como tivesse interêsse em falar com elementos de uma maloca Pianocotó, de orígem caribe, como a primeira, o tuxáua Auacá, da maloca Maraxó, me declarou que eu lá não devia ir, por serem êles antropófagos.

Mais tarde, dessa vez já na maloca Pianocotó, fato inverso se verificava. O tuxáua Pianocotó, então, é que me aconselhava a que eu não fôsse à maloca dos Maraxó, alegando, para me convencer, o mesmo motivo.

Eu sabia, porém, perfeitamente, a razão determinante do fato...

É que nós, da Comissão de Limites, levávamos, sempre, o denominado *material de índio*, constituido de machados, de terçados, de picaretas, de enxadas, para a lavoura; de uma série de pequenas utilidades, como espêlhos, linhas, agulhas, missangas, fazendas, material êsse para ser distribuido entre os índios.

Eis a exclusiva e recôndita razão da afirmativa tão recìprocamente falsa.

Uma vez, entretanto, divulgada a antropofagia de nosso gentio, ainda que nunca confirmada, de tal maneira ela se propagou, porém, que o próprio Gonzalo Fernandez de Oviedo, que viveu em Santo Domingo na primeira metade do século XVI, chegou a escrever, em 1526:

"*Pocos días antes que el Católico rey don Fernando pasase de esta vida, le truje yo a Placencia seis indios* caribes *de los flecheros que comen carne humana...*

Oviedo, *Sumario*, 167

repetindo o que já havia dito, anteriormente, em 1520, o Licenciado Rodrigo de Figueroa, Ouvidor da Audiência Real de Santo Domingo:

"*E pasada la dicha provincia, el dicho viaje abajo, está la provincia de Uriapana, la cual declaro ser de caribes enemigos de los cristianos, que comen carne humana.*"

Rodrigo de Figueroa, *Documentos inéditos.* I, 381

Nem outra é, ainda, na primeira metade do século XVII, a informação prestada por Cristóbal de Acuña:

"... havendo passado sem dano algum por imensas províncias de Bárbaros (e muitas deles Caribas, que comem carne humana), dos mesmos recebendo o necessário sustento para chegar ao cabo de sua emprêsa,"
Acuña, *Novo descobrimento,* 149

O vocábulo *caribe* passou a ter curso, assim, embora injustificadamente, com o significado de antropófago, que permaneceu até o século XIX, em que reapareceu, para substituí-lo, o vocábulo *canibal,* que havia sido utilizado, logo depois do descobrimento, caindo em desuso, porém (402).

A palavra *canibal* surgiu, como tantas outras, como já vimos, como mais um amerigenismo de retôrno, em consequência de se ter generalizado, entre franceses e inglêses, tanto o uso do próprio vocábulo *canibal,* com o significado de antropófago, como o de seu derivado *canibalismo,* significando antropofagia.

Encontramos já, no próprio *Diário de viaje,* de Colombo, a palavra, escrita com as mais variadas formas — quando se refere à toponímia êle usa *Canima, Caniba, Caribe, Caritaba;* quando se refere ao próprio gentio emprega *caribes e caníbales.* (403)

Passemos a estudar, agora, a etimologia do vocábulo.

Deriva êle, evidentemente, do taíno *caribe,* às vêzes adulterado para *canibe,* vocábulo que exprimia, naquele linguajar aruaco, o significado de *valente, audaz, esforçado.*

(402) — O seguinte trecho de Fray Bartolomé de Las Casas é bastante ilustrativo: "*Caníbales,* que entonces llamaban los que ahora decimos *caribes,* que son los que comen carne humana". (Las Casas, *História,* I, 132).

(403) — Navarrete, *Viajes de Colón* (4, 23, 26 de noviembre; 11, 13, 17 de deciembre de 1492; 2, 13, 14, 15, 16 de enero de 1493).

Vejamos, em primeiro lugar, o que nos ensina Gonzalo Fernandez de Oviedo, que conviveu, ainda na primeira metade do século XVI, em Santo Domingo, com o gentio taíno:

"Este nombre caribe no quiere decir sino bravo ú ossado ó esforçado. Notad assi como Hécoles en lengua egipcia quiere decir fuerte ó victorioso en batalla, y mas propriamente en lengua griega; pero yo creo que propriamente quiere decir caribe *forte o bravo en aquella costa ó parte de la Tierra-Firme, y aun en aquestas mismas islas."*
Oviedo, *História,* II, 133

Citemos o que escreveu, ainda na primeira metade do século XVI, Francisco López de Gómara:

"Toda esta costa que descubrió Bastidas y Nicuesa, y la que hay del cabo de la Vela a Paria, es de indios que comen hombres y que tiram com flechas enherboladas; a los cuales llaman caribes, *de Caribana, o porque son bravos y feroces, conforme ao vocablo."*
López de Gómara, *Hispania victrix,* 189

Vejamos, ainda, o que diz, sôbre a etimologia do vocábulo *caribe,* Antônio de Herrera:

"Según se interpreta en su lengua, caníbal *quiere decir hombre valiente, porque por tales eran temidos de los otros indios."*
Herrera, *Historia,* I, 202

Confirma, também, a orígem taina do vocábulo êsse magnifico Pedro Mártir de Anghiera, (404), tapejara honesto e seguro, em suas prestantíssimas *Décadas del Nuevo Mundo,* as quais serão citadas, várias vê-

(404) — Anghiera, *Décadas,* 7.

zes, neste meu trabalho, como abonação, das mais preciosas, para as considerações que formularmos.

Não resta a menor dúvida, pois, que o vocábulo *caribe* deriva de um linguajar aruaco — o taino, a primeira língua americana ouvida pelos navegadores das caravelas de Colombo.

Antes de finalizarmos essas rápidas considerações que estamos fazendo, sôbre o vocábulo *caribe*, desejo falar, ainda, acêrca do nome de um dos mais antigos grupos dessa família lingüística — os Galibi.

O vocábulo que serve para denominar essa importante tribo, entretanto, nada mais é do que uma simples e pura deturpação do velho étimo aruaco — *caribe*. (405)

FURACÃO

Um dos amerigenismos de mais espalhado uso, não apenas no português do Brasil, como sucede com a maior parte dos vocábulos originários dos vários linguajares indígenas americanos, mas na própria língua portuguesa, é a palavra *furacão*.

Para a mesma têm sido apontadas, além da verdadeira, algumas outras etimologias, tôdas descabidas.

Apontam para *furacão* um étimo caribe — em primeiro lugar a Real Academia Española, em seu *Diccionario de la lengua española*, no que é seguida por Cecílio A. Robelo, em seu *Dicionário de Seudoaztequismos* e, também, por um de nossos maiores filólogos, que foi, indiscutìvelmente, João Ribeiro:

(405) — O Galibi foi, inqüestionàvelmente, o linguajar de origem caribe que mais contribuiu para enriquecer o vocabulário do português do Brasil.

> "*Depois, porém, da descoberta da América, o tufão entrou a competir com o* furacão, *que é o hurrican* dos caribas."
>
> João Ribeiro, *Curiosidades verbais*, 180

Em João Ribeiro, que começara, apenas, a romper os pesados grilhões que amarravam os filólogos, no Brasil, aos velhos cânones lusitanos e ao exclusivo estudo dos clássicos portuguêses, em detrimento de um mais profundo conhecimento de tão vasta e tão pouca conhecida contribuição de amerigenismos das mais diversas origens, mas que não possuia, ainda, os elementos indispensáveis para bem determinar a verdadeira origem dos amerigenismos derivados dos vários linguajares indígenas americanos, devemos respeitar o equívoco.

O mesmo, entretanto, se torna estranho, não só em relação a Robelo, como muito mais, ainda, quanto à Academia Espanhola. É estranho, realmente, que tenha ela adotado um étimo caribe para o vocábulo, quando Pedro Mártir de Anghiera proclamara já, desde 1516, quando foram impressas, em Alcalá, as três primeiras das *Décadas del Nuevo Mundo*, sua orígem aruaca:

> "*A estas tempestades del aire, como los griegos los llaman typhones, éstos* (*os indígenas da Ilha Espanhola*) *las apelidan* huracanes..."
>
> Anghiera, *Décadas*, 49

Aponta aquela orígem, também, Gonzalo Fernández de Oviedo, autoridade indiscutível nesses assuntos, uma vez que viveu, ainda na primeira metade do século XVI, na Ilha Espanhola:

> "Huracan, *en lengua desta isla, quiere decir propriamente tormenta ó tempestad muy excessiva; porque, en efecto, no es otra cosa sino gran-*

díssimo viento é grandíssima lluvia, todo junto ó qualquiera cosa destas dos por sí."
Oviedo, *História,* I, 167

A verdadeira etimologia do vocábulo, entretanto, não é aquela, derivada do aruaco, como iremos ver. O vocábulo, se bem que integrado no linguajar dos Taíno, o que é prova o que afirmam não só Anghiera e Oviedo, como também o padre Bartolomé de Las Casas (406), era originário, primitivamente, do quiché, de Yucatã.

Apontam essa origem mexicana os mais profundos conhecedores da influência dos linguajares indígenas mexicanos no espanhol da América.

Alfredo Chavero indica aquêle étimo, ao estudar, em seu *Estúdio etimológico* (407), a origem quiché do vocábulo *huracan.*

Eufemio Mendoza, também, em seus *Apuntes para un catálogo razonado de las palabras mexicanas introducidas al castellano* (408), aponta aquela mesma etimologia.

E, finalmente, Rodolfo Schuller, que relacionou o vocábulo, no notável trabalho que é *"El "huracan", dios de la tormenta y el "Popol-Vuh"* (409), entre os derivados do quiché.

Pedro Henríquez Ureña, finalmente, profundo conhecedor da influência dos amerigenismos no espanhol da América, afirma, nesse precioso *Para la historia de los indigenismos,* por mim já inúmeras vêzes citado neste trabalho e que o será, muitas outras vêzes, ainda, dado o impressionante valor dêste incomparável opús-

(406) — Las Casas, *História,* I, 425.
(407) — Chavero, *Estúdio etimológico,* 35.
(408) — Mendoza, *Palabras mexicanas,* s.v.
(409) — Schuller, *Huracan,* 114.

culo: *"Huracán* — es préstamo del quiché de Yucatán altaíno de las Antillas." (410)

O vocábulo, absolutamente integrado na língua portuguêsa, que é *furacão,* é de origem primitivamente mexicana, do linguajar quiché, do Iucatã, introduzido, tanto no espanhol, como no português, através do dialeto dos Taíno, os aruacos das Antilhas.

GOIABA

Uma das frutas tropicais mais apreciadas no Brasil é a *goiaba,* nome oriundo de uma das línguas indígenas americanas. Um derivado do vocábulo — *goiabada,* batiza um dos doces mais genuinamente brasileiros.

Não há dúvida que o vocábulo *goiaba* — que em alguns lugares é usado sob a forma de *guaiaba,* bem como os seus outros derivados *goiabada, goiabal e goiabeira,* são de emprêgo comum e geral no português do Brasil, do Amazonas ao Rio Grande do Sul.

Aquela segunda forma, usada em diversas regiões do país — *guaiaba,* nada mais é, aliás, do que o verdadeiro étimo do vocábulo, que deriva do taíno *guaiaba.* (411)

De fato, no taíno o nome da apreciada fruta era aquêle, tanto que Pedro Henríquez de Ureña, um dos mais autorizados especialistas nesta ordem de estudos, declara — *"guayaba*: anterior a *guayabo,* forma española". (412)

(410) — Ureña, *Indigenismos,* 114.
(411) — Já vimos, mais de uma vez, que o grupo *ua,* de vários linguajares indígenas americanos, se translitera, tanto para o português do Brasil, como para o espanhol da América, em *gua.* É possível, pois, que o verdadeiro étimo do vocábulo no taíno, seja *uaiaba.*
(412) — Ureña, *Indigenismos,* 113.

Gonzalo Fernández de Oviedo no *Sumario de la natural historia de las Indias*, escrita em 1526, dedica um capítulo áquela famosa mirtácea (413). O vocábulo foi dicionarizado por Antônio de Alcedo como amerigenismo; como derivado do linguajar taino, por Lisandro Alvarado (414), Rufino Cuervo (415) e Pedro Henriquez Ureña. (416)

Não procede, positivamente, a etimologia caribe que, ao vocábulo, é atribuida por Júlio Calcaño. (417)

Gabriel Soares de Souza se refere, no *Tratado descritivo do Brasil* em 1587, à fruta (418), embora não lhe decline o nome, ao passo que Ambrósio Brandão à mesma assim se refere:

> *"Muitas pessoas usam delles com, depois de esbrugados, lhes tirarem uma pelinha que tem de fora, e juntamente outra do meio para o que é necessário ser aberto, e logo tornar a juntar, e o encerram dentro em uma fruta que chamam* goiaba *e em falta em outra que chamam Araçá..."*
>
> Ambrósio Brandão, *Diálogos*, 122

De qualquer maneira o vocábulo *goiaba*, bem como os seus derivados, nas diversas formas lexicográficas regionais empregadas, nada mais são, em verdade, do que amerigenismos aruacos correntes no português do Brasil.

---

(413) — Oviedo, *Sumario*, cap. LXIV.
(414) — Alvarado, *Voces indígenas*, s.v.
(415) — Cuervo, *Apuntaciones*, 971.
(416) — Ureña, *El español en Santo Domingo*, 124 e *Indigenismos*, 113.
(417) — Calcaño, *El castellano en Venezuela*, 440.
(418) — Gabr el Soares, *Tratado descritivo*, 217.

GUACIMA

Um dos vocábulos que mais variadas formas lexicográficas reveste, no português do Brasil, é aquela que designa uma famosa fibra vegetal — *guacima, guaxima, uacima, guazuma.*

Na Amazônia a forma empregada, desde o tempo de Antonio Ladislau Monteiro Baena, um dos clássicos em assuntos amazônicos, era *uaicima*, como poderemos verificar nesse passo:

> *"Da tona do* uaissima *igualmente fazem cordas, mas inferiores em qualidade às do curauá."*
>
> Monteiro Baena, *Ensáio corográfico*, 69

Em um dos modernos escritores da famosa hiléia podemos colhêr, ainda, um outro exemplo do vocábulo:

> *"... a* uaicima (*Urena lobata*), *além da pita, da aninga, do timbó-assú e muitos outros."*
>
> Aurélio Pinheiro, *À margem do Amazonas*, 105

É verdade que Alexandre Rodrigues Ferreira usou, na *Viagem filosófica*, a forma *uacima* (419), que está mais próxima, como veremos, do verdadeiro étimo.

Alcides Maya, o admirável regionalista de *Tapera*, de *Alma Barbara* e de *Ruinas vivas*, verdadeiras iluminuras sôbre a vida do Rio Grande, usou a forma *guazuma*, de largo emprêgo no espanhol da América:

> *"Do terreiro, que a* guazuma *invadira bastamente, vinha um calor incômodo, sufocante, sem o menor lenitivo de aragem"* .
>
> Alcides Maya, *Ruinas vivas*, 13

A forma *guazuma*, de que se utilizou Alcides Maya, deve ser uma influência castelhana, como várias outras, na obra do admirável escritor gaúcho, pois é de

---

(419) — Rodrigues Ferreira, *Viagem filosófica*, s.v.

largo emprêgo no espanhol da América, desde a primeira metade do século XVI, quando foi escrita por Gonzalo Fernández de Oviedo. (420)

O étimo do vocábulo deriva do taíno *uacima*, o que é referendado por vários etimologistas de amerigenismos, entre os quais poderão ser citados — Cecílio A. Robelo (421), Georg Friederici (422) e Pedro Henriquez Ureña (423).

O emprêgo do vocábulo tem aumentado, nos últimos tempos, no português do Brasil, porque êle denomina uma fibra vegetal, atualmente de grande valor econômico, cultivada, em larga escala, em várias regiões de nossa terra.

HENEQUEM

Outra fibra vegetal, também de grande valor econômico, no mundo moderno, é aquela que é conhecida pela denominação de *henequem*, nome derivado de um dos linguajares americanos.

O vocábulo circula nas Antilhas já no primeiro quartel do século XVI, pois é utilizado, por Gonzalo Fernández de Oviedo, em seu *Sumário de la natural historia de las Indias*, escrito em 1526:

> *"Lo que toqué de suso en los hilos de la cabuya y del* henequén, *que me ofrecí de especificar adelante, es así..."*
> Oviedo, *Sumário*, 139

Apontam para o vocábulo o étimo táino, George

(420) — Oviedo, *História*, I, 298.
(421) — Robelo, *Aztequismos*, s.v.
(422) — Friederici, *Hilfswörterbuch*, s.v.
(423) — Ureña, *El español en Santo Domingo*, 126.

Friederici (424), Juan Augusto e Salvador Perea (425) e Lisandro Alvarado. (426)

Sôbre a etimologia dêsse amerigenismo diz Pedro Henríquez Ureña:

> *"Las palavras del Maya, dominante en Yucatán, solo llegan hasta Campeche, Tabasco y Chiapas; hay que hacer excepción, probablemente, de* henequén, *si es palavra de origen maya."*
> Ureña, *El Español en México*, pg. XIII

É provável, como afirma Ureña, condicionalmente, que o vocábulo *henequem* haja entrado, através do linguajar dos Maya, no dialeto taíno, mas antes do descobrimento, como é prova o seu emprêgo, no primeiro quartel do século XVI, não sómente por Oviedo, como já vimos, mas também por Frei Bartolomé de Las Casas e por Bernal Díaz del Castillo, sendo muito importante o testemunho dêles, porque ambos falavam o taíno.

De qualquer maneira o vocábulo *henequem*, mesmo que tenha vindo, para o taíno, do maia, é mais um amerigenismo corrente no português do Brasil, já tendo sido arrolado no *Pequeno dicionário brasileiro*.

IGUANA

O vocábulo *iguana*, corrente na língua da Amazônia para significar o sáurio conhecido, pelo nome de lagarto, aqui no Distrito Federal, já aparece na primeira relação de amerigenismos, publicada, juntamente com as três primeiras *Décadas del Nuevo Mundo*, de Pedro Mártir de Anghiera, em Alcalá, no ano de 1516.

(424) — Friederici, *Hilfswörterbuch*, s.v.
(425) — Perea, *Glosario taíno*, s.v.
(426) — Alvarado, *Voces indígenas*, s.v.

Gastão Cruls nos fornece uma excelente abonação para o vocábulo:

> *"Não há jacaré, porém, cuja carne se compare à das* iguanas *os lagartos de maior ou menor porte, que não raro são vistos, aquecendo-se ao sol, sôbre galhos que se debruçam dos rios."*
> Gastão Cruls, *Hiléia,* 94

Apesar de Júlio Calcaño apresentar, em *El castellano en Venezuela* (427), uma origem caribe para o vocábulo e Georg Friederici declarar, em seu precioso *Hilfsworterbuch für den Amerikanischen* (428), que o vocábulo tanto é aruaco, como caribe, deriva êle, como iremos ver, de um étimo aruaco.

Indicam êste étimo, entre outros — Lisandro Alvarado (429), Pedro Henríquez Ureña (430) e Rufino Cuervo. (431)

Confirmam, aliás, essa origem aruaca, apontada por aquêles amerigenistas, quase todos os escritores da Conquista.

Assim, Gonzalo de Oviedo (432) dêle tratou, tanto no *Sumario de la natural historia de las Indias,* como na *Historia general y natural de las Indias* e, também, Frei Bartolomé de Las Casas, que o empregou na *Historia de las Indias.* (433)

O testemunho mais importante, entretanto, sôbre a origem do vocábulo, nós a devemos a Pedro Mártir de Anghiera, que dêle se utilizou, ainda no século XV, em sua pura forma taína:

> *"... y de las serpientes que arriba dijimos obtienen el primer lugar entre las cosas de comer,*

(427) — Calcaño, *El castellano en Venezuela,* 441.
(428) — Friederici, *Hilfswörterbuch,* s.v.
(429) — Alvarado, *Voces indígenas,* s.v.
(430) — Ureña, *El español en Santo Domingo,* 122.
(431) — Cuervo, *Apuntaciones,* 970.
(432) — Oviedo, *Sumario,* 195 e *Historia,* I, 393.
(433) — Las Casas, *Historia,* I, 217.

> *y son muy semejantes a los crocodillos: las llaman* yuanas."
> Anghiera, *Décadas,* 57

Domingos Soares Ferreira Pena, profundo conhecedor das coisas da Amazônia, coletou para o vocabulário contido em *Algumas palavras da língua dos Aruãs* (434), o vocábulo *yuana,* com o significado de camaleão, o que vem confirmar, ainda uma vez, a origem aruaca daquela palavra.

Não há dúvida, pois, que o amerigenismo *iguana,* arrolado pelo *Pequeno dicionário brasileiro* sob a forma *iguano,* aliás a comumente usada é a primeira, se enfileira no número dos vocábulos derivados do aruaco, correntes no português do Brasil.

MACANA

Macana é um vocábulo, largamente espalhado na América espanhola, e, até certo ponto, bastante difundido no Brasil, para significar uma arma ofensiva usada, primitivamente, pelo gentio Taíno, os Aruacos das Antilhas, espécie de borduna, de tamanho considerável, correspondente ao *tacape* dos tupís e ao *suarapá,* dos caribes, arma que Colombo conheceu, logo em sua primeira viagem, segundo o testemunho precioso de Anghiera. (435)

Descrevem-na, perfeitamente, tanto Gonzalo Fernández de Oviedo, como Frei Bartolomé de Las Casas sendo de notar que ambos viveram, ainda no primeiro quartel do século XVI, em Santo Domingo, em contacto, portanto, com aquêle gentio.

(434) — Ferreira Pena, *Língua dos Aruãs,* 17.
(435) — Anghiera, *Décadas,* 142.

Assim a descreve Oviedo:

> *"La* macana *es un palo algo más estrecho que quatro dedos, y grueso, y con dos hilos, y alto como un hombre, o poco más o menos, según a cada uno place o a la medida de su fuerza, y son de palma o de otras maderas que hay fuertes, y con estas* macanas *pelean a dos manos y dan grandes golpes y heridas, a manera de palo machucado; y son tales, aunque den sobre un yelmo harán desatinar a cualquiera hombre recio."*
> Oviedo, *Sumário,* 113

Frei Bartolomé de Las Casas assim a define:

> *"... una espada de tabla de palma, que es durísima y muy pesada, hecha desta forma: no aguda, sino chata, de cerca de dos dedos en gordo en todas partes, con la cual, como es dura y pesada como hierro, aunque tenga el hombre un capacete en la cabeza, de un golpe le hundirán los cascos hasta los sesos."*
> Las Casas, *Historia,* I, 304.

O vocábulo *macana* é bastante usado, como já dissemos, em quase todos os países de língua espanhola, na América, e, também, ainda que em menor intensidade, entre nós. Citemos, para comprová-lo, alguns exemplos.

Júlio Salas, o estudioso etnólogo venezuelano, assim o empregou:

> *"Por armas tenían arcos, flechas envenenadas con curare,* macanas, *dardos y hachas de sílice ú obsidiana, antes de la conquista; los holandeses é ingleses, después, les proporcionaron armas de fuego, hachas de hierro, sables, abalarios y aguardiente..."*
> Júlio Salas, *Etnologia,* 206

Pedro de Cieza de Leon, o cronista do Perú, também dêle lançou mão, nesta obra clássica que é *La crónica del Perú*:

> *"Las armas con que pelean estos indios son varas y bastones, que acá llamamos* macanas. *La mayor parte de ellos se ha consumido y acabado."*
> Cieza de Leon, *La crónica del Perú,* 196

O vocábulo, apesar de ter sido usado por Cieza de Leon, não é do linguajar dos incas, como afirmou Rodolfo Lenz (436), em seu precioso *Dicionário etimológico,* em que dá para o étimo da palavra o quêchua *makana,* de *makai,* pegar.

É bastante interessante, sôbre o assunto, o fato referido por Juan de Arona, um dos precursores entre os vocabularistas de regionalismos da América, quando aponta alguns amerigenismos, oriundos de outros linguajares indígenas americanos, que substituiram, pouco depois da Conquista, os tradicionais vocábulos quêchuas:

> *"Lo extraño es que el Inca no nos diga en tantas veces cuál era el nombre de una cosa tan quêchua o peruana. Así sucede con* cacique, *voz de Barlovento (Antillas) que ahoga por completo el nombre indígena de* curaca, *como* chicha *el de* acca."
> Juan de Arona, *Peruanismos,* 213

Juan de Arona, entretanto, nada mais fêz do que repetir o que, na *Historia del descubrimiento y conquista del Perú* já havia dito Agustín de Zárate:

> *"En todas las provincias del Perú había señores principales, que llamaban en su lengua* curacas, *que es lo mismo que en las islas solían llamar* caciques; *porque los españoles que fueron a con-*

---

(436) — Lenz, *Dicionário etimológico,* s.v.

quistar el Perú, como en todas las palabras y cosas generales y más comunes iban amostrados de los nombres en que las llamaban en las islas de Santo Domingo y San Juan y Cuba, y Tierra Firme, donde habian vivido, y elos no sabian los nombres en la lengua del Perú, nombrábanlas con los vocablos que de tales cosas traían aprendidos; y esto se ha conservado de tal manera, que los mismos indios del Perú cuando hablan con los españoles nombran estas cosas generales por los vocabulos que han oído dellos, como al cacique, *que ellos llaman* curaca, *nunca nombram sino* caciqua; *y aquel su pan, de que está dicho, le llaman* maíz, *con nombrarse en su lengua* zara; *y as brevaje llaman* chicha, *y en su lengua* azúa; *y así de otras muchas cosas."*

Zárate, *Conquista del Perú,* I, 10

Para refutar a suposta origem quêchua de *macana* parece suficiente o que nos dizem Juan de Arona e Agustín de Zárate.

Não foi esta, entretanto, a única suposta origem apontada para *macana.* Indicaram, ainda, para o vocábulo, uma orígem náuate, Barros Araña e Charles Carrol Marden (437), derivada de *mecáhuitl.*

Passo a palavra a Pedro Henriquez Ureña, profundo conhecedor da influência dos linguajares aruacos e caribes no espanhol da América, para refutar essa suposta orígem mexicana de um vocábulo indiscutivelmente aruaco, derivado do taíno:

> *"No es aceptable la etimologia: no se ve cómo la sílaba* huitl *há de desaparecer para dejar el lugar a una inmotivada sílaba* na. *Según demustra Orozco y Berra los conquistadores apiicaron al* macahuitl, *arma de madera de los Azteca, el nombre de* macana, *que llevaron de las Antillas: es arahuaco."*
>
> Ureña, *Es español en México,* 175

Mas ainda não é só.

Júlio Calcaño (438) e Juan Ignacio de Armas (439), que se recusaram, várias vêzes, a aceitar uma orígem indígena para incontestáveis amerigenismos, bem como Leo Wiener (440), cujas etimologias devem ser compulsadas cautelosamente, dada a fantasia de algumas delas, indicaram para o vocábulo *macana,* uma origem ibérica, apontando-o num documento medieval, datado de 1256.

Eis o que, a êsse respeito, diz Calcaño:

> "Macana *ne es mejicano, porque en la última edición de Ducange publica el editor un extracto de un documento correspondiente al ano de* 1256, *donde consta que un rey de Portugal dejó a su hijo una forte* macana (441) *de metal; y es sabido, por afirmalo los historiadores de la conquista, que los españoles daban nombre a lo que no tenía o era por ellos ignorado, de donde las voces castellanas, latinas y árabes que, corruptas, o no, tienen las lenguas indígenas.* Macana *pudiera enlazarse a los vocablos anteriores o al mismo griego* maza, o maca, *en la significación de* masa de metal, *pero lo encuentro algo aventurado, y más lógico derivarlo del latin* machianis, machionis, machina, *máquina o arma de guerra."*
>
> Calcaño, *El castellano en Venezuela,* 327

(437) — Marden, *El español en México,* 175.

(438) — Calcaño, *El castellano en Venezuela,* 327.

(439) — Juan Ignacio de Armas, *Orígenes del lenguaje criollo,* 87.

(440) — Leo Wiener, *Africa and the discovery of the New World,* 56.

(441) — Aí, entretanto, o que aparece não é o vocábulo *macana,* mas simplesmente *maçana* (*Fuentes para la historia de Castilla,* II, 52, Madrid, 1917).

Os comentários são dispensáveis...

William Bollaert arrolou, no vocabulário chibcha, que se contêm em seu livro *Antiquiarian, ethnological and other researches in New Granada, Equador, Perú and Chile* (442), não só o vocábulo macana, como mais os seguintes — *barbacoa, bixa, guanín, guaiacã* e *iuca,* que nunca foram chibchas e, isso sim, inquestionàvelmente, palavras taínas. Basta, para comprovar o fato, percorrer qualquer dos primitivos cronistas do Novo Mundo e qualquer estudioso dos linguajares indígenas da América.

O vocábulo *macana,* entretanto, é um amerigenismo aruaco, derivado do taíno. Comprovam essa orígem os cronistas do descobrimento da América, que tiveram contato, direta ou indiretamente, com o gentio das Antilhas, bem assim todos os conhecedores da influência do linguajar daquele gentio, tanto no espanhol da América, como no português do Brasil.

Comecemos por êsse fidedigno cronista do Novo Mundo, que foi Pedro Mártir de Anghiera, que na segunda *Década,* publicada, pela primeira vez, em 1516, em Alcalá, já apontava como taíno o vocábulo *macana*:

> *"Estos pelean de ordinario mano a mano con largas espadas que llaman* macanas, *pero de madera, pues no tienen hierro..."*
> Anghiera, *Décadas,* 142

Além dêsse passo de Anghiera, perfeitamente esclarecedor da etimologia do vocábulo, atestam, ainda, a sua origem taína — Juan Augusto e Salvador Perea (443), nesse indispensável trabalho para o estudo dos amerigenismos aruacos, que é o formoso

(442) — Bollaert, *Antiquarian,* 61.
(443) — Perea, *Glosario taíno,* s.v.

Glosario etimológico taíno-español; Georg Friederici, nesse guia para o estudo dos amerigenismos que é *Hilfsworterbuch für den Amerikanisten* (444); Pedro Henríquez Ureña, nesse precioso *El español en Santo Domingo* (445), verdadeiro padrão para os estudos dialectológicos amerígenas; Rufino José Cuervo, em seu clássico *Apuntaciones críticas sobre el lenguaje bogotano* (446); Lisandro Alvarado, em seu *Glosario de voces indígenas de Venezuela* (447); e, finalmente, Karl Friedrick Phillipp von Martius, nesse monumental *Glossaria linguarum brasiliensium* (448).

Confirmam, ainda, a origem de *macana,* não só Antônio de Alcedo, como Cecílio A. Robelo e tantos outros estudiosos dos amerigenismos derivados dos linguajares aruacos das Antilhas.

O vocábulo é corrente, também, no português do Brasil, tendo sido arrolado pelo mais célebre dos dicionaristas brasileiros, que foi Antônio de Morais e Silva, na preciosíssima segunda edição do *Dicionário da língua portuguêsa,* publicada em 1813, em Lisboa, da qual Laudelino Freire fez uma edição facsimilada, em 1922, no Rio de Janeiro.

Na *Corografia brasílica* (449) de Aires de Casal, poder-se-á colher uma abonação para o vocábulo.

Outra abonação poderemos encontrar no mais recente livro de Estêvão Pinto:

> *"No conjunto dos elementos culturais da vasta distribuição e origem mal determinada figu-*

(444) — Friederici, *Hilfswörterbuch,* s.v.
(445) — Ureña, *El español de Santo Domingo,* 124.
(446) — Cuervo, *Apuntaciones,* 981.
(447) — Alvarado, *Voces indígenas,* s.v.
(448) — Martius, *Glossaria,* 314.
(449) — Aires de Casal, *Corografia brasílica,* I, 286.

ram a pescaria de barragem, a canoa talhada ou escavada num tronco de árvore, a jangada, a tonsura, o botoque ou tembetá, o fuso do tipo bacairí, os crânios-troféus, o maracá, o diadema de plumas, a cultura do algodão, o chuço de pau para cavar a terra, a macana *e o arpão."*
Estêvão Pinto, *Etnologia brasileira,* 215

Não há dúvida, assim, de que o vocábulo *macana,* que acabamos de estudar, é, positivamente, mais um amerigenismo de origem aruaca corrente no português do Brasil.

MAIZENA

Um dos vocábulos mais comuns, usado na alimentação do povo brasileiro, é *maizena,* palavra derivada de *maíz,* que é o vocábulo originário de um dos linguajares indígenas americanos — o taíno.

A êle se referindo, escreveu Ambrósio Fernandes Brandão:

"Êste terceiro é o milho de massaroca, que em nosso Portugal chamam zaburro e nas Índias Ocidentais maiz, *e entre os Índios naturais da terra abatí."*
Ambrósio Brandão, *Diálogos,* 192

Essa origem taína de *maíz* é apontada, sem discrepância, por todos os cronistas e lingüistas que se ocuparam com os fastos da Conquista.

Assim, entre outros, podemos citar — Lisandro Alvarado (450), Rufino José Cuervo (451), Georg Friederici (452), Perea (453) e Pedro Henríquez Ureña (454).

---

(450) — Alvarado, *Voces indígenas,* s.v.
(351) — Cuervo, *Apuntaciones,* 146.
(452) — Friederici, *Hilfswörterbuch,* s.v.
(453) — Perea, *Glosario taíno,* s.v.
(454) — Ureña, *Indigenismos,* 103.

Mais valioso, porém, é o testemunho de Pedro Mártir de Anghiera, que ainda no século XV nos informa, com a sua incontestável autoridade:

"Eran aquellas siembras de pan, de la clase de grano que em la Española llaman maíz *y los de Uraba dicen hobba..."*
Anghiera, *Décadas,* 148

Há, entretanto, nessa unanimidade de opiniões que indicam a origem aruaca do vocábulo, uma voz discordante, a de Júlio Calcaño, que aponta, para étimo do mesmo, um suposto galego *mahizo.* (455)

Não se pode levar em consideração, positivamente, essa opinião de Calcaño, sôbre um dos vocábulos mais eminentemente taínos.

Ao contrário, o vocábulo *maíz,* bem como todos os seus derivados, inclusive *maizena,* palavra corrente no português do Brasil, são vocábulos aruacos, de origem taína.

MAPINGUARÍ

Há, na mitologia cabocla da Amazônia, um duende temível, conhecido pelo nome de *mapinguarí,* que é o mais repelente dos maus espíritos da floresta amazônica.

É mais alto do que a maioria dos homens, tem um pé redondo e cascudo, com um só olho, situado entre duas enormes orelhas, numa pequena cabeça rudimentar.

A boca está colocada na altura do peito e é guarnecidas de presas, como as do caitetú. É peludo, negro, horripilante. Suas mãos têm garras poderosas, que

---

(455) — Calcaño, *El castellano en Venezuela,* 349.

tudo trituram, com imensa facilidade. Para atrair os homens, segundo a crendice popular, êle *bate sapopema* (456). Tem, entretanto, um ponto vulnerável — o umbigo. Nele atingido morre e o seu corpo desaparece como por encanto.

Vejamos algumas abonações de seu uso. A primeira, de um dos mais vigorosos estilistas da Amazônia:

> *"Afora o Curupira e o* Mapinguarí, *o nosso aborígene não espalhou, pela solidão das suas matas, desenfreados bandos de faunos e dríades, de sátiros e de centauros, contentando-se com submergir nas águas, quase que a totalidade de suas criações fantásticas..."*
>
> Alfredo Ladisláu, *Terra imatura*, 88

Outro exemplo nos fornece, em *Selva selvagem*, Pinto Pessoa:

> *"Há quem possua, com arraigada convicção de deter irrefutável prova da existência material* do Mapinguarí, *pedaços de argila onde se presumem ver gravadas grandiosas pegadas do gigante indígena."*
>
> Pinto Pessoa, *Selva selvagem*, 71

A etimologia dêsse vocábulo deriva do linguajar dos indígenas Ipurinã, que habitam na região do Madeira. A primeira informação sôbre essa origem aruaca do vocábulo me foi fornecida por Rubens Nelson Alves, em informação pessoal, colhida entre o próprio silvícola, que denomina aquêle duende, em seu nativo linguajar, de *Mapincorí*.

(456) — *Sapopema* é uma espécie da raiz externa, como um prolongamento achatado do tronco de certas árvores, como a sumaumeira. *Bater sapopema* é uma expressão regional que traduz a crendice popular de que o *Mapinguarí* bate nas sapopemas para desorientar as pessoas que estão na floresta, que caminham, assim, ao seu encontro.

Verifiquei, posteriormente, que Lauro Palhano, num interessante livro de costumes regionais da Amazônia, confirmava, inteiramente, aquela primeira informação de Rubens Nelson Alves:

> *"Escrevi* Mapincorí *porque assim pronunciam caxararís e ipurinãs. Nunca ouví um índio dessas duas tribos pronunciar Mapinguarí,* conforme *se encontra escrito e pronunciado pelos civilizados."*
>
> Lauro Palhano, *Marupiara*, 274

Assim, a palavra *mapinguarí*, corrente no linguajar da gente amazônica, é mais um vocábulo de origem aruaca que veio enriquecer o léxico do português do Brasil.

MAQUEIRA

Um dos vocábulos de uso mais corrente em tôda a Amazônia, com o significado de rêde, é *maqueira*. Um fenômeno interessante, aliás, é o que se processa com a nomenclatura dêsse objeto — tanto o seu nome tupí, que é *iní* (457), como a sua denominação africana, que é *tipóia* (458), não são usados, na imensa região onde dominaram aquêles linguajares, com a mesma intensidade em que é usada, na Amazônia, a palavra *maqueira*.

Uma das razões do fato, provàvelmente, deve ser aquela que nos fornece o ilustre etnólogo Erland de Nordeskiold (459), quando declara que a *pátria* do objeto é a América tropical, quase desaparecendo o

(457) — Lemos Barbosa, *Tupí*, s.v.
(458) — Capelo e Ivens, *De Benguela às Terras de Iaca*, I, 19.
(459) — Nordenskiold, *Indianerleben*, 177.

seu uso à proporção que se caminha, tanto em direção às montanhas, como no sentido meridional.

É muito pequeno, realmente, no resto do Brasil, o emprêgo dos vocábulos *iní* e *tipóia*, significando rêde, em relação ao espalhado uso, em tôda a região amazônica, do vocábulo *maqueira*; o tupinismo *ini* é, ainda, bem menos empregado do que *tipóia*. (460)

Um exemplo do africanismo *tipóia*, exprimindo rêde, nós encontramos, também, num dos mais ilustres e dos mais conhecidos escritores da Amazônia, onde o seu emprêgo é, na realidade, bastante raro:

> *"Os brabos, então, começaram a trançar de rêdes o espaço que restava sôbre as mercadorias. Encheram de* tipóias *sujas, sórdidas, fedorentas os mais fugidios recantos daquele besuntado, cuspido e escarrado purgatório."*
>
> Raimundo Morais, *Ressuscitados*, 166

Quanto ao tupinismo *ini*, cujo emprêgo, inexplicàvelmente, é tão reduzido, no português do Brasil, poderemos apontar, ainda, o seguinte exemplo de outro filho da hiléia, o paraense Angione Costa:

> *"As mulheres tessiam as* inís *em teares rústicos, sendo umas em malhas de rêde de pescar e outras em bom pano, semelhante ao brim inglês.*
>
> Angione Costa, *Arqueologia*, 238

Na Amazônia, entretanto, como já dissemos, o vocábulo *maqueira* é de uso geral e, poderíamos afirmar, quase exclusivo. São inúmeros, na realidade, os exemplos de seu uso.

---

(460) — Sôbre o vocábulo *tipóia* Eugênio de Castro tem um excelente estudo, no seu trabalho, já hoje justamente clássico, que é *Geografia lingüística* e *cultura brasileira*. (Eugênio de Castro, *Geografia lingüística*, 245.)

Citemos, em primeiro lugar, um de nossos maiores clássicos em assuntos amazônicos, que é Antônio Ladislau Monteiro Baena:

> *"Das fibras internas das fôlhas do tucum fazem os indianos rêdes para dormir nominadas* maqueiras, *e matirís, que são uns sacos de diversas formas e grandura, e tudo isto sem mais máquina que as mãos, fabricando o fio assás fino e torcido."*
>
> Monteiro Baena, *Ensáio corográfico*, 66

Entre os modernos escritores da Amazônia todos se utilizaram do vocábulo; exemplifiquemos com alguns dêles.

Comecemos com o seguinte passo de meu querido e saudoso amigo, o poeta Carlos de Paula Barros, insigne tradutor, para texto português, do *Guaraní*, de Carlos Gomes:

> *"Um dia Iaraporanga, manhã cedo, se apresta e ao deixar a sua linda* maqueira *de penas vai procurar baunilhas na floresta."*
>
> Paula Barros, *Iaraporanga*, 18

Outra abonação nos será fornecida por um dos mais puros estilistas da Amazônia, que é Alfredo Ladisláu:

> *"Mais do que isso não ambiciona, aliás, a maioria dos nossos mamelucos, além das suas duas mudas de roupa e da* maqueira *para os sonos prolongados, o maior e mais justo, tolvez, dos seus prazeres."*
>
> Alfredo Ladisláu, *Terra imatura*, 47

Um dos derivados mais pitorescos dêste vocábulo é, sem dúvida, o verbo *maqueirar*, que Arnaldo Pimenta da Cunha, o grande engenheiro baiano, meu querido e saudoso amigo, surpreendeu na Amazônia, quando

acompanhou o seu primo, o grande Euclides da Cunha, na subida do Purús, em missão do Itamarati:

> *"... modorrando no cárcere verde, mal desempenhando os mais simples deveres, remoendo sempre os mesmos pensamentos,* maqueirando, *lembrando-se das serras azuis e da ermida branca de sua província natal..."* (461)
>
> Pimenta da Cunha, *Euclides e o Amazonas,* 43

Não é êsse verbo, entretanto, uma peculiaridade do linguajar da gente da Amazônia. Alfredo Zayas y Alfonso (462) informa que, em Cuba, o povo usa o verbo *jamaquear,* derivado de *hamaca,* que é o étimo do vocábulo do português do Brasil *maqueira,* como iremos ver.

Não são os escritores da Amazônia, entretanto, os unicos que empregaram, em seus trabalhos, o vocábulo *maqueira.* Muitos escritores brasileiros, de outras regiões do país, também dêle se utilizaram, sobretudo aquêles que percorreram a *terra imatura,* como bem a denominou Alfredo Ladisláu; ou, ainda, os que trabalharam sôbre assuntos dessa "última página, ainda a escrever-se, do Gênesis", como brilhantemente a cognominou Euclides da Cunha, nessa obra prima da literatura brasileira que é o seu prefácio ao *Inferno verde,* de Alberto Rangel.

Citemos, para abonar, apenas dois exemplos. O primeiro dêles de Lauro Palhano, nome literário de Juvêncio de Campos, natural da Bahia, no seu primoroso livro de costumes regionais, que é *Marupiara*:

---

(461) — Êsse trecho de Arnaldo Pimenta da Cunha foi tirado de sua monografia, ainda inédita, intitulada *Euclides da Cunha e o Amazonas,* que tive oportunidade de ler e anotar, por nímia gentileza daquêle saudoso amigo. As páginas citadas se referem às daquela cópia datilografada. A Livraria Progresso Editôra, da Bahia, que tantas obras raras e valiosas da bibliografia brasílica tem reeditado e publicado, bem nos poderia brindar com a publicação daquêle trabalho, que suponho ainda continua inédito.

(462) — Zayas, *Lexicografia antillana,* s.v.

> *"Por fim, quando Macutí o deixou, entrou para o quarto e deitou-se na sua excelente* maqueira, *enfeitada de penas de papagaio e papos de tucano, tessida pelos dedos destros de Nena, a mais linda cunhã da tribo, caçula do grande chefe."*
>
> Lauro Palhano, *Marupiara,* 256

O segundo, dêsse extraordinário paulista que foi Mário de Andrade, que usou o vocábulo em *Macunâima,* um dos mais vigorosos livros regionais do Brasil:

> *"Então pegando num cabeiro de algodão, virou-o numa tatorana branca e falou: agora você fica sovertida na* maqueira. *Quando mano jiguê vier dormir, chupe o sangue dêle."*
>
> Mário de Andrade, *Macunâima,* 73

Passemos a estudar, agora, a etimologia do vocábulo.

Sem contar com a legião de tupimanistas, isto é, daqueles que sempre apontam uma origem tupí para qualquer amerignismo e, muitas vêzes, até, para notórios alienigenismos, bastando, para isso, que apresentem uma qualquer semelhança com os nossos vocábulos caboclos, outras etimologias têm sido indicadas para o amerigenismo *maqueira,* diferentes da verdadeira.

O lexicógrafo Caldas Aulette, bem como Gonçalves Viana (463), o derivam do francês *hamac,* enquanto para Littré, o grande dicionarista da França, o vocábulo *hamac,* hoje integrado na língua francesa, derivaria do alemão *hangenmatte.*

Jules Crevaux, porém, refutando aquela origem, declara:

---

(463) — Gonçalves Viana, *Apostilas,* II, 86.

"Si Mr. Littré avait eu connaissance de ce langage, .il n'aurrait peut-être pas fait dériver le mot hamac de l'allemand hangenmatte (*hangen, suspendre et matte, nate); car aujourd'hui, comme du temps de P. Biet en* 1652, *les Galibis* (464) *apellent* hamac *le lit dont se servent nos matelots."*

Crevaux, *Voyages,* 15

Juan Ignacio de Armas, em seu *Orígenes del leguaje criollo,* considera o vocábulo derivado de um velho têrmo de Castela — *hamo.* Mas as etimologias apontadas por Ignacio de Armas e por Leo Wiener, em *Africa and the discovery of the New* World, devem ser encaradas, sempre, muito cautelosamente, pelas infinitas fantasias que contêm.

Além dessas, outras muitas origens têm sido apontadas para o amerigenismo *maqueira.* É comum, por exemplo, derivar o vocábulo do caribe. Podemos citar entre os que apontam aquela etimologia, o ilustre amerigenista Augusto Malaret, que no seu magnífico *Diccionario de Americanismos* (465), ao estudar o vocábulo, indica aquela orígem, no que é seguido pela Real Academia Española, que também aponta, inexplicàvelmente, aquela etimologia, na última edição do *Diccionario de la lengua española,* publicado em Madrid, em 1947.

Vejamos, agora, porém, o étimo do vocábulo. Não há dúvida, efetivamente, que a verdadeira etimologia

(464) — O vocábulo, como iremos ver, não é de origem caribe, grupo lingüístico a que pertencem os galibís. Crevaux se enganou, ao considerar o vocábulo derivado daquêle linguajar, da mesma maneira que se equivocou, também, o nosso Rodolfo Garcia, sempre escorreito em tudo que escrevia, ao considerá-lo um amerigenismo de origem caribe, numa das suas preciosas anotações aos *Diálogos das grandezas do Brasil* (Ambrósio Brandão, *Diálogos,* 137).

(465) — Malaret, *Americanismos,* s.v.

de *maqueira* é aquela que deriva do linguajar dos Taino, os aruacos das Antilhas — *hamaca.*

Atestam essa origem aruaca do vocábulo todos os cronistas do Novo Mundo. Assim, Gonzalo Fernández de Oviedo, afirma, em sua *Historia general y natural de las Indias*:

"A mi parescer esto es lo mismo que los tabacos que estos indios toman; mas porque de suso se dixo que quando algun principal ó cacique cae por el tabaco, que lo echan en la cama, si él lo manda así hacen es que se diga qué camas tienen los indios en esta Isla Española, á la qual camma llaman hamaca..."

Oviedo, *Historia,* I, 131

E Frei Bartolomé de Las Casas, em sua *Brevíssima relación de la destrucción de las Indias,* declara:

"Sus camas son encima de una estera, y cuando mucho, duermen en unas redes colgadas, que en lengua de la isla Española llaman hamacas."

Las Casas, *Brevíssima relación,* 24

Sob a forma *hamaca* foi a rêde indígena conhecida, primeiramente, na Amazônia, como atestam, indistintamente, todos os antigos escritores daquele *Paraíso verde.*

Citemos, em primeiro lugar, um exemplo de Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, nessa interessantíssima *Relação geográfica histórica do rio Branco da América Portuguesa*:

"Os casamentos se fazem com a autoridade do principal. Conduz a noiva a sua hamaca *para a casa do noivo, celebra-se uma bebedeira solene e está o casamento feito."*

Ribeiro de Sampaio, *Rio Branco,* 256

Do étimo taíno *hamaca* derivaram duas formas divergentes, posteriormente introduzidas no português do Brasil — as palavras *maqueira e maca*. Karl von den Steinen, além de relacionar, no *Vocabulário Paricí* (466), o vocábulo *maka*, com o significado de rêde, ainda declara:

> "*Qualquer viajante que na selva brasileira alguma vez tenha sentado no chão, conhece muito bem a infinidade de insetos que, além dos carrapatos, podem incomodar o selvícola sul-americano, picando-o, mordendo-o, sugando-lhe o sangue e molestando-o de outra forma. Um exemplo frisante para ilustrar êsse inconveniente está no fato de ter sido o habitante das florestas tropicais sul-americanas quem inventou a* maca *(rêde), que também em francês e inglês ainda hoje é designada com a palavra nu-aruak* amáka."

Steinen, *Aborígenes*, 241

Roquette-Pinto, também, na sua preciosa *Rondônia*, além de trazer, no *Vocabulário Arití* (467), o vocábulo *maká*, com a significação de rêde, ainda diz:

> "Maká — *rêde de dormir. Em geral, feita de algodão — tinto em vermelho, amarelo ou alaranjado. Tessem-na também de fibras de tucum, empregando técnica simples: um fio muito longo, passado da direita para a esquerda, cêrca de* 1.700 *vêzes, forma a urdidura da rêde. Espaçados, a distâncias variáveis, alguns fios, perpendiculares aos primeiros, dão resistência ao aparelho e formam a trama.*"

Roquette-Pinto, *Rondônia*, 142

---

(466) — Steinen, *Aborígenes*, 686. Karl von den Steinen fornece, ainda os seguintes significados para o objeto, nos outros linguajares aruacos de Mato Grosso — *amáka*, em Meináco (*Aborígenes*, 662) e Uaurá (*Aborígenes*, 672); *amaká*, em Custenaú (*Aborígenes*, 670).

(467) — Roquette-Pinto, *Rondônia*, 346.

Nem diferente, ainda, é a lição de João Barbosa de Faria, o estudioso e modesto etnólogo das várias Comissões chefiadas por Rondon, quando dá, no *Vocabulário dos Índios Paricí* (468), o vocábulo *maká* com o significado de rêde, no que é seguido pelo próprio Rondon, que dá, também, naquele mesmo linguajar, o étimo *macá*, para rêde (469).

O Barão de Guajará, ilustre historiador da Amazônia, nos fornece um exemplo do vocábulo com o seu primitivo significado de rêde, uma vez que, por um alargamento de sentido, o vocábulo *maca* tem, no português de agora, uma outra significação:

> "*Faziam — as indígenas — as* macas *de dormir, arranjavam as comidas e beberagens, fabricavam as louças de barro, lavravam a terra, capinavam as roças, acompanhavam e ajudavam os maridos nos combates.*"

Barão de Guajará, *História colonial*, 177

Não há a menor dúvida, pois, que os vocábulos *maqueira* e *maca*, o primeiro corrente no linguajar da gente amazônica e o segundo têrmo geral da língua portuguêsa, derivam do étimo *hamaca*, da língua do gentío Taíno, os célebres aruacos das Antilhas.

Além dos cronistas e dos lingüistas, já por nós citados, apontam aquela origem os seguintes amerigenistas — Juan Augusto e Salvador Perea (470), Rufino José Cuervo (471), Karl Lokotsch (472), Pedro

---

(468) — Barbosa de Faria, *Arití*, 50.
(469) — Rondon, *Etnografia*, 31.
(470) — Perea, *Glosario taíno*, s.v.
(471) — Cuervo, *Apuntaciones*, 981 e *El castellano en América*, 76.
(472) — Lokotsch, *Amerikanischen*, s.v.

Henríquez Ureña (473), George Friederici (474) e tantos outros mais.

MUNHATA

Existe, no linguajar da gente riograndense, um vocábulo muito interessante — *munhata.*

Luís Carlos de Morais assim o dicionarizou em seu prestantíssimo *Vocabulário sul-riograndense*:

> "Munhata — *Denominação que se dá à batata doce, na região fronteiriça e, também, em certos municípios centrais.*"
> Morais, *Vocabulário*, s. v.

No glossário que acompanha a segunda edição de *Contos gauchescos e lendas do sul*, de Simões Lopes Neto, Aurélio Buarque de Holanda, ao se referir ao vocábulo, cita a mesma definição de Luís Carlos de Morais.

Sílvio Júlio, um dos mais esmerados conhecedores da influência ameríndia não tupí no português do Brasil, também confirma, nesses notáveis *Estudos gauchescos de literatura e floclóre*, o uso do vocábulo no Rio Grande do Sul:

> "*Deve o povo sul-riograndense aos espanhóis proveitosas e generalizadas vozes que pertenceram às tribos antilhanas e, desde* 1492, *começaram a penetrar no idioma de Castela*: munhata, *batata, galpão, tabaco, cacique, enáguas. caribe, canoa, goiaba.*"
> Sílvio Júlio, *Estudos gauchescos*, 227

Encontramos em Simões Lopes Neto uma abonação para o emprêgo da palavra:

(473) — Ureña, *Indigenismos*, 114 e *El español en Santo Domingo*, 124.
(474) — Friederici, *Hilfswörterbuch*, s.v

> "... *e enquanto o peão chairava a faca para carnear, um gurizinho, gordote, claro, de cabelos cacheados, que estava comendo uma* munhata, *chegou-se para o boi morto e meteu-lhe a fatia na boca...*"
> Simões Lopes Neto, *Contos gauchescos*, 162

Já vimos, pela citação de Sílvio Júlio, que o vocábulo deriva de um dos linguajares das Antilhas. Vejamos, agora, a sua etimologia. Pedro Henríquez Ureña nos ensina, com a sua incontestável autoridade, que o têrmo tem para étimo, no taíno, antiga língua aruaca de Santo Domingo, a palabra *boniato*:

> "Boniato — *Palabra taína que se aplicaba a la yuca e al ají dulce o suaves. Ha tomado formas diversas*: buniato, moniato, muniato, boñato, moñato, muñato."
> Ureña, *Indigenismos*, 30

A forma *munhata*, que apresenta a palavra, no linguajar do povo gaucho, deriva do vocábulo *muñato*, em que se transliterou, na Argentina, o primitivo vocábulo taíno.

É, pois, o amerigenismo *munhata*, usado pela gente do Rio Grande do Sul, um vocábulo aruaco, derivado do taíno, introduzido no português do Brasil.

NÍGUA

É amplamente espalhado, em todo o território nacional, o parasito comumente conhecido pelo nome de *bicho de pé*, cuja denominação científica é *tunga penetrans*, L.

Aquêle nome *tunga*, do parasito, deriva do tupí, tendo sido Hans Staden o primeiro a registá-lo, sob a forma *attun*:

"Há uns insectozinhos parecidos com pulgas, porém menores, que se chamam Attun *na língua dos selvagens."*
Staden, *Viagem ao Brasil,* 173

o qual foi, logo em seguida, utilizado por Jean de Léry, já agora sob a forma *ton*:

"Les Sauuaves sont aussi persecutez en leurs personnes d'une autre petite verminette qu'ils nomment ton: *laquelle se trouuant parmi la terre, n'estãt pas du cõmencemênt si grosse q'une petite puce..."*
Léry, *Histoire d'un voyage,* 181

O nome tupí, porém, ficou esquecido no linguajar brasileiro. Artur Neiva, a êle se referindo, diz:

"... mas que se fixou para todo o sempre, graças ao trabalho de Jarocki, salvo do olvido por C. Rothschild, na linguagem científica universal, a exemplo de inúmeras vozes tupís perpetuadas, por cientistas de tôdas as nacionalidades, em denominações genéricas de plantas e animais."
Neiva, *Língua nacional,* 240

Além de *tunga,* entretanto, há um outro amerigenismo, que significa, também, o *bicho de pé,* que é *nigua.*

O vocábulo é de largo emprêgo no espanhol da América, desde a conquista, o que é prova ter sido utilizado tanto por Frei Bartolomé de Las Casas (475), como por Gonzalo Fernández de Oviedo. (476)

No português do Brasil o seu uso é menos generalizado; o vocábulo já foi arrolado, porém, pelo *Pequeno dicionário brasileiro* e temos, para o mesmo, a seguinte abonação:

(475) — Las Casas, *Historia,* v, 349.
(476) — Oviedo, *Historia,* I, 56.

"Duas semanas depois que partimos daquele imenso igapó, em cujas proximidades eram criados alguns porcos, não havia curumim que não tivesse pegado a sua nígua."
Armando de Almeida, *Pagelança,* 47

O vocábulo se origina do taino *nígua,* como comprovam Pedro Henrquez Ureña (477), Rodolfo Lenz (478) e Georg Friederici (479). É, assim, mais um amerigenismo de origem aruaca, integrado ao português do Brasil.

OLONITÍ

O vocábulo *olonití* batiza uma bebida indígena, conseguida pela maceração do milho ou da mandioca. Vejamos algumas abonações para o uso do vocábulo. Comecemos por Rondon:

"Ainda como produtos de sua indústria convém falar nos cochos para a fermentação da mandioca, que deve dar a olonití, *bebida embriagadora de que gostam muito."*
Rondon, *Etnografia,* 34

Citemos, agora, na réstea de Rondon, um exemplo de seu antigo companheiro na heróica e nunca esquecida Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas, o venerando sertanista Amilcar Armando Botelho de Magalhães, colhido nesse relicário de brasilidade que é *Impressões da Comissão Rondon*:

(477) — Ureña, *Indigenismos,* 103.
(478) — Lenz, *Diccionario etimológico,* s.v.
(479) — Friederici, *Hilfswörterbuch,* s.v.

"Os índios derrubam o estipe e cavam aí um cocho onde a seiva fermenta e produz uma bebida espumante e alcoólica, que êles muito apreciam — o olonití *dos Paricí."*
Botelho de Magalhães, *Impressões*, 71

E, finalmente, o passo seguinte, de um dos mais vigorosos escritores do Brasil, que foi Mário de Andrade:

"Quando o herói voltou da sapituca foi chamar os manos e os três chorando muito passaram a noite de guarda, bebendo olonití *e comendo carimã de peixe."*
Mario de Andrade, *Macunâima*, 28

Usaram, ainda, em seus trabalhos, o vocábulo, entre vários outros, Lima Figueiredo (480) e Roquette-Pinto (481).

O têrmo deriva do arití, linguajar aruaco de Mato-Grosso, mais conhecido pela denominação de paricí (482). João Barbosa de Faria o relacionou (483) nesse imperecível trabalho que é o *Esbôço gramatical, vocabulário, lendas e cântigos dos índios Ariti.*

Assim, a palavra *olonití*, de origem aruaca, é mais uma amerigenismo integrado ao português do Brasil.

PAGAIA

O vocábulo *pagaia*, encontradiço no português do Brasil, é, como iremos ver, um amerigenismo, com a significação de remo.

(480) — Lima Figueiredo, *Indios do Brasil*, 87.
(481) — Roquette-Pinto, *Rondônia*, 131.
(482) — A auto denominação da tribo aruaca de Mato-Grosso, vulgarmente conhecida por Paricí, é Arití.
(483) — Barbosa de Faria, *Arití*, s.v.

Vejamos alguns exemplos de seu emprêgo. Lima Figueiredo nos fornece o seguinte passo:

"O desgraçado não esmorece. Salva os seus, deixando-os num "firme" e, xingando o tinhoso, empunha a pagaia *e corre, na montaria, atrás dos troncos fugitivos."*
Lima Figueiredo, *Cidades e sertões*, 114

Alberto Rangel assim empregou a palavra:

"Puxando a água pelos dois bordos da montaria, o Caiana tocava para o largo do rio. Duas braças a mais e êle sentiu por sua vez a pancada no lombo. Ainda algumas remadas e a pagaia *se lhe escapou das mãos."*
Alberto Rangel, *Sombras nágua*, 115

E, finalmente, êste exemplo, colhido no interessante relato da subida do grupo que constituia a Inspetoria de Fronteiras, chefiada por Rondon, à serra de Tumucumaque:

"De novo espanta-nos a destreza com que tenros curumins cortam as águas do rio, pagaiando *sózinhos à prôa de frágeis e minúsculas montarias."*
Gastão Cruls, *A Amazônia que eu vi*, 19

Vejamos, agora, a origem da palavra. Gonçalves Viana estuda o vocábulo com essas palavras textuais:

"Como em francês pagaie, *é* pagaia *na Guiné uma casta de remo e* pagaiaré *remar com êle. Os etimologistas franceses consideram, sem dúvida, o vocábulo* pagaie *como americano, caraíbe. A ser assim, o nome português seria talvez cópia do francês.*
Gonçalves Viana, *Apostilas*, II, 206

Seria muito difícil, na verdade, poder Gonçalves Viana adiantar mais, ao estudar o vocábulo. Apontou, entretanto, em suas prestantíssimas *Apostilas aos dicionários portugueses,* uma provável origem americana para o mesmo, embora tenha indicado um linguajar diferente, abrindo, assim, pioneiramente, o caminho para novos e mais bem fundamentados estudos.

Os pesquisadores da lexicologia americana, com um maior e mais metódico conhecimento das línguas indígenas não tupís, já estão, atualmente, em condições de poderem apontar, com segurança, a verdadeira origem de um grande número de vocábulos, tidos como duvidosos amerigenismos, exatamente o que sucedia com o têrmo *pagaia.*

O vocábulo *pagaia* deriva do taíno, o antigo linguajar aruaco de Santo Domingo, possuindo a sua certidão de batismo passada por Pedro Mártir de Anghiera, em suas *Décadas do Novo Mundo.* O velho Martius o relacionou, também, no vocabulário taíno (484) de seus *Glossaria linguarum brasiliensium.*

É o amerigenismo *pagaia,* assim, mais um aruaquismo corrente na língua da gente brasileira.

SAVANA

O vocábulo *savana,* além de seu emprêgo, na língua portuguêsa, como designação geográfica, o que se poderá verificar pelos estudos de Gonçalves Viana (485), foi incorporado à língua literária do Brasil, tendo sido empregado pelo gênio condoreiro de Castro Alves, o grande cantor da raça, em *Ahsverus e o gênio*:

(484) — Martius, *Glossaria,* 317.
(485) — Gonçalves Viana, *Apostilas,* II, 408.

"D'Ásia as florestas — lhe negaram sombra.
A savana sem fim negou-lhe alfombra,
O chão negou-lhe o pó...
Castro Alves, *Espumas flutuantes,* 45

Euclides da Cunha, um dos mais viris estilistas de nossa língua, também o usou, em sua imperecível obra prima:

"Os lhanos da Venezuela; as savanas *que alargam o vale do Mississipe, as pampas desmedidas e o próprio Atacama desatado sôbre os Andes — vasto terraço onde vagueiam dunas — inscrevem-se rigorosamente nos primeiros."*
Euclides, *Os Sertões,* 49

Uma das abonações mais antigas de *savana* nós devemos a Anghiera e data de 1516, quando foram publicadas as três primeiras de suas *Décadas del Nuevo Mundo;* por ela poderemos verificar que era um vocábulo da língua dos Taíno:

"El palacio de ese Comogro está situado al pie de una colina bien cultivada y tiene al mediodia fértil planicie, doce leguas de ancho, y los indigenas la llaman zauana."
Anghiera, *Décadas,* 223

Pedro Henríquez Ureña, profundo conhecedor do espanhol da América, ao estudar a contribuição do taíno, do grupo lingüístico aruaco, à língua espanhola, relacionou o vocábulo *savana,* tanto no *El Español en Santo Domingo* (486), como no admirável roteiro para o estudo dos amerigenismos, que é o trabalho *Para la história de los indigenismos.* (487)

Rufino José Cuervo, o esmeradíssimo filólogo co-

(486) — Ureña, *El español en Santo Domingo,* 124.
(487) — Ureña, *Indigenismos,* 103.

lombiano e que com tanta perfeição conhecia o espanhol da América, nos ensina:

> *"Ahí vemos que se va aplicando a los objetos naturales, a las armas y costumbres de los indios el nombre aprendido, o en la Española (ají, arcabuco, batata, bejuco, bija, cabuya, ceiba, curí, guama,* sabana, *yuca, barbacoa, guazábara, hamaca, macana) . ."*
>
> Cuervo, *El castellano en América,* 76

o que demonstra a origem taína do vocábulo.

Juan Augusto Perea no notável estudo sôbre a contribuição do taíno ao espanhol, que é o *Glosario etimológico taíno-español,* informa:

> *"En canamarin, hoja es igual a* sapahana; *en baré y baniba, la campiña o* sabana *de los taínos,* sauána *o* sabanáh *e* sauána, *respectivamente."*
>
> Perea, *Glosario taíno,* 40

Apontam, ainda, o étimo aruaco para *savana* — Georg Friederici (488), Curt Nimuendajú (489) e von Martius. (490)

Em Port of Spain, na ilha de Trinidad, o seu mais belo parque, remembrança da velha etimologia aruaca, se denomina Savana.

Lembro-me, ainda, com tôdas as minúcias, apesar dos anos transcorridos, de uma tarde deslumbrante de outubro, em que me encontrava na encantadora ilha, quando, numa das dependências do Queen's Park Hotel, estávamos reunidos, olhando o belo parque, o almiran-

(488) — Friederici, *Hilfswörterbuch,* s.v.
489) — Nimuendajú, *Idiomas indígenas,* 593.
(490) — Martius, *Glossaria,* 314.

te Konrad C. Kaiser, ao tempo chefe da Comissão Neerlandesa de Limites com o Brasil; o comandante Braz Dias de Aguiar, chefe da Comissão de Limites do Brasil com a Venezuela e eu, que representava o Brasil, na Comissão Mixta de Limites Brasil-Venezuela, que naquela ocasião se ia reunir, em Caracas, para reiniciar os trabalhos de demarcação, parados há longo tempo.

A nossa conversa tinha por objeto, precisamente, as denominações caribes e aruacas da geografia americana e, principalmente, da toponímia brasílica, conversa oriunda da denominação do grande parque, em uma de cujas alas se situa o Queen's Park Hotel.

Não resta a menor dúvida, pois, pelo que acabamos de ver, que o vocábulo *savana* é uma contribuição aruaca, não apenas ao português do Brasil, mas à própria língua portuguêsa.

TABACO

O vocábulo *tabaco,* com o significado de *fumo,* (491), é corrente não sòmente no português do Brasil, como na própria língua portuguêsa.

Em algumas regiões do Brasil, entretanto, como na Amazônia, por exemplo, é êle de generalizado emprêgo:

> *"Isto sem falar no* tabaco, *na baunilha, no cumarú, no marfim vegetal e na variedade infinda dos óleos e das fibras."*
>
> Raimundo Morais, *Planície,* 181

O vocábulo decorre de um étimo aruaco, o taíno *tabaco,* que não significava, entre aquêle gentio, o fumo,

(491) — Refiro-me, lògicamente, ao significado do vocábulo *fumo* no português do Brasil, que é, exatamente, *tabaco,* uma vez que *fumo,* no português da Europa, significa *fumaça.*

mas apenas o pequeno canudo através do qual os indígenas fumavam, como explicitamente nos ensina êsse precioso Bartolomé de Las Casas:

> *"Hallaron estos dos cristianos por al camino mucha gente que atravesaban a sus peublos; mujeres y hombres; siempre los hombres con un tizón en las manos y ciertas hierbas para tomar sus sahumerios, que son unas hierbas secas metidas en una cierta hoja, seca también, a manera de mosquete, hecho de papel de los que hacen los muchachos la Pascua del Espíritu Santo: y encendida por una parte de él, por la otra chupan o sorben o reciben con el resuello para adentro aquel humo, con el cual se adormecen las carnes y cuasi emborracha, y así diz que no sienten el cansacio. Estos mosquetes, o como los llamáremos, llaman ellos tabacos."*

Las Casas, *História* I, 231.

Gonzalo Fernández de Oviedo, que viveu, como já vimos, em Santo Domingo, na primeira metade do século XVI, confirma aquelas palavras de Las Casas:

> *"Los indios que não alcançaban aquellos palillos, tomaban aquel humo con unos cálamos ó cañelas que es dicho llaman los indios* tabaco, *é no á la hierba ó sueño que les toma (como pensaban algunos).*

Oviedo, *Historia,* I, 131

Além dêsses escritores da conquista, apontam, para o vocábulo, essa mesma origem taína, Pedro Henriquez Ureña (492), George Friederici (493), Cecílio A. Robelo

(492) — Ureña, *Indigenismos,* 103.
(493) — Friederici, *Hilfswörterbuch,* s.v.
(494) — Robelo, *Aztequismos,* s.v.

(494), Alfredo Zayas (495) e até o próprio Gonçalves Viana (496), que claudica a maior parte das vêzes que se refere aos amerigenismos, apesar de ser, como todos nós reconhecemos, uma das mais altas figuras da filologia portuguêsa, não tendo sido excedido, em sua época, como foneticista.

O vocábulo *tabaco,* significando fumo é, pois, mais um amerigenismo de origem aruaca, correntemente usado na língua portuguêsa.

UTIARITÍ

Já vimos, quando estudamos o vocábulo *amúre,* que dois são os chefes principais, em grande parte de nossas tribos indígenas — um, que é o chefe espiritual, o pagé; o outro, que é o chefe temporal, o cacique ou tuxáua.

Já vimos, também, que o vocábulo que designa o chefe temporal tem uma vasta sinonímia — *tuxáua, murubixaba, muruxáua, curaca, cacique, tamuxí, paguemegera, amúre.*

A palavra que nomeia o chefe espiritual possue, também, embora em menor número, alguns sinônimos — *pagé, piaga, piái, bári, utiaritĺ.*

Vamos estudar, entre êles, o vocábulo *utiaritĺ.*

É êle, como iremos ver, um amerigenismo derivado do Aritĺ, que é a auto-denominação do gentio aruaco de Mato-Grosso, geralmente conhecido pelo nome de Paricí.

(495) — Zayas, *Lexicografia antillana,* s.v.
(496) — Gonçalves Viana, *Apostilas,* II, 449.

Apesar de não ter sido relacionado em nenhum dos nossos glossários de regionalismos; ainda que não tenha sido arrolado, nem no *Pequeno dicionário brasileiro*, nem no *Pequeno vocabulário ortográfico*, da Academia Brasileira de Letras, tem o vocábulo trânsito entre os nossos escritores.

Citemos alguns dêles.

Abramos a relação com um exemplo de meu prezado e querido camarada Lima Figueiredo, tão prematuramente desaparecido:

> *"O chefe espiritual da tribo é o* utiaritĺ. *É êle quem faz os casamentos. Deante de todos e sentado ao lado do amúre, o* utiaritĺ *dirige-se primeiramente à noiva..."*
>
> Lima Figueiredo, *Índios do Brasil*, 85

Agora, outra abonação; essa, de Artur Ramos, tão precòcemente desaparecido, também, quando ainda tanto dêle era lícito esperar, em benefício da cultura nacional:

> *"É ainda o* utiaritĺ *quem preside a certos "ritos de passagem", como uma espécie de batismo ou iniciação social e as cerimônias de casamento."*
>
> Artur Ramos, *Antropologia*, I, 191

E, finalmente, como último documento do emprêgo do vocábulo, êsse trecho de Roquette-Pinto, sempre presente, apesar de desaparecido, na suave saudade de seus amigos e de seus discípulos:

> *"Sacerdote e médico, o* utiaritĺ *vai perdendo muito do seu antigo prestígio, à medida que se vão estabelecendo as relações dos índios com os civilizados."*
>
> Roquette-Pinto, *Rondônia*, 127

Além dêsse sentido especifico de pagé, o vocábulo *utiaritĺ*, possue, ainda, o significado de *pequeno gavião sagrado*.

Tanto Cândido Rondon (497), como Roquette-Pinto (498), ao fato se referem.

Passemos, agora, ao estudo da etimologia do vocábulo.

Utiaritĺ é um amerigenismo, derivado do aruaco, do linguajar dos Aritĺ. Apontam êsse étimo, tanto Cândido Rondon, que o arrolou em seu precioso *Vocabulário Português-Aritĺ* (499), como João Barbosa de Faria, que o relacionou no não menos valioso *Vocabulário dos índios Paricí*. (500)

Também o anota em seu *Vocabulário Paricí* (501), sob a forma *otaharitĺ*, com o significado de médico-feiticeiro, Karl von den Steinen, que nos fornece, ainda, a seguinte abonação, onde o vocábulo aparece como *otuarité*:

> *"O bom médico, seu antagonista, chama-se* otuarité, *e, em tal conjuntura, nenhum há, na aldeia. Cura os doentes sôbre quem sopra fumo de tabaco..."*
>
> Steinen, *Aborígenes*, 557

Tanto *otaharitĺ*, entretanto, bem como o *otuarité*, de Karl von den Steinen, nada mais são, de fato, do que simples e puras corruptelas de seu verdadeiro étimo aritĺ: *utí — aritĺ*.

A verdadeira significação especifica do chefe espiritual, entre os Aritĺ, é *utí*, que significa o pagé, em

---

(497) — Rondon, *Etnografia*, 33.
(498) — Roquette-Pinto, *Seixos rolados*, 158.
(499) — Rondon, *Etnografia*, 26.
(500) — Barbosa de Faria, *Aritĺ*, 67.
(501) — Steinen, *Aborígenes*, 686.

oposição à *amúre*, que designa o cacique, chefe temperal.

Utiariti, entretanto, que nada mais é, na verdade, do que a justaposição de duas palavras: *uti-ariti*, isto é, o pagé dos Arití, passou a ter, no português do Brasil, a significação genérica de pagé.

Assim, pois, o amerigenismo *utiaritĺ*, derivado do linguajar do gentio Arití, os aruacos de Mato-Grosso, com o significado de pagé, é mais um aruaquismo introduzido no português do Brasil.

PARTE III

GLOSSÁRIOS DOS ÉTIMOS

Relação, por ordem alfabética, dos étimos estudados, com a respectiva origem:

1 - *amapá* — caribe
2 - *amure* — aruaco
3 - *anágua* — aruaco
4 - *arauatá* — caribe
5 - *areíto* — aruaco
6 - *babal* — aruaco
7 - *balata* — caribe
8 - *barbaquá* — aruaco
9 - *batata* — aruaco
10 - *batéia* — aruaco
11 - *bixa* — aruaco
12 - *cacique* — aruaco
13 - *caimã* — caribe
14 - *camaiuá* — caribe
15 - *camotim* — aruaco
16 - *canaimé* — caribe
17 - *canibal* — aruaco
18 - *canoa* — aruaco
19 - *carapanã* — caribe
20 - *caribe* — aruaco
21 - *catauro* — caribe
22 - *caxirí* — caribe
23 - *colibrí* — caribe
24 - *cuêio* — caribe
25 - *cunaní* — caribe
26 - *curanaú* — caribe
27 - *curare* — caribe
28 - *curauá* — caribe
29 - *curiara* — caribe
30 - *furacão* — aruaco
31 - *goiaba* — aruaco
32 - *guacima* — aruaco
33 - *guiana* — caribe
34 - *henequem* — aruaco
35 - *iguana* — aruaco
36 - *ioroque* — caribe
37 - *itapuí* — caribe
38 - *louro* — caribe
39 - *macunâima* — caribe
40 - *maizena* — aruaco
41 - *mamão* — caribe
42 - *manarí* — caribe
43 - *manatim* — caribe
44 - *mapinguarí* — aruaco
45 - *maqueira* — aruaco
46 - *marajá* — caribe
47 - *maraquê* — caribe
48 - *maruanô* — caribe
49 - *matapí* — caribe
50 - *matirí* — caribe
51 - *matupá* — caribe
52 - *mauarí* — caribe
53 - *mico* — caribe
54 - *mucura* — caribe
55 - *munhata* — aruaco
56 - *murumurú* — caribe
57 - *mururé* — caribe
58 - *nígua* — aruaco
59 - *olonití* — aruaco
60 - *pacará* — caribe
61 - *pacorô* — caribe
62 - *pagaia* — aruaco
63 - *pajuarú* — caribe
64 - *panacarica* — caribe
65 - *panaquirí* — caribe
66 - *paquirá* — caribe
67 - *patauá* — caribe
68 - *piaga* — caribe
69 - *piroga* — caribe
70 - *sarabatana* — caribe
71 - *sarambê* — caribe
72 - *sararaca* — caribe
73 - *savana* — aruaco
74 - *tabaco* — aruaco
75 - *tacacá* — caribe
76 - *tamuxí* — caribe
77 - *tocarí* — caribe
78 - *tucuxí* — caribe
79 - *tuiuiú* — caribe
80 - *tutumo* — caribe
81 - *ulurí* — caribe
82 - *urucuiana* — caribe
83 - *utiaritá* — aruaco
84 - *xiquê* — caribe

361

PARTE IV

REGISTOS

363

I — REGISTO BIBLIOGRÁFICO

ABREVIATURAS

Amér. Indíg. — América Indígena. Instituto Indigenista Americano México. D. F.
An. Bibl. Nac. — Anais da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro.
An. IX Congr. Geog. — Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro.
Arquiv. Mus. Nac. — Arquivos do Museu Nacional. Rio de Janeiro.
B. A. E. — Biblioteca de Autores Españoles. Rivadeneyra. Madrid.
Bibl. Dial. Hisp. — Biblioteca de Dialectología Hispanoamericana. Facultad de Filosofia y Letras de la Universidad de Buenos Aires. Buenos Aires.
Bibl. Divulg. Científ. — Biblioteca de Divulgação Científica. Livraria Civilização Brasileira. Rio de Janeiro.
Bibl. Ling. Amér. — Bibliothéque Linguistique Américaine. Maisonneuve. Paris.
Bibl. Pedag. Brasil. — Biblioteca Pedagógica Brasileira. Companhia Editôra Nacional. S. Paulo.
Bol. Mus. Goeldi — Boletim do Museu Goeldi. Belém.
I. B. G. E. — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro.
Inst. Antrop. Etnol. — Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará. Belém.
Handbooks Indians — Handbooks of South American Indians. Smithsonian Institution. Washington.
Rev. Brasil. Geog. — Revista Brasileira de Geografia. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro.
Rev. IGH - Amazonas — Revista do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. Manáus.
Rev. IHG - Br. — Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro.
Rev. IHG - Pará — Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará. Belém.
Rev. Inst. Etnolog. — Revista del Instituto de Etnología. Universidad Nacional de Tucumán. Tucumán, Argentina.
Rev. Mus. Paul. n.s. — Revista do Museu Paulista, nova série. S. Paulo.
Rev. SG - RJ — Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.
Rev. Soc. Est. Paraense — Revista da Sociedade de Estudos Paraenses. Belém.

ACUÑA, *Novo descobrimento* — Padre Cristóbal de Acuña, *Descobrimento do rio das Amazonas*. Trad. e anot. por C. de Melo-Leitão. (Bibl. Pedag. Brasil., Série V, Brasiliana, vol. 203). Cia. Editôra Nacional. S. Paulo, 1941.

AIRES DE CASAL, *Corografia brasílica* — Padre Manuel Aires de Casal, *Corografia brasílica ou relação histórico-geográfica do Reino do Brasil.* (Edição facsimilada da 1ª edição de 1817, pelo Instituto do Livro). Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1945.

AIRES CUNHA, *Índios do Xingú* — Aires Câmara Cunha, *Entre os índios do Xingú.* Edições Melhoramentos. S. Paulo, s/d.

ALBERTO RABELO, *Contos do Norte.* J. Ribeiro dos Santos. Rio de Janeiro, 1927.

ALBERTO RANGEL

1 — *Inferno verde.* 4ª edição. Tipografia Arrault. Tours, 1927.

2 — *Rumos e perspectivas.* (Bibl. Pedag. Brasil., Série V, Brasiliana, vol. 26). 2ª edição. Cia. Editôra Nacional. S. Paulo, 1913.

3 — *Sombras nágua.* F. A. Brockhaus. Leipzig, 1913.

ALCEDO, *Vocabulário* — Antônio Alcedo, *Vocabulário de las voces provinciales de América.* (Tomo V do *Dicionário geográfico-histórico de las Índias Occidentales ó América*). Imprenta de Manuel Gonzalez. Madrid, 1789.

ALCIDES MAYA — *Ruínas vivas,* Livraria Chardron. Porto, 1910.

ALFREDO LADISLAU, *Terra imatura.* 2ª edição. Iivraria Clássica Editôra. Belém, 1925.

ALFREDO DA MATA, *Vocabulário amazonense* — Alfredo Augusto da Mata, *Contribuição ao estudo do vocabulário amazonense* (Rev. IGH-Amazonas, ano VI, vol. VI, números 1 e 2, pgs, 21-332). Tip. Reis. Manaus, 1938.

ALVARADO — Lisandro Alvarado.

1 — *Datos etnográficos de Venezuela.* Bibl. Venezolana de Cultura. Caracas, 1945.

2 — *Voces indígenas — Glosario de voces indígenas de Venezuela.* Manrique & Ramirez Angel. Caracas, 1921.

ALVES CÂMARA, *Construções navais* — Almirante Antônio Alves Câmara, *Ensáio sôbre as construções navais indígenas do Brasil.* (Bibl. Pedag. Brasil., Série V, Brasiliana, vol. 92). Cia. Editôra Nacional. S. Paulo, 1937.

AMANDO MENDES, *As pescarias amazônicas e a piscicultura no Brasil.* Livraria Editôra Record. S. Paulo, 1938.

AMBRÓSIO BRANDÃO, *Diálogos* — Ambrósio Fernandes Brandão. *Diálogos das grandezas do Brasil.* Introdução de Jaime Cortesão e notas de Rodolfo Garcia. Edições Dois Mundos. Rio de Janeiro, 1943.

AMÉRICO CASTRO, *La peculiaridad linguistica rioplatense.* Buenos Aires, 1937.

ANCHIETA — Padre José de Anchieta.

1 — *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil* (Edição facsimilada da 1ª edição de 1595, de Coimbra, pela Biblioteca Nacional). Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1933.

2 — *Cartas inéditas* (An. Bibl. Nac., vol. I, pgs. 266-308). Leuzinger. Rio de Janeiro, 1876.

ANGHIERA, *Décadas* — Pedro Mártir de Anghiera, *Décadas del Nuevo Mundo.* Editorial Bajel. Buenos Aires, 1944.

ANGIONE COSTA

1 — *Introdução à arqueologia brasileira* (Bibl. Pedag. Brasil., Série V, Brasiliana, vol. 34). Cia. Editôra Nacional. S. Paulo, 1934.

2 — *Indiologia.* Gráfica Laemmert. Rio de Janeiro, 1943.

AQUINO CORRÊA, *Boróros* — D. Francisco de Aquino Corrêa, Prefácio de *Os Boróros Orientais,* dos padres Antônio Colbacchini e Cesar Albisetti (Bibl. Pedag. Brasil., Série V, Brasiliana, grande formato, vol. 4). Cia. Editôra Nacional. S. Paulo, 1942.

ARISTIDES ROJAS, *Estúdios* — Aristides Rojas *Estúdios históricos.* Lit. y Tip. del Comércio. Caracas, 1926.

ARMANDO DE ALMEIDA, *Pagelança.* Livraria Moderna. Belém, 1937.

ARRAIS, *Diálogos* — Frei Amador Arrais, *Diálogos* (Coleção de Clássicos Sá da Costa). Livraria Sá da Costa. Lisboa, 1944.

ARTUR RAMOS, *Antropologia* — Artur Ramos, *Introdução à antropologia brasileira.* Edições Casa do Estudante do Brasil. Tomo I. Rio de Janeiro, 1943.

AUGUSTO MEYER, *Cancioneiro gaucho.* (Coleção Província, n.º 2). Editôra Globo. Porto Alegre, 1952.

AURÉLIO PINHEIRO, *À margem do Amazonas.* (Bibl. Pedag. Brasil., Série V, Brasiliana, vol. 156). Cia. Editôra Nacional. S. Paulo, 1937.

BARÃO DE GUAJARÁ, *História colonial* — Barão de Guajará, *História colonial do Pará.* (Rev. Soc. Est. Paraenses, tomo I, fasc. IV, out.-dez., pags. 153-180). Belém, 1894.

BARBOSA DE FARIA, *Aritî,* — João Barbosa de Faria, *Esbôço gramatical; vocabulário; lendas e cânticos dos Índios Aritî (Paricí).* (Publicação n.º 78 do CNPI). Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1948.

BARBOSA RODRIGUES — João Barbosa Rodrigues.

1 — *Crichanás — Pacificação dos Crichanás.* Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1885.

2 — *L'uiraêry ou curare — L'uiraêry ou curare; extraits et compléments des notes d'un naturaliste brésilien.* Impr. Veuve Monnom. Bruxelles, 1903.

BATISTA CAETANO — Batista Caetano de Almeida Nogueira.

1 — *Notas (Tratados da Terra e Gente do Brasil,* de Fernão Cardim, pgs. 207-276). Livraria J. Leite. Rio de Janeiro, 1925.

2 — *Vocabulário da conquista — Vocabulário das palavras guaranís usadas pelo tradutor da "Conquista Espiritual" do Padre Antônio Ruiz de Montoya.* (An. Bibl. Nac., vol. VIII). Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1879.

BEAUREPAIRE-ROHAN, *Vocábulos brasileiros* — Visconde de Beaurepaire-Rohan, *Dicionário de vocábulos brasileiros.* Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1889.

BECHER, *Cintos e cordões* — Hans Becher, *Cintos e cordões de cintura dos índios sul-americanos (não andinos).* Tradução de Frei Joaquim da Silva, O. F. M. (Rev. Mus. Paul., n.s., vol. IX, pgs. 11-153). S. Paulo, 1955.

BERNAL DÍAZ, *Conquista* — Bernal Díaz del Castillo, *História verdadera de la conquista de la Nueva España.* 4 vols. Libreria de Rosa. Paris, 1837.

BERNARDINO DE SOUSA, *Dicionário* — Bernardino José de Sousa, *Dicionário da Terra e Gente do Brasil* (Bibl. Pedag. Brasil., Série V, Brasiliana, vol. 164). 4ª ed. Cia. Editôra Nacional. S. Paulo. 1939.

BIET, *Les Galibis* — Antoine Biet, *Les Galibis, tableau véritable de leurs moers, avec un vocabulaire de leur langue.* Revue et publié par Aristide Marre. Maisonneuve. Paris, 1896.

BOLLAERT, *Antiquarium* — William Bollaert, *Antiquarium, ethnological and other researches in New Granada, Equador, Peru and Chile*. London, 1860.

BOTELHO DE MAGALHÃES — Amilcar Armando Botelho de Magalhães.

1 — *Impressões* — *Impressões da Comissão Rondon* (Bibl. Pedag. Brasil., Série V, Brasiliana, vol. 211). 5ª ed. Cia. Editôra Nacional. S. Paulo, 1942.

2 — *Sertões* — *Pelos sertões do Brasil* (Bibl. Pedag. Brasil., Série V, Brasiliana, vol. 195). 2ª ed. S. Paulo, 1941.

BRÉTON, *Dictionnaire caraïbe* — Raymond Bréton, *Dictionnaire caraïbe-françois, meslé de quantité de remarques historiques*. Gilles Bouquet. Auxerre, 1665.

CALCAÑO, *El castellano en Venezuela* — Julio Calacaño, *El castellano en Venezuela* (Bibl. Venezolana de Cultura. Coleción "Andrés Bello"). Edición del Ministério de Educación Nacional. 2ª ed. Caracas, 1949.

CAMINHA, *Carta* — Jaime Cortesão, *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Edições Livros de Portugal. Rio de Janeiro, 1944.

CAPELLO E INVENS — H. Capello e R. Ivens, *De Banguela às terras de Iacca*. 2 vols. Imprensa Nacional. Lisboa, 1881.

CARDIM, *Tratados* — Fernão Cardim, *Tratados da Terra e Gente do Brasil*. Introdução e notas de Batista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia. Livraria J. Leite. Rio de Janeiro, 1925.

CHANCA, *Carta ao Cabildo* — Dr. Diego Álvarez Chanca, *Carta ao Cabildo de Sevilha* (Navarrete, *Viajes e descubrimientos*, I, 347-372). 2ª ed. Imprensa Nacional. Madrid, 1858.

CHAVERO, *Estúdio etimológico* — Alfredo Chavero, *Estúdio etimológico (origen nahuatl de tocayo, petate y petaca; origen quiché de huracán)*. (*Memórias de la Academia Mexicana*, vol. III, pags. 29-36). México, 1886.

CHERMONT — Vicente Chermont de Miranda.

1 — *Glossário paraense* — *Glossário paraense ou coleção de vocábulos peculiares à Amazônia e especialmente à ilha de Marajó*. Livraria Maranhense. Pará, 1905.

2 — *Marajó* (Rev. Soc. Est. Paraenses, tomo II, fasc. I e II. Jan.-Jun., pgs. 75-80). Belém, 1895.

CIEZA DE LEÓN, *La crónica del Perú* — Pedro de Cieza de León. *La crónica del Perú*. Calpe. Madrid, 1922.

CORTESÃO, *Subsídios* — A. A. Cortesão, *Subsídios para um dicionário completo (histórico-etimológico) da língua portuguesa*. França Amado. Coimbra, 1900-1901.

COUDREAU — Henri Anatole Coudreau.

1 — *Chez nos indiens. Quatre années dans la Guyane Française* (1887-1891). Hachette. Paris, 1893.

2 — *Rio Branco* — *Voyage au Rio Branco*. Imprimérie de Espérance Cagniard. Rouen, 1886.

3 — *Vocabulaires méthodiques* — *Vocabulaires méthodiques des langues Ouayana, Aparaí, Oyampí, Emerillon* (Bibl. Ling. Amér. Tome XV). Maisonneuve. Paris, 1892.

CREVAUX — Jules Crevaux.

1 — *Grammaires et vocabulaires* — *Grammaires et vocabulaires Roucouyenne, Arrouague, Piapoco et d'autres langues de la région des Guyanes* (Bibl. Ling. Amér. Tome VIII). Maisonneuve. Paris, 1882.

2 — *Voyages* — *Voyages dans l'Amérique du Sud*. Hachette. Paris, 1883.

CRUXENT, *Índios de Anzoátegui* — J. M. Cruxent, *Un grupo de índios en los llanos del Estado Anzoátegui* (Amér. Indig., vol. XI, n.º 2. abril de 1951, pgs. 115-128). México, 1951.

COUTO DE MAGALHÃES, *O selvagem* — José Vieira Couto de Magalhães, *O selvagem* (Bibl. Pedag. Brasil., Série V, Brasiliana, vol. 52). 3.ª ed. Cia Editôra Nacional. S. Paulo, 1935.

CUERVO — Rufino José Cuervo.

1 — *Apuntaciones* — *Apuntaciones críticas sobre el lenguaje bogotano*. 7ª ed. Editorial El Gráfico. Bogotá, 1939.

2 — *El castellano en América*. Editorial Minerva. Bogotá, 1935.

DALCÍDIO JURANDIR, *Marajó*. Livraria José Olímpio. Rio de Janeiro, 1947.

DALGADO, *Glossário* — Sebastião Rodolfo Dalgado, *Glossário Luso-Asiático*. 2 vols. Imprensa da Universidade. Coimbra, 1919-1921.

DALTRO SANTOS, *Palavras à juventude* — Miguel Daltro Santos, *Palavras à juventude*. Emprêsa Gráfica Editôra. Rio de Janeiro, 1924.

DE GOEJE — Claudius Henrique de Goeje.

1 — *Études caraïbes* — *Études linguistiques caraïbes* (Verhandelingen ninklijke Akademia van Westens chappen te Amsterdam, X, n.º 3), Amsterdam, 1910.

2 — *Tumukumak-Expeditie* — *Verslag der Toemoekhoemak-Expeditie*. E. J. Brill. Boekhan del en Drukkerij, 1908.

DEVIC, *Dictionnaire etymologique* — Marcel Devic, *Dictionnaire etymologique des mots d'origine orientale* (Suplement du Dictionnaire de la langue francaise, de Emile Littré). Paris, 1881.

DIOGO DO COUTO, *O soldado prático* (Coleção de Clássicos Sá da Costa. Texto restituido, prefácio e notas pelo prof. M. Rodrigues Lapa). Livraria Sá da Costa. Lisboa, 1937.

DIONÍSIO CERQUEIRA — Dionísio Evangelista de Castro Cerqueira.

1 — *Fronteira* — *Reminiscências da Fronteira*. Briguiet. Rio de Janeiro, 1928.

2 — *Guerra do Paraguai* — *Reminiscências da guerra do Paraguai*. Biblioteca do Exército Editôra. Rio de Janeiro, 1948.

DOZY, *Glossaire arabe* — R. Dozy et W. H. Engelman, *Glossaire des mots espagnols et portugais derivés de l'arabe*. 2ª ed. Maisonneuve. Paris, 1869.

EDUARDO GALVÃO, *Observações zoológicas* — *Observações zoológicas e antropológicas na região dos formadores do Xingú*, por José Cândido de Melo Carvalho, Pedro E. de Lima e Eduardo Galvão. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1949.

EGUÍLAZ, *Glosario oriental* — Leopoldo de Eguílaz y Yanguas, *Glosario etimológico de las palabras españolas de origen oriental*. Granada, 1886.

EHRENREICH, *Tribos do Brasil* — Paul Ehrenreich, *Divisão e distribuição das tribos do Brasil segundo o estado atual dos nossos conhecimentos* (Rev. SG — RJ, tomo VIII, pgs. 3-55). Rio de Janeiro, 1892.

ESTEVÃO PINTO

1 — *Etnologia brasileira* — *Etnologia brasileira. Fulniô, os últimos tapúias* (Bibl. Pedag. Brasil., Série V, Brasiliana, vol. 285). Cia. Editôra Nacional. S. Paulo, 1956.

2 — Os *índigenas do nordeste* (Bibl. Pedag. Brasil., Série V, Brasiliana, vol. I, n.º 44; vol. II, n.º 112). Cia. Editôra Nacional. S. Paulo, 1935-1938.

EUCLIDES — Euclides Pimenta da Cunha.
1 — *Contrastes e confrontos.* 6ª ed. Livraria Chardron. Porto, 1923.
2 — *Margem — À margem da história.* 2ª ed. Livraria Chardron. Porto, 1923.
3 — *Os sertões.* 8ª ed. Livraria Francisco Alves. Rio de Janeiro, 1925.

EUGÊNIO DE CASTRO, *Geografia linguística* — Eugênio de Castro, *Geografia linguística e cultura brasileira.* Gráfica Sauer. Rio de Janeiro, 1937.

EURICO FERNANDES, *Waiano e Apalaí* — Eurico Fernandes, *Algumas notas sôbre os Waiano e os Apalaí, do rio Jarí* (Publicação n.º 4 do Inst. Antrop. e Etnol. Pará). Oficinas gráficas da Revista Veterinária. Belém, 1952.

FERREIRA PENA — Domingos Soares Ferreira Pena.
1 — *Língua dos Aruãs — Algumas palavras da língua dos Aruãs* (Arquiv. Mus. Nac., vol. IV, pgs. 15-25). Rio de Janeiro, 1881.
2 — *Pará — A região ocidental do Pará.* Tip. do Diário de Belém. Pará, 1869.

FREI JOÃO DE S. JOSÉ, *Visita do sertão* — Frei João de S. José Queiroz, *Viagem e visita do sertão em o bispado do Gram-Pará, em* 1762 *e* 1763 (Rev. IHG-Br., tomo IX, pgs. 43-107; 179-227; 237-375; 476-527). Tip. de João Ignácio da Silva. Rio de Janeiro, 1869.

JOÃO DE SOUSA, *Vestígios da língua arábica* — Frei João de Sousa, *Vestígios da língua arábica em Portugal.* Oficina da Academia Real das Ciências. Lisboa, 1789.

FREITAS, *Nheengatú* — Afonso A, de Freitas, *Vocabulário nheengatú* (Bibl. Pedag. Brasil., Série V, Brasiliana, vol. 75). Cia. Editôra Nacional. S. Paulo, 1936.

FRIEDERICI, *Hilfswörterbuch* — Georg Friederici,, *Hilfswörterbuch für den Amerikanisten.* Verlag von Max Niemeyer. Halle, 1926.

GABRIEL SOARES, *Tratado descritivo* — Gabriel Soares de Sousa, *Tratado descritivo do Brasil em* 1587 (Bibl. Pedag. Brasil., Série V, Brasiliana, vol. 117). 3ª ed. Cia. Editôra Nacional. S. Paulo, 1938.

GANDAVO, *História* — Pero de Magalhães Gandavo, *História da província de Santa Cruz.* Edição Anuário do Brasil. Rio de Janeiro, 1924.

GASTÃO CRULS
1 — *A Amazônia que eu vi.* Rio de Janeiro, 1930.
2 — *Hiléia — Hiléia amazônica* (Bibl. Pedag. Brasil., Série V, Brasiliana, grande formato, vol. 6). 2.ª ed. Cia. Editôra Nacional. S. Paulo, 1955.

GIL VICENTE, *Obras* (Subsídios para a história da literatura portuguêsa, vols. XI, XV e XVII. Revisão, prefácio e notas de Mendes dos Remédios). França Amado. Coimbra, 1907-1914.

GLADSTONE DE MELO, *A língua do Brasil* — Gladstone Chaves de Melo, *A língua do Brasil.* Livraria Agir Editôra. Rio de Janeiro, 1946.

GOELDI, *Escavações arqueológicas* — Emílio Augusto Goeldi, *Escavações arqueológicas em* 1895. Tip. Alfredo Silva. Pará, 1900.

GONÇALVES VIANA, *Apostilas* — Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, *Apostilas aos dicionários portuguêses.* 2 vols. Livraria Clássica Editôra. Lisboa, 1906.

GUMILLA, *Orinoco* — Padre José Gumilla, *El Orinoco ilustrado* (Introducción, notas y arreglo por Constantino Bayle, S. J.). M. Aguilar. Madrid, s/d.

HERRERA, *História* — Antônio de Herrera, *História general de los hechos de los castellanos en las islas i tierra firme del mar oceano.* 2 vols. Imprenta Real. Madrid, 1601.

IM THURN, *Indians of Guiana* — Everard Ferdinand Im Thurn, *Among the Indians of Guiana, being Sketches chiefly anthropologic from the interior of British Guiana.* Kegan Paul, Trench & Co. London, 1883.

INGLÊS DE SOUSA, *O missionário* — Herculano Marcos Inglês de Sousa, *O missionário.* 3ª ed. Livraria José Olímpio. Rio de Janeiro, 1946.

JACQUES RAIMUNDO, *Vocabulários indígenas de Venezuela.* Livraria Católica. Rio de Janeiro, 1934.

JAHN — Alfredo Jahn.
1 — *Aborígenes de Venezuela — Los aborígenes del Occidente de Venezuela.* Lit y Tip. del Comércio. Caracas, 1927.
2 — *Venezuela — Aspecto físico y orígenes étnicos de Venezuela.* Sevilla, 1929.

JAIME CORTESÃO, *A carta de Pero Vaz de Caminha.* Edições Livros de Portugal. Rio de Janeiro, 1943.

JOÃO DE BARROS, *Asia.* Editôra Nacional. Porto, 1944.

JOÃO RIBEIRO.
1 — *A língua nacional.* 2ª ed. Cia. Editôra Nacional. S. Paulo, 1933.
2 — *Curiosidades verbais.* Edições Melhoramentos. S. Paulo, s/d.

JORGE HURLEY — Henrique Jorge Hurley.
1 — *História do Pará — Noções de história do Brasil e do Pará* (Rev. IHG-Pará, vol. XI, prgs. 5-573). Of. graf. Instituto Lauro Sodré. Belém, 1938.
2 — *Itarana* (Rev. IHG-Pará, vol. IX, pgs. 15-212). Of. graf. Instituto D. Macedo Costa. Belém, 1934.
3 — *Vocabulário dos aborígenes — Vocabulário dos aborígenes dos rios Trombetas, Cachorro e Jacicurí* (Rev. IHG-Pará, vol. VII, pgs. 231-235). Tip. Instituto D. Macedo Costa. Belém, 1932.

JOSÉ FAÇANHA, *A tragédia amazônica.* Calvino Filho, Editor. Rio de Janeiro, 1934.

JOSÉ VERISSÍMO — José Verissímo Dias de Matos.
1 — *A pesca na Amazônia* (Monografias brasileiras, III). Livraria Clássica de Alves & Cia. Rio de Janeiro, 1895.
2 — *Cenas — Cenas da vida amazônica.* Livraria Tavares Cardoso. Lisboa, 1886.
3 — *Estudos brasileiros.* Livraria Universal. Belém, 1889.

JUAN DE ARONA, *Peruanismos* — Pedro Paz Soldán y Unánue, *Diccionário de Peruanismos.* Desclée de Brouwer. Paris, 1935.

JUAN IGNACIO DE ARMAS, *Orígenes del lenguaje criollo.* 2ª ed. La Habana, 1882.

JULIO SALAS, *Etnologia* — Julio Salas, *Etnologia é história de Tierra-Firme (Venezuela e Colombia).* Editorial América. Madrid, s/d.

KOCH-GRÜNBERG — Theodor Koch-Grünberg.
1 — *Mitos e lendas — Mitos e lendas dos índios Taulipáng e Are-*

kuná. Tradução de Henrique Roenick (Rev. Mus, Paul., n.s., vol. VII, pgs. 9-202). S. Paulo, 1953.
2 — *Roroima — Von Roroima zum Orinoco*. 5 vols. Verlag von Strecker und Schöder. Stuttgard, 1917-1924.

KRICKEBERG, *Etnologia de América* — Walter Krickeberg, *Etnologia de América*. Tradução de Pedro Hendrich. Fondo de Cultura Econômica. México, 1946.

LAS CASAS — Fray Bartolomé de Las Casas.
1 — *Brevisima relacion — Brevisima relacion de la destruccion de las Indias*. Ediciones Mar Oceano. Buenos Aires, 1953.
2 — *História — Historia de las Índias* (Biblioteca Americana, Série Cronistas de Índias). Fondo de Cultura Econômica. México, 1951.

LAURO PALHANO, *Marupiara*. Schmidt, Editor. Rio de Janeiro, 1936.

LEMOS BARBOSA, *Tupi* — Padre Antônio Lemos Barbosa, *Pequeno vocabulário tupi-português*. Livraria S. José. Rio de Janeiro, 1951.

LENZ, *Diccionario etimolójico* — Rodolfo Lenz, *Diccionario etimolójico de voces derivadas de lenguas indíjenas americanas*. Imprenta Cervantes. Santiago de Chile, 1905-1910.

LEÔNIDAS DE OLIVEIRA, *Roteiro do Jarí* (Relatório apresentado à CLSN). Belém, 1938.

LÉRY, *Histoire d'un voyage* — Jean de Léry, *Histoire d'un voyage fait en la terre du Bresil, autrement dite Amerique*. Antoine Chuppin. La Rochelle, 1578.

LEVY CARDOSO, *Toponímia brasílica* — Armando Levy Cardoso, *Toponímia brasílica*. Biblioteca do Exército Editôra. Rio de Janeiro, 1960.

LIMA FIGUEIREDO — José de Lima Figueiredo.
1 — *Cidades e sertões*. Gráficos Bloch. Rio de Janeiro, 1941.
2 — *Índios do Brasil* (Bibl. Pedag. Brasil., Série V, Brasiliana, vol. 163). Cia. Editôra Nacional. Rio de Janeiro, 1939.
3 — *Limites do Brasil*. Editôra Henrique Velho. Rio de Janeiro, 1936.

LOKOTSCH — Karl Lokotsch.
1 — *Amerikanischen — Etymologisches Wöterbuch den amerikanischen (indianischer) Wörter im Deutschen*. Heidelberg, 1926.
2 — *Orientalischen — Etymologisches Wöterbuch der europäischen Wörter orientalischen Ursprung*. Heidelberg, 1927.

LÓPEZ DE GÓMARA, *Hispania victrix* — Francisco López de Gómara, *Hispania victrix* (B.A.E., tomo XXII, pgs. 155-294). Rivadeneyra. Madrid, 1852.

LUÍS FIGUEIRA, *Arte da gramática* — Padre Luís Figueira, *Arte da gramática da língua do Brasil*. Oficina Patriarcal. Lisboa, 1795.

LUÍS DE SOUSA, *Anais de D. João III* (Coleção de Clássicos Sá da Costa. Prefácio e notas do Prof. Rodrigues Lapa). 2 vols. Livraria Sá da Costa. Lisboa, 1938.

MACEDO SOARES — Antônio Joaquim de Macedo Soares.
1 — *Dicionário brasileiro — Dicionário brasileiro da língua portuguesa*. Tip. Leuzinger. Rio de Janeiro, 1889.
2 — *Estudos lexicográficos — Estudos lexicográficos do dialeto brasileiro*. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1943.

MALARET, *Americanismos* — Augusto Malaret, *Diccionario de americanismos*. 3ª ed. Emecé Editores. Buenos Aires, 1946.

MARCGRAVE, *História* — Jorge Marcgrave, *História natural do Brasil*. Tradução de Monsenhor José Procópio de Mesquita. Imprensa Oficial do Estado . S. Paulo, 1942.

MARDEN, *El español en México* — Charles Carrol Marden, *La fonologia del español en la ciudadd de Méjico* (Bibl. Dial. Hisp., vol. IV). Buenos Aires, 1938.

MÁRIO DE ANDRADE, *Macunâima*, 2ª ed. Livraria José Olímpio. Rio de Janeiro, 1937.

MÁRIO MARROQUIM, *A língua do nordeste* (Bibl. Pedag. Brasil., Série V, Brasiliana, vol. 25). Cia. Editôra Nacional. S. Paulo, 1934.

MARTÍNEZ VIGIL, *Arcaísmos españoles* — Carlos Martínez Vigil, *Arcaismos españoles usados em América*. Imprenta Latina. Montevideo, 1939.

MARTIUS — Karl Friedrich Phillip von Martius.
1 — *Ethnographie — Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Brasiliens*. Druck von Junge & Sohn. Erlangen, 1863.
2 — *Glossaria — Glossaria linguarum brasiliensium*. Druke von Junge & Sohn. Erlangen, 1863.

MELO-LEITÃO, *Zoogeografia* — Cândido de Melo-Leitão, *Zoogeografia do Brasil* (Bibl. Pedag. Brasil., Série V, Brasiliana, vol. 77). Cia. Editôra Nacional. S. Paulo, 1937.

MENDOZA, *Palabras mexicanas* — Eufemio Mendoza, *Apuntes para un catálogo razonado de las palabras mexicanas introducidas al castellano* (Boletín de la Sociedad Mexicana de Geografia y Estatística). México, 1895.

MIRANDA RODRIGUES, *Campanha do Tacutú* — Alfredo Miranda Rodrigues, *Campanha do rio Tacutú* (Relatório apresentado à CLSN). Belém, 1931.

MONTEIRO BAENA, *Ensáio corográfico* — Antônio Ladislau Monteiro Baena, *Ensáio corográfico sôbre a província do Pará*. Tip. Santos e Menor. Pará, 1839.

MONTEIRO DE NORONHA, *Roteiro da viagem* — Padre José Monteiro de Noronha, *Roteiro da viagem da cidade do Pará até às últimas capitanias do sertão da Província (escrito em a Vila de Barcelos em* 1768.) Tipografia de Santos & Irmão. Pará, 1862.

MONTOYA, *Tesoro* — Padre Antônio Ruiz de Montoya, *Vocabulário y tesoro de la lengua guaraní, ó más bien Tupí*. Nueva edición. Maisonneuve. Paris, 1876.

MORAIS, *Vocabulário* — Luís Carlos de Morais, *Vocabulário Sul-riograndense*. Livraria do Globo. Porto Alegre, 1935.

MORELLI, *Campanha do Jarí* — Armando Novais Morelli, *Campanha do rio Jarí* (An. IX Congr. Geog., vol. II, pgs. 334-372). Serviço gráfico IBGE. Rio de Janeiro, 1942.

NASCENTES, *Dicionário etimológico* — Antenor Nascentes, *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Tomo I ,2ª ed., Rio de Janeiro, 1955; tomo II, Rio de Janeiro, 1952.

NAVARRETE — Martín Fernández Navarrete.
1 — *Viajes de Colón — Viajes de Cristóbal Colón*. Calpe. Madrid, 1922.
2 — *Viajes y descubrimientos — Colección de los viajes y descubrimientos que hicieron por mar los españoles desde fines del siglo XV*. 2ª ed. 5 vols. Imprenta Nacional. Madrid, 1855-1860.

NEIVA, *Língua nacional* — Artur Neiva, *Estudos da língua nacional.* (Bibl. Pedag. Brasil., Série V, Brasiliana, vol. 178). Cia, Editôra Nacional. S. Paulo, 1940.

NELSON CORRÊA, *Campanha do Ururicuera* — Nelson Corrêa de Oliveira, *Campanha do rio Uraricuera* (Relatório apresentado à CLSN). Belém, 1938.

NIMUENDAJÚ — Curt Nimuendajú.

1 — *Aparaí — Vocabulário Aparaí* (Manuscrito original e inédito, em poder do autor). Belém, 1915.

2 — *Idiomas indígenas — Idiomas Indígenas del Brasil* (Rev. Inst. Etnolog., tomo II, pgs. 543-618). Tucuman, 1932.

3 — *Macuxí — Vocabulário Macuxí* (Manuscrito original e inédito, em poder do autor). Belém, 1921.

NORDENSKIOLD, *Indianerleben* — Erland Nordenskiold, *Indianerleben. El Gran Chaco.* Leipzig, 1912.

OLIVERIO PINTO, *Impressões naturalísticas* — Olivério Pinto, *Notas e impressões naturalísticas de uma viagem fluvial a Cuiabá* (Bol. Mus. Goeldi, tomo X, pgs. 331-354). Belém, 1949.

ORTIZ, *Afronegrismos* — Fernando Ortiz, *Glosario de afronegrismos.* Impr. "El Siglo XX". La Habana, 1924.

OSVALDO ORICO, *Crendices* — Osvaldo Orico, *Vocabulário de crendices amazônicas.* Cia. Editôra Nacional. S. Paulo. 1937.

OVIEDO — Gonzalo Fernández de Oviedo.

1 — *História — História general y natural de las Indias.* 4 vols. Imprenta de la Real Academia de la Historia. Madrid, 1851-1855.

2 — *Sumário — Sumario de la natural historia de las Indias.* Fondo de Cultura Econômica. México, 1950.

PAULA BARROS, *Iaraporanga* — Carlos de Paula Barros, *Iaraporanga.* Editôra Record. Rio de Janeiro, 1935.

PAULO SETUBAL, *Os irmãos Leme.* Edições Saraiva. S. Paulo, 1948.

PERDIGÃO, *Notícia* — José Rebelo Perdigão, *Notícia que dá ao Rev. Padre Diogo Soares sôbre os primeiros descobrimentos das Minas Gerais do Ouro* (Rev. IHG-Br., vol. LXIX, parte I, pgs 275-281). Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1908.

PEREA, *Glosario taíno* — Juan Augusto y Salvador Perea, *Glosario etimológico taíno-español, histórico y etnográfico.* Tip. Mayaguez Printing. Mayaguez, Puerto Rico, 1941.

PIGAFETTA, *Primo viaggio* — Antonio Pigafetta, *Primo viaggio intorno al globo terraqueo,* publicado por Carlo Amoretti. Stamperia Giuseppe Galeazzi. Milano, 1880.

PINTO PESSOA, *Selva Selvagem.* Editôra "O Norte". Rio de Janeiro, 1923.

PISO, *De Indiae* — Gulielmus Piso, *De Indiae utriusque re naturali et medica.* Amstelaedami, 1658.

POJUCAN CAVALCANTI — Antônio Pojucan Cavalcanti.

1 — *Campanha do Mapuera — Campanha do rio Mapuera* (Relatório apresentado à CLSN). Belém, 1935.

2 — *Pianocotó* (Relatório apresentado à CLNS). Belém, 1937.

3— *Trombetas — Expedição ao Trombetas* (Levantamento geográfico do rio Trombetas. Relatório apresentado à CLSN). Belém, 1938.

RAIMUNDO MORAIS.

1 — *Aluvião.* Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1937.

2 — *Anfiteatro — Anfiteatro amazônico.* Edições Melhoramentos. S. Paulo, s/d.

3 — *Meu dicionário — Meu dicionário de coisas da Amazônia.* 2 vols. Gráfica Alba. Rio de Janeiro, 1931.

4 — *Planície — Na planície amazônica* (Bibl. Pedag. Brasil., Série V, Brasiliana, vol. 63). 4ª ed. Cia. Editôra Nacional. S. Paulo, 1936.

5 — *Ressuscitados.* Edições Melhoramentos. S. Paulo, s/d.

RAMAIANA DE CHEVALIER, *Circo* — Ramaiana de Chavalier, *No circo sem teto da Amazônia.* Editôra Moderna. Rio de Janeiro, s/d.

RENATO MENDONÇA, *O português do Brasil* (Bibl. Divulg. Cientif., vol. X). Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1936.

RIBEIRO DE SAMPAIO — Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio.

1 — *Diário da viagem — Diário da viagem que em visita e correição das povoações da capitania de S. José do Rio Negro fez o ouvidor geral da mesma.* Tipografia da Academia. Lisboa, 1825.

2 — *Rio Branco — Relação geográfica-histórica do rio Branco da América Portuguesa* (Rev. IHG-Br., tomo XIII, pgs. 200-273). Tipografia Laemmert. Rio de Janeiro, 1850.

RIBEIRO DA SILVA, *Araguáia* — Hermano Ribeiro da Silva, *Nos sertões do Araguáia.* Edições Saraiva. S. Paulo, 1948.

RIVET, *Orígenes* — Paul Rivet, *Los orígenes del hombre americano.* Trad. española de José Recasens. Ediciones Cuadernos Americanos. México, 1943.

ROBELO, *Aztequizmos* — Cecilio A. Robelo, *Diccionario de Aztequismos ó sea catalogo de las palabras del idioma nahuatl, azteca ó mexicano, introducidas al idioma castellano bajo diversas formas.* Imprenta del autor. Cuernavaca, México, 1904.

RODRIGO DE FIGUEROA. *Documentos inéditos (Colección de documentos inéditos relativos al descubrimiento y colonización de las posesiones españolas en América y Oceania, sacados en su mayor parte del Archivo de Indias).* 42 vols. Imprenta de Bernaldo de Queirós. Madrid, 1864-1884.

RODRIGUES FERREIRA, *Viagem filosófica* — Alexandre Rodrigues Ferreira, *Diário da viagem filosófica pela capitania de S. José do Rio Negro* (Rev. IHG-Br., tomo 48, parte I, 1885, pgs. 1-234; tomo 49, parte I, 1886, pgs. 123-288; tomo 50, parte II, 1887, pgs. 11-141; tomo 51, parte I, 1888, pgs. 5-166).

RONDON — Cândido Mariano da Silva Rondon.

1 — *Campanha de* 1927 (Relatório apresentado ao Ministério da Guerra, relativo às inspecções das fronteiras dos Estados do Pará e Amazonas). Rio de Janeiro, 1927.

2 — *Conferências* (Publicação nº 68 do CNPI). 2ª ed. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1946.

3 — *Etnografia — História natural. Etnografia* (Publicação nº 2 do CNPI). 2ª ed. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1947.

4 — *Glossário geral — Glossário geral das tribos silvícolas de Mato-Grosso e outras da Amazônia e do Norte do Brasil* (Publicação nº 76 do CNPI). Tomo I. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1947.

ROQUETTE-PINTO, *Rondônia,* (Bibl. Podag. Brasil., Série V, Brasiliana, vol. 39). 4ª ed. Cia. Editôra Nacional. S. Paulo, 1938.

RUBENS ALVES — Rubens Nelson Alves.

1 — *Baniva — Glossário baniva* (Relatório apresentado à CLSN). Belém, 1934.

2 — *Campanha do Majarí — Campanha do rio Majarí* (Relatório apresentado à CLSN). Belém, 1935.
3 — *Campanha do rio Branco* (Relatório apresentado à CLSN). Belém, 1938.
4 — *Macuxí — Vocabulário macuxí* (Relatório apresentado à CLSN). Belém, 1934.
5 — *Rangupiquí* (Relatório apresentado à CLSN). Belém, 1936.

SAGOT, *Grammaires et vocabulaires* — Paul Antoine Sagot, *Grammaires et vocabulaires Roucouyenne, Arrouague, Piapoco e d'autres langues de la région des Guyanes* (Bibl. Ling. Amér., tome VIII). Maisonneuve. Paris, 1882.

SANTAMARIA, *Americanismos* — Francisco Javier Santamaria, *Diccionario general de Americanismos*. 3 vols. Editorial Pedro Roberto. México, 1942.

SCHOMBURGK, *Travels* — Richard Schomburgk, *Travels in British Guiana*, translated by Walter Edmund Roth. 2 vols. Daily Chronicle Office. Georgetown, 1923.

SCHULLER, *Huracan* — Rodolfo Schuller, *El "Huracan", dios de la tormenta y el Popol-Vuh*. (Archivos del Folklore Cubano, vol. IV, pgs. 113-118). La Habana, 1929.

SEGOVIA, *Argentinismos* — Lisandro Segovia, *Diccionario de argentinismos y barbarismos*. Buenos Aires, 1911.

SERAFIM LEITE, *História* — Padre Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*. 10 vols. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1938-1950.

SEVERIANO DA FONSECA, *Viagem* — João Severiano da Fonseca, *Viagem ao redor do Brasil*. 2 vols. Tip. Pinheiro. Rio de Janeiro, 1880.

SÍLVIO JÚLIO — Sílvio Júlio de Albuquerque Lima.
1 — *Escritores antilhanos*. Livraria H. Antunes. Rio de Janeiro, 1944.
2 — *Estudos gauchescos — Estudos gauchescos de literatura e folclore*. Edição do Club Internacional do Folclore. Natal, 1953.

SIMÕES LOPES NETO, *Contos gauchescos* — João Simões Lopes Neto, *Contos gauchescos e lendas do sul*. 2ª ed. Coleção Província, nº 1. Editôra Globo. Porto Alegre, 1950.

SIMON, *Notícias historiales* — Fray Pedro Simon, *Notícias historiales de las conquistas de Tierra-Firme en las Indias Occidentales*. 5 vols. Imprenta de Medrado Rivas. Bogotá, 1882-1892.

SOUSA BRASIL, *Incolas selvícolas* — Temístocles Paes de Sousa Brasil, *Incolas selvícolas*. Tip. Leuzinger. Rio de Janeiro, 1937.

SOUSA CARNEIRO, *Furundungo* — Antônio Joaquim de Sousa Carneiro, *Furundungo*. Adersen Editôres. Rio de Janeiro, s/d.

SOUSA MARTINS — Luís de Sousa Martins.
1 — *Campanha do Mapuera — Campanha do rio Mapuera* (Relatório apresentado à CLSN). Belém, 1936.
2 — *Geografia da Amazônia — Notas sôbre a geografia da Amazônia* (Rev. Bras. Geogr., nº 4, Out.-Dez., pgs. 709-746). Oficinas gráficas do IBGE. Rio de Janeiro, 1942.

STADEN, *Viagem ao Brasil* — Hans Staden, *Viagem ao Brasil* (Versão do texto de Marpurgo, de 1557, por Alberto Löfgren). Revista e anotada por Teodoro Sampaio. Oficina Industrial Gráfica. Rio de Janeiro, 1930.

STEINEN, *Aborígenes* — Karl von den Steinen, *Entre os aborígenes do Brasil Central*. Tradução de Egon Schaden. Departamento de Cultura. S. Paulo, 1940.

STRADELLI, *Nheengatú-português* — Ermano Stradelli, *Vocabulário nheengatú-português e português-nheengatú* (Rev. IHG-Br., tomo 104, vol. 158, pgs. 1-769). Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1928.

TASTEVIN, *Gramática tupí* — Constantin Tastevin, *Gramática da língua tupí*. Oficina do Diário Oficial. S. Paulo, 1923.

TAVERA-ACOSTA — Bartolomé Tavera-Acosta.
1 — *En el sur*. Ciudad Bolivar, 1907.
2 — *Rionegro*. Reseña etnográfica, histórica y geográfica del Território Amazonas. 2ª ed. Maracay, Estado Aragua, 1927.
3 — *Venezuela — Venezuela Pré-Colombiana*. Caracas, 1930.

TEODORO SAMPAIO.
1 — *Naturalistas viajantes — Naturalistas viajantes dos séculos XVIII e XIX e a etnografia indígena*. Livraria Progresso Editôra. Salvador, 1955.
2 — *Tupí — O tupí na geografia nacional*. Seção gráfica da Escola de Aprendizes Artífices. 3ª ed. Bahia, 1928.

TEÓFILO BRAGA, *Antologia portuguesa*. Livraria Universal. Porto, 1876.

THEVET, *Singularitez* — André Thevet, *Les singularitez de la France Antarctique, avtrement nommé Amérique*. Paris, 1558.

UMBERTO PEREGRINO, *Imagens* — Umberto Peregrino Seabra Fagundes, *Imagens do Tocantins e da Amazônia* (Bibl. Militar, vol. 57). Cia. Editôra Americana. Rio de Janeiro, 1942.

UNAMUNO, *Contra esto e aquello* — Miguel de Unamuno y Tirgo, *Contra esto e aquello*. Editôra Renascimiento. Madrid, 1912.

UREÑA — Pedro Henríquez Ureña.
1 — *El español en Santo Domingo* (Bibl. Dial. Hisp., tomo V). Casa Editorial Coni. Buenos Aires, 1940.
2 — *El español en México* (Bibl. Dial. Hisp., vol. IV). Buenos Aires, 1938.
3 — *Indigenismos — Para la historia de los indigenismos* (Bibl. Dial. Hisp., Anejo III). Imprenta de la Universidade. Buenos Aires, 1938.

VARNHAGEN, *Breves comentários* — Francisco Adolfo Varnhagen, *Breves comentários à obra de Gabriel Soares de Sousa* (Apêndice ao livro de Gabriel Soares, *Tratado descritivo*, pgs. 435-493).

VICTOR PINEDO, *Hylea peruana — Formaciones humanas en la Hylea Amazónica Peruana* (Amér. Indíg., vol. XIII, nº 2, abril, pgs. 87-101). México 1953.

XAVIER FERNANDES, *Topônimos e gentílicos* — Ivo Xavier Fernandes, *Topônimos e gentílicos*. Vol I. Editôra Nacional. Porto, 1941.

ZAYAS, *Lexicografia antillana* — Alfredo Zayas y Alfonso, *Lexicografia antillana. Diccionario de voces usadas por los aborígenes de las Antillas mayores y de algunas de las menores*. 2ª ed. 2 vols. Molina & Cia. La Habana, 1932.

ZÁRATE, *Conquista del Perú* — Augustín de Zárate, *Historia del descubrimiento y conquista de la província del Perú* (BAE, vol. XVI, pgs. 459-574). Rivadeneyra. Madrid, 1853.

II — REGISTO ONOMÁSTICO

Abbeville, Claude d' — 176
Acuña, Cistóbal de — 311, 312
Adam, Lucien — 221
Aguiar, Braz Dias de — 55, 187, 351
Aires de Casal, padre — 57, 329
Alcedo, Antônio — 99, 107, 221, 279, 280, 318, 329
Almeida, Armando — 79, 100, 116, 147, 156, 159, 177, 203, 212, 218, 221, 233, 245, 255, 268, 345
Almeida Nogueira, Batista Caetano — 36, 45, 46, 54, 57, 58, 59, 63, 219, 229, 240
Alvarado, Lisandro — 140, 147, 154, 167, 200, 229, 232, 274, 278, 286, 289, 303, 318, 321, 322, 329, 330
Alves Câmara, Antônio — 215
Alves, Rubens Nelson — 47, 98, 99, 101, 112, 116, 141, 142, 165, 173, 180, 192, 196, 212, 219, 222, 236, 240, 242, 244, 254, 287, 289, 298, 332, 333
Anchieta, José de — 36, 71, 75, 202
Andrade, Mário de — 143, 170, 199, 214, 230, 337, 346
Anghiera, Pedro Mártir de — 40, 41, 107, 176, 178, 267, 268, 275, 277, 291, 293, 300, 301, 302, 307, 309, 313, 315, 316, 321, 322, 323, 328, 331, 348, 349
Aquino Corrêa, D. Francisco de — 102, 211
Arindê, índio — 120, 121
Armas, Juan Ignacio de — 280, 327, 338
Arona, Juan de — 70, 274, 284, 325, 326
Arrais, frei Amador — 68
Asensio, Joaquín Torres — 301
Auacá, tuxáua — 41, 105, 110, 120, 122, 123, 127, 129, 246, 310
Ayrosa, Plínio — 36
Bachiller y Morales, Antônio — 303
Badet, Henri — 193
Baena, Antônio Ladislau Monteiro — 97, 119, 130, 145, 179, 180, 192, 193, 210, 213, 244, 319, 335
Baião, Antônio — 57, 58
Barão de Guajará — 138, 191, 341
Barão de Parima — 133
Barbosa, Domingos — 171, 172, 174
Barbosa de Faria, João — 166, 194, 260, 341, 346, 355
Barbosa Rodrigues, João — 111, 112, 134, 146, 158, 160, 161, 203, 214, 232, 233, 234
Barbosa, Rui — 43
Barléu, Gaspar — 173
Barreto, Mário — 43, 44, 65
Barros Arana, Diego de — 326
Barros, João de — 90, 91, 291
Batazá — 50
Beaurepaire-Rohan, Visconde de — 192, 195, 217, 223, 235
Becher, Hans — 248, 249
Bento Roíz — 285
Beresford, Paulo — 43
Bernard Claude — 143
Bernardes, padre Manuel — 42
Betendorf, padre João Felipe — 210
Biet, Antoine — 108, 117, 131, 155, 168, 175, 200, 211, 221, 222, 225, 228, 239, 338
Bluteau, padre Rafael — 266
Bollaert, William — 328

Botelho de Magalhães, Amílcar Armando — 134, 241, 261, 345
Braga, Teófilo — 268
Brandão, Ambrósio Fernandes — 173, 318, 330, 338
Bréton, Raymond — 73, 108, 145, 147, 168, 200, 229, 256, 283, 305
Buarque de Holanda Ferreira, Aurélio — 342
Calcaño, Júlio — 63, 64, 132, 178, 199, 200, 229, 279, 290, 303, 318, 322, 327, 331
Caldas Aulette — 337
Caminha, Pero Vaz de — 57, 58
Camões, Luís de — 42, 68
Campos, Juvêncio — 336
Capistrano de Abreu, João — 39, 46
Cardim, Fernão — 46, 54, 55, 163, 173, 201, 218, 240
Carlos Estêvão de Oliveira — 120
Castilho, Antônio Feliciano de — 42
Castro Alves, Antônio — 125, 349
Castro, Américo — 39
Castro, Eugênio de — 215, 216, 235, 236, 273, 334
Cerqueira, Dionísio — 113, 132, 133, 243
Cerqueira Filho, Dionísio — 133
Challoner, Thomas — 153
Chanca, Diego Alvarez — 292, 293, 309, 310
Chavero, Alfredo — 316
Chermont de Miranda, Vicente — 61, 62, 194, 195, 206, 217, 234, 237, 238, 283
Chevalier, Ramaiana de — 106, 107, 157, 230, 243
Cieza de Leon, Pedro de — 284, 285
Clusius, Charles de — 276
Colombo, Cristóvão — 39, 178, 292, 293, 301, 304, 307, 308, 309, 310, 312, 314, 323
Cortesão, Antônio Augusto — 265
Cortesão, Jaime — 58, 61
Costa, Angione — 133, 134, 210, 272, 334
Costa Azevedo, José da — 109
Coudreau, Henri — 47, 49, 101, 113, 117, 136, 138, 139, 146, 149, 156, 186, 200, 205, 211, 212, 217, 218, 219, 220, 225, 238, 239, 241, 244, 254, 256
Couto, Diogo do — 89
Couto de Magalhães, Agenor — 228
Couto de Magalhães, José Vieira — 36, 60, 190
Crevaux, Jules — 47, 73, 74, 100, 101, 120, 130, 136, 142, 146, 147, 156, 175, 187, 188, 200, 211, 218, 219, 225, 238, 240, 254, 256, 306, 307, 327, 338
Cruls, Gastão — 70, 104, 109, 110, 130, 131, 135, 143, 157, 170, 180, 187, 188, 189, 195, 196, 205, 214, 215, 223, 230, 243, 244, 245, 249, 270, 288, 298, 322, 347
Cruxent, J. M. — 156, 176, 246
Cuervo, Rufino José — 40, 117, 161, 200, 203, 274, 286, 293, 300, 303, 318, 322, 329, 330, 341, 349, 350
Cunha, Aires Câmara — 248, 250
Cunha, Arnaldo Pimenta da — 335, 336
Cunha, Euclides da — 53, 79, 143, 281, 336, 349
Dalgado, Sebastião Rodolfo — 57, 161
Daltro Santos, Miguel — 282, 283
Dantas, Júlio — 43
Dénis, Ferdinand — 227
Dévic, Marcel — 161
Díaz del Castillo, Bernal — 262, 263, 269, 277, 293, 302, 321
D. Manuel, o Venturoso — 57
Dozy, Reinhart — 279
Du Cange, Charles — 327
Edelweiss, Frederico — 36
Eguílaz y Yanguas, Leopoldo de — 279
Ehrenreich, Paul — 45, 306
Enciso, Martín Fernández de — 277
Engelmann, W. H. — 279
Façanha, José — 180
Fernandes, Eurico — 160, 189, 250
Fernando V, de Aragão — 311
Ferreira Pena, Domingos Soares — 101, 102, 152, 270, 271, 272, 323
Figueira, padre Luís — 36, 75, 225

Figueroa, Rodrigo de — 311
Frederico II, da Prússia — 277
Freire, Laudelino — 329
Freitas, Afonso A. de — 60
Freitas, Otávio — 74
Friederici, Georg — 100, 226, 228, 247, 256, 265, 269, 274, 286, 289, 293, 303, 320, 321, 322, 329, 330, 342, 345, 350, 352
Galvão, Eduardo — 248
Gandavo, Pero de Magalhães — 163, 201
Garcia, Rodolfo — 62, 71, 338
Goeje, Claudius Henricus De — 142, 146, 168, 204, 219, 220, 222, 225, 240, 241, 246, 251, 256, 289
Goeldi, Emílio Augusto — 97
Gómara, Francisco López de — 267, 268, 277, 313
Gomes, Carlos — 335
Gonçalves Dias, Antônio — 135, 224
Gonçalves Viana, Aniceto dos Reis — 70, 161, 289, 293, 337, 347, 348, 353
Gonzaga, Tomás Antônio — 282
Grünberg, Theodor Koch — 101, 110, 111, 112, 140, 141, 146, 147, 168, 169, 170, 197, 198, 203, 211, 213, 254, 289
Gumilla, padre José — 102, 152, 176, 307, 308
Guzmán, Gonzalo — 267
Harcourt, Robert — 153
Hartt, Charles Frederik — 60, 271
Herrera, Antônio de — 313
Humboldt, Alexander von — 141
Hurley, Henrique Jorge — 61, 63, 107, 130, 159, 173, 194, 195, 202, 218, 242
Inglês de Sousa, Herculano Marcos — 216, 237
Jahn, Alfredo — 149, 226, 304, 305
Jucá, Pompílio — 37, 247
Jurandir, Dalcídio — 216
Kayser, Konrad — 55, 351
Krickberg, Walter — 64, 231, 232
Ladislau, Alfredo — 109, 263, 332, 335
Las Casas, frei Bartolomé de — 63, 178, 263, 264, 268, 275, 276, 286, 292, 293, 302, 307, 309, 312, 321, 322, 323, 339, 352
Leite, padre Serafim — 148
Lemos Barbosa, padre Antônio — 36, 142, 201, 297, 333
Lenz, Rodolfo — 265, 280, 293, 325, 345
Léry, Jean de — 69, 71, 74, 75, 118, 119, 201, 255, 344
Levy Cardoso, Armando — 85
Lima Figueiredo, José de — 69, 130, 134, 165, 166, 230, 261, 296, 346, 347, 354
Lima, Jorge de — 170
Lisona, Albertino Vercellese de — 40, 301
Littré, Emile — 63, 69, 337
Lokotsh, Karl — 142, 161, 279, 293, 303, 341
Lopes de Araújo, Francisco Xavier — 133
Lopes, Raimundo — 139
Macedo Soares, Antônio Joaquim de — 42, 58, 60, 62, 63, 272
Macedo Soares e Silva, Edmundo — 44
Maciel, Maximino de Araújo — 65
Magalhães, Fernão de — 41
Malaret, Augusto — 247, 279, 338
Marcgrave, Jorge — 173, 201, 202
Marden, Charles Carrol — 326
Marroquim, Mário — 89
Martius, Karl Friedrich Phillip von — 63, 104, 108, 117, 120, 130, 139, 142, 146, 147, 156, 161, 175, 198, 199, 200, 205, 211, 224, 225, 228, 239, 246, 256, 278, 298, 329, 248, 350
Mata, Alfredo Augusto da — 72, 217, 235, 295
Maya, Alcides — 90, 319
Melo, Gladstone Chaves de — 142
Melo Leitão, Cândido de — 203, 242
Mendes, Amando — 90, 190, 235, 243
Mendonça, Renato — 60, 272, 273
Mendoza, Eufemio — 316
Meyer, Augusto — 89
Miranda Rodrigues, Alfredo — 206
Montoya, Antônio Ruiz de — 36, 46, 238, 297

Morais, Luís Carlos de — 342
Morais, Raimundo — 37, 38, 90, 103, 113, 130, 143, 144, 148, 153, 158, 162, 202, 205, 223, 230, 235, 237, 243, 295, 296, 334, 351
Morais e Silva, Antônio — 329
Morelli, Armando de Novais — 51, 116, 117, 156, 159, 160, 161, 186, 187, 188, 212, 226, 240, 254
Nascentes, Antenor — 65, 161, 172
Natterer, Johan Joseph — 176
Navarrete, Martín Fernández de — 292, 300, 312
Nebrija, Antônio de — 40, 41, 300, 302, 308
Neiva, Artur — 36, 72, 164, 201, 344
Nimuendajú, Curt — 48, 104, 117, 139, 141, 142, 147, 156, 160, 161, 166, 167, 168, 174, 175, 192, 200, 211, 213, 222, 226, 238, 241, 254, 256, 288, 350
Nordenskiöld, Erland — 232, 333
Noronha, padre José Monteiro de — 101, 151, 152
Nunes Pereira, Manuel — 170
Oliveira, Leônidas — 116, 136, 137, 159, 160, 161, 187, 254
Oliveira, Nelson Corrêa de — 170
Orico, Osvaldo — 97, 98, 243
Orozco y Berra, Manuel — 326
Ortiz, Fernando — 118, 265, 289
Oviedo, Gonzalo Fernández de — 63, 107, 118, 177, 178, 228, 264, 268, 269, 273, 277, 286, 289, 292, 293, 302, 307, 311, 313, 315, 318, 320, 323, 324, 339, 344, 352
Palhano, Lauro — 333, 336, 337
Parmentier, Antoine Augustin — 277
Paula Barros, Carlos de — 335
Paulino Nogueira — 56
Paz Soldán — 109
Pedra Branca, Visconde de — 30, 37
Pellepret, Diogo — 168
Perdigão, José Rebelo — 285
Perea, Juan y Salvador — 265, 270, 274, 278, 286, 293, 321, 328, 330, 341, 350
Peregrino, Humberto — 190, 271
Peregrino Júnior — 196
Pichardo, Estéban — 280
Pigafetta, Antônio — 41, 277
Pinedo, Victor M. — 78, 80
Pinheiro, Aurélio — 103, 153, 177, 206, 319
Pinheiro Domingues, Conde de — 222
Pinto, Estêvão — 139, 145, 329, 330
Pinto, Olivério — 245
Pinto Pessoa — 114, 332
Pisani, Domenico — 40, 301
Piso, Gulielmus — 72, 173
Platzmann, Julius — 62, 71, 283
Pojucan Cavalcanti, Antônio — 104, 173, 198, 224, 236, 240, 244, 247, 254
Pombo, José Ambrósio de Miranda — 187
Queiroz, frei João de S. José — 53, 143, 210, 283
Rabelo, Alberto — 285
Raimundo, Jacques — 65
Raimundo Nonato Ferreira — 51
Ramos, Artur — 193, 354
Rangel, Alberto — 79, 90, 111, 145, 155, 157, 195, 217, 227, 299, 235, 263, 282, 336, 347
Ribeiro, João — 38, 41, 42, 65, 229, 265, 314, 315
Ribeiro de Sampaio, Francisco Xavier — 197, 230, 339
Ribeiro da Silva, Hermano — 112, 113
Rivet, Paul — 73, 305
Robelo, Cecílio A. — 265, 314, 315, 320, 329, 352
Rodrigues Ferreira, Alexandre — 319
Roenick, Henrique — 110
Rojas, Aristides — 247
Rondon, Cândido — 83, 101, 134, 146, 161, 166, 175, 192, 193, 194, 206, 211, 213, 234, 236, 241, 259, 260, 261, 262, 341, 345, 347, 355
Roquette Pinto — 88, 193, 194, 259, 260, 262, 340, 346, 354, 355
Roth, Walter — 251
Rovenson, John — 153
Sagot, Paul Antoine — 147, 239
Salas, Júlio — 226, 246, 324
Salvá, Miguel — 284
Sampaio, Teodoro — 56, 107, 201
Santamaria, Francisco Xavier — 279

Schomburgk, Richard — 46, 49, 134, 135, 150, 220, 251, 252, 253, 288
Schuller, Rudolf — 316
Seabra da Silva, José — 57
Segovia, Lisandro — 142
Setúbal, Paulo — 285
Severiano da Fonseca, João — 242
Simon, frei Pedro — 290
Sousa, Bernardino José de — 63, 223, 224, 284, 285
Sousa Brasil, Temístocles — 135
Sousa Carneiro, A. J. de — 65, 66
Sousa, Gabriel Soares de — 20, 75, 163, 164, 173, 201, 210, 255, 318
Sousa, frei João de — 279
Sousa, frei Luís de — 42, 90, 91
Sousa Martins, Luís de — 51, 64, 98, 180, 181, 182, 252
Spruce, Richard — 64
Staden, Hans — 74, 112, 255, 343, 344
Steinen, Karl von den — 242, 249, 260, 340, 355.
Stradelli, Ermano — 98, 172, 295, 297
Tapia, Diego de — 168
Tastevin, Constantin — 142
Tavera-Acosta, Bartolomé — 100, 112, 114, 149, 150, 151, 161, 168, 179, 222, 286, 288
Thevet, André — 71, 118, 177, 201, 292, 293
Thurn, Everard Im — 135, 288
Toloirí, cacique — 261
Txuaiuarê, índio — 120, 121, 129, 130
Unamuno, Miguel de — 39
Ureña, Pedro Henríquez — 108, 132, 178, 179, 200, 203, 228, 247, 264, 265, 266, 270, 274, 277, 280, 286, 289, 293, 300, 303, 308, 316, 317, 318, 320, 321, 322, 326, 327, 329, 336, 342, 343, 345, 349, 352
Veríssimo, José — 37, 42, 60, 119, 179, 190, 202, 216, 224, 225, 234, 237, 238
Vicente, Gil — 90
Vieira, padre Antônio — 42, 53
Vigíl, Carlos Martínez — 38, 39
Xamukendê, índio — 51, 105, 110, 127, 128
Xavier Fernandes, Ivo — 57, 68
Wappoeus, J. E. — 113
Webster, N. — 69
Wiener, Leo — 265, 280, 327, 338
Zárate, Agustín de — 325, 326
Zayas e Alfonso, Alfredo — 267, 270, 274, 278, 286, 293, 303, 336, 353

III — REGISTO TOPONÍMICO

Acarapequirí — 56
África — 64
Alcalá — 40, 176, 277, 291, 300, 301, 321, 328.
Alemanha — 277
Amapá — 97, 98
Amazonas (rio) — 148, 152, 153, 159, 224
Amazonas (Estado) — 153, 158, 190, 295, 317
Amazônia — 37, 42, 47, 48, 50, 52, 60, 61, 65, 81, 84, 86, 87, 88, 97, 99, 100, 101, 103, 104, 106, 107, 109, 111, 114, 115, 119, 130, 135, 140, 143, 160, 167, 173, 189, 190, 191, 194, 196, 201, 202, 203
América — 30, 37, 39, 40, 42, 47, 162, 301, 323, 328
América do Sul — 88, 148
Andes — 167, 349
Antilhas — 199, 263, 264, 266, 268, 274, 275, 281, 284, 287, 292, 293, 302, 305, 308, 317, 320, 325, 327, 328, 329, 341
Antilhas Menores — 308
Aramatáu — 50
Araguarí — 151
Arauarí — 151
Argentina — 343
Arumanduba — 116, 160, 187
Ásia — 349
Atabapo — 154
Atacama — 349
Auxerre — 73, 108, 256, 283
Bahia — 66, 81, 133, 164, 201, 284, 336
Batoví — 248
Belém — 187, 207, 276
Bombaim — 57, 68
Bombay — 57
Branco — 153, 169, 170, 287
Brasil — 30, 37, 43, 47, 49, 55, 57, 64, 78, 79, 80, 84, 85, 99, 109, 113, 115, 116, 118, 123, 124, 129, 134, 146, 148, 165, 168, 187, 196, 207, 209, 223, 224, 242, 243, 247, 251, 252, 254, 284, 305, 308, 310, 317, 318, 323
Buenos Aires — 301
Cabarí — 113
Caburái — 165
Caburái-tepê — 165
Cachoeira — 151
Cachorro — 174, 175, 194, 196, 242
Cametá — 179
Caniba — 312
Canima — 312
Capú — 253
Caracaraí — 56
Caracas — 351
Caribana — 312
Caritana — 312
Castela — 276, 338, 342
Ceará — 81, 273
Ceilão — 68
Cherchoneso — 68
Chile — 276
Cibão — 291
Coimbra — 71
Colômbia — 135, 308
Comorim — 68
Corim — 68
Couroua — 113
Cuba — 262, 265, 267, 274, 284, 291, 326, 336
Culuene — 248
Cuminá — 51, 120, 174, 196, 242
Cuquenã — 170
Demerara — 153, 165
Distrito Federal — 321
Ererê — 164
Espanha — 39, 40, 300
Essequibo — 153

Europa — 42, 141, 221
França — 62, 277, 281, 337
Garças — 102
Goiás — 82
Grandes Antilhas — 227, 308
Guanaaní — 291
Guaporé — 232
Guaiana — 101, 102, 151, 152, 214, 221, 224
Guajira — 149
Guayana — 99, 102, 149, 152, 231
Guiana — 97, 99, 100, 101, 143, 151, 250, 251, 254, 305, 308
Guiana Brasileira — 97, 98, 99, 106, 110, 128, 148, 169, 298, 304
Guiana Britânica — 50, 120, 134, 135, 204, 207, 310
Guiana Francesa — 117, 137, 151, 187
Guiana Holandesa — 55
Guiana Paraense — 148
Guiana Portuguêsa — 148
Guiné — 347
Gurupí — 153
Haite — 291
Haití — 274
Huallaga — 80
Ilha Espanhola — 291, 315
Ilha dos Frades — 164
Índias Ocidentais — 330
Inglaterra — 276
Inírida — 154
Ipitinga — 187
Irlanda — 276
Isla Española — 302, 350
Isle Espagnole — 292
Itália — 40, 276, 301
Jacicurí — 194
Jarí — 116, 136, 159, 186, 187
Jauaperí — 233
Kouc — 113
Leiden — 47
Lisboa — 329
Lombárdia — 275
Macapá — 101, 152
Madeira — 332
Madrid — 301
Málaca — 67, 68
Maláia — 67
Mamoré — 172
Manaus — 72
Manôa del Dorado — 141
Mapuera — 204
Maragogipe — 151
Marajó — 179, 270, 271, 272, 283, 299
Marañon — 80
Marapí — 49, 51, 54, 105, 110, 120, 121, 123, 128, 129, 174, 196, 242, 247, 310
Mato Grosso — 82, 88, 166, 224, 245, 345, 353, 356
Marzagán — 64
México — 305
Minas Gerais — 88
Mojos — 64
Monte-Alegre — 102, 152, 164
Mortes — 102
Negro — 64, 135
Óbidos — 174, 179, 206, 237, 242
Orange — 153
Orinoco — 64, 102, 152, 154, 307
Pacoval — 296
Palos de Moguer — 291
Pará — 42, 98, 153, 187, 190, 203, 207, 223, 276, 295
Paraguaçú — 151
Paraguai — 243, 273
Paraíba — 81
Paraná — 83, 243, 272
Paranabuc — 52
Parauaçú — 151
Paris — 71, 283, 305
Parú — 49, 174, 242
Parú de Oeste — 120, 196, 247
Patacái — 56
Pequenas Antilhas — 263
Pernambuco — 52, 81, 273, 306
Perú — 78, 109, 284, 325
Piauí — 306
Piritú — 99
Port of Spain — 350
Pôrto — 57
Pôrto Seguro — 58
Portugal — 37, 38, 61, 67, 84, 276, 280, 327, 330
Prússia — 277
Puerto Rico — 308
Purús — 79, 336
Quiarí — 64
Rio Grande do Norte — 81
Rio Grande do Sul — 29, 37, 65, 81, 83, 85, 89, 223, 224, 263, 317, 342, 343
Rio de Janeiro — 67, 74, 201, 329
Rio da Prata — 79
Roráimã — 16
Rorôimã — 166
Rorôima — 165, 166, 169, 170, 171

Ruapir — 113
Salamanca — 39, 41, 300, 308
Samatra — 67, 68
Santa Catarina — 83
Santarém — 102, 152, 270
Santo Domingo — 108, 178, 228, 264, 266, 281, 292, 311, 313, 323, 326, 343, 348, 352
São Felix — 151
São Gabriel — 113
São Paulo — 50, 83
Sergipe — 52
Serigipe — 52
Sevilha — 40, 291, 301, 309
Sumatra — 68, 103
Suriname — 47, 49, 117, 160, 187
Tapajós — 306
Tinotó — 56
Tocantins — 242
Trapobana — 68
Trinidad — 250
Trombetas — 51, 105, 120, 174, 194, 196, 211, 224, 242, 247, 255, 268
Tumucumaque — 137, 251, 347
Uaupés — 113
Ubirapatiba — 52
Ucaiále — 80
Uriapana — 311
Veneza — 40, 301
Venezuela — 113, 134, 148, 149, 150, 161, 155, 179, 198, 207, 224, 225, 251, 305, 308
Xingú — 135, 248, 249, 305, 306
Yucatã — 316, 321

IV — REGISTO TRIBAL

Aparaí — 104, 117, 139, 156, 160, 187, 211, 225, 226, 238, 241, 254
Arecuná — 110, 111, 140, 161, 169, 197, 198
Arití — 81, 82, 194, 259, 260, 346, 353, 355, 356
Aruã — 272
Auacotó — 48, 150, 219
Auarêcotó — 48, 150, 192, 219, 304
Azteca — 326
Bacairí — 305, 306
Baníva — 350
Baré — 350
Borôro — 211
Caingângue — 81
Calapálo — 250
Carajá — 82, 83
Cariba — 315
Caribe — 50, 52, 98, 100, 104, 105, 106, 111, 112, 119, 142, 149, 165, 205, 207, 227, 229, 304, 305, 306, 308, 309, 310
Carirí — 82
Camaragotó — 150
Caxararí — 333
Caxináua — 253
Caxinití — 193
Caxuiana — 173, 174, 175, 194, 196, 218, 242, 250
Cherigotó — 150
Chíbcha — 328
Cocoipityan — 49
Crichaná — 134, 160, 233, 234
Cumanagotó — 117
Custenáu — 81
Galibí — 104, 108, 114, 117, 120, 130, 131, 139, 142, 146, 147, 156, 161, 211, 224, 236, 239, 314, 338
Gê — 306
Guaiana — 151
Guajiro — 149
Guayana — 152
Iaurapití — 84
Inca — 78, 80, 325
Ingaricó — 111
Ipurinã — 333
Jauaperí — 133, 134
Macuxí — 48, 112, 116, 141, 169, 197, 232, 254, 288, 304
Maya — 321
Meináco — 81
Meregotó — 150
Moiana — 150, 250
Nambicuára — 82, 83
Oiampí — 73
Oiona — 150
Ojona — 150
Omágua — 230
Ouayana — 149
Palmela — 232, 242
Pano — 78, 84, 86, 87
Parauaiana — 142, 150, 198, 250
Parauiana — 142, 250
Paraviana — 197
Pariagotó — 150
Paricí — 81, 194, 259, 261, 346, 353
Paricotó — 150, 192
Pariquí — 133, 134
Parucotó — 150
Pauxí — 174, 179, 242
Pianocotó — 48, 55, 56, 104, 150, 196, 198, 218, 219, 224, 240, 244, 247, 253, 304, 310, 311
Pimenteira — 306
Rangupiquí — 173, 192, 196, 219, 240, 242, 244, 304
Roucouyenne — 136, 150, 220
Taíno — 266, 292, 293, 307, 308, 310, 313, 316, 323, 339, 341, 349
Taurepã — 110, 111, 112, 140, 141, 146, 147, 161, 165, 169, 170, 192, 197, 198, 211, 234, 254

Tiriô — 137, 142, 147, 213, 225, 241, 253
Tupí — 50, 52, 71, 73, 105, 121, 191, 230, 306
Uaiana — 101, 102, 136, 139, 143, 146, 149, 150, 153, 156, 205, 211, 218, 238, 250
Uaimaré — 193
Uaurá — 81
Uirina — 298
Umáua — 231
Urucuiana — 47, 116, 120, 130, 136, 137, 150, 154, 156, 174, 181, 186, 187, 189, 212, 218, 219, 225, 239, 240, 241, 244
Xiriguano — 230

V — REGISTO REMISSIVO

abacate — 65, 151
abatí — 330
aca — 325
Academia Brasileira — 103, 116, 118, 146, 189, 192, 199, 267, 354
Academia das Ciências de Lisboa — 43
Academia Española — 279, 314, 315, 338
acuxá — 106, 209
aguacate — 151
águano — 80
ahuacatl — 65
aí — 73
aió — 82
ají — 343, 350
ajuntar — 37
amaka — 340
amaká — 340
amapá — 97, 98, 99
ameraba — 55
amúre — 64, 83, 239, 259, 260, 261, 262, 353, 356
anágua — 262, 263, 264, 265
anaruapá — 214
ancái — 53
aperado — 86
apinchar — 60, 61, 87
aquiquí — 84, 273
aracabuxá — 50, 51, 105, 208, 209
aracuerê — 125
araguatá — 99
araguató — 100, 101
arapâima — 288
arapaima gigas — 288
arauatá — 99, 100
arauató — 100, 101, 103
arcabuco — 350
área do ulurí — 248
areíto — 266, 267, 268, 269, 270
aripeba — 164
arití-amúre — 260
arití-nirauenê — 260
assaí — 247
assistir — 87, 88
attum — 74, 255, 343, 344
auá — 150
auacate — 151
auarê — 150
aviador — 87
azua — 326
babal — 135, 270, 271, 272
babála — 272
babále — 271, 272
bacaba — 157, 222
bacururú — 83
bádiya — 279
baíto — 82
balata — 87, 103, 104, 105, 106
balatá — 104, 105
báquira — 221
báquiro — 221
baquitel — 82
baragara — 82
barbacoa — 273, 274, 328, 350
barbado — 100
barbaquá — 272, 273, 274
bári — 82, 353
baronesa — 196
bataiá — 287
batata — 40, 87, 275, 276, 277, 278, 342, 350
batate — 276
batauá — 224
bataya — 284
batea — 202, 203
batêa — 282
batéa — 282
bateada — 285
batée — 281
bateeiro — 285
batéia — 67, 87, 278, 279, 281, 282, 284, 285, 286, 287

bateira — 283
bater sapopema — 332
bateyadas — 285
bejuco — 350
bendengó — 82
Biblioteca do Exército — 39
Biblioteca Nacional — 71
bija — 350
bixa — 288, 289, 328
bixa orellana — 288
bodo — 28
boemegera — 239
bogó — 82, 133
bohío — 40
boí — 41
boñato — 343
boniato — 343
bouba — 72
boucan — 68, 69
boucanier — 69
bucan — 67, 68
bucaneiro — 57, 67, 69, 73, 278, 281
buccaneer — 68
bugí — 82
bugío — 99
buniato — 343
cabuya — 109, 185
cabarú — 52
caba-tatú — 185
cabuya — 350
cacau — 65, 275
cachimana — 154
cacícxa — 326
cacique — 63, 64, 87, 178, 226, 239, 240, 259, 290, 291, 292, 293, 294, 325, 342, 353, 356
caciquesa — 294
caciquismo — 293
cacurí — 191
cagambá — 201
caicuxí — 55
caicuxí-quirí — 55
caicuxí-uerí — 55
caimã — 87, 106, 107
calimbé — 132, 136
calogí — 44
camaiuá — 109, 110
camalote — 196
cambuchí — 213
cambucí — 298
cametauara — 179
camixá — 105, 208
camotí — 296, 297, 298, 299
camotim — 271, 296, 297, 298
camucim — 297, 298
camusí — 297
camussí — 297
camutí — 297
camutim — 296, 298
canaimé — 110, 111, 112
canarana — 206
canauá — 105, 200, 303, 304, 307, 308
cancha — 85
candirú — 199
caníba — 312
caníbal — 40, 229, 312, 313
canibal — 40, 229, 312
canibalismo — 299, 312
canoa — 40, 41, 87, 105, 147, 148, 300, 301, 302, 303, 306, 307, 308, 342.
canoe — 41
canot — 307
caouiner — 119
caoutchouc — 70
caoutchú — 70
caphú — 253
capú — 253
caraiuá — 47, 48, 111, 219
carapanã — 87, 112, 113, 114
carapuça — 57, 58
carauá — 144
carauatana — 232
caríjo — 84, 273
caroá — 144, 145
caruá — 144
caruana — 87
carumbé — 55, 281
carutá — 121
casich — 41
casique — 292
cassaco — 201
cassava — 40
cassique — 292
cassuá — 233
cataulí — 68
cataurí — 115, 116, 117, 207
catauro — 115, 116, 233
catolit — 117
cáucho — 67, 69, 70, 71, 73, 79
cauchu — 70
cauim — 118, 119
cautchuc — 70
cavê — 163
caxí — 253
caxirí — 62, 87, 119, 120, 122, 127, 130, 172, 187, 214, 240, 296

caxú — 174
caxurú — 174
cayman — 108
cazabe — 40
ceiba — 350
cerbatana — 231, 232
chácara — 80, 85, 86
chanchulim — 85
changüi — 85
chaperú — 52, 209
chará — 65
chasque — 85
chêra — 65
chicha — 246, 325
chicle — 65
chilca — 85
china — 85
chipag — 41
chiripá — 63, 85, 133
chocolate — 65, 275
chucro — 86
côfo — 233
Colégio Militar — 43, 65, 282
colibrí — 131, 132
Comissão Inspeção de Fronteiras — 134, 166, 347
Comissão Limites Brasil-Perú — 109
Comissão Limites Brasil-Venezuela — 133, 351
Comissão de Limites do Setor Norte — 47, 48, 49, 50, 52, 59, 120, 159, 165, 169, 187, 204, 206, 207, 209, 219, 224, 287, 311
Comissão de Limites do Setor Oeste — 135
Comissão de Linhas Telegráficas — 83, 261, 345
Comissão Mista Brasileiro-Neerlandesa de Limites — 55, 351
Comissão Mista Brasil-Venezuela — 351
conaní — 138
condor — 105, 200
congonha — 84, 273
copei — 40
corrigir — 61, 87
cotó — 150, 253
couéyou — 136
counani — 138
couyou — 136
covoá — 82
crauá — 144
croatá — 144
cuêio — 133, 134, 135, 136, 137
cueiú — 133, 134, 136, 137
cuiapitinga — 37
cuiurí — 154
cunaní — 137, 139
cunaniara — 139
cunaní-uara — 139
cunauarú — 159
cunhã — 87
cupicháua — 213
curabí — 109, 110
curaca — 64, 239, 259, 325, 326, 353
curanaú — 140, 141
curare — 87, 142, 144, 231
curarizar — 143
curauá — 144, 145, 146, 319
curauate — 144
curê — 123
curí — 350
curiá — 55
curiara — 146, 147, 148, 229, 306
curigâni — 55
curso — 61, 87
curuá — 114
curuá-piranga — 180, 205
curuçá — 50, 19, 105
curumicaá — 119
curumim — 87, 345, 347
curupira — 332
cusco — 86
dança do cipó — 129
de bubúia — 87
desistir — 61
dragonas — 271, 272
empachar — 61, 87
enágua — 264, 265, 342
entrevero — 86
Eremí Maraxó Curê — 127
Escola Militar — 282
esgaravatana — 232
esgravatana — 230, 232
estaleiro — 273
farinha do reino — 274
fiança — 61
flete — 86
framboésia — 72
furacão — 87, 314, 315, 317
galpão — 65, 342
gambá — 201, 203
gapúia — 191
garapa — 62, 63, 86
garoa — 63
ginete — 89, 90
goiaba — 87, 317, 318, 342
goiabada — 317

goiabal — 317
goiabeira — 317
goití — 82
gorarí — 143
gotó — 150
grupiara — 281
gua — 151, 317
guacho — 85
guacima — 87, 102, 319
guaçú — 143
guaczávara — 40
guaiaba — 317
guaiaca — 86, 102, 151
guaiacã — 328
guaino — 273
guama — 350
guampa — 86, 102, 151
guanabá — 40
guanín — 40, 328
guapé — 143
guaraguá — 176
guaraná — 119
guariba — 100
guasca — 86, 102, 151
guatião — 308
guaxima — 319
guayaba — 317
guayabo — 317
guayú — 149
guazábara — 350
guazuma — 319
guianense — 153
guianês — 153
guiano — 153
guirá — 143
guruvicha — 84, 273
hagenmatte — 337, 338
hamac — 41, 337, 338, 339
hamaca — 226, 336, 339, 341, 350
hamo — 338
hanmaraca — 41
haragano — 86
haruana — 83
henequem — 320, 321
hibuero — 40
hobos — 40
huá — 89
huaiaca — 102, 151
huampa — 102, 151
huasca — 102, 151
huí — 41
huracán — 315, 316, 317
hurricán — 315
iamacá — 83
iana — 150, 174, 250, 253
igaçaba — 87, 271, 294, 295, 296
igaçáua — 294
igapó — 87, 196, 234
igarapé — 87
igarité — 87, 216
iguana — 40, 321, 323
iguano — 323
ímã — 54, 165, 167, 170, 171
Imprensa Régia — 57
inajá — 180, 205
inhapa — 86
iní — 333, 334
ioloc — 155, 156
iolokiano — 154
ioroc — 155
ioróque — 154, 155
iorosca — 155, 156
ioroska — 155
irocan — 156
iroucan — 155, 156
irucã — 155
Itamaratí — 336
itapuá — 109, 110
itapuí — 157, 158, 159, 160, 161
iú — 181, 205
iuca — 41, 328
ixió — 83
jabá — 62
jabirú — 244
jabota — 55
jaburú — 244, 245
jacá — 233
jacumã — 216
jalapa — 32
jamaquear — 336
jamaxí — 116, 207
jamaxim — 233
jangada — 56, 57, 330
japá — 87, 215, 216, 217
jará-açú — 205
jaricá — 82
jeroucan — 156
jiquí — 210
jiquiá — 210
julata — 84
juntar — 61
karapanã — 114
keveiú — 121
kirí — 220
okirí — 220
kueyú — 137
kúntur — 105, 200
kuranaú — 140
kwejoe — 137
kyreymbá — 54

lagam — 265
latí — 83
leite de amapá — 97, 98, 99
leriaçú — 164
lerimirim — 164
leripeba — 164
lhama — 78
Livraria Progresso Editôra — 336
lixiguana — 80
llama — 70
lori — 162
lorico — 162
loro — 162
lory — 162
louro — 87, 162, 163, 164, 167, 168
maca — 63, 327, 340, 341
macá — 341
macahuitl — 326
macana — 87, 323, 324, 326, 327, 328, 329, 330, 350
maçana — 327
maceió — 82
macú — 170
macunâima — 169, 170, 171, 199
maguey — 41
mahizo — 331
maiz — 40, 275, 289, 326, 330, 331
maizena — 87, 330, 331
máka — 340
maká — 340, 341
makái — 325
makana — 325
mamaiá — 173
mamão — 87, 171, 172, 173, 174
mamoeiro — 172
mamey — 41
manáre — 175, 176
manarê — 175
manaré — 175
manaret — 175
manarí — 174, 175
manatê — 53
manatí — 40, 176, 177
manatim — 87, 177, 179
manauara — 139
manitú — 154
mapaiá — 173
mapincorí — 332, 333
mapinguarí — 331, 332, 333
maqueira — 62, 193, 240, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341
maqueirar — 335
maracá — 271
maráe — 289
marajá — 180, 181, 205
marajoara — 179
maraiá — 180, 181
maraquê — 181, 182, 184, 185
maraqueado — 185
maríma — 54
marígma — 54
maritacaca — 201
marocha — 86
maruanô — 189, 212
matapí — 62, 87, 190, 191, 192
mate — 86
matirí — 193, 242, 335
matirú — 193
matupá — 195, 196
mauarí — 197, 198
máula — 86
maurú — 121, 126
maza — 327
mecorô — 48, 49
Mecorô do Parú — 49
mecrô — 49
mecú — 105, 199, 200
megrô — 49
mekuru — 49
membeca — 87
miá — 72
micagem — 199
mico — 87, 105, 199, 200
milongagem — 86
mocaen — 69
mocó — 82, 133
mocorê — 203
môi — 150
monarca — 89
monarquiar — 89
moñato — 343
moniato — 343
montaria — 37, 38
moquém — 67, 69, 261
moruré — 206
mucama — 62
mucura — 62, 87, 201, 202, 203
múcura — 203
muierê — 121
muinã — 121
muñato — 343
munhata — 342, 343
murubixaba — 64, 239, 259, 293, 353
murumurú — 180, 204, 205
mururé — 205, 206
muruxáua — 30, 239, 258, 353

muruxí — 145
Museu de Ciências Naturais de Caracas — 156
Museu da Comissão de Limites do Setor Norte — 207
Museu Goeldi do Pará — 101, 120, 152, 271
mutã — 97
nágua — 262, 264, 265
negrô — 49
nheengaiba — 296
nheengatú — 84, 86, 172
nígua — 87, 255, 344, 345
nóri — 161, 162
ocoimã — 56, 196
ocoimã-quirí — 56
okirí — 220
olonití — 83, 345, 346
orokê — 253
orokô — 251, 253
orokoiana — 251
otaharití — 355
otuarité — 355
ouricurí — 82, 145
pacará — 207, 209, 210, 211
pacarâima — 209
pacaxá — 55
pacolô — 212, 239
pacorô — 127, 129, 180, 211, 213
pagaia — 346, 348
pagaiar — 347
pagaiaré — 347
pagaie — 347
pagé — 224, 227, 259, 353, 354, 355
paguemegera — 64, 82, 259, 353
paiauarú — 215
paiuá — 213, 214, 215
paiuarú — 215
paiurú — 214, 215
pajauarú — 214, 215
pajuarú — 182, 213, 214, 215
pamacarí — 217, 218
pampa — 86
pampirá — 52, 106, 208
pana — 46
panacarica — 62, 87, 216, 217
panacaricá — 218
panacú — 233
panakirí — 219, 220
panaquirí — 46, 47, 48, 54, 123, 124, 127, 128, 218, 220
panaquirí-mucú — 48, 219
paneiro — 61, 233
panema — 185
paperí — 158
paquirá — 121, 122
paracacúa — 274
parachichí — 219
paracuuba — 145
paraná — 220
paranaghieri — 46, 220
paranakirí — 220
paraná-oquirí — 220
paranaquirí — 220
paratú — 52, 209
parauá — 150
parauacú — 125
parí — 150, 179, 180, 191
paricá — 213
parico — 82
parinarí — 82
paritá — 180
parú — 150
patá — 121, 129, 211
patate — 276
patauá — 222, 223, 224
patella — 278, 279
pato no tucupí — 236
paxiuara — 139, 179
payauarú — 213
payuarú — 214
peconha — 87
peiote — 65
peiotl — 65
peiuarí — 214, 215
penelope maráe — 289
periantã — 194, 196
piã — 57, 67, 71, 72, 73, 278
pian — 71, 72
piácha — 226
piáche — 156, 226
piáchi — 226
piaga — 224, 225, 227, 353
piái — 155, 225, 226, 227, 353
piaje — 226
pianoma — 72
piaye — 225, 226
picache — 226
picana — 86
pilchas — 86
pinchar — 60
pindá — 41
pindorama — 129
píola — 86
piracema — 87
piracuí — 87
pirágua — 73, 151, 228, 307
piraíba — 52
pirame — 41

pirangueiro — 60
pirarucú — 52, 60, 288
piráua — 67, 73, 151, 227, 229, 306, 307
piraugue — 73, 228
pira-urucú — 288
piroga — 57, 67, 73, 74, 87, 123, 151, 227, 229, 307
pirogue — 67, 73, 228
piroguier — 93, 228
pita — 80
ponche — 86
pongo — 80
poraca — 66
poracê — 213
porongo — 63, 65, 66, 80
potato — 276
praíra — 53
pucara — 80
pulperia — 86
puna — 80
pupunha — 205
pururucare — 66
queyu — 135
quirí — 46, 54, 55, 56
quiríma — 54
quirígma — 54
rabo — 132
rerê — 164
rerí — 164
rorá — 166, 167
rôro — 162, 164, 165, 166, 168
rucú — 251
sabana — 350
sabanáh — 350
sacaí — 87
sacurá — 182
sagica — 87
samburá — 207, 233
sapahna — 350
sapotí — 65
sarabatana — 87, 230, 232
sarambê — 233, 234
sararaca — 234, 235, 236
saricouieune — 201
sarigoê — 201
sarigoy — 201
sariguê — 201, 202, 203
sariguêia — 202
saruê — 133, 201, 202
sauána — 350
sautá — 52, 106, 209
savana — 87, 348, 349, 350, 351
seridó — 82
serigoê — 201, 202
sessar — 88
sobrôço — 87
suarapá — 323
sucurijú — 60, 202
sura — 90
surara — 52
suro — 88, 89, 90
suumba — 109, 110, 145
taba — 123
tabaco — 62, 87, 342, 351, 352, 353
tacacá — 62, 238,
tacape — 123, 323
táitái — 55
taguá — 102
talkie-talkie — 49
tambo — 78, 79, 80
tamouchí — 239
tamúia — 240
tamuxí — 64, 239, 240
tanga — 58, 270, 271, 272
tapanhuacanga — 281
tapeí — 160
tapejara — 298, 313
tapera — 158, 159
taperí — 158, 159
tapirí — 157, 158, 159, 161
tapuí — 160, 161
tapuísa — 157, 159, 161, 185, 186, 213
tarse — 41
tauá — 102
tauarí — 240
tembetá — 330
tequina — 266
terçado — 61, 87
têso — 61, 88, 89, 90, 91
tietê — 54
tietêimã — 54
timanatê — 53
timbó — 139
timbú — 201, 203
tipití — 87, 191, 192, 210
tipóia — 333, 334
tocáio — 65
tocarí — 241, 242
tomate — 65, 275
tomatl — 65
ton — 74, 255, 343, 344
Tôrre do Tombo — 57
totuma — 246
totumo — 246, 247, 248
tou — 255
trocano — 123
tucá — 241

tucandeira — 185
tucuman — 119, 180, 205
tucupí — 237
tucupí com tacacá — 236, 237, 247
tucuxí — 242, 243, 244
tuiuiú — 244, 245, 246
tujujú — 244
tun — 41
tunã — 150, 253
tunaiana — 89, 192, 250, 253
tunga — 41, 67, 74, 75, 254, 255, 278, 343, 344
tupé — 87
tururú — 249
tutuco — 242
tuxáua — 64, 187, 189, 190, 212, 239, 246, 247, 259, 293, 353
uá — 151, 317
uaca — 80
uacarambê — 140
uacima — 319, 320
uaçú — 143, 151
uaiaba — 317
uaicima — 319
uaissima — 319
uanaba — 126
uapé — 143
uara — 139
uerí — 55
uí — 41
uichê — 121, 126
uirá — 143
uirarí — 142
ukuni — 303
ulurí — 135, 248, 249
umauarí — 197
urarí — 141, 144
urarizar — 143
urucú — 121, 250
urukuiano — 250
utí — 259, 355
uti-arití — 259, 260, 356
utiarití — 83, 259, 353, 354, 355, 356
vadha — 279
varanda — 37
vocaboli del Brasile — 41
xarque — 86
xerimbabo — 87
xibé — 87
xícara — 65
xicé — 83
xiquê — 255, 256
wá — 151
wácalámbe — 140
wácalambô — 140
yaw — 72
yoloc — 95
yolocan — 156
youroucan — 156
yuana — 323
yuca — 343, 350
zaburro — 330
zaiacuti — 83
zara — 326
zarabatana — 230, 232
zauana — 349
zea-maiz — 289
zee-manblanke — 220

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

Êste livro foi composto e impresso nas oficinas da Editôra Cupolo Ltda., na Rua Seminário, 187, *São Paulo, para a Biblioteca do Exército - Editôra. Rio* - 1961.

400

Coleção Gen. Benício

Em 1960, a Biblioteca do Exército publicou os seguintes livros para distribuição a seus subscritores:

Memórias — Alfredo d'Escragnolle Taunay (Visconde de Taunay).

Memórias de um Velho Soldado — Gen. Dermeval Peixoto.

Mac, Arthur, seu Encontro com a História — Alfred A. Knoph (tradução do Ten. Cel. Fernando Allah Moreira Barbosa.

Campanha de Ituzaingó — Ten. Cel. Henrique Oscar Wiedersphan (Menção Honrosa do Prêmio Tasso Fragoso - 1956)

Retirada da Laguna — Visconde de Taunay.

Tasso Fragoso, um Pouco de História do Nosso Exército — Gen. Tristão de Alencar Araripe (Prêmio Gen. Tasso Fragoso, 1958).

Servidão e Grandeza Militares — Alfred de Vigny (Tradução de Paulo Ronai e Aurélio Buarque de Holanda Ferreira).

Dossier do Marechal Pedro Labatut — Affonso Ruy (Menção Honrosa do Prêmio Gen. Tasso Fragoso, 1958).